

A NEGAÇÃO  
E OUTROS TÓPICOS  
DA GRAMÁTICA NADEB

por

E. M. Helen Weir

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

*Este exemplar é a reprodução  
final da tese defendida  
por Evelyn Mary Helen  
Weir e aprovada pela  
Comissão Julgadora em  
12/10/84*

Campinas

1984

*Franz A. Bracker*

*Prof. Frank Roberts Bracker  
Orientador*

433n

B27/BC

UNICAMP  
BIBLIOTECA

## Agradecimentos

Muitas pessoas contribuíram direta ou indiretamente com este trabalho em suas várias fases. Seria impossível citar os nomes de todas elas, mas reconheço com gratidão a sua ajuda.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, cuja presença constante me tem capacitado, motivado, encorajado e fortalecido para fazer estes estudos, especialmente durante os meses que passei sozinha entre os Nadéb. Mais especificamente, dou graças a Ele pela recuperação da minha saúde depois de ter constatado a doença de Hodgkin durante o período de elaboração desta dissertação.

Sou grata à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelas autorizações concedidas para pesquisar a língua Nadéb "in loco", ou seja, na aldeia Roçado do Rio Uneiuxi, no município de Santa Isabel do Rio Negro, no estado do Amazonas.

Aos vários professores, principalmente da UNICAMP e do Instituto Lingüístico, devo meus agradecimentos pelo ensino, sugestões, encorajamento e ajuda de muitas formas. Cito especialmente o Professor Aryon Dall'Igna Rodrigues, por sua intervenção junto à FUNAI e ao CNPq em meu favor e por ter colocado à minha disposição obras sobre o povo Nadéb e sua língua; e os Professores Desmond C. Derbyshire, John Payne (da Universidade de Manchester, England) e Antônio Carlos Quicoli, os quais leram versões anteriores deste trabalho e ofereceram sugestões valiosas.

Ao meu orientador, Professor Frank R. Brandon, devo meus agradecimentos por seu curso de instrução sobre a teoria da negação, o qual me incentivou a investigar mais a fundo este aspecto da língua Nadëb, bem como por suas sugestões, sua paciência, seu interesse e seu encorajamento durante o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço às várias pessoas que corrigiram o português, tanto desta versão como de versões anteriores, principalmente às Professoras Daniele M. G. Rodrigues e Mary L. Daniel.

Sou grata a Joe e Lillian Boot por terem colocado à minha disposição antes da minha primeira estada na tribo seus dados lingüísticos registrados junto aos Nadëb e suas idéias sobre a fonologia e a gramática. Agradeço também aos meus amigos e aos meus colegas do Instituto Lingüístico pelo apoio e pela ajuda valiosa que me prestaram na preparação e impressão desta dissertação.

E, por último, devo sinceros agradecimentos aos próprios índios Nadëb em geral, e especialmente aos moradores de Roçado, que me aceitaram, tornaram-se meus amigos e me adotaram como membro da "família" Nadëb. Cito especialmente meu "irmão" Sami'y Txaah, meu "professor" principal do Nadëb, lembrando da sua paciência nas muitas e muitas horas que passou sentado à mesa, tentando responder às minhas perguntas intermináveis sobre sua língua e cultura. Não me esqueço também do meu "irmão" Tîñ, que junto com Sami'y Txaah, se tornou minha fonte principal de histórias; nem tampouco das muitas conversações informais com cada membro da aldeia, principalmente com as mulheres e as crianças, que ajudaram muito no desenvolvimento da minha habilidade no uso da língua. É meu desejo que, de alguma

forma, este trabalho resulte em algum benefício para eles, os quais são os verdadeiros "donos" da língua e sem cuja cooperação, paciência e ajuda de muitas formas teria sido totalmente impossível o desenvolvimento deste trabalho.

E.M. Helen Weir

maio de 1984

## A NEGAÇÃO E OUTROS TÓPICOS DA GRAMÁTICA NADĒB

### Resumo

Este trabalho visa a descrever alguns aspectos da gramática da língua indígena brasileira Nadéb, dando atenção especial à negação. Depois de informações gerais sobre os Nadéb (capítulo 1) e a descrição de aspectos gerais da gramática (capítulo 2), examinam-se as duas maneiras fundamentais de negar orações principais afirmativas em Nadéb — pelo uso de um morfema negativo nominal e pelo uso de um prefixo verbal — e a negação em imperativos (capítulos 3 a 5, respectivamente). Na conclusão (capítulo 6), comparam-se as duas maneiras de negar orações principais e avaliam-se as interpretações dadas para os três morfemas negativos, indicando-se também algumas características do Nadéb que são de interesse à lingüística em geral, sendo muito invulgares nas línguas do mundo até agora estudadas. Os quatro apêndices tratam mais detalhadamente de assuntos casualmente relacionados no capítulo 2.

Autora: E.M. Helen Weir

Orientador: Frank Roberts Brandon

## ÍNDICE

<b>Abreviaturas.</b>	11
<b>Fonologia e Ortografia.</b>	13

### PRIMEIRA PARTE

#### OS NADĒB: O POVO E SUA LÍNGUA

<b>Capítulo 1: Introdução.</b>	15
<b>Capítulo 2: A estrutura geral do Nadëb.</b>	22
2.0. Introdução.	22
2.1. A estrutura da oração.	23
2.1.1. O núcleo da oração intransitiva.	23
2.1.2. O núcleo da oração transitiva.	24
2.1.3. O núcleo da oração equativa.	26
2.1.4. Focalização e orações clivadas.	30
2.1.5. O esclarecedor.	32
2.1.6. As orações encaixadas.	33
2.1.6.1. Discurso direto encaixado.	33
2.1.6.2. Os declarativos indiretos.	34
2.1.6.3. As perguntas indiretas.	35
2.1.6.4. Os imperativos indiretos.	35
2.1.6.5. As orações equativas encaixadas.	36
2.1.6.6. Outros tipos de oração encaixada.	37
2.2. A estrutura da locução.	38
2.2.1. A estrutura das locuções verbais.	38
2.2.1.1. As raízes verbais.	39

2.2.1.1.1.	Modalidade.	39
2.2.1.1.2.	Multiplicidade.	41
2.2.1.1.3.	Extensão.	42
2.2.1.2.	As 'segundas-raízes'.	43
2.2.1.3.	Os sufixos verbais/nominais.	45
2.2.1.4.	Os prefixos verbais.	46
2.2.1.4.1.	A classificação dos prefixos.	46
2.2.1.4.2.	A ordenação dos prefixos.	50
2.2.1.4.3.	Regras de combinação e coocorrência de prefixos.	51
2.2.1.5.	Incorporação na locução verbal.	53
2.2.1.6.	Transitividade.	55
2.2.1.7.	Tempo e aspecto.	58
2.2.2.	A estrutura das locuções nominais.	58
2.2.2.1.	A locução nominal simples.	58
2.2.2.2.	As orações nominalizadas.	60
2.2.2.2.1.	As orações relativas.	61
2.2.2.2.1.1.	A estrutura das orações relativas.	61
2.2.2.2.1.2.	Os constituintes que podem ser relativizados.	67
2.2.2.2.1.3.	A ocorrência das orações relativas.	70
2.2.2.2.2.	As orações pseudorelativas.	72
2.2.2.2.3.	As orações nominalizadas não-finitas.	76
2.2.2.2.3.1.	A estrutura das orações nominalizadas não-finitas.	76
2.2.2.2.3.2.	Características do verbo na oração nominalizada não-finita.	78
2.2.2.2.3.3.	A ocorrência das orações nominalizadas não-finitas.	80
2.2.2.3.	Os nomes.	83
2.2.2.3.1.	A classificação de nomes em termos de possibilidade.	83

2.2.2.3.1.1.	Os nomes obrigatoriamente possuídos.	84
2.2.2.3.1.2.	Os nomes não-possuíveis.	85
2.2.2.3.1.3.	Os nomes possuíveis.	86
2.2.2.3.2.	O sistema de pronomes.	87
2.2.2.3.2.1.	Os pronomes pessoais.	87
2.2.2.3.2.2.	Os pronomes demonstrativos e interrogativos.	94
2.2.3.	A estrutura das locuções posposicionais.	94
2.2.3.1.	Os advérbios.	95
2.2.3.2.	As locuções posposicionais.	95
2.2.3.3.	Característica dos adverbiais.	98
2.2.3.4.	A substantivação de uma oração que contém um adverbial.	98
2.3.	Parataxe.	99
2.4.	A quantificação.	103
2.5.	Reflexividade e reciprocidade.	106
2.6.	As partículas.	108
2.7.	Os interrogativos.	108
2.7.1.	As perguntas diretas.	108
2.7.1.1.	As perguntas polares diretas.	108
2.7.1.2.	As perguntas não-polares diretas.	109
2.7.1.2.1.	A palavra interrogativa <u>yaah</u> 'quem'.	109
2.7.1.2.2.	A palavra interrogativa <u>níih</u> 'qual'.	110
2.7.1.2.3.	A palavra interrogativa <u>hxúúd</u> 'o que'.	111
2.7.2.	As perguntas indiretas.	116
2.7.2.1.	As perguntas polares indiretas.	116
2.7.2.2.	As perguntas não-polares indiretas.	117
2.7.2.2.1.	As perguntas não-polares indiretas que contêm uma palavra interrogativa.	117



2.7.2.2.2.	As perguntas não-polares indiretas que não contêm uma palavra interrogativa.	119
2.8.	Os imperativos.	120
2.8.1.	Os imperativos simples.	121
2.8.2.	Os imperativos exortativos.	125
2.8.3.	Os imperativos factitivos.	126
2.8.4.	Os imperativos permissivos.	127
2.8.5.	Os imperativos materializadores.	129
2.8.6.	Os imperativos indiretos (orações complementares finitas).	130
2.9.	As orações resultativas.	133
2.10.	A construção 'tópico e comentário'.	135
2.11.	A negação.	136
NOTAS.		138

## SEGUNDA PARTE

### A NEGAÇÃO NO NADÈB

<b>Capítulo 3: O morfema negativo <u>dooh</u>.</b>	148	
3.0.	Introdução.	148
3.1.	Os usos de <u>dooh</u> como negativo independente.	148
3.1.1.	Em diálogos.	148
3.1.2.	Em textos.	150
3.2.	A construção <u>dooh...péh</u> .	151
3.2.1.	Forma básica da construção <u>dooh...péh</u> .	151
3.2.2.	O uso de <u>péh</u> em expressões afirmativas.	152
3.2.3.	A oração existencial negativa fundamental.	153
3.2.4.	A oração existencial negativa possessiva.	154

3.2.5.	A oração existencial negativa locativa ou temporal.	155
3.2.6.	A ocorrência de orações relativas na construção <u>dooh...péh.</u>	157
3.2.7.	A estrutura da construção <u>dooh...péh.</u>	159
3.3.	A construção <u>dooh...bú.</u>	160
3.3.1.	Forma básica da construção <u>dooh...bú.</u>	160
3.3.2.	Explicitação obrigatória do sujeito.	161
3.3.3.	Restrições quanto aos afixos verbais e segundas-raízes.	164
3.3.3.1.	Prefixo formativo <u>a-</u> .	164
3.3.3.2.	Prefixos de subordinação.	164
3.3.3.3.	Segundas-raízes.	165
3.3.4.	Ordem de constituintes na construção <u>dooh...bú.</u>	166
3.3.5.	Apagamento de constituintes e ambigüidade entre as construções <u>dooh...péh</u> e <u>dooh...bú.</u>	167
3.3.6.	A construção <u>dooh...bú</u> em orações equativas.	169
3.3.7.	A negação de orações principais coordenadas.	172
3.3.8.	A estrutura da construção <u>dooh...bú.</u>	174
3.4.	Modificações aspectuais e quantificadora com o negativo <u>dooh.</u>	175
3.4.1.	A modificação aspectual 'não mais'.	175
3.4.1.1.	O uso do sufixo completivo <u>-wút</u> em expressões afirmativas.	176
3.4.1.2.	O uso do sufixo completivo <u>-wút</u> com negativo independente.	177
3.4.1.3.	O uso do sufixo completivo <u>-wút</u> na construção <u>dooh...péh.</u>	177

3.4.1.4.	O uso do sufixo completivo <u>-wát</u> na construção <u>dooh...bú</u> .	179
3.4.1.5.	Diferença entre os usos afirmativo e negativo do sufixo completivo <u>-wát</u> .	180
3.4.1.6.	Concordância do sufixo completivo no negativo.	180
3.4.1.7.	O uso do sufixo ingressivo <u>-kún</u> no negativo.	181
3.4.2.	A modificação aspectual 'ainda não'.	182
3.4.2.1.	O uso de <u>nih</u> 'ainda' em expressões afirmativas.	182
3.4.2.2.	O uso de <u>nih</u> 'ainda' com negativo independente.	182
3.4.2.3.	O uso de <u>nih</u> 'ainda' na construção <u>dooh...péh</u> .	183
3.4.2.4.	O uso de <u>nih</u> 'ainda' na construção <u>dooh...bú</u> .	184
3.4.2.5.	O uso da partícula <u>dó</u> 'ainda' no negativo.	184
3.4.3.	A modificação quantificadora 'não tanto'.	185
3.4.3.1.	O uso de <u>dina</u> 'quase' em expressões afirmativas.	185
3.4.3.2.	O uso de <u>dina</u> 'quase' no negativo.	186
3.5.	Deslocamento de constituintes em relação ao foco da negação.	188
3.6.	Deslocamento de constituintes em relação ao âmbito da negação.	190
3.7.	A interpretação do morfema negativo <u>dooh</u> .	193
3.7.1.	A interpretação de <u>dooh</u> como partícula oracional.	194
3.7.2.	A interpretação de <u>dooh</u> como constituinte de morfema negativo descontínuo.	195
3.7.3.	A interpretação de <u>dooh</u> como advérbio.	198
3.7.4.	A interpretação de <u>dooh</u> como verbo negativo.	199
3.7.4.1.	A interpretação de <u>dooh</u> como verbo 'mais alto'.	199
3.7.4.2.	A interpretação de <u>dooh</u> como verbo auxiliar.	202
3.7.5.	A interpretação de <u>dooh</u> como nome negativo.	203

3.7.5.1.	Evidência para a interpretação de <u>dooh</u> como complemento predicativo numa oração equativa.	204
3.7.5.2.	Evidência para a interpretação de <u>dooh</u> como nome.	206
3.7.5.3.	Problemas levantados pela interpretação de <u>dooh</u> como nome.	209
3.8.	A origem do morfema negativo <u>dooh</u> .	212
NOTAS.		213
<b>Capítulo 4: O prefixo negativo <u>na-</u>.</b>		214
4.0.	Introdução.	214
4.1.	A negação das orações relativas.	217
4.2.	A negação das orações pseudorelativas.	219
4.3.	A negação das orações complementares finitas.	220
4.4.	A negação das orações resultativas.	222
4.5.	A negação das orações nominalizadas não-finitas.	223
4.6.	O uso aparente do prefixo negativo <u>na-</u> com um verbo indicativo nas orações principais.	225
4.7.	O uso do prefixo negativo <u>na-</u> com um verbo não-indicativo nas orações principais.	229
4.8.	A construção 'negativo substantivado' em orações equativas.	236
4.9.	Modificações aspectuais e qualificadora com o prefixo negativo <u>na-</u> .	239
4.10.	Outras construções nas quais se usa o prefixo negativo <u>na-</u> .	241
4.10.1.	O prefixo negativo <u>na-</u> numa construção que parece expressar impossibilidade.	241
4.10.2.	O prefixo negativo <u>na-</u> numa construção que parece expressar ausência de vontade.	243

4.11.	Resumo.	245
	NOTAS.	247
<b>Capítulo 5: A negação de imperativos.</b>		250
5.0.	Introdução.	250
5.1.	A negação de imperativos simples.	250
5.1.1.	Forma básica do imperativo simples negativo.	250
5.1.2.	O uso de sufixos verbais e partículas em imperativos negativos.	252
5.1.3.	A interpretação de <u>manih</u> .	254
5.1.4.	A origem do negativo <u>manih</u> .	256
5.2.	A negação de imperativos exortativos.	257
5.3.	A negação de imperativos factitivos.	258
5.4.	A negação de imperativos permissivos.	259
5.5.	Relação entre imperativos factitivos e permissivos negativos.	261
5.6.	A negação de imperativos materializadores.	261
5.7.	A negação de imperativos indiretos.	262
	NOTAS.	263
<b>Capítulo 6: Conclusão.</b>		265
	NOTAS.	269
<b>Apêndice I: A ordem básica de constituintes no Nadëb: OSV.</b>		270
I.0.	Introdução.	270
I.1.	Intuição.	271
I.2.	Incorporação nominal na locução verbal.	272
I.3.	Ordens alternativas.	273
I.4.	Exemplos aparentes da ordem SOV.	276

I.4.1.	Perguntas não-polares.	276
I.4.2.	Análise alternativa da incorporação.	277
I.4.3.	Ordem SOV aparente no negativo.	278
I.5.	Predominância estatística.	279
I.6.	Conclusão.	282
NOTAS.		283
<b>Apêndice II: A incorporação de substantivos e posposições</b>		
	<b>na locução verbal.</b>	285
II.0.	Introdução.	285
II.1.	A incorporação de substantivos na locução verbal.	287
II.2.	A incorporação de posposições na locução verbal.	291
II.3.	Relexificação de locuções verbais como verbos compostos.	296
II.4.	Morfemas que têm formas incorporadas e não-incorporadas que diferem entre si.	298
II.5.	Morfemas que ocorrem apenas incorporados numa locução verbal.	298
II.6.	A significação do fenômeno de incorporação.	299
NOTAS.		301
<b>Apêndice III: O desenvolvimento diacrônico de certos prefixos verbais.</b>		303
III.0.	Introdução.	303
III.1.	A incorporação de posposições na locução verbal.	304
III.2.	A posposição <u>yó</u> e o prefixo verbal <u>ya-</u> 'em cima de'.	305
III.3.	A posposição <u>hã</u> e o prefixo verbal <u>ha-</u> 'dativo'.	307

III.4.	A posposição <u>gó</u> e o prefixo verbal <u>ga-</u> 'dentro de'.	308
III.5.	A posposição <u>me</u> e o prefixo verbal <u>ma-</u> 'meio'.	310
III.6.	A posposição <u>bú</u> e o prefixo verbal <u>ba-</u> 'ablativo'.	312
III.7.	Comparação do comportamento dos prefixos verbais <u>ga-</u> , <u>ma-</u> e <u>ba-</u> .	314
III.8.	Conclusão.	320
NOTAS.		323
<b>Apêndice IV: Construções substantivadas.</b>		324
IV.1.	Descrição da construção adverbial substantivada.	324
IV.2.	Justificativa da análise desta construção como substantivação.	328
IV.3.	Outras substantivações:	332
IV.3.1.	Substantivos simples derivados de verbos.	332
IV.3.2.	Outros afirmativos substantivados.	333
IV.3.3.	Negativos substantivados.	334
IV.3.4.	Substantivações com sentido negativo mas sem marca explícita de negação.	335
IV.3.5.	Advérbio derivado de verbo.	336
IV.4.	A ocorrência das substantivações.	336
NOTAS.		338
<b>Bibliografia.</b>		340

## ABREVIATURAS

As abreviaturas usadas nas glosas dos exemplos neste trabalho são:

- abl** ablativo, posposição bú e prefixo verbal relacional ba-.
- adv** sufixo adverbial -hẽ; o uso deste sufixo não está bem claro ainda, mas, pelo menos na maioria das ocorrências, aparece vinculado a advérbios.
- advrel** adverbial relativizado, prefixo verbal de subordinação ba-.
- asp** aspecto, prefixo verbal i-.
- caus** causativo, prefixo verbal derivacional (vários) e forma estendida da raiz verbal.
- causcom** causativo comitativo, prefixo verbal derivacional ma-.
- cmpl** sufixo completivo -wút ou -dúk.
- con** locativo/temporal contrastivo. posposição hẽnh e prefixo verbal relacional ha-.
- conrel** locativo/temporal contrastivo relativizado. prefixo verbal de subordinação ha-.
- dat** dativo, posposição hã e prefixo verbal relacional ha-.
- dem** pronome demonstrativo.
- dim** sufixo diminutivo -is/-id (forma indicativa/forma não-indicativa).
- exc** exclusiva, refere-se a primeira pessoa do plural
- form** prefixo verbal formativo a-.
- frust** frustrativo, sufixo (?) -paawú.
- I** forma indicativa da raiz verbal ou do sufixo.



<b>inc</b>	inclusiva, refere-se a primeira pessoa do plural.
<b>indef</b>	pronome indefinido <u>yi</u> .
<b>ingrs</b>	sufixo ingressivo <u>-kún/-kú</u> (forma indicativa/forma não-indicativa).
<b>intens</b>	intensificador.
<b>locdif</b>	local diferente, posição <u>nuuyé</u> 'se/quando/enquanto'.
<b>meiorel</b>	meio relativizado, prefixo verbal de subordinação <u>ma-</u> (instrumento ou caminho).
<b>mult</b>	raiz verbal múltipla.
<b>nãoesp</b>	qualificador que indica referência não-específica, <u>péh</u> .
<b>neg</b>	negativo, <u>dooh</u> , <u>na-</u> e <u>manih</u> .
<b>NI</b>	forma não-indicativa da raiz verbal ou do sufixo.
<b>nom</b>	nominalizador cuja referência parece sempre ser específica, <u>doo</u> .
<b>Ocomp</b>	oração complementar finita, prefixo verbal de subordinação <u>ba-</u> .
<b>refl/rec</b>	reflexivo/recíproco. prefixo verbal derivacional <u>ka-</u> .
<b>rlt</b>	relatado, partícula <u>mih</u> .
<b>sujrel</b>	sujeito relativizado, prefixo verbal de subordinação <u>ha-</u> .
<b>tema</b>	prefixo verbal temático (vários).
<b>unit</b>	raiz verbal unitária.
<b>?</b>	tradução do morfema em questão em dúvida.

Um exemplo precedido por \* indica que a forma é inaceitável. Um exemplo precedido por ? indica que a forma é marginal, i. é, inaceitável para alguns (mas não todos os) falantes, ou considerada não muito boa, embora usada.

## FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

Uma discussão da fonologia do Nadëb não cabe neste trabalho, mas apresenta-se a seguir uma lista de fonemas e traços fonológicos que ocorrem na língua e suas representações na ortografia usada nos exemplos neste trabalho.

O sistema consonantal Nadëb consiste numa série de obstruintes surdas: **p**, **t**, **ʃ** (escrita **s**) e **k**; uma série de obstruintes sonoras: **b**, **d**, **d̥** (escrita **j**) e **g**, das quais cada uma das últimas duas tem um alofone glotalizado surdo que ocorre em posição inicial de sílaba; uma série de nasais: **m**, **n**, **ɲ** (escrita **nh**) e **ŋ** (escrita **ng**), com alofones com intensão oclusiva após vogais orais, por exemplo **[a<sup>b</sup>m]**; uma série de semivogais: **w**, **y** e **h**; e uma consoante 'tap' alveolar (escrita **l**).

O sistema vocálico oral consiste em vogais anteriores não-arredondadas: **i**, **e** e **ɛ** (escrita **é**); vogais não-antérieures não-arredondadas: **ɨ** (escrita **î**), **ë** (escrita **u**), **ẽ** (escrita **ú**) e **a**; e vogais posteriores arredondadas: **u**, **o** e **ɔ** (escrita **ó**).

O sistema vocálico nasal consiste em vogais anteriores não-arredondadas: **ĩ** e **ẽ** (escrita **ē**); vogais não-antérieures não-arredondadas: **ĩ̃** (escrita **î̃**) e **ã**; e vogais posteriores arredondadas **ũ** e **õ** (escrita **ō**). As vogais que são nasalizadas em virtude de sua proximidade a um nasal não são marcadas no escrito por til.

Existe um traço de duração que pode ocorrer com todas as vogais e que é indicado por repetição da letra vocálica, como, por exemplo, **aa** por /a:/. A nasalização de uma vogal longa é indicada apenas na primeira das duas letras, como, por exemplo, **ãa** por /ã:/.

Existe um traço de laringalização que pode ocorrer com todas as vogais e que é indicado por **x** precedendo a letra vocálica, como, por exemplo, **xa** por /a/.

## CAPÍTULO 1

### INTRODUÇÃO

O Nadëb é uma língua indígena falada por um grupo étnico que se autodenomina Nadëb e que habita uma região entre os rios Negro e Japurá, no estado do Amazonas, Brasil. O grupo é conhecido na literatura e pelos regionais por vários nomes, tais como Makú, Nadöbö, Anodöub, Makunadöbö, Guariba, Guaríua-tapuyo, Kabori (ou Kabari) e Xiriwai (ou Xuriwai).

A denominação "Makú", embora provavelmente a melhor conhecida, é um termo muito geral, sendo aplicada, tanto na literatura como entre os regionais, a diversos grupos indígenas que habitam a região noroeste do Brasil e regiões vizinhas da Colômbia, da Venezuela e do Equador. Disse Koch-Grünberg no início deste século que se entendia o termo "Makú" como afronta muito forte (1906:877) e ainda hoje em dia é usado neste sentido por alguns dos regionais.

Métraux afirma ser o termo "Makú", entre outros, uma designação coletiva para quaisquer índios bravos (1948:862). Münzel indica que se usa esta denominação por "diversos grupos indígenas de línguas e culturas diferentes...que têm em comum não participarem plenamente da cultura indígena dominante e sofrerem discriminação da parte dos outros índios da área, que os consideram mais primitivos, 'bichos do mato', 'índios bravos', etc." (1969-72:138). Segundo várias autoridades, por exemplo Koch-Grünberg (1906:877), Nimuendaju (veja Ramos, Silverwood-Cope e de Oliveira 1980:142) e Gillin (1948:852), a denominação "Makú" é de origem aruak.

A denominação "Makú", na sua aplicação mais rigorosa, se refere a quatro grupos étnicos, os quais não têm parentesco algum (Métraux 1948:864, Gillin 1948:813, Mason 1950:257, Ramos 1971:283):

- i) os Makú da região entre os rios Negro e Japurá no estado do Amazonas, Brasil, e na região do Vaupés na Colômbia;
- ii) os Macú (também denominados "Máku") do Rio Auari, afluente do Rio Uraricoera, um dos ramos do Rio Branco, no território de Roraima, Brasil;
- iii) os Makú das savanas entre o baixo Rio Ventuari e o Rio Orinoco, na Venezuela, os quais são um subgrupo dos Piaroa e são também chamados Sáliva-Macó ou Macó-Piaroa;
- iv) os Maco (ou Cofán-Macú) da laguna de Cuyabeno, no Equador.

Os Nadëb pertencem ao primeiro desses grupos.

Os classificadores mais conhecidos de línguas indígenas da América do Sul em geral classificam a língua Nadëb como sendo da família Makú ou Makú-Puinave (veja, por exemplo, Rivet e Tastevin 1920, Mason 1950:257-258, Tovar 1961:156-157 e Loukotka 1968:190-193). Não se propõe aqui fazer uma avaliação desta classificação, mas deve-se notar que estas obras classificatórias têm sido criticadas em geral por alguns autores, por exemplo Lyon (1974:42) e Rowe (1954:45-48). Ramos, Silverwood-Cope e de Oliveira (1980:143) menciona a "classificação elaborada por Greenberg, segundo a qual a língua Maku do Alto Rio Negro seria parte da subfamília Macro-Tucano e, juntamente com o idioma Tucano e as línguas Aruak, faria parte da família Equatorial-Andina". A validade das classificações muito genéricas, tais como a de Greenberg, porém, tem sido criticada (veja, por exemplo, Rodrigues 1967:55).

Loukotka (1968:190-193) enumera quinze dialetos e línguas que pertencem à "família" lingüística "Makú", embora ele admita em quatro casos não existirem dados lingüísticos nos quais se possa basear uma comparação. Tendo em vista a alta mobilidade dos grupos Makú e o fato de que as listas de palavras existentes de suas línguas foram registradas em várias épocas (principalmente desde o início deste século) e por diversos pesquisadores de experiência e habilidade lingüística variáveis, é bem provável que se possa reduzir a lista de Loukotka a uns seis subgrupos, enumerados a seguir:

- i) os Kamã, que habitam a região próxima à cidade de São Gabriel da Cachoeira;
- ii) os Hupda, que habitam a região entre os rios Papuri e Tiquié;
- iii) os Yuhup, que habitam a região sul do Rio Tiquié;
- iv) os Nadëb, que habitam a região entre os rios Negro e Japurá;
- v) os Bara, que habitam a bacia do Rio Papuri na Colômbia (talvez os "Makú do Querari" de Loukotka); e
- vi) os Puinave, que habitam a região do Rio Inirida na Colômbia.

Além destes grupos, um novo grupo de Makú está sendo contatado na Colômbia, mas não tenho informação sobre sua língua. Os primeiros cinco grupos são mencionados em Ramos, Silverwood-Cope e de Oliveira (1980:143). Para estabelecer o grau de parentesco entre estas línguas e a possibilidade de parentesco com outras línguas, são necessários estudos mais profundos e dados adicionais.

Geralmente se considera os Makú como sendo os habitantes mais inferiores da região (veja, por exemplo, Grubb 1927:94 e Galvão

1959:42, dos quais este afirma que "os Makús são considerados na última escala de inferioridade"). Galvão (1959:15) cita uma hipótese de Nimuendaju de que os primeiros habitantes da região eram os Makú. Estes sofreram influência de outros grupos indígenas, cujas culturas eram mais avançadas. Primeiro, a área foi invadida por grupos Aruak vindos do norte, principalmente os Manáos, os Baré e os Baniwa. Como resultado desta invasão, alguns dos grupos Makú foram "civilizados" e "aruakizados", formando grupos que são geneticamente Makú, mas lingüística e culturalmente Aruak. Posteriormente, houve uma segunda onda de invasão, esta vez por grupos Tucano vindos do oeste, os quais se deixaram influenciar pelos Aruak, já estabelecidos na região, e, por sua vez, exerceram influência sobre alguns Makú, resultando em grupos geneticamente Makú, que foram assimilados nos grupos Tucano. Mais tarde, a influência da sociedade cabocla nacional (e da Língua Geral e do Português) se estendeu à região dos Makú. Outros autores, por exemplo, Métraux (1948:865) e McGovern (mencionado em Ramos, Silverwood-Cope e de Oliveira 1980:141) falam também de influência Carib sobre os Makú.

Atualmente os Nadëb habitam vários sítios localizados às margens do Rio Uneiuxi (afluente direito do Rio Negro, no município de Santa Isabel do Rio Negro), perto da foz do mesmo rio, às margens do Rio Negro entre Santa Isabel e São Gabriel da Cachoeira e às margens do lago Jutai do paraná Boá-Boá (paraná do Rio Japurá). Além disso, existem indivíduos da mesma tribo espalhados em vários lugares na mesma região, casados com caboclos ou com membros de outras tribos. Provavelmente o número total de falantes de Nadëb não excede a uns 300 indivíduos.

Existem pelo menos dois dialetos da língua Nadëb, um falado pelos grupos no alto Uneiuxi e no Japurá e o outro falado pelos demais grupos. Os dialetos são mutuamente inteligíveis, sendo as diferenças principais nas áreas de pronúncia e de vocabulário. A única diferença gramatical que observei até agora se deve evidentemente à influência do contato maior com a Língua Geral que tem o grupo localizado mais perto do Rio Negro.

Os dados lingüísticos sobre o Nadëb publicados anteriormente ao presente estudo consistem em duas listas de palavras colhidas por Tastevin junto a dois indivíduos, em viagens, do grupo do Rio Jurubaxy (em Rivet e Tastevin 1920:76-81); uma lista de palavras colhidas pelo mesmo pesquisador junto a três famílias do mesmo grupo que se encontravam perto do lago Marahan e alguns comentários superficiais sobre a gramática (em Rivet, Kok e Tastevin 1925:133-143); e uma lista de palavras colhidas por Schultz (1959:129-131) junto ao grupo do paranã Boá-Boá. Diz Koch-Grünberg (1906:881) que o viajante austríaco Johann Natterer em 1831 colheu uma lista de palavras junto ao grupo Nadëb que então se encontrava no Rio Téia, mas que infelizmente esta lista foi perdida.

A presente análise se baseia em materiais colhidos por mim mesma junto ao grupo do alto Rio Uneiuxi, moradores da aldeia Roçado, durante várias pesquisas de campo efetuadas entre setembro de 1975 e dezembro de 1976 e entre outubro de 1980 e dezembro de 1982. Os dados utilizados, em grande parte, são em forma de textos gravados, mas usou-se também frases elicitadas e anotações de conversações do dia-a-dia.



O objetivo inicial deste trabalho era estudar o fenômeno da negação em Nadëb. Tendo em vista o fato de não existir nenhuma descrição adequada dessa língua, bem como a necessidade para a análise da negação de um entendimento em linhas gerais da gramática da língua, achou-se por bem começar com uma descrição geral de pelo menos alguns aspectos da gramática. Apresenta-se, portanto, em primeiro lugar, uma descrição geral de vários aspectos da gramática (capítulo 2). Procedeu-se a uma examinação dos vários morfemas negativos em Nadëb (capítulos 3 a 5). Na conclusão (capítulo 6), comparam-se as duas maneiras de negar uma oração principal e avaliam-se as análises dos três morfemas negativos e a importância para a lingüística em geral da continuação dos estudos desta língua. Nos apêndices, consideram-se em mais detalhes certos aspectos da gramática mencionados no capítulo 2.

Não se propõe, neste trabalho, fazer uma descrição completa da língua, nem muito menos desenvolver uma gramática transformacional dela, embora se use alguns conceitos da gramática transformacional quando isso esclarece a descrição. Consideram-se as três maneiras fundamentais de negar expressões em Nadëb com referência à tipologia da negação.

Das obras lingüísticas mais recentes sobre a negação, as duas de maior interesse para este trabalho são a de Payne (1978) e a de Dahl (1979), ambas as quais tratam da tipologia da negação. O tema principal de Payne é a tipologia da negação oracional "standard", embora o autor trate também da negação de quantificadores e de adverbiais, da negação em orações subordinadas e da negação derivacional. A obra de Dahl se baseia em dados de aproximadamente

240 línguas, as quais representam cerca de 40 famílias lingüísticas e línguas isoladas. O autor procura estabelecer tendências na morfologia e na sintaxe da negação, mas parece que apenas uma tendência realmente pode ser considerada universal, a saber, que o fenômeno da negação é universal.

## CAPÍTULO 2

### A ESTRUTURA GERAL DO NADÉB

#### 2.0. Introdução.

Este capítulo consiste num esboço da estrutura geral do Nadéb, um entendimento esquemático da qual é necessário para a análise da negação. O esboço é puramente descritivo e não se preocupa aqui com os problemas teóricos que se levantam dentro de um modelo qualquer.

O Nadéb é uma língua cuja ordem básica de constituintes em orações principais declarativas é OSV, o que é significativo no campo de tipologia sintática, sendo uma ordem básica muito rara nas línguas do mundo até agora estudadas. Considerar-se-á esse aspecto mais detalhadamente no apêndice I. A posição normal de constituintes periféricos, como adverbiais (advérbios e locuções posposicionais), geralmente é pós-verbal.

Na seção 2.1, considerar-se-á a estrutura dos vários tipos de orações; na seção 2.2, a das locuções e seus constituintes principais; na seção 2.3, parataxe de orações e locuções; nas seções 2.4 a 2.6, aspectos da quantificação, da reflexividade e reciprocidade e de partículas, respectivamente; na seção 2.7, a estrutura de interrogativos polares e não-polares, diretos e indiretos; na seção 2.8, a dos vários tipos de imperativos; na seção 2.9, a estrutura das orações resultativas; e na seção 2.10, a da construção 'tópico e comentário'. Na seção 2.11, introduzir-se-ão os

três morfemas negativos, os quais serão examinados mais detalhadamente na segunda parte do trabalho.

## 2.1. A estrutura da oração.

Para os fins deste trabalho, distinguem-se quatro tipos básicos de oração: o intransitivo, o transitivo, o equativo e o complexo. Considera-se nesta seção apenas os três primeiros tipos; o tipo complexo será considerado nas seções 2.8.6 e 2.9. O objeto indireto, quando existe, se expressa em forma de modificador numa locução posposicional (LP) cujo núcleo é a posposição hã 'dativo'.<sup>1</sup> Neste trabalho não é necessário distinguir entre o objeto indireto e qualquer outra LP e, conseqüentemente, não se distingue entre orações intransitivas e semi-transitivas, nem entre orações transitivas e ditransitivas. Ver-se-á, na seção 2.1.3, que há semelhanças entre as orações equativas e as transitivas.

Nesta seção, além de descrever o núcleo das orações principais declarativas intransitivas, transitivas e equativas (seções 2.1.1 a 2.1.3, respectivamente), mencionam-se os recursos de focalização de um constituinte e orações clivadas (seção 2.1.4) e de esclarecimento (seção 2.1.5). Na seção 2.1.6, indicam-se os vários tipos de oração encaixada.

### 2.1.1. O núcleo da oração intransitiva.

Nas orações intransitivas, encontram-se duas possibilidades de

ordem dos constituintes nucleares: SV e VS (exemplos 2.1a e 2.1b, respectivamente). O sujeito não tem marca morfológica de caso.

(2.1a) kalapéé a-ĩĩh

criança form-dormir+I

A criança está dormindo.

(2.1b) a-ĩĩh kalapéé

Está dormindo, a criança.

Encontra-se mais freqüentemente o sujeito em posição pré-verbal, exceto com os verbos descritivos, com os quais a ordem preferencial é VS, como em 2.2.<sup>2</sup>

(2.2) a-nim a-tób

form-ser=bonito+I teu-casa

Tua casa é bonita.

Também é comum a ocorrência de orações intransitivas sem sujeito especificado, como em 2.1c. Isso resulta do apagamento obrigatório do pronome sujeito da terceira pessoa em orações principais intransitivas.

(2.1c) a-ĩĩh

(Ele) está dormindo.

### 2.1.2. O núcleo da oração transitiva.

Nas orações transitivas, encontram-se duas possibilidades de ordem dos constituintes nucleares sem marcação morfológica de caso no sujeito ou no objeto: OSV e SVO (exemplos 2.3a e 2.3b, respectivamente).

- (2.3a) bung mayoyol i-wuh  
mutuca mayoyol asp-comer+I

O 'mayoyol' (espécie de inseto) come mutuca.

- (2.3b) mayoyol i-wuh bung

Também é comum a ocorrência de orações transitivas sem objeto especificado, como em 2.3c. Isso resulta do apagamento obrigatório do pronome objeto da terceira pessoa.<sup>3</sup>

- (2.3c) mayoyol i-wuh

O mayoyol os come.

Encontra-se também, nas orações transitivas, um sujeito, o qual não é um pronome pessoal, em outras posições na oração, como nos exemplos 2.3d a 2.3f. Em todos estes casos o sujeito é o mayoyol.

- (2.3d) mayoyol bung ti-wuh  
mayoyol mutuca ele+asp-comer+I  
O mayoyol come mutuca.

- (2.3e) mayoyol hã bung ti-wuh  
mayoyol dat mutuca ele+asp-comer+I

- (2.3f) bung ti-wuh mayoyol hã

Para os fins deste trabalho, refere-se isso como deslocamento do sujeito, embora se deva considerar a possibilidade de que os exemplos 2.3d a 2.3f, bem como outros casos de sujeitos 'deslocados', representem outros tipos de oração, como, por exemplo, 'tópico e comentário' no caso de 2.3d e 2.3e, ou esclarecimento no caso de 2.3f. Observa-se que, quando o sujeito é deslocado, o pronome da terceira pessoa correspondente, no caso, ta- (o qual aqui se combina com o aspecto i-, resultando em ti-; veja a seção 2.2.2.3.2.1), aparece vinculado ao verbo e que se marca o sujeito deslocado pela posposição hã, obrigatoriamente no caso de deslocamento para a

direita e opcionalmente no caso de deslocamento para a esquerda. Em todas estas ordens, mantém-se a seqüência SV pela presença do pronome proclítico vinculado ao verbo, ou seja, não se quebra a seqüência SV em orações transitivas.

### 2.1.3. O núcleo da oração equativa.

O núcleo da oração principal equativa, na sua forma afirmativa, consiste num complemento predicativo e um sujeito, o qual pode ser omitido quando o contexto esclarece a que se refere. Nos exemplos 2.4 e 2.5 aparece este tipo de oração com e sem especificação do sujeito na oração, respectivamente.

(2.4) jananaa ta-húd

lambe=olho ele-nome

Seu nome é 'lambe-olho' (espécie de inseto).

(2.5) maliiy ñi

terçado meu

É meu terçado.

Geralmente o complemento predicativo precede o sujeito, contudo a ordem inversa também é possível.

Não há verbo na forma afirmativa da oração principal equativa. Contudo, em outros tipos de oração equativa aparece uma forma verbal. Vê-se no exemplo 2.6a que, em orações equativas relativas afirmativas, usa-se a forma verbal ha-doo. Compare com a oração relativa que contém um verbo transitivo cujo sujeito é relativizado, em 2.7a. As formas que se usam nas orações principais correspondentes aparecem em 2.6b e 2.7b.

- (2.6a) kalapéé ha-doo doo  
 criança sujrel-ser+I nom  
 aquele que é criança
- (2.7a) lakonan ha-wuh doo  
 tucunaré sujrel-comer+I nom  
 aquele que come tucunaré
- (2.6b) kalapéé Subih  
 criança Subih  
 Subih é criança.
- (2.7b) lakonan Subih a-wuh  
 tucunaré Subih form-comer+I  
 Subih come tucunaré.

O exemplo 2.6c ilustra o uso de uma forma verbal em orações nominalizadas não-finitas equativas. Compare com a oração nominalizada não-finita transitiva em 2.7c. Nestes exemplos, a oração não-finita é condicional.

- (2.6c) kalapéé ta-do bú  
 criança ele-ser+NI abl  
 se ele é criança
- (2.7c) lakonan ta-wuh bú  
 tucunaré ele-comer+NI abl  
 se ele come tucunaré

Baseado nisso, propõe-se que, na estrutura profunda de todo tipo de oração equativa, exista um verbo, o qual se apaga em orações principais, e cujas formas de raiz indicativa e não-indicativa são -doo e -do, respectivamente. Ver-se-á, nas seções 3.3.6 e 4.8, que a



forma não-indicativa desse verbo aparece também na negação das orações principais equativas.

Esta análise permite propor uma estrutura profunda semelhante para as orações equativas e as transitivas. O complemento predicativo da oração equativa demonstra algumas características do objecto direto e algumas do sujeito da oração transitiva. Assim, 2.6b seria derivado de algo como 2.6d pelo apagamento do verbo.

(2.6d) \* kalapéé Subih a-doo  
criança Subih form-ser+I

A oração equativa, embora semelhante à transitiva, não é idêntica a ela, visto que há possibilidades mais abrangentes para os constituintes que podem funcionar como sujeito e complemento predicativo na oração equativa. Nos exemplos 2.4 e 2.6b, ambos os constituintes são LNs simples, o que se combina com as possibilidades mais freqüentes para o sujeito e o objeto da oração transitiva. Além de LNs simples, a oração equativa admite, na posição de sujeito, orações pseudorelativas (exemplos 2.8, 2.10a e 2.11) e, em alguns contextos, adverbiais (exemplo 2.12) e, na posição de complemento predicativo, adverbiais, o que inclui advérbios (exemplos 2.9 e 2.10a) e LPs (exemplo 2.11). Não se encontram (pelo menos nos dados disponíveis) essas possibilidades para o sujeito e o objeto da oração transitiva. Não está bem claro ainda se as orações relativas, as quais podem ocorrer como sujeito e objeto de orações transitivas, podem funcionar como sujeito e complemento predicativo de orações equativas.

- (2.8) Subih ha-hĩng  
 Subih sujrel-baixar+I  
 É Subih que vai baixar (lit. Quem vai baixar é Subih.)
- (2.9) txõp ta-miih  
 fundo ele-rio  
 O rio é fundo.
- (2.10a) jém-hẽ ãĩh ba-hĩng  
 ontem-adv eu advrel-baixar+I  
 Foi ontem que eu baixei. (lit., As circunstâncias de eu  
 baixar foram ontem.)
- (2.11) hxóóh gó ãĩh ba-hĩng  
 canoa dentro=de eu advrel-baixar+I  
 Foi de canoa que eu baixei. (lit., As circunstâncias de  
 eu baixar foram de canoa.)
- (2.12) mitxuuh nagah-hẽ  
 domingo hoje-adv  
 Hoje é domingo.

Outra diferença entre as orações equativas e as transitivas é que, no primeiro caso, apaga-se o sujeito pronominal da terceira pessoa, enquanto no segundo caso é o objeto pronominal da terceira pessoa que se apaga. O pronome da terceira pessoa não ocorre como complemento predicativo na oração equativa.

Na oração equativa, podem-se associar com o complemento predicativo certos sufixos e partículas que geralmente se associariam com o verbo numa oração verbal. Exemplifica-se isso em 2.13, onde o sufixo completivo -wád ocorre com o complemento predicativo maluus 'moça'. Compare com o uso deste sufixo vinculado ao verbo na oração

transitiva em 2.14. A forma do sufixo é não-indicativa quando ocorre com o complemento predicativo e indicativa quando ocorre com o verbo (na ausência de outros fatores que exigiriam a não-indicativa).

(2.13) maluus-wád Clara

moça-cmpl+NI Clara

Clara já é moça.

(2.14) lakonan Clara a-wuuh-wát

tucunaré Clara form-comer+NI-cmpl+I

Clara comeu tucunaré.

A alternativa à proposta de que todo tipo de oração equativa contém, na sua estrutura profunda, um verbo copular a-doo, o qual se apaga em orações principais, é formular regras de inserção do verbo em orações nominalizadas, o que parece menos desejável.<sup>4</sup>

#### 2.1.4. Focalização e orações clivadas.

Como já se afirmou na seção 2.0, a posição normal de constituintes periféricos, ou seja, adverbiais, é pós-verbal, como se exemplifica em 2.10b com o advérbio de tempo jém-hě 'ontem'.

(2.10b) ãih a-hâng jém-hě

eu form-baixar+I ontem-adv

Baixei ontem.

Encontram-se também constituintes periféricos em posição inicial da oração, como em 2.10c. Interpreta-se isso como deslocamento para a esquerda a fim de focalizar o constituinte deslocado. A forma 2.10c é muito menos comum do que as formas 2.10a e 2.10b.

- (2.10c) jém-hē ãih a-hing  
ontem-adv eu form-baixar+I  
 Ontem eu baixei.

Possivelmente o deslocamento para a esquerda do sujeito transitivo, descrito na seção 2.1.2, também seja focalização.

Um constituinte que aparentemente é deslocado para a esquerda pode ser acompanhado de prefixo verbal, o qual depende da função gramatical do constituinte em questão. Acompanham-se sujeitos assim 'deslocados' pelo prefixo ha- (exemplo 2.8); meios por ma- (exemplo 2.15); locativos contrastivos por ha- (exemplo 2.16) ou ba-; e outros adverbiais por ba- (exemplos 2.10a e 2.11).

- (2.15) mãm me yi ma-gúúm  
 machado meio indef meiorel-derrubar=árvore+I  
 É com machado que a gente derruba árvores.

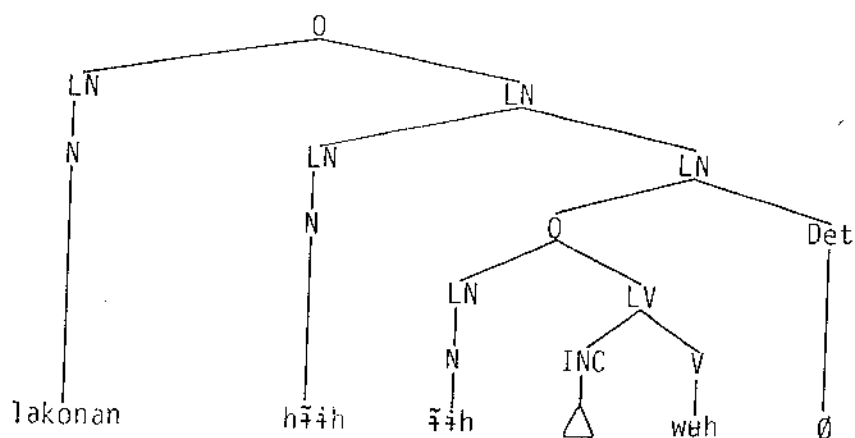
- (2.16) Manaaw hēnh ãih ha-hing  
 Manaus con eu conrel-baixar+I  
 É para Manaus que vou baixar.

Os objetos diretos assim 'deslocados' não são acompanhados de prefixo verbal (ou são acompanhados de prefixo nulo). Já que a posição normal do objeto direto é inicial na oração, não se poderia dizer, na ausência de outro fator, que um objeto direto é ou não 'deslocado' para a esquerda. Um fator que poderia indicar esse aparente deslocamento do objeto direto seria a presença de um pronome demonstrativo entre o 'objeto' e o 'sujeito' da oração, como em:

- (2.17a) lakonan hãih ãih a-wuh  
 tucunaré dem eu form-comer+I  
 É um tucunaré que estou comendo.

A presente análise, porém, trata dessas construções, nas quais aparentemente há um deslocamento para a esquerda de um constituinte acompanhado, exceto no caso do objeto direto, por um prefixo verbal, como oração clivada ('cleft sentence'). A oração clivada é uma oração principal equativa, a estrutura superficial da qual, como já se afirmou na seção anterior, consiste em duas LNs, a primeira das quais é o complemento predicativo e a segunda o sujeito. Assim, por exemplo, em 2.8 o complemento predicativo é Subih e o sujeito é a oração nominalizada 'pseudorelativa' ha-hing 'quem baixou'. (Veja a seção 2.2.2.2 para a descrição das orações pseudorelativas.) Uma tradução mais literal seria 'Quem vai baixar é Subih'. Em confronto com outras orações equativas, não se permite em orações clivadas a inversão da ordem dos constituintes. No caso do exemplo 2.17a, interpreta-se lakonan 'tucunaré' como complemento predicativo e o resto da oração como sujeito composto de duas LNs em aposição (veja a seção 2.3 sobre aposição). Representa-se isso como:

(2.17b)



Uma tradução mais literal seria 'Isto que estou comendo é tucunaré'.

### 2.1.5. O esclarecedor.

Freqüentemente se encontra ao fim de uma oração e separada dela entoacionalmente informação que diz respeito a um constituinte já

mencionado ou subentendido na oração. Às vezes, é uma repetição exata do constituinte em questão (exemplo 2.18); às vezes, esclarece-o, explicita-o, ou expande-o (exemplo 2.19). Refere-se a essa posição, a qual não faz parte da oração principal, como 'esclarecedor'.

(2.18) tii m+h Subih ba-hũm / Subih

dem rlt Subih advrel-ir+I / Subih

Aí Subih foi; Subih.

(2.19) ãih i-uy-yuh-kũn sa-hã-kũ /

eu asp-chamar+NI-voltar+NI-ingrs+I deles-dat-ingrs+NI /

m+i-y hi-yxééh doo sa-hã-kũ

em=casa sujrel+asp-estar=em=rede+I nom deles-dat-ingrs+NI

Gritei para eles, voltando; para eles que estavam em casa.

Quando não há separação entoacional entre um constituinte pós-verbal e o resto da oração, nem sempre está claro se se deve ou não tratá-lo como esclarecedor.

## 2.1.6. As orações encaixadas.

### 2.1.6.1. Discurso direto encaixado.

Indica-se discurso direto encaixado de várias maneiras, tais como com uma fórmula introdutória que contém um verbo de fala, uma fórmula de terminação (como no exemplo 2.20), uma mudança de registro, simplesmente pelo contexto, ou por uma combinação de fatores.

- (2.20) ɬih a-hing            ning    mih Subih kueh  
 eu form-baixar+I dizer+I rlt Subih fala  
 "Vou baixar", disse Subih.

#### 2.1.6.2. Os declarativos indiretos.

Existem várias maneiras em que se expressam declarativos indiretos. Para indicar discurso indireto, pensamento, sonho, etc., expressa-se a declaração em forma de uma oração principal, seguida ou por uma LN cujo núcleo é a parte apropriada do corpo (exemplo 2.21a) ou por uma LP apropriada (exemplo 2.21b).

- (2.21a) a-hing            mih Subih ŋooh  
 form-baixar+I rlt Subih boca  
 Subih disse que ele baixou.

- (2.21b) a-hing            mih Subih sxúéh gó  
 form-baixar+I rlt Subih sonho dentro=de  
 Subih sonhou que ele baixou. (ou, Ele baixou no sonho de Subih.)

Alternativamente, pode-se indicar a fonte da informação numa oração nominalizada não-finita, a qual segue a declaração indireta em forma de oração principal, como em 2.21c e 2.21d.

- (2.21c) a-hing            mih Subih hi-lxood            bú  
 form-baixar+I rlt Subih dat+asp-falar+NI abl  
 Subih disse que ele baixou.

- (2.21d) a-hing            mih Subih i-sxúéh            bú  
 form-baixar+I rlt Subih asp-sonhar+NI abl  
 Subih sonhou que ele baixou.

Em certos casos o declarativo aparece em forma de oração pseudorelativa seguindo o verbo principal, por exemplo, com o verbo ha-púh 'ver', aqui usado no sentido de 'saber', do exemplo 2.22.

- (2.22) Subih ha-púh ta-ba-hing  
 Subih form-ver+I ele-advrel-baixar+I  
 Subih sabe que ele baixou.

Para expressar opinião, usa-se uma LP cujo núcleo é a posposição hã 'dativo' (exemplo 2.23), às vezes acompanhada do qualificador não-específico péh.

- (2.23) da-yup Subih hã  
 form-morrer+I Subih dat  
 Subih acha que ele morreu. (ou, Para Subih, ele morreu.)

#### 2.1.6.3. As perguntas indiretas.

Considerar-se-ão as perguntas indiretas na seção 2.7.2.

#### 2.1.6.4. Os imperativos indiretos.

Expressa-se um imperativo indireto em forma de oração complementar finita, como no exemplo 2.24 (veja a seção 2.8.6).

- (2.24) ãih mi-yõo Subih ba-hing  
 eu tema+asp-mandar+I Subih Ocomp-baixar+I  
 Mandeí Subih baixar.



### 2.1.6.5. As orações equativas encaixadas.

Em orações equativas encaixadas, não se pode inverter a ordem dos constituintes nucleares (exemplo 2.25). Nota-se que no exemplo 2.25b, não se trata de uma oração equativa encaixada, mas de duas LNs em aposição como objeto direto da oração. Alternativamente, a segunda LN, suuw 'pajé', pode ser interpretado como vocativo. Em 2.25c, aparece a forma da oração equativa não-encaixada.

(2.25a) ʔiʔh ka-lēn            suuw txaah ʔi  
 eu form-querer+I pajé filho meu  
 Quero que meu filho seja pajé.<sup>5</sup>

(2.25b) ʔiʔh ka-lēn txaah ʔi suuw  
 Quero meu filho, aquele que é pajé; ou, Quero meu filho,  
 pajé.

(2.25c) suuw txaah ʔi  
 Meu filho é pajé.

De fato, é mais comum no caso de orações equativas encaixadas, encontrar o complemento predicativo da oração equativa encaixada em posição inicial na oração principal, como em:

(2.25d) suuw ʔiʔh ka-lēn txaah ʔi  
 Quero que meu filho seja pajé.

Ver-se-á mais adiante (seção 2.7.2.2.1) que há argumentos para a interpretação duma forma como 2.25d como sendo oração clivada e não como simples deslocamento do complemento predicativo. Assim, em 2.25d, suuw 'pajé' seria o complemento predicativo da oração principal e o resto da oração o sujeito. Uma tradução mais literal seria 'O que eu quero que meu filho seja: é pajé'. Em outras

palavras, em 2.25d não se trata de oração equativa encaixada e sim de oração equativa principal.

Em certas circunstâncias, pode aparecer na oração equativa encaixada uma forma verbal, como em 2.26 e 2.27.

(2.26) Subih ãih ka-lên a-hata

Subih eu form-querer+I teu-companheiro

ta-ba-ha-doo

ele-0comp-sujrel-ser+I

Quero que Subih seja teu companheiro.

(2.27) ta-waa ãih a-nxoo-dúk /

ele-comida eu form-dar+NI-estar=pendurado+I /

tii hebnxaa hata ãi ta-wén ha-doo

dem razão companheiro meu ele-por=isso sujrel-ser+I

Dei comida a ele, por isso ele é meu companheiro.

Observa-se que a raiz do verbo que aparece nestas orações encaixadas é a mesma que já se propôs como constituinte de todo tipo de oração equativa na estrutura profunda (seção 2.1.3), e que aquilo que parece ser prefixo de subordinação ha- 'sujeito relativizado' aparece vinculado a esta raiz. Isso, porém, é o único contexto em que se encontram dois prefixos de subordinação ou um prefixo de subordinação e um elemento incorporado na mesma LV e, portanto, talvez se deva entender o prefixo ha- de outra maneira.<sup>6</sup>

#### 2.1.6.6. Outros tipos de oração encaixada.

Consideram-se as orações relativas (seção 2.2.2.2.1), as pseudorelativas (seção 2.2.2.2.2), as não-finitas (seção 2.2.2.2.3) e as orações complementares finitas (seção 2.8.6) como sendo

nominalizações. Considerar-se-ão as orações resultativas na seção 2.9.

## 2.2. A estrutura da locução.

Para os fins deste trabalho, distinguem-se três tipos básicos de locução: a locução verbal (LV), a locução nominal (LN) e a locução posposicional (LP). Nesta seção, junto com a descrição de cada tipo de locução, descrevem-se os constituintes principais da mesma.

### 2.2.1. A estrutura das locuções verbais.

Para os fins deste trabalho, pode-se considerar a expansão da LV como representada em 2.28, onde V representa as raízes verbais, qualquer prefixo associado a uma segunda raiz e os sufixos verbais e INC representa os prefixos associados com a raiz principal ou com a LV inteira e os elementos incorporados.

$$(2.28) \text{ LV} \rightarrow \text{INC V}$$

Embora muito simplificada, esta expansão serve para o estudo da negação.

Nota-se que aqui se usa o termo 'locução verbal' num sentido diferente do de alguns lingüistas, para os quais este termo se refere ao verbo mais seu complemento (objeto). No Nadëb, sendo o objeto separado do verbo na ordem básica, não faz sentido falar de tal tipo de 'locução verbal'. Antes, por 'locução verbal' aqui, quer-se dizer o verbo (raízes mais afixos) mais qualquer elemento(s) incorporado(s) a ele.

### 2.2.1.1. As raízes verbais.

Todo verbo tem pelo menos uma raiz. Denomina-se a única ou primeira raiz do verbo 'raiz principal'.

Todas as raízes verbais são monossilábicas de padrão (C)V(C). Cada verbo tem diversas formas de raiz, as quais podem ser descritas em termos de três parâmetros independentes: modalidade, multiplicidade e extensão. As regras de derivação de formas não-básicas a partir da raiz básica são bastante complexas e, por não serem essenciais para este trabalho, não serão tratadas aqui. Nesta seção, dão-se apenas alguns exemplos de diversas formas, sem formular as regras de derivação.

#### 2.2.1.1.1. Modalidade.

No que diz respeito à modalidade, existem duas possibilidades: forma indicativa e forma não-indicativa. Os sufixos verbais/nominais também apresentam formas indicativas e não-indicativas. Exemplos de formas indicativas e não-indicativas correspondentes de alguns verbos são: a-sooh/a-soh 'estar sentado', a-wút/a-wúd 'estar em movimento', a-hing/a-hih 'baixar', a-súúk/a-sxúég 'trepar'. Com alguns verbos a forma não-indicativa é idêntica à indicativa, por exemplo, com o verbo i-ĩim 'ter medo'.

A forma indicativa de uma raiz ou de um sufixo é a forma não-marcada. Usa-se a forma não-indicativa nas seguintes circunstâncias:

i) No interior de estruturas verbais. A forma de qualquer raiz ou sufixo não-final é sempre não-indicativa (exemplo 2.29).

(2.29) ɤih i-léd-hih-wút  
 eu asp-deixar+NI-descer+NI-cmpl+I  
 Deixei-o cair.

ii) Em expressões imperativas (exemplo 2.30; veja também a seção 2.8).<sup>7</sup>

(2.30) búbú a-soh  
 aqui form-sentar+NI  
 Sente-se aqui!

iii) Em orações nominalizadas não-finitas (exemplo 2.31; veja também a seção 2.2.2.2.3).

(2.31) ɤih a-hih bú  
 eu form-baixar+NI abl  
 se eu baixar

iv) Em perguntas 'existenciais', ou seja, perguntas polares nas quais se usa um verbo existencial e o demonstrativo tii, que neste contexto significa 'aí', como no exemplo 2.32.<sup>8</sup>

(2.32) tii a-gúú òm óów  
 dem form-estar=em=rede+NI você avô  
 Você está aí, vovô?

Existem também substantivos derivados de verbos e substantivações derivadas de orações principais, em todos os quais se usa uma raiz não-indicativa, por exemplo gúúw 'roça', do verbo a-gúúm 'derrubar árvores'. Em alguns casos, usa-se uma raiz que difere da raiz simples não-indicativa do verbo, por exemplo ma mitug 'professor', do verbo ma mi-tuuk 'ensinar', cuja raiz simples não-indicativa é -txuug. Ainda outros verbos têm mais de um

substantivo derivado, os quais usam raízes diferentes, como pa-húm 'tornar-se moço', do qual se deriva pahúúw, substantivo não-possuível que significa 'moço', e pahúw, substantivo obrigatoriamente possuído que significa 'filho moço' (veja o apêndice IV, seção IV.3.1).

Neste trabalho, quando se refere à forma do verbo, quer-se dizer a forma (indicativa ou não-indicativa) do constituinte final da LV (raiz ou sufixo), uma vez que qualquer outra raiz ou sufixo sempre é não-indicativo. Nos exemplos neste trabalho, indica-se nas glosas a forma (indicativa ou não-indicativa) de cada raiz verbal e de cada sufixo verbal/nominal.

#### 2.2.1.1.2. Multiplicidade.

No que diz respeito à multiplicidade, existem duas possibilidades: forma unitária e forma múltipla. A multiplicidade da raiz obedece o fato de ser considerada unitária ou múltipla a LN absoluta (sujeito intransitivo ou objeto transitivo) ou a ação descrita pelo verbo. Em geral, 'unitário' e 'múltiplo' correspondem a 'singular' e 'plural', respectivamente.<sup>9</sup> Os fatores que regem a escolha da multiplicidade independem dos que regem a da modalidade. Tanto as raízes unitárias quanto as múltiplas apresentam formas indicativas e não-indicativas.

Não cabe aqui uma descrição completa das formas unitárias e múltiplas das raízes verbais. Basta notar os seguintes fatores:

i) Alguns verbos não têm raiz múltipla distinta em forma fonológica da unitária: por exemplo, os verbos a-wxuu 'encontrar' e i-yen 'esconder'.

ii) Alguns verbos têm raiz múltipla que se deriva da forma unitária por regras: por exemplo, a-hing/a-hik 'baixar', a-wúính/a-wxúính 'ir em direção ao rio', ha-soo/hi-so 'melhorar'.

iii) Alguns verbos têm raiz múltipla supletiva que não se deriva da unitária por regras: por exemplo, a-sooh/a-txoonh 'estar sentado', a-noo/i-juuh 'dar'.

iv) Com alguns verbos, indica-se a multiplicidade pelo acréscimo de um prefixo verbal (geralmente, mas nem sempre, o de aspecto i-) além de, ou ao invés de, uma modificação na raiz: por exemplo, ha-soo/hi-so 'melhorar', a-dúk/pa-dxúúk 'estar pendurado', da-yup/di-yup 'morrer'.

v) Alguns verbos têm mais de uma raiz múltipla: por exemplo, a-wút 'estar em movimento' tem duas raízes múltiplas, a-bok e a-bong. Parece que a tendência é de usar a-bok com sujeitos humanos em orações principais e a-bong com sujeitos não-humanos e em orações encaixadas nas quais se usa um verbo indicativo, mas este aspecto precisa ser investigado mais a fundo.

Nos exemplos neste trabalho, indica-se nas glosas a multiplicidade da raiz verbal apenas quando for relevante.

### 2.2.1.1.3. Extensão.

No que diz respeito à extensão, existem duas possibilidades: forma simples e forma estendida. A forma simples é a forma não-marcada. Usa-se a forma estendida, geralmente em combinação com um ou mais prefixos, para indicar fatores como causativo, causativo comitativo, fictivo, ação habitual, continuação de uma ação, etc. Exemplos de formas simples e estendidas de alguns verbos são: da-yup

'morrer', da-yxuxp 'fazer morrer'; mooh wút 'trabalhar', mooh ki-wxúút 'fingir trabalhar'; a-súúk 'trepar', ma-súk 'levar para cima'.<sup>10</sup>

Nos exemplos neste trabalho, indica-se nas glosas uma raiz verbal estendida pelo sentido particular em que está sendo usado naquele contexto, por exemplo, a glosa para da-yxuxp 'fazer morrer' seria 'tema-morrer+causativo+I'.

#### 2.2.1.2. As 'segundas-raízes'.

Além da raiz principal, um verbo pode ter uma 'segunda-raiz', a qual sempre é a raiz de um verbo posicional ou direcional.<sup>11</sup> Geralmente a segunda-raiz se refere à LN absoluta. A origem das segundas-raízes parece ser no processo da união de duas orações coordenadas. Por exemplo, a forma composta em 2.33a poderia ter sido derivada da união das duas orações em 2.33b, pelo apagamento do prefixo formativo a- do segundo verbo a-wúúnh e a substituição da forma indicativa, -hop, pela não-indicativa, -hob, da raiz do primeiro verbo. De fato seria muito raro encontrar a forma 2.33b, não porque a construção seja agramatical, mas porque é substituída pela forma reduzida 2.33a.

(2.33a) Subih i-hob-wúúnh

Subih asp-tomar=banho+NI-ir=em=direção=ao=rio+I

Subih vai tomar banho.

(2.33b) Subih i-hop / a-wúúnh

Subih asp-tomar=banho+I / form-ir=em=direção=ao=rio+I

Numa construção do tipo 2.33b, o sujeito não-especificado da segunda oração tem referência idêntica à do sujeito da primeira, sendo a



primeira uma oração intransitiva (seção 2.3). A ordem relativa das duas orações não afeta o sentido, ou seja, a ordem cronológica das ações não é necessariamente a ordem em que estão especificadas, mas a ordem que faz mais sentido semanticamente. No caso, todo Nadéb sabe que se toma banho no rio e, portanto, a ordem mais plausível semanticamente é primeiro ir-se ao rio e depois tomar-se banho.

De modo semelhante, a forma composta em 2.34a poderia ter sido derivada da união das duas orações em 2.34b.

(2.34a) tóóh Subih na-boh-yat  
 queixada Subih tema-atirar=em+NI-estar=deitado=no=chão+I  
 Subih matou uma queixada.

(2.34b) tóóh Subih na-booh /  
 queixada Subih tema-atirar=em+I /  
 a-yat  
 form-estar=deitado=no=chão+I

Em 2.34b, o sujeito não-especificado da segunda oração tem referência idêntica à do objeto da primeira, sendo a primeira uma oração transitiva (seção 2.3).

Nota-se desses exemplos que o prefixo formativo a- não aparece vinculado a uma segunda-raiz. Os únicos prefixos que ocorrem em tal posição são o pa- de pa-dxúúk/pa-dúúk 'estar pendurado' (múltipla) e o ga- de ga-húng/ga-buuh 'estar sentado em' (veja nota 11).

Esta hipótese da origem das segundas-raízes explica, como consequência das regras de referência em orações coordenadas, por que a segunda-raiz se refere à LN absoluta.

### 2.2.1.3. Os sufixos verbais/nominais.

Existem sufixos que se podem vincular a verbos e, em certas circunstâncias, a outros constituintes da oração. Todos esses sufixos, como já se afirmou, apresentam tanto formas indicativa como não-indicativa. Exemplos são: -is/-ij 'diminutivo', -kún/-kú 'ingressivo', -wút/-wúd 'completivo'.

As diferenças entre as segundas-raízes e os sufixos são: i) uma segunda-raiz pode também funcionar como a raiz principal de um verbo, enquanto, geralmente, um sufixo não o pode; ii) uma segunda-raiz, como uma raiz principal, apresenta modalidade, multiplicidade e extensão, enquanto, geralmente, um sufixo apresenta apenas modalidade; e iii) uma segunda-raiz sempre faz parte de um verbo, enquanto um sufixo pode se vincular a um verbo ou a outro constituinte da oração.<sup>12</sup>

Além de ter as formas indicativa e não-indicativa, a semelhança principal entre as segundas-raízes e os sufixos é que ambos exigem que a forma da raiz verbal ou do sufixo que o precede seja não-indicativa. Exemplifica-se este aspecto com o sufixo diminutivo -is em 2.35a.

(2.35a) a-ód-is

form-chorar+NI-dim+I

Está chorando (o pequenino).

Não foram estudadas ainda as possibilidades de combinações e a ordenação de sufixos, mas isso não afeta a análise da negação.

Tratam-se de outros constituintes que podem seguir o verbo, mas que não afetam a forma verbal, como partículas. Essas partículas diferem dos sufixos também pelo fato de apresentarem apenas uma forma ao invés de formas indicativa e não-indicativa. Um exemplo de tal tipo de partícula é nih 'ainda', em 2.35b.

(2.35b) a-óót            nih  
                               form-chorar+I ainda  
                               Ainda está chorando.

#### 2.2.1.4. Os prefixos verbais.

##### 2.2.1.4.1. A classificação dos prefixos.

Classificam-se os prefixos verbais em seis tipos, como enumerados a seguir.

i) O prefixo formativo. O prefixo formativo, a-, não aparece na presença de outros prefixos, elementos incorporados na LV, ou pronomes proclíticos, mas geralmente acompanha uma raiz verbal principal na ausência de um ou mais desses fatores, ou seja, o prefixo a- é inserido num INC vazio na estrutura superficial, quando não existe um pronome proclítico que se possa vincular ao verbo (exemplo 2.1a).

(2.1a) kalapéé a-ĩih  
                               criança form-dormir+I  
                               A criança está dormindo.

Nem todas as circunstâncias que permitem ou exigem a ocorrência duma raiz verbal principal como o único constituinte ou o constituinte

inicial duma LV foram estudadas detalhadamente ainda. Ver-se-á, na seção 2.2.2.2.3.2, um caso disso em orações não-finitas.

ii) O prefixo de aspecto. O prefixo de aspecto, i- aparece obrigatoriamente com alguns verbos e opcionalmente com outros (exemplo 2.36).<sup>13</sup>

(2.36) ñih i-ti  
 eu asp-pescar+I  
 Estou pescando.

iii) Os prefixos derivacionais. Os prefixos derivacionais incluem, por exemplo, da- 'causativo' (exemplo 2.37b), ka- 'reflexivo, recíproco', etc.

(2.37a) Subih a-gú  
 Subih form-estar=em=rede+I  
 Subih está na rede.

(2.37b) Subih da-gú  
 Subih caus-estar=em=rede+I  
 Subih o coloca na rede.

iv) Os prefixos temáticos. Os prefixos temáticos aparecem obrigatoriamente com certas raízes verbais, sendo difícil ou impossível de isolar seu significado do significado da raiz. Um verbo pode ter um (exemplo 2.38) ou mais de um (exemplo 2.39) prefixo temático.

(2.38) da-yup  
tema-morrer+I  
 Morreu.

(2.39) ka-la-yan

tema-tema-ser=forte+I

É forte.

Alternativamente, pode-se considerar o que se classifica aqui como prefixo temático como sendo parte da própria raiz. Esta análise, porém, teria as seguintes desvantagens:

a) Complicaria a estrutura da raiz verbal, a qual não seria mais sempre monossilábica (seção 2.2.1.1) e requereria uma modificação nas regras de derivação de outras formas da raiz a partir da forma básica (não consideradas neste trabalho).

b) Não explicaria por que as sílabas que precedem a sílaba acentuada na raiz verbal sempre têm forma fonológica idêntica à de prefixos e obedecem a mesma ordenação que os prefixos (ver-se-á na seção 2.2.1.4.2 que os prefixos são ordenados segundo sua forma fonológica e não segundo seu tipo ou função).

c) Complicaria a análise dos prefixos, alguns dos quais então teriam que ser analisados como 'infixos', o que geralmente não é uma análise desejável quando existe uma alternativa aceitável; isso porque, quando se usam prefixos derivacionais ou relacionais em combinação com os prefixos temáticos, os derivacionais e relacionais nem sempre precedem os temáticos, mas obedecem a regra geral de ordenação de prefixos. Por exemplo, o prefixo na- sempre precede os prefixos da- e la- e segue o prefixo ka-. Assim, o uso do prefixo negativo na- com os verbos da-yub 'morrer' e ka-la-yan 'ser forte' dos exemplos 2.38 e 2.39 produz as formas na-da-yub e ka-na-la-yan, respectivamente. No primeiro caso, o prefixo derivacional na- precede o temático, enquanto, no segundo caso, ele ocorre entre os dois temáticos e, portanto, teria que ser analisado como infixo

dentro de uma análise que admite raízes multissilábicas. É interessante notar aqui que Dahl (1979:81), em seu estudo da negação em cerca de 240 línguas, as quais representam cerca de 40 famílias e línguas geneticamente isoladas, não encontrou nenhum exemplo de negação efetuada por infixação.

v) Os prefixos relacionais. Os prefixos relacionais mudam as relações gramaticais na oração, como ga- 'dentro de' do exemplo 2.40b, no qual o modificador, hxóóh 'canoa', na LP em 2.40a se torna objecto direto do verbo ga-hĩng 'em-baixar' (veja o apêndice III).

(2.40a) ĩh a-hĩng            hxóóh gó  
 eu form-baixar+I canoa dentro=de  
 Baixei de canoa.

(2.40b) hxóóh ĩh ga-hĩng  
 canoa eu dentro=de-baixar+I  
 Baixei de canoa. (lit., Em-baixei a canoa.)

vi) Os prefixos de subordinação. Os prefixos de subordinação aparecem em orações encaixadas finitas e, quando relevante, indicam a função gramatical de um constituinte relativizado. Por exemplo, na oração relativa 2.41b, o prefixo ha- indica que o constituinte relativizado é o sujeito. Compare com uma oração principal correspondente em 2.41a.

(2.41a) Subih a-hĩng  
 Subih form-baixar+I  
 Subih baixou.

(2.41b) ha-hĩng            doo  
sujrel-baixar+I nom  
 aquele que baixou

Considerar-se-ão os usos de prefixos de subordinação em mais detalhe na seção 2.2.2.2 em relação às orações encaixadas.

No apêndice III, apresenta-se a hipótese de que os prefixos relacionais e de subordinação foram derivados diacronicamente por um processo de incorporação na LV e prefixação de posições.

#### 2.2.1.4.2. A ordenação dos prefixos.

O prefixo de aspecto, i-, quando existe, ocorre em posição mais próxima à raiz verbal. Todo prefixo derivacional, temático, relacional e de subordinação tem a forma básica Ca-. Quando aparece mais de um desses prefixos com a mesma raiz verbal, a ordem dos prefixos é determinada por suas formas fonológicas e não por seus tipos ou significados.<sup>14</sup> Não há, nos dados disponíveis, exemplos da coocorrência de cada prefixo com cada um dos demais e não é possível determinar a ordenação exata de todos os prefixos, mas o quadro que segue indica o que se pode afirmar nesta altura sobre sua ordenação. Dois prefixos na mesma coluna indicam que não se sabe sua ordem relativa. Por exemplo, os prefixos ya-, da-, ta- e la- seguem na- e precedem ha-; ya- precede da-; mas não se sabe, dos dados disponíveis, a ordem relativa entre ya-, ta- e la-, nem a existente entre da-, ta- e la-.

ka-	ma-	ja-	na-	na-	ya-	da-	ha-	i-	raiz
ga-		sa-			ta-				verbal
		wa-			la-				prin-
		pa-							cipal
	ba-								

Quadro 2.1: A ordenação dos prefixos.

O único caso que tenho da coocorrência de dois prefixos da mesma forma fonológica é com o prefixo negativo na-, o qual pode coocorrer com um outro prefixo (derivacional ou temático) na-, como em 2.42b. Não se pode dizer qual dos na- precede o outro, já que os dois são idênticos em forma e nunca intervém outro prefixo entre eles.

(2.42a) ga-ni-wán

tema-tema+asp-vazar+I

Vaza.

(2.42b) ga-na-ni-wán

tema-tema-neg+asp-vazar+NI ou

tema-neg-tema+asp-vazar+NI

Não vaza.

#### 2.2.1.4.3. Regras de combinação e coocorrência de prefixos.

Como já se afirmou, todo prefixo derivacional, temático, relacional, ou de subordinação tem a forma básica Ca-. O prefixo mais próximo ao de aspecto, porém, quando este existe, combina-se com ele, resultando na forma Ci-, como no exemplo 2.43a, onde o prefixo de subordinação ba- se combina com o aspecto i-, resultando em bi-. Compare com a forma sem o prefixo de subordinação em 2.43b.<sup>15</sup>



(2.43a) jém-hē    ãih bi-tii  
 ontem-adv eu advrel+asp-pescar+I  
 Foi ontem que eu pesquei.

(2.43b) jém-hē    ãih i-tii .  
 ontem-adv eu asp-pescar+I  
 Ontem eu pesquei.

De modo geral, os prefixos de subordinação não se realizam na presença de qualquer prefixo derivacional, temático, ou relacional, ou de qualquer elemento incorporado. Por exemplo, em 2.44 vê-se que o prefixo de subordinação ba- não ocorre junto com o prefixo temático da-. Compare com sua realização em 2.43a.

(2.44a) jém-hē    Subih da-yup  
 ontem-adv Subih tema-morrer+I  
 Ontem Subih morreu; ou, Foi ontem que Subih morreu.

(2.44b) \* jém-hē Subih ba-da-yup

O único prefixo derivacional, temático, ou relacional que não exclui os prefixos de subordinação é o prefixo ha-. No exemplo 2.45a aparece o prefixo de subordinação ba- na presença do relacional ha- 'dativo'. A forma da oração não-equativa correspondente aparece em 2.45b.

(2.45a) jém-hē    Subih ba-hi-lxoot  
 ontem-adv Subih advrel-dat+asp-falar+I  
 Foi ontem que Subih contou.

(2.45b) jém-hē Subih hi-lxoot  
 Ontem Subih contou.

O prefixo derivacional, temático, ou relacional ha-, porém, não permite a realização do prefixo de subordinação ha-, ou seja, não se

encontram dois prefixos ha- no mesmo verbo. Por exemplo, na oração relativa que corresponde à relativização do sujeito Subih em 2.45b, devido à presença do prefixo relacional ha-, não se realiza o prefixo de subordinação ha-, o qual normalmente indica sujeito relativizado (exemplos 2.45c e 2.45d).

(2.45c) jém hi-lxoot doo  
ontem dat+asp-falar+I nom  
aquele que contou ontem

(2.45d) \* jém ha-hi-lxoot doo

#### 2.2.1.5. Incorporação na locução verbal.

Por 'incorporação' geralmente se entende a formação de uma palavra composta, na maioria dos casos, pela inclusão de um substantivo no verbo. Com relação ao Nadëb, porém, o uso deste termo difere disso em dois aspectos: i) não se restringe apenas à incorporação de substantivos, mas estende-se também à de posições; e ii) trata-se do resultado da incorporação como uma locução verbal ao invés de uma palavra verbal (veja o apêndice II).

O elemento incorporado aparece na posição de INC na expansão da LV e precede todos os prefixos verbais. Pode-se incorporar na LV o núcleo da LN absoluta, quando este tem a forma LN → LN N, ou o núcleo de uma LP, i. é, a posição. Com incorporação, sempre há uma mudança nas relações gramaticais na oração.

No caso da incorporação do núcleo de uma LN na LV, avança-se a LN modificadora para a posição e função da LN que a dominou antes da incorporação. Por exemplo, a incorporação do núcleo tib 'ovo' da LN

objeto kalaak tɨb 'ovo de galinha' em 2.46a resulta na nova LV tɨb wɛh 'ovo-comer', a qual tem por objeto direto kalaak 'galinha', como em 2.46b.

(2.46a) kalaak tɨb ʔɨh a-wɛh  
galinha ovo eu form-comer+I  
Como ovo de galinha.

(2.46b) kalaak ʔɨh tɨb wɛh  
galinha eu ovo comer+I  
Como ovo de galinha. (lit., Eu ovo-como a galinha.)

No caso da incorporação de uma posposição na LV, avança-se a LN modificadora para a posição e função de objeto direto, tornando-se, no caso de um verbo transitivo, o objeto original o modificador numa LP cujo núcleo é a posposição me 'meio' ou hã 'dativo'. Observa-se que a nova LV sempre é transitiva, pois, no caso de um verbo original intransitivo, a incorporação de uma posposição provoca uma mudança na valência da LV. Por exemplo, a incorporação na LV da posposição sii 'com' em 2.47a resulta na nova LV sii hɨng 'com-baixar', a qual é transitiva, tendo como objeto direto kalapéé 'criança', como em 2.47b.

(2.47a) ʔɨh a-hɨng kalapéé sii  
eu form-baixar+I criança com  
Baixei com a criança.

(2.47b) kalapéé ʔɨh sii hɨng  
criança eu com baixar+I  
Baixei com a criança. (lit., Eu com-baixei a criança.)

A incorporação do núcleo da LN absoluta é recursiva, mas não se pode incorporar mais de uma posposição na mesma LV, nem seguir a

incorporação de um substantivo pela de uma posposição. Assim, uma LV pode ter mais de um, e teoricamente um número infinito, de elementos incorporados. O limite da incorporação é que não se pode incorporar o núcleo de uma LN que não apresente a estrutura LN → LN N, ou seja, não se pode incorporar um substantivo que fosse deixar a LN absoluta vazia.

Trata-se da incorporação de substantivos e posposições na LV em mais detalhe no apêndice II.

#### 2.2.1.6. Transitividade.

Existem raízes verbais e LVs intransitivas, transitivas e ambivalentes. As raízes e LVs ambivalentes se comportam às vezes como intransitivas e às vezes como transitivas, como se verá mais adiante nesta seção.

Uma LV intransitiva contém uma raiz verbal intransitiva sem prefixo relacional ou posposição incorporada. Uma LV transitiva contém uma raiz verbal transitiva ou uma raiz intransitiva com um prefixo relacional ou uma posposição incorporada. Uma oração intransitiva contém uma LV intransitiva, enquanto uma oração transitiva contém uma LV transitiva.

Conforme já se afirmou na seção 2.2.1.1.2, as LVs intransitivas freqüentemente, mas nem sempre, apresentam concordância em número entre a raiz verbal e o sujeito (exemplos 2.48a e 2.48b), enquanto, no caso das transitivas, a concordância, quando aparece, é entre a raiz verbal e o objeto direto (exemplos 2.48c e 2.48d).

- (2.48a) ĩih a-gú  
eu form-estar=em=rede+unit+I  
 Estou na rede.
- (2.48b) ãah a-yxééh  
nós form-estar=em=rede+mult+I  
 Estamos nas redes.
- (2.48c) kalapéé ĩih da-gú  
criança eu caus-estar=em=rede+unit+I  
 Coloco a criança na rede.
- (2.48d) kalapé ĩih da-yxééh  
crianças eu caus-estar=em=rede+mult+I  
 Coloco as crianças na(s) rede(s).

Apaga-se obrigatoriamente o pronome sujeito da terceira pessoa em orações intransitivas principais (seção 2.1.1) e o pronome objeto da terceira pessoa em orações transitivas (seção 2.1.2).

Um exemplo de um verbo ambivalente é a-wa 'comer'. Em 2.49a a 2.49f, o verbo funciona como intransitivo, na concordância entre a raiz verbal e o sujeito (2.49a a 2.49d), no apagamento do sujeito pronominal da terceira pessoa (2.49c a 2.49e) e na inaceitabilidade de um objeto direto (2.49f).

- (2.49a) ĩih a-wa  
 eu form-comer+unit+I  
 Estou comendo.
- (2.49b) ãah a-wxaa  
 nós form-comer+mult+I  
 Estamos comendo.

(2.49c) a-wa  
Está comendo.

(2.49d) a-wxaa  
Estão comendo.

(2.49e) \* la-wxaa  
eles-comer+mult+I

(2.49f) \* manaiin ãah a-wxaa  
cará nós form-comer+mult+I

Em 2.49f a 2.49k, o verbo funciona como transitivo, na não-concordância entre a raiz verbal e o sujeito (2.49f a 2.49j), no não-apagamento do sujeito pronominal da terceira pessoa (2.49i a 2.49k) e na aceitabilidade de um objeto direto, no caso, manaiin 'cará' (2.49g a 2.49j). De fato, em 2.49g a 2.49j, a forma sem o objeto especificado também é possível, sendo o objeto neste caso o pronome (apagado) da terceira pessoa.

(2.49g) manaiin ãih a-wa  
cará eu form-comer+unit+I  
Estou comendo cará.

(2.49h) manaiin ãah a-wa  
cará nós form-comer+unit+I  
Estamos comendo cará.

(2.49i) manaiin ta-wa  
cará ele-comer+unit+I  
Está comendo cará.

(2.49j) manaiin la-wa  
cará eles-comer+unit+I  
Estão comendo cará.

(2.49k) \* manaiin a-wa

### 2.2.1.7. Tempo e aspecto.

A maneira de indicar tempo e aspecto não foi estudada em detalhe ainda. Existem duas partículas oracionais que indicam tempo: paah 'passado' e dah 'futuro'. Há certas diferenças no seu comportamento, mas, em geral, elas ocorrem mais frequentemente em segunda posição na oração.

Geralmente se indica o aspecto do verbo por prefixos verbais e/ou segundas-raízes e/ou sufixos verbais.

### 2.2.2. A estrutura das locuções nominais.

Existem dois tipos básicos de locução nominal; a LN simples, representada em 2.50, e a oração nominalizada, representada em 2.51, onde Det é realizado por um nominalizador. Em geral, uma LN simples pode ocupar qualquer posição de LN na oração, mas há restrições quanto à ocorrência das orações nominalizadas.

(2.50)  $LN \rightarrow (LN) N$

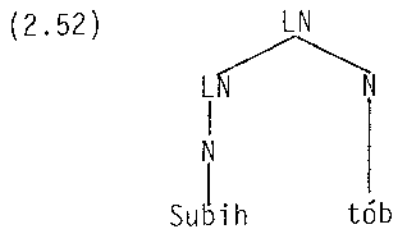
(2.51)  $LN \rightarrow O Det$

#### 2.2.2.1. A locução nominal simples.

Na sua forma mais breve, a LN simples consiste num nome, como, por exemplo, kalapéé 'criança'.

A LN simples do tipo  $LN \rightarrow LN N$  representa uma construção genitiva, em que o nome é o núcleo e a LN que o precede é seu modificador ou 'possuidor'. Definir-se-á mais rigorosamente o uso

deste termo na seção 2.2.2.3.1. Um exemplo deste tipo de LN simples é Subih tób 'a casa de Subih', cuja estrutura é representada por 2.52.



O uso do qualificador péh (veja a seção 2.2.2.3.1.1) como núcleo de uma construção genitiva parece indicar uma referência não-específica, como em 2.53a, embora provavelmente não seja a única maneira de indicar isso. Compare os sentidos de 2.53a e 2.53b.

(2.53a) hahĩih péh ĩih ka-lõn  
 dem nãoesp eu tema-querer+I  
 Quero (um/uns) deste tipo.

(2.53b) hahĩih ĩih ka-lõn  
 Quero este.

Como se verá na seção 3.2, o péh frequentemente ocorre em certos tipos de oração negativa, o que se combina com sua interpretação como marca de referência não-específica.

O uso do qualificador nxaa 'finalidade' (veja a seção 2.2.2.3.1.1) como núcleo de uma construção genitiva requer que a LN que o precede também seja de estrutura LN → LN N, i. é, a expansão da LN que contém o nxaa sempre apresenta a forma LN N nxaa. O nxaa indica que se refere a uma pessoa ou objeto que tem a função representada por N para aquilo representado pela LN que o modifica, como exemplificado em 2.54 e 2.55.



(2.54) Nadub sɛwɛ nxaa

Nadëb pajé finalidade

o pajé dos Nadëb (ou, aquele que funciona na qualidade de pajé para os Nadëb)

(2.55) kalaak tób nxaa

galinha casa finalidade

a casa de galinhas (ou, aquilo que funciona na qualidade de casa para galinhas)

Em geral, uma LN simples pode ocorrer em qualquer posição de LN na expansão da oração ou de outra locução.

#### 2.2.2.2. As orações nominalizadas.

Existem dois tipos básicos de oração nominalizada, ambos representados por 2.51, onde Det se realiza por um nominalizador (em certos casos, abstrato ou nulo).

(2.51) LN  $\rightarrow$  0 Det

São: as orações nominalizadas finitas e as orações nominalizadas não-finitas (seção 2.2.2.2.3). Podem-se subdividir ainda as finitas em quatro tipos: as orações relativas (seção 2.2.2.2.1), as orações pseudorelativas (seção 2.2.2.2.2), as orações complementares finitas (pelas quais se expressam imperativos indiretos) e as orações resultativas. Considerar-se-ão os últimos dois tipos nas seções 2.8.6 e 2.9, respectivamente.

Observa-se que a regra de apagamento do sujeito pronominal da terceira pessoa com verbos intransitivos em orações principais (seção 2.1.1) não se aplica no caso de orações nominalizadas, ou seja, o

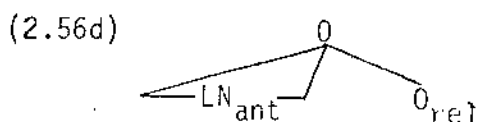
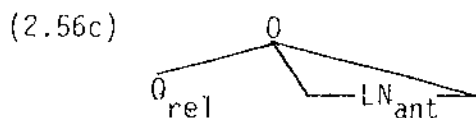
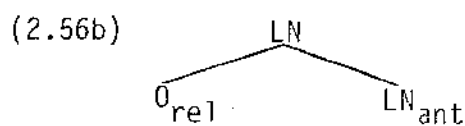
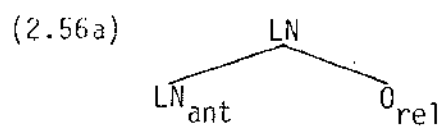
sujeito numa oração nominalizada qualquer sempre é explícito, ou sob forma independente ou sob forma proclítica, salvo no caso de sujeitos relativizados (seções 2.2.2.2.1.2 e 2.2.2.2.2).

### 2.2.2.2.1. As orações relativas.

#### 2.2.2.2.1.1. A estrutura das orações relativas.

Por 'oração relativa' geralmente se entende uma oração subordinada (representada abaixo por  $O_{rel}$ ) que modifica uma LN antecedente (representada abaixo por  $LN_{ant}$ ) em virtude do fato de que contém, na sua estrutura profunda, uma LN coreferencial com a LN antecedente. O termo 'oração relativa', para alguns lingüistas, se refere ao conjunto que se compõe da LN antecedente mais a oração restriginte (Keenan e Comrie, 1977:64, por exemplo).

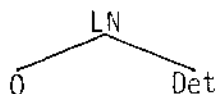
Andrews (1971:4) fala de orações 'ad-relativas', que aparecem em estruturas como 2.56a e 2.56b, e orações 'co-relativas', que aparecem em estruturas como 2.56c e 2.56d.



Segundo a hipótese de Lehmann (1978:19,20) de que os modificadores nominais precedem os nomes em línguas OV e os seguem em línguas VO, espera-se encontrar orações relativas de estrutura 2.56a em línguas VO e as de estrutura 2.56b em línguas OV.

As orações relativas no Nadëb, porém, não apresentam nenhuma dessas estruturas, mas são sempre sem antecedente, representadas por 2.56c, o qual é equivalente a 2.51 acima.

(2.56e)



A existência de orações relativas sem antecedente é reconhecida na literatura, embora seja um fenômeno raro nas línguas do mundo até agora estudadas. Há outras línguas, além do Nadëb, nas quais não existem orações relativas com antecedentes, como, por exemplo, o Mundurukú, língua do tronco Tupí (Crofts, 1973:56), e o Hixkaryana, língua da família Carib (Derbyshire, 1979:26). Cole, Harbert e Hermon (1982) apresentam argumentos para a existência de orações relativas sem antecedente em três línguas quechuanas (do Peru e do Equador). Schachter (1973:31-35), seguindo uma sugestão de Brame, examina a possibilidade de que nas orações relativas no inglês o "antecedente" seja, de fato, um constituinte da oração encaixada, promovido para a oração matriz, ao invés de ser gerado na oração matriz. Por outro lado, o critério de Keenan e Comrie não admite uma estrutura básica de oração relativa sem antecedente (1977:63,64).

Deve-se oferecer alguma justificativa pela afirmação de que toda oração relativa no Nadëb é sem antecedente, tendo em vista a raridade deste fenômeno em geral e a ocorrência no Nadëb de formas tais como 2.57a e 2.57b (formas sinônimas), nas quais o nome kapéh 'café' tem referência idêntica à da oração relativa e parece ser seu 'antecedente'.

- (2.57a) kapéh jém ãih i-jêe doo  
 café ontem eu asp-comprar+I nom  
 o café que comprei ontem
- (2.57b) jém ãih i-jêe doo kapéh

As formas 2.57a e 2.57b podem funcionar como constituinte nominal de uma oração, como em 2.57c, onde a forma composta ocorre como objeto direto. Compare com 2.57d e 2.57e, nos quais o objeto direto é apenas o nome e apenas a oração relativa, respectivamente.

- (2.57c) kapéh jém ãih i-jêe doo Subih i-ũuk  
café ontem eu asp-comprar+I nom Subih asp-beber+I  
 Subih está bebendo o café que eu comprei ontem.
- (2.57d) kapéh Subih i-ũuk  
 Subih está bebendo o café.
- (2.57e) jém ãih i-jêe doo Subih i-ũuk  
 Subih está bebendo o que eu comprei ontem.

A forma 2.57c, porém, não é muito usada. É muito mais comum encontrar os dois componentes separados por outros constituintes da oração, como, por exemplo, em 2.57f.

- (2.57f) kapéh Subih i-ũuk jém ãih i-jêe doo  
café Subih asp-beber+I ontem eu asp-comprar+I nom  
 Subih está bebendo o café, aquilo que eu comprei ontem.

Todavia, há situações nas quais os dois componentes de 2.57a ou 2.57b não podem coocorrer. Compare, por exemplo, a ocorrência de 2.57g e 2.57h, nos quais aparece apenas um dos dois componentes, com a não-ocorrência de 2.57i, no qual aparecem os dois juntos.

(2.57g) kapéh ni-ug Subih

café neg+asp-beber+NI Subih

Subih não está bebendo o café.

(2.57h) jém ãih i-jêe doo ni-ug Subih

Subih não está bebendo o que eu comprei ontem.

(2.57i) \* kapéh jém ãih i-jêe doo ni-ug Subih

Não cabe nesta seção uma discussão da análise desta construção negativa, a qual será considerada na seção 4.7. Basta aqui demonstrar que há situações nas quais o aparente antecedente de uma oração relativa não pode coocorrer com ela. Esse fato indica que a análise da oração relativa como tendo uma estrutura como 2.56a ou 2.56b não é muito boa, já que teria as seguintes desvantagens:

i) Precisaria de uma regra de apagamento da  $LN_{ant}$ , a qual se aplicaria obrigatoriamente em certos casos (como 2.57h e 2.57i) e opcionalmente em outros (como 2.57c e 2.57e).

ii) Teria que dar conta das duas ordens 2.57a e 2.57b, ou pela escolha de uma ordem como básica, com uma regra opcional de inversão da ordem, ou pela postula de duas estruturas profundas (como 2.56a e 2.56b) para as orações relativas, as quais produziriam formas superficiais diferentes mas com sentidos idênticos.

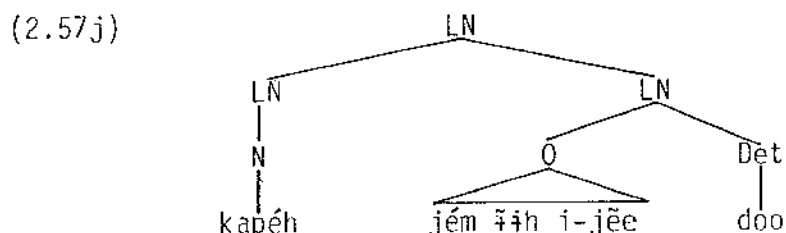
iii) Precisaria de uma regra opcional que extrairia qualquer dos componentes da LN composta e o moveria para outra posição na oração; e esta regra teria que ser bloqueada em certos casos (por exemplo, não se pode separar os dois componentes quando funcionam como sujeito transitivo).

iv) Perderia a seguinte generalização. Ver-se-á na seção 2.3 que freqüentemente se usam duas (ou mais) LNs em aposição, as quais têm a mesma referência, o que se pode representar pela estrutura em 2.58.

(2.58) LN → LN LN

A ordem das LNs em aposição não é relevante, ou seja, qualquer LN que possa ocorrer como a primeira LN na estrutura de 2.58 pode também ocorrer como a segunda (compare com ii acima), exceto quando uma é mais genérica e não acrescenta informação não contida na outra (veja a seção 2.3). Freqüentemente, mas não em todas as circunstâncias, desloca-se uma das LNs componentes para outra posição na oração (compare com iii acima). Por outro lado, há certas situações nas quais não se pode usar a estrutura de 2.58, como no caso dos exemplos 2.57g a 2.57i considerado acima (compare com i acima).

A interpretação de formas como 2.57a e 2.57b como tendo a estrutura de 2.58 ao invés da de 2.56a e 2.56b, ou seja, a hipótese de que todas as orações relativas são sem antecedente, daria conta do comportamento das orações relativas e seus aparentes antecedentes pelas regras gerais que governam o comportamento de LNs em aposição. Segundo esta análise, a estrutura de 2.57a seria:<sup>16</sup>



Marcam-se as orações relativas no Nadëb por um de dois nominalizadores, o qual segue imediatamente a LV. Os nominalizadores são: doo, que indica referência específica, como em 2.59b e 2.59c; e

péh, que indica referência não-específica, como em 2.60b. Compare com as orações principais correspondentes em 2.59a e 2.60a, respectivamente.

- (2.59a) manaiïn Subih a-wa  
 cará Subih form-comer+I  
 Subih está comendo cará.
- (2.59b) manaiïn ha-wa doo  
 cará sujrel-comer+I nom  
 que está comendo cará
- (2.59c) Subih a-wa doo  
 que Subih está comendo
- (2.60a) ta-ag i-guuh  
 ele-fruta asp-ser=doce+I  
 A fruta é doce.
- (2.60b) hi-guuh péh  
sujrel+asp-ser=doce+I nãoesp  
 o tipo que é doce

O nominalizador sempre segue imediatamente a LV, mesmo quando existe outro constituinte em posição pós-verbal, ou seja, o nominalizador nem sempre é o constituinte final da oração relativa. Por exemplo, as duas formas 2.59b e 2.59d, nas quais o doo segue imediatamente a LV, são aceitáveis, mas não a forma 2.59e, na qual o doo ocorre em posição final da oração relativa mas separado da LV pelo objeto direto manaiïn 'cará'.

- (2.59d) ha-wa doo manaiïn  
 que está comendo cará
- (2.59e) \* ha-wa manaiïn doo

### 2.2.2.2.1.2. Os constituintes que podem ser relativizados.

Os únicos constituintes da oração que se podem relativizar diretamente são o sujeito e o objeto direto, o que está de acordo com a hierarquia de acessibilidade de Keenan e Comrie (1977:66, veja também Comrie e Keenan 1979:650). Eles afirmam que a relativizabilidade de uma LN depende da sua função na oração, conforme a seguinte hierarquia: sujeito > objeto direto > objeto indireto > oblíquo > genitivo > objeto de comparação; onde '>' indica 'é mais acessível do que'.

No Nadéb, apaga-se o constituinte relativizado da oração relativa. Indica-se um sujeito relativizado (e apagado) pelo uso do prefixo verbal de subordinação ha- (exemplos 2.59b, 2.59d e 2.60b) e um objeto relativizado pela ausência de prefixo de subordinação (ou por um prefixo nulo, exemplo 2.59c). Como no caso de todos os prefixos de subordinação, não se realiza o ha- na presença de outros prefixos (salvo o de aspecto i-, com o qual o ha- se combina, como no exemplo 2.60b) ou de elementos incorporados na LV. Exemplifica-se a não-realização do ha- na presença do prefixo temático wa- em 2.61b e 2.61c. Compare com a oração principal correspondente em 2.61a.

(2.61a) Subih wa-yaah  
 Subih tema-correr+I  
 Subih está correndo.

(2.61b) wa-yaah doo  
 que está correndo

(2.61c) \* wa-ha-yaah doo



Observa-se que, no caso de verbos transitivos, essa não-realização do ha- às vezes resulta em ambigüidade, porque com certos verbos não se saberia qual o constituinte relativizado (sujeito ou objeto). Exemplifica-se essa ambigüidade com o verbo ha-páh 'ver' em 2.62a, o qual significaria 'que Subih viu' no caso da relativização do objeto, ou 'que viu Subih' no caso da relativização do sujeito.

- (2.62a) Subih ha-páh doo  
 Subih tema-ver+I nom  
 que Subih viu, ou que viu Subih

Freqüentemente é possível resolver tal ambigüidade pela semântica ou pelo contexto, mas quando isso é impossível parece que a interpretação preferida é a em que o objeto é relativizado, no caso, a leitura 'que Subih viu'. Há, porém, uma maneira sintática em que o falante pode evitar tal ambigüidade, a saber, pelo deslocamento para a direita da LN em questão. Segundo a regra geral de deslocamento para a direita de um sujeito transitivo, marca-se obrigatoriamente tal sujeito deslocado pela posposição hã e preenche-se sua posição normal com o pronome proclítico correspondente, o qual se vincula ao verbo. Por outro lado, um objeto deslocado não é marcado e nem substituído por um pronome proclítico (seção 2.1.2). Assim, em 2.62b se sabe que Subih é o sujeito da oração relativa, pela presença do proclítico ta- e da posposição hã seguindo o Subih, e, portanto, o constituinte relativizado é o objeto, enquanto em 2.62c Subih é o objeto e o constituinte relativizado é o sujeito.

- (2.62b) ta-ha-páh doo Subih hã  
ele-tema-ver+I nom Subih dat  
 que Subih viu

(2.62c) ha-páh doo Subih  
que viu Subih

Para relativizar um constituinte da oração que não é o sujeito nem o objeto direto é necessário, primeiro, o avanço deste constituinte para a posição e função de sujeito ou de objeto direto, da qual posição pode ser relativizado. Efetua-se este avanço pelo processo de incorporação na LV de um substantivo ou de uma posposição, descrito na seção 2.2.1.5, ou pelo uso de um prefixo relacional. Por exemplo, para relativizar a LN modificadora kalapéé 'criança' na LP kalapéé sii 'com a criança' do exemplo 2.47a, primeiro avança-se essa LN para a posição e função do objeto direto da oração pela incorporação da posposição sii 'com' na LV (exemplo 2.47b). Como objeto direto, pode ser relativizado, como em 2.47c.

(2.47a) ʔih a-hing kalapéé sii  
eu form-baixar+I criança com  
Baixei com a criança.

(2.47b) kalapéé ʔih sii hing  
Baixei com a criança. (lit., Eu com-baixei a criança.)

(2.47c) ʔih sii hing doo  
com quem eu baixei

Parece que o único constituinte nominal que não se pode alçar e relativizar nesta maneira é o objeto de comparação, o qual sintaticamente é a LN modificadora numa LP, como no exemplo 2.63a. A incorporação da posposição bahinh na LV neste contexto e a relativização subsequente do objeto de comparação, a-txaah 'teu filho', não são permitidas (exemplos 2.63b e 2.63c). Observa-se que,

na hierarquia de Keenan e Comrie, o objeto de comparação é o nominal menos acessível para a relativização.

(2.63a) txaah ʔi a-eh                      a-txaah bahʔnh  
 filho meu form-ser=grande+I teu-filho na=frente=de  
 Meu filho é maior que teu filho.

(2.63b) \* a-txaah txaah ʔi bahʔnh eh

(2.63c) \* txaah ʔi bahʔnh eh doo

Parece que a incorporação de certas posposições complexas, por exemplo hubnxaa 'finalidade, razão', nem sempre é aceitável.<sup>17</sup>

#### 2.2.2.2.1.3. A ocorrência das orações relativas.

Uma oração relativa pode ocorrer em qualquer posição de LN na expansão da oração ou de outra locução, com a possível exceção de sujeito e complemento predicativo duma oração equativa. Há restrições quanto às posposições que uma oração relativa pode modificar (seção 2.2.3.2).

Há uma restrição quanto à ordem dos constituintes de uma oração relativa quando esta funciona como modificador numa LN. Vê-se, dos exemplos 2.64a e 2.64b, que, numa oração relativa em isolamento, pode-se deslocar para a direita o objeto direto.

(2.64a) lakonan ha-wuuh-yung                      doo  
 tucunaré sujrel-comer+NI-completamente+I nom  
 aquele que comeu todinho o tucunaré

(2.64b) ha-wuuh-yung doo lakonan  
 aquele que comeu todinho o tucunaré.

Quando a mesma oração relativa funciona como modificador numa LN, porém, não se pode deslocar o objeto direto (exemplos 2.64c a 2.64e).

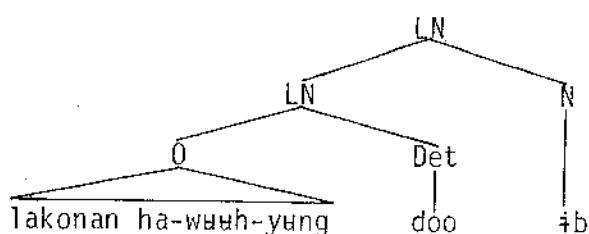
(2.64c) lakonan ha-wuuh-yung doo ìb  
 tucunaré sujrel-comer+NI-completamente+I nom pai  
 o pai daquele que comeu todinho o tucunaré

(2.64d) \* ha-wuuh-yung doo lakonan ìb

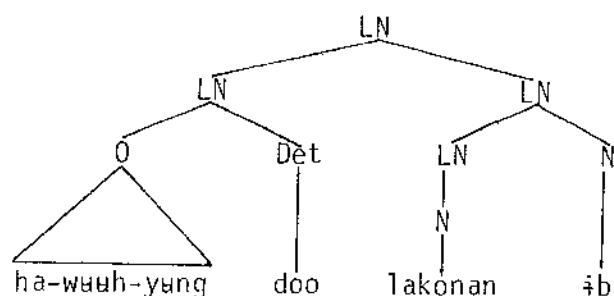
(2.64e) \* ha-wuuh-yung doo ìb lakonan

Nos casos de 2.64d e 2.64e, entender-se-iam as estruturas como sendo de duas LNs conferenciais em aposição, o que se traduziria por 'aquele que comeu todinho, o pai do tucunaré', e 'o pai daquele que comeu todinho, o tucunaré', respectivamente, nenhum dos quais seria aceitável semanticamente. As árvores 2.64f a 2.64h representam as estruturas de 2.64c a 2.64e, respectivamente.

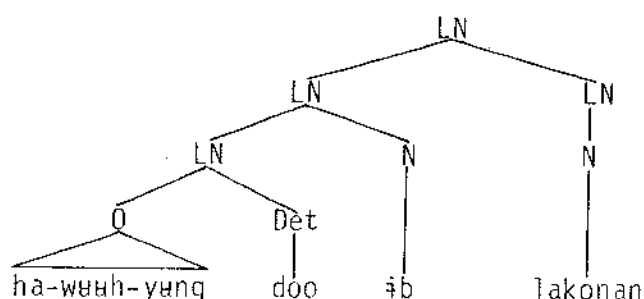
(2.64f)



(2.64g)



(2.64h)



Isso sugere que, provavelmente, o lakonan deslocado em 2.64b não deva ser considerado parte da oração relativa, senão um tipo de esclarecedor.

#### 2.2.2.2.2. As orações pseudorelativas.

As orações pseudorelativas diferem das relativas em três aspectos: no nominalizador, nos constituintes que se podem 'relativizar', e nas posições em que podem funcionar.

Nas orações relativas, o nominalizador se realiza por do ou péh (seção 2.2.2.2.1.1), enquanto nas pseudorelativas se realiza por uma forma nula. Compare a oração relativa de 2.41b com a pseudorelativa correspondente de 2.41c.

(2.41b) ha-hing                    doo  
           sujrel-baixar+I nom  
           que baixou                    (oração relativa)

(2.41c) ha-hing  
           sujrel-baixar+I  
           que baixou                    (oração pseudorelativa)

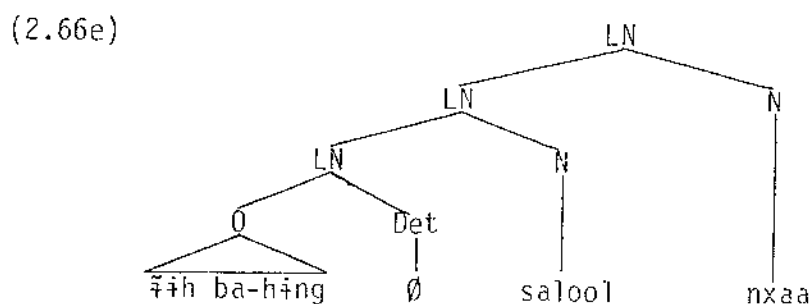
Nas orações relativas, os únicos constituintes que se podem relativizar diretamente são o sujeito e o objeto direto. Como exemplificado na seção 2.2.2.2.1.2, marcam-se o sujeito relativizado pelo prefixo verbal de subordinação ha- e o objeto relativizado pela ausência de prefixo de subordinação. Nas orações pseudorelativas, além destas possibilidades, pode-se 'relativizar' o meio, marcado pelo prefixo de subordinação ma- (exemplo 2.65b) e outro constituinte adverbial (i. é, advérbio ou outra LP, incluindo a LP que contém o objeto indireto, mas excluindo a LP que domina um objeto de comparação), marcado pelo prefixo ba- (exemplo 2.66b), ou, às vezes, pelo prefixo ha- no caso de locativos ou temporais contrastivos. Com



- (2.66c) ĩĩh ba-hĩng bú  
 eu advrel-baixar+I abl  
 quando eu baixei/baixar

No exemplo 2.66d aparece a oração pseudorelativa 2.66b como constituinte numa LN simples cujo núcleo é o qualificador nxaa 'finalidade'. A árvore que representa 2.66d aparece em 2.66e. O prefixo de subordinação nesta construção sempre é ba-.<sup>17</sup>

- (2.66d) ĩĩh ba-hĩng salool nxaa  
 eu advrel-baixar+I roupa finalidade  
 roupa para eu baixar



Pode-se exemplificar as diferenças entre as orações relativas e as pseudorelativas com suas derivações a partir da oração principal em 2.65a e com seus respectivos usos.

- (2.65a) ĩĩh a-gúúm mĩĩm me  
 eu form-derrubar=árvore+I machado meio  
 Derrubo árvores com machado.

Para derivar a oração relativa correspondente na qual o instrumento mĩĩm 'machado' é relativizado, este tem que ser primeiramente alçado para a posição e função de objeto direto, como em:

(2.65d) miim ãih ma-gúúm  
 machado eu meio-derrubar=árvore+I

De fato, nesta oração, introduz-se um novo elemento semântico, a saber, a idéia de ação inicial, i. é, 2.65d não é sinônimo de 2.65a como seria de se esperar, mas significa 'estou experimentando o machado'. Esta idéia de ação inicial aparece apenas em orações principais e certas orações nominalizadas e apenas com certos prefixos (veja o apêndice III), mas não nas orações relativas correspondentes. A relativização do objeto direto em 2.65d resulta na oração relativa:

(2.65e) ãih ma-gúúm doo  
 eu meio-derrubar=árvore+I nom  
 aquilo com que eu derrubo árvores

Esta oração funciona como nome, como em 2.65f, onde é o objeto direto.

(2.65f) ãih ma-gúúm doo ãih a-tón  
 eu meio-derrubar=árvore+I nom eu form-carregar+I  
 Estou carregando aquilo com que eu derrubo árvores.

Por outro lado, para derivar a oração pseudorelativa correspondente a partir do 2.65a, relativiza-se diretamente a LP instrumental, o que se indica pelo prefixo verbal da subordinação ma-, resultando em:

(2.65b) ãih ma-gúúm  
 eu meiorel-derrubar=árvore+I  
 com que eu derrubo árvores

Esta oração geralmente funciona como adverbial, já que o constituinte relativizado é adverbial, como na oração clivada:



- (2.65g) *mĩĩm me ỹĩh ma-gúúm*  
 machado meio eu meiorel-derrubar=árvore+I  
 É com machado que eu derrubo árvores.

Nota-se que as orações relativa e pseudorelativa em 2.65f e 2.65g não são intercambiáveis. Compare os exemplos 2.65h e 2.65i, observando que 2.65h e 2.65f não são sinônimos.

- (2.65h) *ỹĩh ma-gúúm ỹĩh a-tón*  
 eu meio-derrubar=árvore+I eu form-carregar+I  
 Experimento-o e o carrego.

- (2.65i) \* *mĩĩm me ỹĩh ma-gúúm doo*  
 machado meio eu meio-derrubar=árvore+I nom

Observa-se que, na oração relativa, o prefixo ma- funciona como prefixo relacional, enquanto, na pseudorelativa, funciona como prefixo de subordinação. Esta distinção será importante na explicação da diferença no comportamento da negação em relação a esse prefixo em orações relativas e pseudorelativas (seção III.7).

### 2.2.2.2.3. As orações nominalizadas não-finitas.

#### 2.2.2.2.3.1. A estrutura das orações nominalizadas não-finitas.

As duas diferenças estruturais principais entre as orações nominalizadas finitas e as não-finitas são a forma do verbo usada e o uso de prefixos de subordinação. Nas finitas, usam-se a forma indicativa do verbo e os prefixos de subordinação, conforme descrito nas seções 2.2.2.2.1 a 2.2.2.2.2. Nas orações não-finitas, porém, usa-se a forma não-indicativa do verbo e não se usam os prefixos de

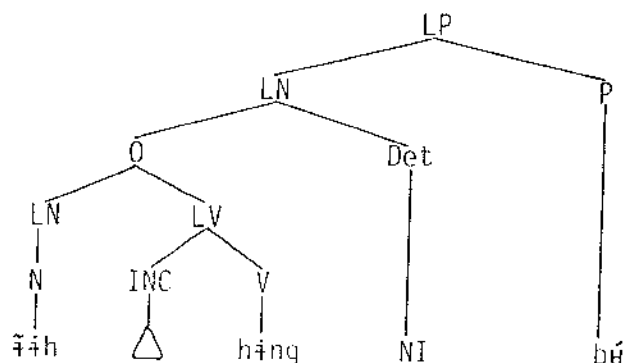
subordinação. Estas diferenças são evidentes através de uma comparação dos exemplos 2.66c e 2.67a, o primeiro dos quais é uma LP na qual o modificador é uma oração nominalizada finita (pseudorelativa), já considerada na seção 2.2.2.2.2, sendo o segundo uma LP na qual o modificador é a oração nominalizada não-finita correspondente.

(2.66c) ĩih ba-hĩng bú  
eu advrel-baixar+I abl  
 quando eu baixei/baixar (referindo-se a um evento definido)

(2.67a) ĩih a-hĩih bú  
eu form-baixar+NI abl  
 se/quando/sempre que eu baixar (referindo-se a um evento indefinido ou possível)

Na estrutura subjacente de uma oração não-finita, representa-se o uso da forma não-indicativa do verbo por um nominalizador abstrato indicado por NI, que se combina com o verbo na forma fonética. Assim, a estrutura subjacente proposta para 2.67a é algo como:

(2.67b)



### 2.2.2.2.3.2. Características do verbo na oração nominalizada não-finita.

Com certos verbos, como por exemplo a-sooh/a-txoonh 'estar sentado' (forma unitária/forma múltipla), pode-se omitir o prefixo verbal formativo, a-, na oração nominalizada não-finita, mesmo quando não tem outro prefixo, elemento incorporado, ou pronome proclítico. São relativamente poucos os verbos que permitem a omissão do a- e, mesmo com estes, a forma com o a- (exemplo 2.68a) é mais comum do que a sem o a- (exemplo 2.68b). Esta omissão está em confronto com a presença obrigatória do a- na oração principal correspondente (exemplos 2.68c e 2.68d).

(2.68a) ãah a-tooy bú  
 nós form-estar=sentado+mult+NI abl  
 nós estando sentados

(2.68b) ãah tooy bú

(2.68c) ãah a-txoonh  
 nos form-estar=sentado+mult+I  
 Estamos sentados.

(2.68d) \* ãah txoonh

No caso de um sujeito pronominal da terceira pessoa do plural, há duas formas possíveis do pronome proclítico na oração não-finita: la- (exemplo 2.68e) e sa- (exemplo 2.68f).

(2.68e) la-tooy bú  
eles-estar=sentado+mult+NI abl  
 eles estando sentados

(2.68f) sa-tooy bú  
deles-estar=sentado+mult+NI abl

Ver-se-á na seção 2.2.2.3.2.1 que la- é a forma do pronome proclítico da terceira pessoa do plural usada quando funciona como sujeito de um verbo, enquanto sa- é sua forma quando modifica um nome ou uma posposição. Compare o exemplo 2.68f com a construção genitiva sa-tób 'a casa deles'. Assim, parece que em 2.68e a raiz tooy é considerada como verbal, enquanto em 2.68f é considerada como nominal. No caso do sujeito independente, a forma com o prefixo formativo, a-, (exemplo 2.68a) corresponde a 2.68e, no qual a raiz é considerada verbal, enquanto a omissão do a- (exemplo 2.68b) corresponde a 2.68f e indica que a raiz é considerada nominal. Compare também 2.68b com a construção genitiva ãah tób 'nossa casa'.

Considera-se agora o caso de um sujeito da primeira pessoa do singular, ĩĩh. Mais uma vez, encontram-se duas possibilidades em orações não-finitas: 2.68g e 2.68h.

(2.68g) ĩĩh a-soh bú  
 eu form-estar=sentado+unit+NI abl  
 eu estando sentado

(2.68h) ĩĩh soh bú

O exemplo 2.68g não apresenta problema, sendo a forma na qual a raiz soh é considerada verbal. Mas, como se verá na seção 2.2.2.3.2.1, o pronome possessivo da primeira pessoa do singular segue o nome que modifica, como na construção genitiva tób ĩĩ 'minha casa'. Assim, se a raiz em 2.68h fosse considerada como nominal, seria de se esperar encontrar a forma de 2.68i e não a de 2.68h. Mas a forma de 2.68i é inaceitável.

(2.68i) \* soh ĩĩ bú

Pode-se concluir que a raiz do 'verbo' na oração nominalizada não-finita manifesta certas características verbais e certas características nominais.

### 2.2.2.2.3.3. A ocorrência das orações nominalizadas não-finitas.

Geralmente as orações nominalizadas não-finitas funcionam como modificadores em LPs cujo núcleo é a posposição bú ou nuuyé. A posposição sempre segue a LV da oração não-finita, a qual pode ou não ser o constituinte final. Compare o exemplo 2.69, no qual o objeto direto ta-biin 'o remédio dele' segue a LV e a posposição bú.

(2.69) Subih i-ug \_\_\_\_\_ bú ta-biin /

Subih asp-beber+NI abl ele-remédio /

ĩih ji-bé

eu tema+asp-estar=alegre+I

Se Subih tomar o remédio, estarei alegre.

A maneira em que se traduz uma LP cuja LN modificadora é uma oração não-finita depende de vários fatores, tais como sua posição em relação ao resto da oração, o tipo de verbo que ela contém e o contexto. Enumera-se em seguida as maneiras em que tais LPs podem funcionar.

i) No sentido de condicional ou temporal indefinido, que se traduz por 'se/quando'. Neste caso, a LP geralmente precede o resto da oração, como no exemplo 2.69. O verbo no resto da oração pode, então, ser marcado ou não pelo prefixo de subordinação ba-, indicando uma oração clivada ou uma oração principal, respectivamente.

ii) No sentido do quantificador universal 'sempre que' (exemplo 2.70). A LP pode preceder ou seguir o resto da oração. Quando o preceder, o verbo no resto da oração pode ou não ser marcado pelo prefixo ba.

(2.70) ĩĩh a-wúd \_\_\_\_\_ bú huuy bú /  
eu form-estar=em=movimento+NI abl mato abl /

ĩĩh i-ĩĩm                awad hā  
 eu asp-ter=medo+I onça dat

Sempre que eu ando no mato, tenho medo das onças.

iii) Para indicar ação simultânea, traduzido aqui por 'enquanto'. Neste caso a LP mais frequentemente segue o resto da oração, como em 2.71.

(2.71) ĩĩh i-yúm                / ĩĩh a-wúd \_\_\_\_\_ bú  
 eu asp-cantar+I / eu form-estar=em=movimento+NI abl

Estou cantando enquanto andando.

iv) Para indicar uma construção causativa perifrástica, como no exemplo 2.72. Neste caso, a LP sempre segue o resto da oração e o verbo usado na oração não-finita é a forma não-indicativa do verbo a-noo 'dar'.

(2.72) yi    tí    na-ha-ĩh                / gĩiy    a-nxoo    bú  
 indef olho neg-dat-dormir+NI / carapanã form-dar+NI abl

A gente não dorme bem por causa dos carapanãs.

v) Para especificar a fonte de informação indireta, como no exemplo 2.21c. Neste caso, a LP sempre segue o resto da oração e o verbo usado na oração não-finita é um verbo como de fala, de sonhar, etc.



de ações em locais diferentes. Por exemplo, em 2.75 o uso de nuuyé indica que a criança não está junto com o pai, mas em outro lugar.<sup>18</sup>

(2.75) kalapéeé a-óót /  
 criança form-chorar+I /  
 ta-ib a-gúúw nuuyé  
 ele-pai form-derrubar=árvore+NI locdif

A criança está chorando enquanto seu pai está derrubando árvores (em outro lugar).

Ver-se-á na seção 3.3.8 outro uso de LPs cujo modificador é uma oração não-finita em relação à negação.

### 2.2.2.3. Os nomes.

A classe de nomes inclui os substantivos, os nomes próprios, os pronomes e os qualificadores. Em geral, os nomes não são marcados por número, mas alguns substantivos apresentam formas singular e plural, como txaah/taah 'filho/filhos', ĩĩnh/ĩĩy 'mulher/mulheres'. Os pronomes pessoais também apresentam formas singular e plural (seção 2.2.2.3.2.1).

#### 2.2.2.3.1. A classificação de nomes em termos de possibilidade.

Existem três tipos de nomes: os nomes obrigatoriamente possuídos, os nomes não-possuíveis e os nomes possuíveis. Neste trabalho, usam-se os termos 'possuído', 'possuível', etc. num sentido mais amplo do que o sentido estrito de propriedade. Inclui-se também qualquer relação no Nadéb que se expressa em forma de LN → LN N, ou seja, em forma da construção genitiva. Exemplos do uso desses termos



incluem relações de propriedade, como em 2.76; de parte-inteiro, como em 2.77; de parentesco, como em 2.78; de papel social, como em 2.79; etc.

(2.76) Subih tób

Subih casa

a casa de Subih

(2.77) Subih mooh

Subih mão

a mão de Subih

(2.78) Subih ìb

Subih pai

o pai de Subih

(2.79) Subih hata

Subih companheiro

o companheiro de Subih

#### 2.2.2.3.1.1. Os nomes obrigatoriamente possuídos.

Os nomes obrigatoriamente possuídos são os que podem funcionar apenas como núcleo da construção genitiva, ou seja, como núcleo de uma LN do tipo LN → LN N. Incluem vários substantivos genéricos, como waa 'comida', masxãah 'xerimbabo'; alguns termos de parentesco, como ìb 'pai', txaah 'filho'; partes de um todo (como de um corpo, uma árvore, uma casa, etc.), como mooh 'mão', nu gasu 'capote'; e papéis sociais, como hata 'companheiro', danìh 'dono'.

Existe uma sub-classe muito restrita de qualificadores, os quais se classificam como nomes obrigatoriamente possuídos. A maioria deles se traduz por adjetivos em português. São: txaah 'pequeno',

ib 'grande', óów 'que não presta mais', mukūuh 'finado', ség 'velho', péh 'membro da classe de, tipo de' e nxaa 'finalidade, que funciona na qualidade de'. Acompanha-se, freqüentemente, o primeiro pela forma não-indicativa do sufixo diminutivo, -ij, o qual se combina com o qualificador txaah, segundo as regras morfofonêmicas, resultando em txaaj como em tób txaaj 'casinha'. Evidentemente os primeiros três qualificadores têm uma ligação com os termos de parentesco: txaah 'filho', ib 'pai' e óów 'avô'.

Os qualificadores péh e nxaa também têm função nominalizadora em certos contextos.<sup>19</sup> Há certas restrições no uso de nxaa (veja as seções 2.2.2.1 e 2.2.2.2).

Os qualificadores diferem dos demais nomes obrigatoriamente possuídos pela fato de não poderem aparecer como o único elemento incorporado numa LV.

#### 2.2.2.3.1.2. Os nomes não-possuíveis.

Os nomes não-possuíveis são os que podem funcionar apenas como núcleo de uma LN do tipo LN → N, ou seja, que não podem ter uma LN em relação genitiva com eles. Incluem os nomes específicos de animais, peixes, árvores, frutas, comidas, etc., como awad 'onça', maséél 'banana'; os nomes próprios, como Subih 'nome de uma pessoa', Manaaw 'Manaus'; os pronomes pessoais, demonstrativos e interrogativos, como hɛl 'primeira pessoa do plural, inclusiva', yah 'quem'; e certos termos de parentesco, como éé 'papai', hɛh 'mamãe'; etc.

Com os nomes não-possuíveis, a noção de propriedade se expressa, quando é semanticamente aceitável, pelo uso de duas LNs coreferenciais em aposição, uma das quais tem por núcleo um nome genérico apropriado obrigatoriamente possuído, enquanto a outra consiste no nome não-possuível. Por exemplo, 2.80a é inaceitável como uma LN expressando a relação de propriedade, porque maséél 'banana' é não-possuível. De fato, 2.80a seria interpretado como uma oração equativa com o sentido 'Subih é uma banana', o que não é semanticamente aceitável. Expressa-se a relação de propriedade com o nome maséél pelo uso do nome genérico waa 'comida', como em 2.80b, o que é representado pela árvore em 2.80c.<sup>20</sup>

(2.80a) \* Subih maséél

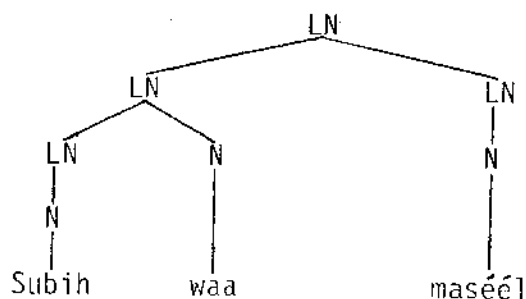
Subih banana

(2.80b) Subih waa maséél

Subih comida banana

a banana de Subih

(2.80c)



### 2.2.2.3.1.3. Os nomes possuíveis.

Os nomes possuíveis são os que podem funcionar como núcleo em ambos estes tipos de LN, i. é, LN → LN N e LN → N, ou seja, que podem ou não ter uma LN em relação genitiva com eles. Incluem todos os nomes que não são obrigatoriamente possuídos nem não-possuíveis. Este tipo de nome geralmente aparece em relações de propriedade, no

sentido mais estrito, mas alguns termos de parentesco também são nomes possuíveis. Exemplos são: tób 'casa', hxóóh 'canoa', miim 'machado', óów 'avô'.

#### 2.2.2.3.2. O sistema de pronomes.

Classificam-se os pronomes no Nadéb como 'nomes não-possuíveis'. Existem pronomes pessoais, demonstrativos e interrogativos.

##### 2.2.2.3.2.1. Os pronomes pessoais.

Com relação à forma, os pronomes pessoais se dividem em dois tipos: pronomes independentes e pronomes proclíticos (ou não-independentes). Os pronomes independentes são os que podem existir isoladamente e são acentuados. Os pronomes proclíticos são os que sempre se vinculam a outro constituinte da locução ou da oração e que nunca recebem acento. Quando funciona como sujeito da oração, um pronome proclítico se vincula ao primeiro constituinte da LV; quando funciona como possuidor, ao nome que modifica; e quando funciona como modificador de uma posposição, à posposição. Apaga-se um pronome proclítico objeto, não podendo o proclítico aparecer independentemente e não tendo outro constituinte ao qual se pode vincular.

Tratam-se os pronomes não-independentes como proclíticos e não como prefixos verbais pelas seguintes razões:

i) Na estrutura da LV, os pronomes não-independentes sujeitos não aparecem na mesma posição que os prefixos, mas podem-se separar

deles por um ou mais elementos incorporados. No escrito, tratam-se os elementos incorporados como palavras separadas do verbo, o qual consiste nos prefixos verbais, a(s) raiz(es) e os sufixos, quando estes existem. Assim, o pronome não-independente se vincula ao primeiro constituinte da LV, o qual pode ou não ser o verbo em si.

ii) Quando o pronome não-independente sujeito ocorre junto com os prefixos verbais, i. é, quando não há elementos incorporados na LV, o pronome não-independente não obedece as regras de ordenação que os prefixos obedecem (seção 2.2.1.4.2), mas sempre aparece em posição inicial.

iii) Os pronomes não-independentes ocupam a mesma posição que os independentes com relação à LV (no caso de pronome sujeito) e ao nome ou à posposição que modificam (no caso de pronome possuidor), sendo a diferença principal que os pronomes não-independentes não têm acento e são ligados fonologicamente ao constituinte que os segue. As semelhanças no comportamento dos dois tipos de pronome sugerem a possibilidade de que antigamente todos os pronomes eram independentes e que alguns se tornaram proclíticos pelo apagamento de fronteiras de constituintes, provavelmente devido a sua forma fonológica em confronto com a dos demais pronomes.

No quadro 2.2, aparecem as várias formas dos pronomes pessoais, classificadas segundo a forma, a pessoa e a função na locução ou na oração.

forma função pessoa	independente		proclítico	
	sujeito/ obj. direto	modificador em LN ou LP	sujeito	modificador em LN ou LP
1 <sup>a</sup> sing	ĩih	ĩĩ/haa	-	-
2 <sup>a</sup> sing	õm	? õm	ma-	a-
3 <sup>a</sup> sing	-	-	ta-	ta-
1 <sup>a</sup> pl inc	uul	uul	-	-
1 <sup>a</sup> pl exc	ãah	ãah	-	-
2 <sup>a</sup> pl <sup>21</sup>	bũh	bũh	da-	-
3 <sup>a</sup> pl <sup>21</sup>	-	-	la-	sa-
indefinido	yi	yi	-	-

Quadro 2.2: Os pronomes pessoais.

Os exemplos 2.81 a 2.84 ilustram o uso de pronomes nas funções de sujeito, objeto direto, modificador numa LN e modificador numa LP, respectivamente.

(2.81) yi a-ĩih naung it-hã  
 indef form-dormir+I água debaixo=de-dat  
 A gente dorme debaixo da chuva.

(2.82) uul dah awad a-wũh-yung  
 nós+inc futuro onça form-comer+NI-completamente+I  
 Uma onça vai nos comer.

(2.83) ãah tób  
 nós+exc casa  
 nossa casa

(2.84) sa-mahang  
 deles-no=meio=de  
 no meio deles

Quando o pronome da primeira pessoa do singular funciona como modificador dum nome ou duma posposição, há uma inversão obrigatória na ordem dos constituintes da locução em questão, ou seja, o pronome segue o constituinte que modifica, como no exemplo 2.85.<sup>22</sup> Compare com o exemplo 2.83, no qual o pronome modificador precede o nome que modifica.

(2.85a) tób ĩĩ  
           casa meu  
           minha casa

(2.85b) \* ĩĩ tób

O pronome da primeira pessoa do singular é o único que apresenta concordância em número com o nome que modifica. Com os nomes singulares, usa-se a forma ĩĩ do pronome (exemplo 2.86a) e com os nomes plurais a forma haa (exemplo 2.86b). No caso de posposições, não há concordância, ou seja, consideram-se todas as posposições como sendo singulares.

(2.86a) txaah ĩĩ  
           filho meu  
           meu filho

(2.86b) taah haa  
           filhos meus  
           meus filhos

Na primeira pessoa do plural, distingue-se entre inclusiva, i. é, o falante mais o interlocutor e possivelmente outra(s) pessoa(s), uul; e exclusiva, i. é, o falante mais outra(s) pessoa(s), mas excluindo o interlocutor, ãah.

Quanto às formas da segunda pessoa do singular, usa-se apenas a forma independente ôm como objeto (exemplo 2.87) e como sujeito intransitivo em orações principais (exemplo 2.88), ao passo que se pode usar ou a forma independente ôm ou a forma proclítica ma- como sujeito transitivo (exemplo 2.89) e em orações nominalizadas (exemplo 2.90), embora o ma- seja muito mais freqüente nessas circunstâncias. Geralmente se apaga o pronome da segunda pessoa do singular quando este funciona como sujeito num imperativo intransitivo (seção 2.8.1).

(2.87) ôm dah awad a-wuuh-yung  
você futuro onça form-comer+NI-completamente+I  
 Uma onça vai te comer.

(2.88a) ôm a-híng  
você form-baixar+I  
 Você vai baixar.

(2.88b) \* ma-híng

(2.89a) txaah ãĩ ma-ha-púh  
 filho meu você-tema-ver+I  
 Você viu meu filho.

(2.89b) txaah ãĩ ôm ha-púh

(2.90a) ma-hĩĩh bú  
você-baixar+NI abl  
 se você baixar

(2.90b) ôm a-hĩĩh bú

Quando funciona como modificador dum nome ou duma posposição, a forma normal do pronome da segunda pessoa do singular é o proclítico a- (exemplo 2.91a). Encontra-se também a forma independente, ôm (exemplo 2.91b), embora esta seja considerada menos aceitável do que a-, sendo usado quase exclusivamente por crianças.



(2.91a) a-tób

teu-casa

tua casa

(2.91b) ? õm tób

você casa

tua casa

Na segunda pessoa do plural, usa-se ou a forma proclítica, da-, ou a forma independente, bueh, na posição de sujeito em imperativos intransitivos (exemplo 2.92; veja também a seção 2.8.1) e apenas a forma independente nas demais circunstâncias (exemplo 2.93).

(2.92a) da-hiih

vocês-baixar+NI

Baixem!

(2.92b) bueh a-hiih

(2.93a) txaah ãi bueh ha-páh

filho meu vocês tema-ver+I

Vocês viram meu filho.

(2.93b) \* txaah ãi da-ha-páh

Não existem formas independentes dos pronomes pessoais da terceira pessoa. Quando é necessária uma forma pronominal independente que represente a terceira pessoa, usa-se um pronome demonstrativo. No caso de pronomes pessoais proclíticos da terceira pessoa, apaga-se obrigatoriamente o sujeito intransitivo pronominal em orações principais (exemplo 2.94) e o objeto direto pronominal em todo tipo de oração (exemplo 2.95).

- (2.94a) a-hing  
 form-baixar+I  
 (Ele) baixou.
- (2.94b) \* a-hing  
ele-baixar+I
- (2.95) Subih ha-páh  
 Subih tama-ver+I  
 Subih viu-o.

Como no caso de prefixos verbais não-formativos e elementos incorporados na LV, a presença de um pronome proclítico bloqueia a realização do prefixo formativo a- (exemplo 2.96).

- (2.96a) lakonan ta-wuuh-yung  
 tucunaré ele-comer+NI-completamente+I  
 Ele comeu o tucunaré todinho.

- (2.96b) \* lakonan ta-a-wuuh-yung

Um pronome proclítico que se vincula a um verbo com o prefixo de aspecto, i-, obedece a mesma regra de combinação com o aspecto que os prefixos; ou seja, o proclítico se combina com o aspecto, resultando na forma mi-, tí-, dí-, ou li-, quando não existe outro elemento entre ele e o aspecto (exemplo 2.97).

- (2.97) ta-biin tí-uuk  
 ele-remédio ele+asp-beber+I  
 Ele tomou o remédio.

#### 2.2.2.3.2.2. Os pronomes demonstrativos e interrogativos.

Existem três pronomes demonstrativos: hahĩih ou hĩih 'este', tatii ou tii 'esse' e nanĩng ou nĩng 'aquele'.

Existem três pronomes interrogativos: yaah 'quem', nĩih 'qual', o que apresenta algumas semelhanças com os pronomes demonstrativos, e hxúúd 'o que'. Consideram-se em mais detalhe os pronomes interrogativos na seção 2.7.1.2.

#### 2.2.3. A estrutura das locuções posposicionais.

Existem dois tipos de adverbial: o advérbio e a locução posposicional (LP). A LP consiste numa LN seguida por uma posposição. Os advérbios e as LPs se comportam da mesma maneira no que diz respeito à sua distribuição. Para os fins deste trabalho, pode-se considerar os advérbios como uma pro-forma de LP. (Compare, por exemplo, o uso, no português, do advérbio 'aqui' como equivalente à LP 'neste lugar'.)

Os adverbiais geralmente funcionam como constituintes periféricos em qualquer tipo de oração (seção 2.1.4) e como complementos predicativos ou sujeitos em orações equativas (seção 2.1.3). Como já se viu, a posição normal de constituintes periféricos é pós-verbal, embora possam ocorrer em outras posições.

### 2.2.3.1. Os advérbios.

Exemplos de advérbios são: pxóóyub 'há muito tempo', pxééj 'perto, quase', búbú 'aqui', tagxep 'intensificador', txõp 'profundo'. Alguns advérbios parecem ser derivados de verbos, como naiiw 'logo' de uma forma negativa do verbo a-îm 'ficar, parar'. Alguns advérbios podem aparecer com o sufixo adverbial -hě. Com estes advérbios, a presença do -hě parece ser obrigatória em certas circunstâncias e facultativa em outras. O uso do sufixo -hě precisa ser investigado mais detalhadamente. Exemplifica-se o uso do advérbio búbú 'aqui' como constituinte periférico de uma oração intransitiva a seguir.

(2.98) ĩih a-sooh búbú  
 eu form-estar=sentado+I aqui  
 Vou sentar aqui.

### 2.2.3.2. As locuções posposicionais.

Como é de se esperar numa língua verbifinal (i. é, cujo verbo aparece em posição final da oração), todas as adposições no Nadéb são posposições e, conseqüentemente, todas as locuções adposicionais são posposicionais.<sup>23</sup> Representa-se a estrutura da LP em 2.99.

(2.99) LP → LN P

Por analogia com a estrutura da LN simples, LN → LN N (seção 2.2.2.1), onde o nome é o núcleo da locução que o domina e a LN que o precede é o modificador, interpreta-se a posposição como núcleo da LP e a LN que a precede como seu modificador. Uma posposição nunca funciona como o único constituinte duma LP, mas sempre exige a

presença de uma LN modificadora. Neste aspecto, as posposições se comportam da mesma maneira que os nomes obrigatoriamente possuídos.<sup>24</sup>

Os tipos de LN que podem ocorrer como modificadores em LPs são: as LNs simples e as orações relativas, pseudorelativas e não-finitas. Com certos tipos há restrições quanto às posposições que elas podem modificar.

Com as LNs simples, parece não haver restrições sintáticas quanto às posposições com as quais se podem coocorrer, exceto no caso de pronomes proclíticos. Não se encontram pronomes proclíticos como modificadores de certas posposições, como, por exemplo, bú 'ablativo', hēnh 'locativo contrastivo', noogó 'temporal contrastivo', hubnxaa 'finalidade, razão', nuuyé 'se/enquanto (local diferente)', etc. Os pronomes demonstrativos, porém, podem coocorrer com estas posposições, como em tii noogó 'naquele tempo'. O uso de uma LN simples do tipo LN → LN N como modificador numa LP é exemplificado em 2.100.

(2.100) Subih txaah sii  
Subih filho com  
 com o filho de Subih

As orações relativas podem coocorrer como modificadores de todas as posposições salvo as seguintes: bú 'ablativo', hēnh 'locativo contrastivo', noogó 'temporal contrastivo' e nuuyé 'se/enquanto (local diferente)'. O uso de uma oração relativa como modificador numa LP é exemplificado em 2.101.

- (2.101) ha-hing                    doo sii  
           sujrel+baixar+I nom com  
           com aquele que baixou

As orações pseudorelativas podem ocorrer como modificadores de cinco posposições: bú 'ablativo', hēnh 'locativo contrastivo', noogó 'temporal contrastivo', me 'meio' e hubnxaa ou noonxaa 'finalidade, razão'. A oração pseudorelativa tem que ser marcada (potencialmente) com o prefixo de subordinação apropriado à posposição que modifica. Os prefixos apropriados são: ba- com a posposição bú; geralmente ha-, e raramente ba-, com hēnh; ha- com noogó; ma- com me; e ba- com hubnxaa ou noonxaa. O uso de uma oração pseudorelativa como modificador numa LP é exemplificado em 2.66c, o qual é um adverbial temporal definido, i. é, refere-se a um evento definido no passado ou planejado para o futuro.

- (2.66c) ĩih ba-hing                    bú  
           eu advrel-baixar+I abl  
           quando eu baixei/baixar

As orações nominalizadas não-finitas podem ocorrer como modificadores de apenas duas posposições: bú 'ablativo' e nuuyé 'se/enquanto (local diferente)', como já se descreveu na seção 2.2.2.2.3.3. O uso de uma oração nominalizada não-finita como modificador numa LP é exemplificado em 2.67a, o qual é um adverbial temporal indefinido, i. é, não se refere a um evento definido.

- (2.67a) ĩih a-hĩih                    bú  
           eu form-baixar+NI abl  
           se/quando/sempre que eu baixar

Como já se notou na seção 2.2.2.3.2.1, quando o pronome da primeira pessoa do singular funciona como modificador numa LP (ou numa LN), há uma inversão obrigatória na ordem dos constituintes da locução, tal que o pronome segue a posposição (ou o nome) que modifica, como no exemplo 2.102.

- (2.102) Subih a-híng            sii ãi  
           Subih form-baixar+I com meu  
           Subih baixou comigo.

### 2.2.3.3. Característica dos adverbiais.

Uma característica dos adverbiais (tanto dos advérbios como das LPs) é que eles podem funcionar como complemento predicativo numa oração clivada cujo sujeito é uma oração pseudorelativa marcada com o prefixo de subordinação ba- 'adverbial relativizado', salvo no caso de LPs instrumentais, cujo prefixo de subordinação correspondente é ma- 'meio relativizado'. Já que isso se dá com todos os adverbiais, salvo uma LP que domina um objeto de comparação, e apenas com os adverbiais, pode ser usado como teste diagnóstico para decidir se um determinado constituinte é ou não um adverbial. Exemplifica-se em 2.103 esta característica com o advérbio pxóóyub 'há muito tempo'.

- (2.103) pxóóyub            ta-ba-wít  
           há=muito\*tempo ele-advrel-estar=em=movimento+I  
           Há muito tempo é que ele viveu.

### 2.2.3.4. A substantivação de uma oração que contém um adverbial.

Existe uma construção, exemplificada em 2.104a, na qual aparece um adverbial seguido por uma forma verbal. Interpreta-se, esta

construção como substantivação de uma oração principal subjacente (exemplo 2.104b). Nota-se que, quando certos advérbios se encontram em posição inicial da oração, como em 2.104b, é obrigatório usar uma oração clivada, como em 2.104c.

(2.104a) pxóóyub i-nñih

há=muito=tempo asp-existir+NI

um há-muito-tempo-nascido (geralmente se refere a um dos antepassados)

(2.104b) \* pxóóyub i-nñing

há=muito=tempo asp-existir+I

(2.104c) pxóóyub ta-bi-nñing

há=muito=tempo ele-advrel+asp-existir+I

Há muito tempo é que ele nasceu.

Considerar-se-á a análise da construção substantivada no apêndice IV.

### 2.3. Parataxe.

Inexiste no Nadëb uma classe de conjunções que ligam as orações ou as locuções coordenadas. As orações coordenadas aparecem em justaposição e as orações coordenadas não-finais apresentam um padrão de entoação diferente do normal em orações principais declarativas, enquanto a oração coordenada final apresenta o padrão normal. Além de expressar as relações de conjunção aditiva, adversativa e alternativa (as conjunções 'e', 'mas' e 'ou' do português), orações justapostas também ocorrem em casos de alçamento de uma oração complementar finita (seção 2.8.6) ou não-finita (seção 2.2.2.2.3.3), ou de uma oração resultativa (seção 2.9). Determina-se a relação



representada por orações justapostas pela semântica ou pelo contexto. Geralmente a ordem relativa das orações justapostas não parece ter muita relevância, embora com certas relações parece haver uma ordem preferida.

Como já se afirmou na seção 2.1.1, apaga-se obrigatoriamente o sujeito pronominal da terceira pessoa em orações intransitivas. No caso de orações justapostas, geralmente se entende que o sujeito não-explicito da segunda oração tem a mesma referência do que o sujeito da primeira, quando esta é intransitiva (exemplo 2.105), e a mesma referência do que o objeto da primeira, quando esta é transitiva (exemplo 2.106), a não ser que a semântica indique outra interpretação.

(2.105) Subih a-hĩng / i-tĩĩ  
 Subih form-baixar+I / asp-pescar+I  
 Subih baixou para pescar.

(2.106) tóóh Subih na-booh / wa-yxaah-hũm  
 queixada Subih tema-atirar=em+I / tema-correr+NI-ir+I  
 Subih atirou numa queixada e a queixada correu.

Encontram-se também locuções coordenadas em justaposição, como no exemplo 2.107, no qual a relação entre as duas LPs justapostas é uma de alternância.

(2.107) txõom gó alook gó  
peira dentro=de uaturá dentro=de  
 yí bi-sut  
 indef advrel+asp-carregar+I  
 É numa peira ou num uaturá que a gente o carrega.

As locuções coordenadas podem ocorrer lado ao lado, como no exemplo 2.107, ou separadas por outros constituintes da oração.

Parataxe de locuções nem sempre expressa coordenação. Encontram-se também duas ou mais locuções coreferenciais em aposição, como no exemplo 2.108, onde masxãah ãi e awaal são coreferenciais. Neste caso, a ordem das locuções apostas não é relevante, como se vê em 2.108a e 2.108b.

(2.108a) masxãah ãi awaal da-yup  
 xerimbabo meu cachorro tema-morrer+I  
 Meu xerimbabo, o cachorro, morreu.

(2.108b) awaal masxãah ãi da-yup  
 O cachorro, meu xerimbabo, morreu.

De fato, é relativamente raro encontrar duas locuções em aposição lado ao lado. Mais freqüentemente uma delas é deslocada para outra posição na oração, como em 2.108c.

(2.108c) masxãah ãi da-yup awaal  
 Meu xerimbabo morreu, o cachorro.

Esse deslocamento, porém, é bloqueado em certas circunstâncias, por exemplo, no caso de sujeitos transitivos. Nota-se que, se se permitisse a separação de duas LNs apostas em qualquer posição, isso produziria ambigüidade em certas orações transitivas. Por exemplo, em 2.109 a oração relativa pós-verbal, jém ha-na doo 'que veio ontem', poderia se referir ou ao sujeito, kalapéé 'criança', ou ao objeto, mís 'civilizado', resultando nas duas leituras para a oração: 'A criança que veio ontem viu o civilizado' e 'A criança viu o civilizado que veio ontem'. De fato, apenas a segunda leitura é permitida, conforme a regra que bloqueia a separação de duas LNs apostas na posição do sujeito transitivo.

- (2.109) mīs kalapée ha-púh jém ha-na doo  
 civilizado criança tema-ver+I ontem sujrel-vir+I nom  
 A criança viu o civilizado que veio ontem.

No caso de duas LNs apostas, uma das quais é mais genérica e não acrescenta informação não contida na outra, a mais específica não pode preceder a mais genérica. Exemplifica isso em 2.110.

- (2.110a) kalapée a-ĩih ha-ód-is doo paah  
 criança form-dormir+I sujrel-chorar+NI-dim+I nom passado  
 A criança está dormindo, aquelazinha que estava chorando.

- (2.110b) \* ha-ód-is doo paah a-ĩih kalapée

O sufixo diminutivo -is na oração relativa ha-ód-is doo paah já indica que quem estava chorando é uma criança e, portanto, a locução nominal kalapée 'criança' não acrescenta nenhuma informação nova, pelo contrário, é mais genérica, e, conseqüentemente, não pode seguir a oração relativa. Isso é um exemplo da restrição quanto à ordem de um nome e uma oração relativa restringente, mas a regra é mais geral, pois se aplica a quaisquer LNs apostas.

Nota-se que, no caso do exemplo 2.108, nenhuma das duas LNs em aposição inclui toda a informação contida na outra, já que o termo masxāah ʔĩ 'meu xerimbabo' se pode referir a outros animais de criação além de cachorros e o termo awaał 'cachorro' se refere a qualquer cachorro. Por isso, as duas ordens das LNs apostas em 2.108 são permitidas.

Observa-se que há possibilidade, em certos casos, de ambigüidade entre o uso de parataxe de LNs para expressar coordenação e seu uso aposicional, já que se representa ambos os usos por LN → LN LN. No

caso de ambigüidade, a leitura preferida é a apositiva. Para indicar coordenação, geralmente se usa a posposição dahééh 'também, na companhia de' seguindo a segunda locução do par, como exemplificado em 2.111b. Em 2.111a, a leitura preferida é que 'Subih' e 'o filho dele' se referem ao mesmo indivíduo, enquanto em 2.111b só podem se referir a duas pessoas distintas.

(2.111a) ta-txaah ʔiʔh ha-páh Subih  
 ele-filho eu tema-ver+I Subih  
 Vi o filho dele, Subih.

(2.111b) ta-txaah ʔiʔh ha-páh Subih dahééh  
 ele-filho eu tema-ver+I Subih também  
 Vi o filho dele e Subih.

Há certas ocasiões em que não se pode usar parataxe, por exemplo em uma construção negativa (seção 2.2.2.2.1.1).

#### 2.4. A quantificação.

Este aspecto da gramática não foi estudado detalhadamente ainda, mas pode-se dizer que existem pelo menos cinco maneiras de introduzir quantidade numa oração, como enumeradas abaixo.

i) Numerais e quantificadores, os quais podem funcionar ou como nomes não-possuíveis ou como advérbios, tais como sét 'um', pówó 'dois', dadaah 'tantos' (indicando nos dedos o número apropriado), sahōnh 'todos', etc. O sufixo adverbial -hē pode ocorrer com alguns, mas não todos os, numerais e quantificadores desta classe. Em 2.112,

exemplifica-se o uso do numeral sét 'um' como nome, e em 2.113 o do quantificador sahõnh 'todos' como advérbio.

(2.112) set ʔih a-gúúw-wút

um eu form-derrubar=árvore+NI-cmpl+I

Derrubei uma (árvore).

(2.113) sahõnh-hê ãah wokxãab ãah ba-txuug-hũm

todos-adv nós pertences nós advrel-arrumar+NI-ir+I

Movemos todos nossos pertences para outro lugar. (lit., É 'toda-mente' que movemos nossos pertences para outro lugar.)

Geralmente os numerais, salvo sét 'um', não são muito precisos. Por exemplo, freqüentemente se usa pówóp 'dois' por 'três', embora exista outro numeral, tamawób, que significa 'três'. Às vezes, pówóp parece ter o sentido de 'poucos'.

ii) O quantificador sédó 'muitos'. Este quantificador difere dos enumerados em i pelo fato de que aparece apenas como complemento predicativo numa oração equativa, como no exemplo 2.114a. Encontra-se também o sédó como o único constituinte duma oração, o que resulta do apagamento do sujeito da oração equativa, como no exemplo 2.114b.

(2.114a) sédó gúb

muitos cardinal

Os cardinais são muito. (ou, Há muitos cardinais.)

(2.114b) sédó

muitos

São muitos. (ou, Há muitos.)

Encontra-se também a forma séd na-do com o mesmo sentido do que sédó. De fato, um falante considerou a forma séd na-do a mais correta.

Isso sugere que se trata da substantivação de uma oração equativa negada, forma que funciona apenas como complemento predicativo numa oração equativa (veja a seção 4.8). Essa interpretação explicaria a distribuição de sédó ou séd na-do. O significado de séd é 'um, junto', o que daria uma tradução mais literal de séd na-do como 'não um, não junto'.<sup>25</sup>

iii) Os verbos quantificadores, tais como ha-yōng 'ser muitos' (exemplo 2.115), ka-ni-kan 'ser muitos'.

(2.115) ha-yōng                      kalaak  
           tema-ser=muitos+I galinha

As galinhas são muitas.

Estes verbos apresentam as características normais dos verbos regulares na língua, o que está em confronto com os outros tipos de quantificadores.

iv) Uma classe de partitivos: uuh 'uma parte', geralmente uma parte pequena; bód 'uma parte', mais ou menos a metade, cortada no sentido transversal; báh 'uma parte', mais ou menos a metade, cortada no sentido longitudinal; sééh 'um, outro'; wób 'alguns, outros'; baah 'um pouco'; hād 'meio'. Os primeiro cinco partitivos aqui enumerados se comportam como nomes obrigatoriamente possuídos, todos os quais, salvo o sééh, podem ser incorporados na LV.<sup>26</sup> Exemplifica-se o uso do partitivo uuh nas suas formas não-incorporada e incorporada em 2.116a e 2.116b, respectivamente.

(2.116a) kalaak uuh    ãih a-wuh  
           galinha parte eu form-comer+I  
           Comi uma parte da galinha.

(2.116b) kalaak ʔih uuh wəh

Comi uma parte da galinha. (lit., Eu parte-comi a galinha.)

Os partitivos baah 'um pouco' e hād 'meio' ocorrem apenas como elementos incorporados na LV, embora exista um nome obrigatoriamente possuído baah 'o meio', o qual evidentemente se relaciona com o partitivo. Exemplifica-se o uso de baah e hād em 2.117 e 2.118, respectivamente.

(2.117) ʔih baah ʔh-wát

eu um=pouco dormir+NI-cmpl+I

Dormi um pouco.

(2.118) sēey hād nxaak

tapioca meio ser=gostoso+I

Tapioca é meio gostosa.

v) A segunda-raiz yung, quando ocorre com um verbo transitivo, geralmente indica 'completamente, tudo', no que diz respeito ao objeto direto, como no exemplo 2.119.

(2.119) kalaak ʔih a-wuuh-yung

galinha eu form-comer+NI-completamente+I

Comi a galinha todinha.

## 2.5. Reflexividade e reciprocidade.

No Nadëb, não se permite que o sujeito e o objeto direto de uma oração transitiva sejam coreferenciais (exemplo 2.120a).<sup>27</sup>

(2.120a) \* ʔih ʔih a-buʔ

eu eu form-embalar+I

Expressa-se a idéia de reflexividade e reciprocidade pelo uso do prefixo verbal derivacional ka-, como nos exemplos 2.120b e 2.121, respectivamente. O prefixo ka- sempre ocorre em posição mais à esquerda dos prefixos (seção 2.2.1.4.2) e aparece apenas com verbos transitivos. Ele funciona como de-transitivizador, i. é, transforma um verbo transitivo num intransitivo.

(2.120b) ʔiʔh ka-buu  
 eu refl/rec-embalar+I  
 Eu me embalo.

(2.121) ãah ki-dung  
 nós refl/rec+asp-cumprimentar+I  
 Nós nos cumprimentamos.

O âmbito da reflexividade/reciprocidade se limita à oração na qual aparece o prefixo ka-.

Existem alguns pares de itens lexicais recíprocos, um membro dos quais contém o prefixo reflexivo/recíproco ka-, como por exemplo os verbos ma mi-tuuk 'ensinar' e ma ka-mi-tuuk 'aprender, ensinar-se'.

Em alguns casos, a idéia de passivo não-agentivo se expressa através do uso do prefixo reflexivo/recíproco ka-, como em 2.122b. Compare com a forma sem o ka- em 2.122a.

(2.122a) dooh ta-wuuɔ                      bú  
 neg ele-encontrar+NI abl  
 Ele não o encontrou.

(2.122b) dooh ta-ka-wuuɔ                      bú  
 neg ele-refl/rec-encontrar+NI abl  
 Não foi encontrado.



## 2.6. As partículas.

Existem várias partículas no Nadëb, as quais funcionam ou no nível do discurso ou no nível da oração. Exemplos são: paah 'passado', dah 'futuro', mih 'relatado', nih 'ainda', ni 'enfático'. Embora todas as partículas apareçam no escrito como palavras separadas, várias delas se vinculam fonologicamente ao constituinte que as precede na oração. Todavia, diferem dos sufixos pelo fato de não requererem a forma não-indicativa de uma raiz ou de um sufixo qualquer a que se vincularem. As partículas dah 'futuro' e mih 'relatado' também têm formas abreviadas d e m, as quais geralmente se usam quando vinculadas a um constituinte que termina em vogal ou, em alguns casos, /h/. As partículas oracionais geralmente ocorrem em segunda posição na oração ou imediatamente após o verbo.

## 2.7. Os interrogativos.

### 2.7.1. As perguntas diretas.

Há dois tipos básicos de perguntas diretas no Nadëb: as polares e as não-polares.

#### 2.7.1.1. As perguntas polares diretas.

As perguntas polares são aquelas cujas respostas podem ser um simples 'sim' ou 'não'. A única diferença entre as perguntas polares e os declarativos correspondentes é de entoação.

### 2.7.1.2. As perguntas não-polares diretas.

As perguntas não-polares, em geral, têm a mesma entoação que os declarativos correspondentes, mas contêm uma palavra interrogativa. Existem três palavras interrogativas básicas: yaah 'quem', nîîh 'qual' e hxúúd 'o que'.

#### 2.7.1.2.1. A palavra interrogativa yaah 'quem'.

A palavra interrogativa yaah 'quem' se comporta como nome não-possuível, pelo fato de poder ocorrer como o único constituinte de uma LN ou como o modificador numa LN ou numa LP, mas não como núcleo numa construção genitiva. A locução que contém a palavra interrogativa yaah sempre funciona como complemento predicativo numa oração equativa, como exemplificado em 2.123.

- (2.123) yaah ta-îb  
           quem ele-pai  
           Quem é o pai dele?

Em 2.124a e 2.125a respectivamente, os prefixos ha- e ba- indicam que em cada caso se trata de uma oração clivada, cujo sujeito, a LN ha-hîng (exemplo 2.124a) ou ma-ba-hîng (exemplo 2.125a), é uma oração pseudorelativa e cujo complemento predicativo é a locução que contém o yaah. O fato de esta locução poder funcionar apenas como complemento predicativo fica evidente da inaceitabilidade de 2.124b, 2.125b e 2.125c.

- (2.124a) yaah ha-hîng  
           quem sujrel-baixar+I  
           Quem baixou? (ou, Que baixou foi quem?)

(2.124b) \* yaah a-hing

quem form-baixar+I

(2.125a) yaah sii ma-ba-hing

quem com você-advrel-baixar+I

Com quem você baixou? (ou, As circunstâncias de você  
baixar foram com quem?)

(2.125b) \* ãm a-hing yaah sii

você form-baixar+I quem com

(2.125c) \* yaah sii ãm a-hing

#### 2.7.1.2.2. A palavra interrogativa nih 'qual'.

Como no caso de yaah 'quem', a palavra interrogativa nih 'qual' se comporta como nome não-possuível, o qual ocorre apenas como o único constituinte (exemplo 2.126) ou como modificador no complemento predicativo numa oração equativa (exemplo 2.127).<sup>28</sup>

(2.126) nih hi-uuk ta-biin

qual sujrel+asp-beber+I ele-remédio

Qual tomou o remédio? (lit., Que tomou o remédio foi qual?)

(2.127) nih hxóó gó ma-ba-hing

qual canoa dentro=de você-advrel-baixar+I

Na canoa de qual pessoa foi que você baixou? (lit., As circunstâncias de você baixar foram na canoa de qual pessoa?)

Nas perguntas dos tipos 'quando', 'onde', 'como', 'quantos' e 'quantas vezes', usa-se a palavra interrogativa nih 'qual' como

modificador de uma posposição apropriada, ou com um sufixo, como exemplificado na seguinte lista:

níih bú	'quando, a que horas'
níih it-hã	'quando, em que mês', lit., 'debaixo de qual (lua)'
níih noogó	'quando (contrastivo)', a palavra mais geral para 'quando'
níih bú	'onde, em qual lugar (não-contrastivo)'
níih hēnh	'onde, em qual lugar (contrastivo)'
níih gó	'dentro de qual'
níih yó	'em cima de qual'
níih me	'por meio de qual' (instrumento ou caminho)
níih daa	'como'
níih-hē	'quantos'
níih nuume	'quantas vezes'

Exemplifica-se o uso das expressões níih noogó 'quando' e níih daa 'como' em 2.128 e 2.129, respectivamente.

(2.128) níih noogó ma-ba-híng  
qual época você-advrel-baixar+I  
 Quando é que você vai baixar?

(2.129) níih daa yi ja-bxaat wãa.  
qual modo indef tema-torcer+I fibra=de=grelo=de=buriti  
 Como é que a gente torce a fibra de grelo de buriti?

### 2.7.1.2.3. A palavra interrogativa hxúúd 'o que'.

A palavra hxúúd tem uma aplicação mais ampla do que apenas interrogativa. É um nome derivado do verbo a-hxúút, pelo qual se pode substituir qualquer verbo na língua. Parece que o falante usa

este verbo quando esquece o verbo apropriado. Às vezes, mas nem sempre, dá a entender pelo contexto o que ele quer dizer. Frequentemente, porém, o falante mesmo indica o verbo apropriado na oração que segue, assim suprimindo a informação que falta na primeira. Pode-se comparar o verbo a-hxúút com o uso no português popular de 'coisar'.

Usam-se com o verbo a-hxúút quaisquer elementos incorporados, prefixos, segunda-raízes, ou sufixos requeridos pelo contexto, ou seja, qualquer raiz verbal, junto com seus prefixos temáticos, se estes existem, pode ser substituída pela raiz -hxúút/-hxúúd (forma indicativa/forma não-indicativa), sem afetar os outros constituintes da LV ou da oração. Por exemplo, pode-se substituir o enunciado 2.130a pelo 2.130b.

(2.130a) jém-hě ãih ba-na  
ontem-adv eu advrel-vir+I  
Foi ontem que eu vim.

(2.130b) jém-hě ãih ba-hxúút  
ontem-adv eu advrel-coisar+I  
Foi ontem que eu coisei.

De modo semelhante, a forma nominalizada hxúúd se comporta como um nome que pode substituir qualquer substantivo na língua. Usa-se esta forma também como nome obrigatoriamente possuído para indicar 'pertences', como em a-hxúúd 'teus pertences'.

Como palavra interrogativa, hxúúd parece ter mais liberdade de posição e função do que as outras duas palavras interrogativas, mas seria necessário verificar isso com um falante nativo, especialmente

para distinguir entre seu uso interrogativo e seus outros usos. Exemplifica-se o uso de hxúúd como palavra interrogativa na função de complemento predicativo numa oração equativa em 2.131, de LN sujeito numa oração transitiva em 2.132, de modificador numa LN em 2.133 e de modificador numa LP em 2.134. Parece que o hxúúd não é limitado à posição inicial na oração.

- (2.131) hxúúd tatii  
o=que dem  
 O que é isso?
- (2.132) hxúúd a-waa-yung yóóm 𐄂𐄂  
o=que form-comer+NI-completamente+I planta meu  
 O que comeu minha planta todinha?
- (2.133) hxúúd biin ma-ka-lên  
o=que remédio você-tema-querer+I  
 Que remédio você quer?
- (2.134) hxúúd me yi mi-h̄p bóóg  
o=que meio indef meiorel+asp-ralar+I mandioca  
 Com que é que se rala mandioca?

As perguntas do tipo 'por que' se dividem em quatro sub-tipos e se indicam pela presença da palavra interrogativa hxúúd em combinação com outros elementos, como enumerados em seguida.

i) hxúúd mais o prefixo verbal relacional ha-. Usa-se esta construção apenas com certos verbos intransitivos, na ausência de outros prefixos verbais (com a possível exceção do de aspecto). Parece que esta construção implica um elemento de intencionalidade ou motivação. Pelo uso do prefixo ha-, o 'motivo' questionado é

avanzado para a posição e função de objeto direto e a LV que resulta é transitiva. Exemplos desta construção são:

(2.135) hxúúd ma-ha-húng

o=que você-dat-estar=sentado=no=chão+I

Por que você está sentado no chão? (i. é, O que você está fazendo sentado no chão?)

(2.136) hxúúd a-txaah ha-óót

o=que teu-filho dat-chorar+I

Por que teu filho está chorando?

ii) hxúúd mais o elemento wén 'por isso' incorporado na LV. Como no caso anterior, usa-se esta construção apenas com verbos intransitivos, avançando-se a 'razão' questionada para a posição e função de objeto direto. Exemplos são:

(2.137) hxúúd a-txaah wén i-ĩim

o=que teu-filho por=isso asp-estar=com=medo+I

Por que teu filho está com medo?

(2.138) hxúúd dó wajib wén ka-ni-kan

o=que ainda meroim por=isso tema-tema+asp-ser=muitos+I

Por que os meroins são muitos?

iii) hxúúd mais uma posposição apropriada, a qual pode seguir imediatamente o hxúúd (exemplos 2.139a e 2.140), ou, em certos casos, pode ser incorporada na LV (exemplo 2.139b). Usa-se esta construção tanto com verbos intransitivos (exemplos 2.139 e 2.140) como com verbos transitivos (exemplo 2.141). No caso da não-incorporação na LV da posposição, geralmente a construção é uma oração clivada, na qual a LP que contém o hxúúd é o complemento predicativo e o sujeito é uma oração pseudorelativa, indicado pelo prefixo ba- 'adverbial

relativizado' (exemplos 2.139a, 2.140 e 2.141). No caso da incorporação na LV da posposição, avança-se a 'razão' questionada para a posição e função de objeto direto.

(2.139a) hxúúd pxãa a-txaah ba-óót  
o=que causa teu-filho advrel-chorar+I  
 Por que é que teu filho está chorando?

(2.139b) hxúúd a-txaah pxãa óót  
 Por que teu filho está chorando? (lit., O que teu filho está causa-chorando?)

(2.140) hxúúd hã kapéh bi-guuh  
o=que dat café advrel+asp-ser=doce+I  
 Por que é que o café é doce?

Quando a posposição é hubnxaa 'finalidade, razão', geralmente se abrevia a LP que resulta, hxúúd hubnxaa, em húdnxaa, como no exemplo 2.141.

(2.141) húdnxaa a-txaah bi-uuk ta-biin  
por=que teu-filho advrel+asp-beber+I ele-remédio  
 Por que é que teu filho está tomando remédio?

iv) húdnxaa mais o elemento wén 'por isso' incorporado na LV, como no exemplo 2.142.

(2.142) húdnxaa a-txaah wén óót  
por=que teu-filho por=isso chorar+I  
 Por que teu filho está chorando?

Estes sub-tipos da pergunta 'por que' não são exatamente equivalentes, embora nem todas as diferenças estejam bem claras ainda. Por exemplo, a forma 2.139 parece ser mais específica do que



2.136, pelo fato de 2.139 implicar que o falante saiba que alguém tinha feito algo para o filho enquanto 2.136 não implica isso.

## 2.7.2. As perguntas indiretas.

### 2.7.2.1. As perguntas polares indiretas.

Expressa-se uma pergunta polar indireta em forma de oração nominalizada não-finita, como nos exemplos 2.73 e 2.143.

(2.73) ɣih i-aay-wút / Subih a-hih bú  
 eu asp-perguntar+NI-cmpl+I / Subih form-baixar+NI abl  
 Perguntei se Subih vai baixar.

(2.143) na-puh Subih a-hih bú  
 neg-ver+estendida+NI Subih form-baixar+NI abl  
 Não se sabe se Subih vai baixar.

No caso de perguntas polares equativas indiretas, não se apaga o verbo da oração encaixada no afirmativo (exemplo 2.144a). Na ausência de tal verbo, interpretam-se as duas LNs como sendo em aposição e não como sendo constituintes de uma oração equativa (exemplo 2.144b). Isso está de acordo com o não-apagamento do verbo copular em orações encaixadas.

(2.144a) ɣih i-aay-wút / Subih ta-hata  
 eu asp-perguntar+NI-cmpl+I / Subih ele-companheiro  
ta-do bú  
ele-ser+NI abl  
 Perguntei se Subih ia ser o companheiro dele.

(2.144b) ɣih i-aay-wút Subih ta-hata  
 Perguntei sobre Subih, (que é) o companheiro dele.

### 2.7.2.2. As perguntas não-polares indiretas.

Existem duas maneiras de expressar perguntas não-polares indiretas, numa das quais se mantém a palavra interrogativa (seção 2.7.2.2.1), enquanto na outra se usa uma oração pseudorelativa na qual o constituinte relativizado é o constituinte que é questionado (seção 2.7.2.2.2).

#### 2.7.2.2.1. As perguntas não-polares indiretas que contêm uma palavra interrogativa.

Mantém-se a forma exata não-encaixada de uma pergunta não-polar quando esta se encaixa numa oração cujo verbo é i-aanh 'perguntar', como em:

(2.145a) ɸɸh i-aay-wút / yaah ta-hata  
 eu asp-perguntar+NI-cmpl+I / quem ele-companheiro  
 Perguntei quem era seu companheiro.

(2.146a) ɸɸh i-aay-wút /  
 eu asp-perguntar+NI-cmpl+I /  
 yaah sii ta-ba-hing  
 quem com ele-advrel-baixar+I  
 Perguntei com quem ele baixou.

(2.147a) ɸɸh i-aay-wút /  
 eu asp-perguntar+NI-cmpl+I /  
 nih noogó ta-ba-hing  
 qual época ele-advrel-baixar+I  
 Perguntei quando ele baixou.

Na seção 2.1.6.5, viu-se que o que aparentemente é o complemento predicativo de uma oração equativa encaixada freqüentemente ocorre em posição inicial da oração matriz, como em:

- (2.25d) suuw ʔih ka-lên            txaah ʔih  
           pajé eu    tema-querer+I filho meu  
           Quero que meu filho seja pajé.

Por outro lado, no caso de perguntas não-polares indiretas, não se permite este 'deslocamento' da palavra interrogativa para a posição inicial na oração matriz, como exemplificado em:

- (2.145b) \* yaah ʔih i-aay-wút            ta-hata  
           quem eu    asp-perguntar+NI-cmpl+I ele-companheiro

Em confronto com os exemplos 2.145 a 2.147 é o comportamento do verbo ka-lên 'querer'. Conforme já se viu, a palavra interrogativa yaah não se pode ocorrer em posição inicial da oração matriz cujo verbo é i-aanh 'perguntar'. Com ka-lên 'querer', porém, o yaah aparece apenas nesta posição (exemplos 2.148a e 2.148b).

- (2.148a) \* óów súg ka-lên            yaah ta-hata  
           avô velho tema-querer+I quem ele-companheiro

- (2.148b) yaah óów súg ka-lên ta-hata  
           Quem vovô velho quer que seja seu companheiro?

O mesmo se dá com nih noogó 'quando', como em:

- (2.149a) \* óów súg ka-lên            nih noogó ta-ba-hing  
           avô velho tema-querer+I qual época ele-advrel-baixar+I

- (2.149b) nih noogó óów súg ka-lên ta-ba-hing  
           Quando vovô velho quer baixar?

Como já se afirmou nas seções 2.7.1.2.1 e 2.7.1.2.2, as palavras interrogativas yaah 'quem' e nih 'qual' ocorrem apenas como núcleo

ou modificador no complemento predicativo numa oração equativa. Isso sugere que se trate em 2.148 e 2.149 de orações clivadas e não de um simples deslocamento do complemento predicativo de uma oração equativa encaixada, ou seja, que yaah (exemplo 2.148b) e nih noogó (exemplo 2.149b) sejam complementos predicativos de orações equativas principais, cujos sujeitos são óów ság ka-lên ta-hata e óów ság ka-lên ta-ba-hing, respectivamente. As traduções, então, seriam 'Quem é que vovô velho quer que seja seu companheiro?' e 'Quando é que vovô velho quer baixar?', respectivamente. Neste caso, entender-se-ia o exemplo 2.25d como tendo a mesma estrutura, ou seja, como sendo oração equativa cujo complemento predicativo é shw e sujeito ñih ka-lên txaah ñi, com a tradução 'O que eu quero que meu filho seja é pajé'.

Por outro lado, interpretam-se os exemplos 2.145 a 2.147 como sendo discurso direto encaixado e não orações equativas encaixadas, ou seja, expressam-se as perguntas indiretas deste tipo em forma de discurso direto encaixado.

Observa-se que, segundo esta interpretação, os exemplos 2.148b e 2.149b não são perguntas indiretas e sim perguntas diretas, enquanto os exemplos 2.145a, 2.146a e 2.147a são perguntas indiretas.

#### 2.7.2.2.2. As perguntas não-polares indiretas que não contêm uma palavra interrogativa.

Correspondendo a algumas das perguntas do tipo descrito na seção anterior, existem formas alternativas, nas quais se usa uma oração pseudorelativa, na qual o constituinte relativizado é o constituinte

questionado. De fato, as formas citadas nesta seção têm uma interpretação mais ampla do que as na seção anterior, mas às vezes são usadas para substituir por essas. Exemplifica-se isso em 2.146b, o qual se pode usar no sentido de 2.146a, i. é, 'Perguntei com quem ele baixou'. O sentido de 2.147b é um pouco mais vago, já que se usa a oração pseudorelativa ta-ba-hing com várias interpretações, mas geralmente se entende no sentido de 2.147a, i. é, 'Perguntei quando ele baixou'.

(2.146b) ʔih i-aay-wút                      ta-sii hing  
 eu asp-perguntar+NI-cmpl+I ele-com baixar+I  
 Perguntei sobre aquele com quem ele baixou.

(2.147b) ʔih i-aay-wút                      ta-ba-hing  
 eu asp-perguntar+NI-cmpl+I ele-advrel-baixar+I  
 Perguntei sobre quando ele baixou.

Compare, também, a forma equivalente a 2.145a mas sem a palavra interrogativa:

(2.145c) ʔih i-aay-wút                      ta-hata  
 eu asp-perguntar+NI-cmpl+I ele-companheiro  
 Perguntei sobre seu companheiro.

## 2.8. Os Imperativos.

Distinguem-se dois tipos básicos de imperativo no Nadëb: os imperativos simples (seção 2.8.1) e os imperativos encaixados. Podem-se dividir ainda os encaixados em quatro sub-tipos: os exortativos (seção 2.8.2), os factitivos (seção 2.8.3), os

permissivos (seção 2.8.4) e os materializadores (seção 2.8.5). Na seção 2.8.6, trata-se dos imperativos indiretos.

A forma imperativa do verbo sempre é não-indicativa, embora freqüentemente ordens subentendidas são dadas em forma de construção declarativa, com pronome sujeito indefinido ou da segunda pessoa, na qual se usa um verbo indicativo. Ver-se-á mais adiante que a construção declarativa também aparece, alternativamente com a forma imperativa, em alguns imperativos encaixados (seções 2.8.2 e 2.8.4).

Existem formas imperativas para todas as pessoas, mas certas pessoas ocorrem apenas em imperativos encaixados. Alguns falantes aceitam em isolamento (i. é, não-encaixadas e sem especificar claramente um contexto apropriado) formas imperativas para apenas a segunda pessoa.

### 2.8.1. Os imperativos simples.

Os imperativos simples são dirigidos diretamente ao interlocutor ou indiretamente a outro(s) indivíduo(s). Exemplifica-se a forma mais comum de imperativos simples dirigidos diretamente a um interlocutor em 2.92c e 2.150a. Geralmente se apaga o pronome sujeito da segunda pessoa do singular com os verbos intransitivos (exemplos 2.92c e 2.92d), enquanto com os transitivos se usa a forma proclítica ma- (exemplos 2.150a e 2.150b).

(2.92c) a-hi:h

form-baixar+NI

Baixel

(2.92d) \* ma-hîih

você-baixar+NI

(2.150a) mi-póoh                      maséél

você+asp-comer+NI banana

Coma a banana!

(2.150b) \* i-póoh                      maséél

asp-comer+NI banana

O não-uso do ma- com os intransitivos e seu uso com os transitivos em imperativos está de acordo com a indicação de sujeito nos declarativos. A diferença entre os declarativos e os imperativos em relação à especificação do sujeito é que não se apaga o pronome independente, õm, nos declarativos intransitivos, enquanto o mesmo geralmente é apagado nos imperativos correspondentes.

Encontra-se também, embora muito menos freqüentemente, a forma independente do pronome da segunda pessoa do singular, õm, tanto com os verbos intransitivos (exemplo 2.92e) como com os transitivos (exemplo 2.150c).

(2.92e) õm a-hîih

você form-baixar+NI

Baixe!

(2.150c) õm i-póoh                      maséél

você asp-comer+NI banana

Coma a banana!

A ordem mais freqüente de constituintes em imperativos transitivos é SVO (exemplo 2.150a), embora a ordem OSV também seja possível (exemplo 2.150d). Isso está em confronto com a ordem mais freqüente de constituintes em orações principais declarativas, a qual

é OSV (seção 2.1.2). Possivelmente a ordem de 2.150d indica focalização do objeto.

(2.150d) maséél mi-póóh

Coma a banana!

Quando o imperativo é dirigido diretamente a mais de uma pessoa, ou quando é dirigido diretamente a uma pessoa mas a ação envolve outras pessoas além do interlocutor, usa-se, como sujeito, o pronome proclítico ou independente da segunda pessoa do plural, da- ou buuh, com os verbos intransitivos (exemplos 2.92a e 2.92b), e apenas o pronome independente, buuh, com os transitivos (exemplos 2.150e e 2.150f).

(2.92a) da-híih

vocês-baixar+NI

Baixem!

(2.92b) buuh a-híih

vocês form-baixar+NI

Baixem!

(2.150e) buuh i-póóh maséél

vocês asp-comer+NI banana

Comam bananas!

(2.150f) \* di-póóh maséél

vocês+asp-comer+NI banana

Como já se observou, existem formas imperativas para todas as pessoas, embora nem todas ocorram isoladamente. Exemplificam-se os imperativos com a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural inclusiva em 2.92f e 2.92g, respectivamente. Alguns falantes não aceitam estas formas em isolamento.



(2.92f) a-txaah a-hîih

teu-filho form-baixar+NI

Que teu filho baixe! (ou, Teu filho deve baixar!)

(2.92g) uu] a-hîih

nós+inc form-baixar+NI

Baixemos!

Usa-se facultativamente em imperativos a partícula dah 'futuro' (exemplo 2.92h), mas não está bem claro ainda se há uma diferença na força do imperativo ou na época (imediata ou futura) à qual o imperativo se refere.

(2.92h) a-hîih dah

form-baixar+NI futuro

Baixe!

Encontram-se duas orações imperativas coordenadas em justaposição, como no exemplo 2.151. Como no caso dos declarativos, a justaposição de dois imperativos pode indicar várias relações. Em cada caso, determina-se a relação mais plausível pela semântica ou pelo contexto.

(2.151) a-hîih / i-tî

form-baixar+NI / asp-pescar+NI

Baixe e pesque! (ou, Baixe para pescar!)

Os sujeitos em imperativos coordenados não precisam ser co-referenciais, como exemplificado em 2.152a, onde a relação entre os imperativos é de finalidade.

(2.152a) ma-ma-na /

você-causcom-vir+caus+NI /

ĩih hi-gãa                    soked   dúng  
eu dat+asp-olhar+NI tucano pena  
 Traga para cá que eu veja o acangatará!

Existem formas alternativas para os exemplos 2.151 e 2.152a, nas quais a segunda oração se expressa em forma de declarativo, por exemplo 2.152b.

(2.152b) ma-ma-na                    /  
           você-causcom-vir+caus+NI /  
           ĩih hi-gxãas                    soked   dúng  
           eu dat+asp-olhar+I tucano pena  
           Traga para cá e vou ver o acangatará.

Não se usam os prefixos de subordinação em imperativos, ou seja, não se usa a construção do tipo 'oração clivada' (exemplos 2.153a a 2.153c).

(2.153a) yiti    a-hĩih  
           amanhã form-baixar+NI  
           Baixe amanhã!

(2.153b) \* yiti    ba-hĩih  
           amanhã advrel-baixar+NI

(2.153c) \* yiti    ma-ba-hĩih  
           amanhã você-advrel-baixar+NI

### 2.8.2. Os imperativos exortativos.

Existem algumas exclamações exortativas, as quais se podem usar ou isoladamente ou em combinação com imperativos, como por exemplo, hamih 'embora!', waad 'embora!', ãã ma dah 'escute!'. Quando se usa

uma tal exclamação com um imperativo, mais freqüentemente o imperativo é da primeira pessoa do plural inclusiva, como no exemplo 2.154a, mas também ocorrem com imperativos de outras pessoas, salvo o indefinido yi. Em 2.154b, exemplifica-se uma exclamação exortativa com um imperativo da primeira pessoa do singular. Neste caso, o falante está pedindo que o interlocutor o acompanhe com o propósito de que ele (o falante) veja algo.

(2.154a) hamih / ʉʉl hi-gãa balisxĩinh

embora! / nós+inc dat+asp-olhar+NI jurupari

Embora, vamos (para) ver o jurupari!

(2.154b) hamih / ĩih hi-gãa balisxĩinh

embora! / eu dat+asp-olhar+NI jurupari

Embora, que eu veja o jurupari!

Mais raramente, encontra-se uma exclamação exortativa seguida de oração principal declarativa, como em 2.154c, cujo sentido parece ser igual ao de 2.154a.

(2.154c) hamih / ʉʉl hi-gxãas balisxĩinh

embora! / nós+inc dat+asp-olhar+I jurupari

Embora, vamos (para) ver o jurupari!

### 2.8.3. Os imperativos factitivos.

Nos imperativos factitivos, a ordem é dada diretamente a uma ou mais de uma pessoa para fazer outra(s) pessoa(s) executar(em) a ação especificada. O imperativo na oração matriz é ma-nxoo, quando dirigido a uma pessoa, e bʉʉh a-nxoo, quando dirigido a mais de uma pessoa.<sup>29</sup> Observa-se que esta forma verbal é a forma imperativa do verbo a-noo 'dar', o que se combina com o uso do mesmo verbo na construção causativa perifrástica exemplificada em 2.72.

- (2.72) yi tî na-ha-ñh / gîiy a-nxoo bú  
 indef olho neg-dat-dormir+NI / carapanã form-dar+NI abl  
 A gente não dorme bem por causa dos carapanãs.

No imperativo factitivo, a oração encaixada se expressa em forma de imperativo simples, como no exemplo 2.155. O sujeito da oração encaixada pode ser da primeira ou da terceira pessoa. Alguns, mas nem todos, os falantes aceitam sujeitos encaixados da segunda pessoa.

- (2.155) ma-nxoo / a-txaah i-ug ta-biin  
você-dar+NI / teu-filho asp-beber+NI ele-remédio  
 Faça teu filho tomar o remédio!

#### 2.8.4. Os imperativos permissivos.

Há duas construções de imperativo permissivo, uma das quais se usa com os verbos intransitivos e a outra com os transitivos. Em ambos os casos, a oração matriz consiste na partícula na, traduzida aqui por 'deixe!', independentemente do número das pessoas às quais o imperativo é dirigido. O sentido geral de um imperativo permissivo é uma ordem para deixar acontecer ou fazer possível a ação ou o estado especificado. Todas as pessoas, incluindo o indefinido yi, podem ocorrer como agente na oração encaixada.

Com os verbos intransitivos, usa-se o prefixo verbal ma- 'causativo comitativo' e a forma não-indicativa da raiz causativa do verbo. Frequentemente se usa a partícula dó 'ainda' ou o sufixo -ij 'diminutivo' (forma não-indicativa) nesta construção. O agente encaixado, o qual sintaticamente parece ser objeto encaixado, quando

especificado, sempre ocorre em posição pós-verbal, como exemplificado em 2.156 e 2.157.

(2.156) na / ma-wúúd dó pisân  
deixe! / causcom-estar=em=movimento+caus+NI ainda gato  
 Deixe o gato andar!

(2.157) na / ma-da-yuub-ij ʔih  
deixe! / causcom-tema-morrer+caus+NI-dim+NI eu  
 Deixe eu morrer!

Com os verbos transitivos, a oração encaixada geralmente se expressa em forma de imperativo simples, como no exemplo 2.158a, embora possa ter alternativamente a forma de oração principal declarativa, como em 2.158b. Na seção 2.8.2, viu-se que o mesmo se dá no caso de imperativos exortativos.

(2.158a) na / a-txaah i-ug ta-biin  
deixe! / teu-filho asp-beber+NI ele-remédio  
 Deixe teu filho tomar o remédio!

(2.158b) na / a-txaah i-uuk ta-biin  
deixe! / teu-filho asp-beber+I ele-remédio  
 Deixe teu filho tomar o remédio!

No caso dos verbos transitivos, a necessidade de uma construção na qual não se usa uma raiz verbal causativa é resultado do fato de que inexitem raízes causativas para os verbos transitivos.

Observa-se que o pronome indefinido, yi, não ocorre como sujeito de imperativos, exceto quando encaixado num imperativo permissivo, como no exemplo 2.158c. Neste case, o yi não se refere ao falante, nem ao interlocutor, mas a outra(s) pessoa(s).

- (2.158c) na / yi i-ug ta-biin  
 deixe! / indef asp-beber+NI ele-remédio  
 Deixe alguém tomar o remédio!

Talvez a partícula na tenha uma ligação com o verbo a-na 'vir'.  
 Encontra-se também essa partícula em isolamento ou seguida por uma  
 LN, como no exemplo 2.159, com o sentido de 'Dê-me!'.

- (2.159) na maliiy  
deixe! terçado  
 Dê-me o terçado!

#### 2.8.5. Os imperativos materializadores.

Os imperativos materializadores aparecem em algumas lendas  
 Nadëb, sendo usados apenas por indivíduos que possuíam poderes  
 especiais. Enunciando, ou até mesmo pensando, um imperativo  
 materializador, um tal indivíduo podia fazer acontecer a ação ou o  
 estado especificado. Um imperativo materializador sempre contém,  
 como constituinte inicial, a palavra hapaleeh, traduzida aqui por  
 'que se materialize', seguida pela ação ou estado desejado,  
 especificado em forma de um imperativo simples. Exemplos são:

- (2.160) hapaleeh / ta-da-yub  
 que=se=materialize / ele-tema-morrer+NI  
 Morra!

- (2.161) hapaleeh / ta-yad-dúg  
 que=se=materialize / ele-estar=deitado=no=chão+NI-cmpl+NI  
 gúúw ãĩ  
 roça meu  
 Apareça minha roça!

### 2.8.6. Os imperativos indiretos (orações complementares finitas).

Expressa-se um imperativo indireto em forma de oração complementar finita, a qual funciona como complemento oracional de um verbo apropriado, como, por exemplo, ka-lên 'querer', mi-yõo 'mandar', a-héét 'mandar'. A oração complementar finita sempre contém (potencialmente) o prefixo verbal de subordinação ba-, traduzido nas glosas como 'Ocomp'. Exemplifica-se em 2.162a um imperativo indireto.

(2.162a) óów sùg ka-lên Subih ba-hìng  
 avô velho tema-querer+I Subih Ocomp-baixar+I  
 Vovô velho quer que Subih baixe.

Um constituinte do imperativo encaixado aparentemente pode ser deslocado ou 'alçado' para a posição inicial na oração matriz, como em 2.162b, onde o constituinte em questão é o sujeito encaixado. Compare as regras de alçamento de um sujeito encaixado para a posição e função de objeto direto da oração matriz em inglês e outras línguas (por exemplo, Perini 1976:128). Nota-se que, no caso de Nadëb, um sujeito assim 'deslocado' é substituído na oração encaixada pelo pronome correspondente, no caso ta- 'ele', já que uma oração encaixada não pode ser sem sujeito especificado.

(2.162b) Subih óów sùg ka-lên ta-ba-hìng  
Subih avô velho tema-querer+I ele-advrel-baixar+I  
 Vovô velho quer que Subih baixe.

Exemplifica-se em 2.163 e 2.164 o fato de que outros constituintes, além do sujeito intransitivo, da oração encaixada podem ser 'deslocados' para a posição inicial de oração matriz. Em

2.163b é o sujeito transitivo que é 'deslocado', em 2.163c o objeto direto e em 2.164b um adverbial.

(2.163a) ɸih ka-lɛn Subih ba-gúúm pah  
 eu tema-querer+I Subih Ocomp-derrubar=árvore+I sorveira  
 Quero que Subih derrube uma sorveira.

(2.163b) Subih ɸih ka-lɛn ta-ba-gúúm pah

(2.163c) pah ɸih ka-lɛn Subih ba-gúúm

(2.164a) ɸih ka-lɛn Subih ba-hing ta-ib sii  
 eu tema-querer+I Subih Ocomp-baixar+I ele-pai com  
 Quero que Subih baixe com seu pai.

(2.164b) ta-ib sii ɸih ka-lɛn Subih ba-hing

Viu-se, porém, na seção 2.7.2.2.1, que a melhor maneira de interpretar formas como 2.148b e 2.149b é como orações equativas nas quais os complementos predicativos são yaah e nih noogó, respectivamente, e o resto das orações seus sujeitos.

(2.148b) yaah óów súg ka-lɛn ta-hata  
 quem avô velho tema-querer+I ele-companheiro  
 Quem é que vovô velho quer que seja seu companheiro?

(2.149b) nih noogó óów súg ka-lɛn ta-ba-hing  
 qual época avô velho tema-querer+I ele-Ocomp-baixar+I  
 Quando é que vovô velho quer baixar?

Também encontra-se a forma de 2.165 na qual o complemento predicativo é yaah e o sujeito óów súg ka-lɛn ta-ba-hing.

(2.165) yaah óów súg ka-lɛn ta-ba-hing  
 quem avô velho tema-querer+I ele-Ocomp-baixar+I  
 Quem é que vovô velho quer que baixe.

Comparando esta forma com o exemplo 2.162b, sugere-se que se deva também interpretar o constituinte 'deslocado' em 2.162b, bem como o



em 2.163b, 2.163c e 2.164b, como sendo complemento predicativo numa oração equativa e o resto da oração como sujeito. Assim, as traduções desses exemplos seriam 'É Subih que vovô velho quer que baixe' (2.162b), 'É Subih que eu quero que derrube uma sorveira' (2.163b), 'É sorveira que eu quero que Subih derrube' (2.163c) e 'É com seu pai que eu quero que Subih baixe' (2.164b).

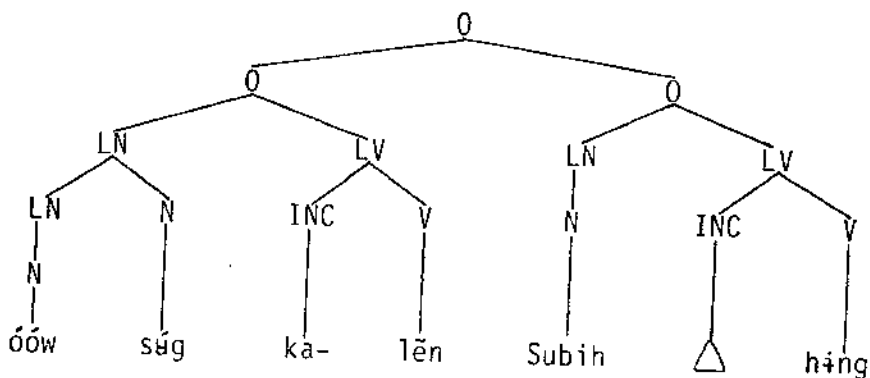
Voltando ao exemplo 2.162a, encontra-se também uma forma semelhante, mas sem o prefixo de subordinação ba-, como em 2.162c.

(2.162a) óów súg ka-lên Subih ba-hing  
 avô velho tema-querer+I Subih Ocomp-baixar+I  
 Vovô velho quer que Subih baixe.

(2.162c) óów súg ka-lên / Subih a-hing  
 avô velho tema-querer+I / Subih form-baixar+I  
 Vovô velho quer que Subih baixe.

Analisa-se isso como alçamento do complemento oracional para o nível da oração matriz, resultando em duas orações coordenadas em justaposição, como representado em 2.162d.

(2.162d)



Encontra-se também, embora muito infreqüentemente, a ordem inversa das orações em 2.162c, como em 2.162e, o que se combina com a interpretação desta forma como sendo duas orações coordenadas, já que a ordem de tais orações em justaposição geralmente não é relevante

(seção 2.3). Observa-se que não é aceitável a ordem inversa quando se usa o prefixo de subordinação ba- (exemplo 2.162f), ou seja, não se pode deslocar para a esquerda uma oração complementar finita.

(2.162e) Subih a-hing / óów súg ka-lên  
 Subih form-baixar+I / avô velho tema-querer+I  
 Vovô velho quer que Subih baixe.

(2.162f) \* Subih ba-hing / óów súg ka-lên  
 Subih Ocomp-baixar+I / avô velho tema-querer+I

De fato, as formas 2.162a e 2.162c não são idênticas em sentido, sendo a forma com subordinação (i. é, com complemento oracional, 2.162a) considerada mais forte do que a forma coordenada (2.162c). É interessante notar que, com os verbos de 'mandar', como mi-yõo 'mandar', quase sempre se usa a forma com subordinação, sendo a forma coordenada inaceitável para alguns falantes. Parece, então, que a forma com subordinação indica mais influência ou controle do sujeito da oração matriz sobre o da oração encaixada.

## 2.9. As orações resultativas.

Pode-se comparar a oração encaixada ĩh ba-hing do exemplo 2.162a com a oração resultativa ĩh wén hing do exemplo 2.166a, na qual o morfema wén 'por isso' indica subordinação, como o ba- a indica em 2.162a.

(2.166a) Subih ĩh hi-gxãas / ĩh wén hing  
 Subih eu dat+asp-olhar+I / eu por=isso baixar+I  
 Baixei para ver Subih. (lit., Vejo Subih, por isso baixei.)

O wén não tem forma fonológica de prefixo; antes, se comporta como elemento incorporado na LV, tendo seu próprio acento, ocorrendo na posição de elementos incorporados e excluindo os prefixos de subordinação, ba-, ha- e ma-, e o prefixo formativo, a-. Sempre se precede uma oração resultativa por uma oração principal, a qual especifica a razão ou o propósito da ação mencionada na oração resultativa.

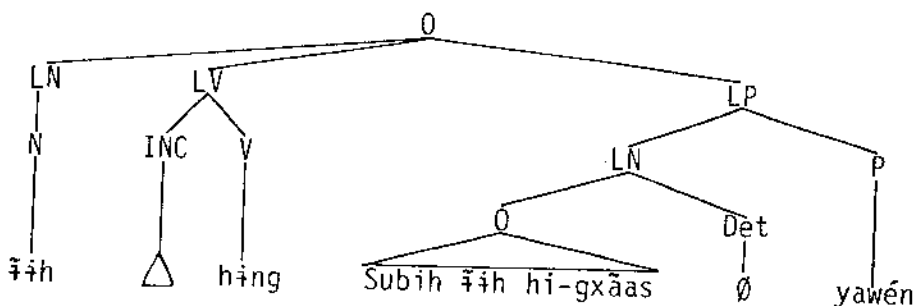
Como no caso de 2.162a, pode-se alçar a segunda oração em 2.166a para o nível da oração matriz, resultando em duas orações coordenadas em justaposição, como em 2.166b. A ordem mais freqüente das orações é como em 2.166b, embora a inversa também seja possível.

- (2.166b)  $\text{ĩĩh a-hĩng} \quad / \quad \text{Subih } \text{ĩĩh hi-gxãas}$   
 eu form-baixar+I / Subih eu dat+asp-olhar+I  
 Baixei para ver Subih. (lit., Baixei e vi Subih.)

Parece não haver uma forma não-incorporada que corresponda a 2.166a. Todavia, não é impossível imaginar que o elemento incorporado, wén 'por isso', tenha alguma ligação com a posposição yawén 'atrás de, depois de'. Pode ser que diacronicamente a forma de 2.166a se derivasse de uma forma como 2.166c (representada pela árvore em 2.166d) pela incorporação na LV da posposição yawén.

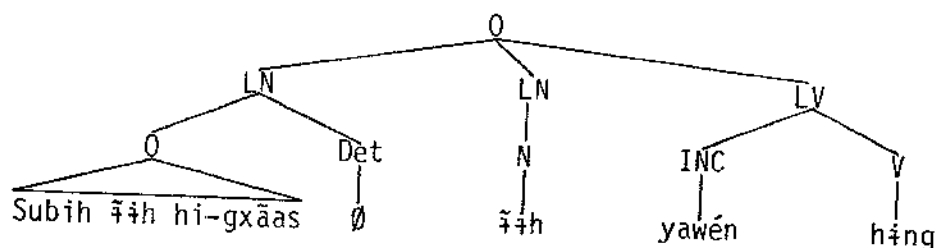
- (2.166c) \*  $\text{ĩĩh a-hĩng} \quad / \quad \text{Subih } \text{ĩĩh hi-gxãas} \quad \text{yawén}$   
 eu form-baixar+I / Subih eu dat+asp-olhar+I atrás=de

(2.166d)



A incorporação na LV da posposição yawén seria acompanhada pelo avanço da LN dominada pela LP para a posição e função de objeto direto da nova LV yawén hǎng, como representado em 2.166e.

(2.166e)



Atualmente, porém, é a oração ʔih wén hǎng que se comporta como oração subordinada (nominalizada).<sup>30</sup>

## 2.10. A construção 'tópico e comentário'.

Existe no Nadëb uma construção semelhante àquela denominada por 'tópico e comentário' por Li e Thompson (1976:459). No Nadëb, o tópico precede o comentário, o que está de acordo com o padrão observado por Li e Thompson que afirmam que, em todas as línguas por eles examinadas, o tópico ocorre em posição inicial na oração. Sempre há uma correspondência direta no Nadëb entre o tópico e um constituinte no comentário, o que difere da definição de Chafe (1976:50,51) que afirma que o tópico determina um domínio espacial, temporal, ou individual, dentro do qual a predicação principal se aplica.

Não se marca o tópico nominal pela relação gramatical que o constituinte correspondente tem no comentário, mas há indicações de que o comentário seja de alguma maneira subordinado ao tópico, por exemplo, o uso do prefixo de subordinação ma- 'meio relativizado' em 2.167 sem a presença de uma LP apropriada que precede a LV e o uso do

pronome proclítico da terceira pessoa do singular, ta-, com um verbo intransitivo em 2.168.

(2.167) ta-kolāay / ta-tú      ta-mi-soo  
ele-unha / ele-comida ele-meiorel+asp-pegar+I

ta-kolāay me

ele-unha meio

No que diz respeito a suas unhas, ele pèga sua comida com as unhas.

(2.168) ta-matim / ta-ti      i-wúúp  
ele-olho / ele-olho asp-ser=grande+mult+I

No que diz respeito a seus olhos, ele tem olhos grandes.

Usa-se esta construção, pelo menos em alguns casos, para indicar foco contrastivo.

## 2.11. A negação.

Existem três morfemas negativos no Nadëb: dooh (exemplo 2.1d), na- (exemplo 2.1e) e manih (exemplo 2.169b). Compare com as expressões afirmativas correspondentes em 2.1a, 2.1c e 2.169a, respectivamente.

(2.1a) kalapée a-ih  
 criança form-dormir+I

A criança está dormindo.

(2.1d) dooh kalapée a-ih      bú  
neg criança form-dormir+NI abI

A criança não está dormindo.

- (2.1c) a-ĩh  
form-dormir+I  
Está dormindo.
- (2.1e) na-ĩh  
neg-dormir+NI  
Não está dormindo.
- (2.169a) a-ĩh  
form-dormir+NI  
Durma!
- (2.169b) a-ĩh                    manĩh  
form-dormir+NI neg  
Não durma!

O primeiro desses três morfemas negativos aparece apenas na negação de orações principais, o segundo parece ser usado na negação tanto de orações principais como de orações encaixadas e o terceiro aparece apenas em expressões imperativas. Na segunda parte deste trabalho, examinar-se-á em detalhe cada um dos três morfemas negativos e seus diversos usos e considerar-se-á a interpretação de cada um. No capítulo 3 trata-se o negativo dooh, no capítulo 4 o na e no capítulo 5 o manĩh.

## NOTAS:

1. Na locução posposicional, considera-se a posposição como núcleo e o resto da locução como seu modificador (seção 2.2.3.2). Usa-se a posposição hã numa variedade de sentidos, incluindo marca de sujeito transitivo deslocado, de esclarecimento de um constituinte nominal que não é a LN absoluta, de objeto indireto, de certos casos de locativo, de certos casos de causa, etc. Neste trabalho, será traduzida nas glosas por 'dativo'.
  
2. Inexiste no Nadëb uma categoria de 'adjetivos', em si. De modo geral, os verbos descritivos são aqueles que traduzem os adjetivos do português, como por exemplo, a-nim 'ser bonito', a-hiin 'ser vermehlo', ha-hũunh 'não ser preguiçoso', etc. Uns poucos adjetivos no português são representados no Nadëb em outras maneiras, como por advérbios (seção 2.2.3.1) ou por qualificadores, os quais se classificam como nomes (seção 2.2.2.3.1.1).
  
3. Observa-se a semelhança entre o comportamento de sujeitos intransitivos e objetos transitivos, no que diz respeito à ordem de constituintes e apagamento do pronome da terceira pessoa. Isso é um traço de ergatividade no Nadëb. Tendo em vista os traços de ergatividade, uma alternativa possível a ser considerada para as expansões de oração (intransitiva e transitiva) e da locução verbal seria:

$$\begin{array}{l}
 O \rightarrow LN \quad LV \\
 LV \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} LN \quad V \\ \quad \quad V \end{array} \right\} \begin{array}{l} \text{(transitivo)} \\ \text{(intransitivo)} \end{array}
 \end{array}$$

onde a LN dominada pelo nóculo O seria a LN absoluta, enquanto a dominada pelo nóculo LV seria a ergativa.

4. Ver-se-á na seção 2.1.6.5 que a raiz deste mesmo verbo também ocorre em certas orações equativas encaixadas, o que dá mais apoio à análise proposta aqui.

5. Já que não há outro exemplo incontestável de uma oração encaixada não-verbal, talvez se deva entender o exemplo 2:25a como sendo discurso direto encaixada, como no caso semelhante das perguntas não-polares 'indiretas' (veja a seção 2.7.2.2.1).

6. Há certas indicações de que, às vezes, se deva entender a forma ha-doo no sentido de 'ser como'. Veja, por exemplo, a diferença entre as duas formas (a primeira das quais já foi considerada neste capítulo como exemplo 2.6b):

kalapéé Subih

criança Subih

Subih é criança.

kalapéé ha-doo Subih

criança ?-ser+I Subih

Subih parece como criança (com a implicação que não é criança).

Neste caso, o prefixo ha- não é excluído pelo negativo na-, o que se combina com sua interpretação como não sendo prefixo de subordinação.

Compare as duas formas:

kalapéé na-do Subih

criança neg-ser+NI Subih

Subih não é criança.



kaɫapéé na-ha-do Subih  
 criança neg-?-ser+NI Subih  
 Subih não é como criança.

7. Existem alguns verbos os quais parecem ter duas raízes não-indicativas distintas, usadas em circunstâncias diferentes. Por exemplo, no caso do verbo a-pih 'tirar massa do tipiti', o imperativo da segunda pessoa do singular é ma-ping 'Tire a massa do tipiti!', enquanto a oração nominalizada não-finita usa uma raiz pih, como em ñih a-pih bú 'se eu tirar a massa do tipiti'. Esse fenômeno parece ser muito raro e, portanto, a presente análise não propõe a existência de duas raízes não-indicativas em geral, mas trata esses casos como formas irregulares. Interessa notar que existe outro verbo i-pih 'plantar, jogar semente', cuja raiz indicativa em todas as circunstâncias é ping, o que talvez influencie a forma do imperativo do outro verbo.
8. Os verbos existenciais incluem todos os verbos posicionais (veja nota 11) e o verbo a-ning 'existir'.
9. Um exemplo da não-correspondência dos termos 'unitário'/'múltiplo' e 'singular'/'plural' seria quando um grupo de objetos é considerado como uma só unidade, requerendo o uso da raiz unitária.
10. É necessária uma investigação mais a fundo do aspecto da extensão da raiz verbal. Parece que alguns (ou, possivelmente, todos os) verbos têm mais de uma raiz estendida, ou talvez uma raiz estendida também possa ser ampliada. Compare, por exemplo, as formas

a-súúk 'subir verticalmente', a-súk 'fazer ir para cima' e hi-sxúúk 'habitualmente fazer ir para cima'. Os dados disponíveis não são suficientes para uma investigação adequada deste aspecto.

11. Os verbos posicionais, na sua forma mais simples, descrevem a posição do sujeito. São enumerados em seguida, com suas formas indicativas unitária, múltipla humana e múltipla não-humana: a-dúk/pa-dxúúk/pa-dúúk 'estar pendurado', a-gú/a-yxééh/a-yéh 'estar numa rede', a-gwət/a-bxuuh 'estar em pé' (usado apenas de humanos), a-húng/a-bxuuh/a-buuh 'estar sentado no chão', ga-húng/ga-buuh 'estar sentado em' (geralmente se refere a plantas), a-kúú/a-bok/a-bong 'estar entre, anexo, ou enterrado', a-sooh/a-txoonh/a-toonh 'estar sentado ou deitado em algo acima do chão' (traduzido neste trabalho por 'estar sentado'), a-suun/a-pxúú/a-púú 'estar dentro', a-tu/a-bxuuh/a-buuh 'estar em água', a-túú/a-txoonh/a-toonh 'estar em fogo' a-wút/a-bok/a-bong 'estar em movimento', a-yat/a-bxuuh/a-buuh 'estar deitado no chão'. Os verbos direcionais são verbos de movimento, nos quais a direção é um componente importante do sentido. A direção é definida com respeito ao rio, um ponto de referência, ou direção vertical. São enumerados em seguida, com suas formas indicativas unitária e múltipla, os verbos direcionais: a-hũm/a-hxũum 'subir (o rio), ir embora', a-hĩng/a-hĩk 'baixar (o rio), descer verticalmente', a-na/a-nxaa 'vir', a-nĩih/a-nxĩih 'sair, ir do porto para a terra', a-sóóp/a-sxóóp 'ir em direção oposta ao rio', a-súúk/a-sxúúk 'subir verticalmente, trepar', a-wúúnh/a-wxúúnh 'ir em direção ao rio', a-yung/a-yuk 'voltar do mato, ir em direção ao ponto de referência, entrar'.

12. Não está bem claro se se deve tratar o completivo -wát (e certos outros elementos) como segundas-raízes ou como sufixos. Neste trabalho, classifica-se o completivo -wát como sufixo, embora apresente formas unitárias (-wút/-wúd indicativa/não-indicativa) e múltiplas (-bong/-booh) e exista um verbo que tem as mesmas formas de raiz, a saber, o verbo posicional a-wát 'estar em movimento'. Classifica-se o completivo como sufixo i) porque o uso de suas formas múltiplas é relativamente raro, mesmo com sujeitos no plural; ii) porque se pode vincular a um verbo que já tem duas raízes; e iii) porque o sentido de completivo não é imediatamente óbvio do sentido primário do verbo da mesma forma, 'estar em movimento'. Uma possibilidade a ser considerada é que todos os sufixos talvez sejam derivados diacronicamente a partir de raízes verbais.
13. A função do prefixo i-, aqui traduzido por 'aspecto', nem sempre está clara ainda, mas isso não afeta a análise da negação.
14. Não conheço nenhuma outra língua na qual a ordem dos prefixos depende de sua forma fonológica. Antes, geralmente depende de seu tipo ou sentido. Compare, por exemplo, o Universal 28 de Greenberg (1963:73) que afirma que os afixos derivacionais devem aparecer mais próximos à raiz do que os inflexionais.
15. A mudança na vogal do prefixo de a para i ocorre também no caso de um prefixo ou pronome proclítico que precede imediatamente a combinação do aspecto com o prefixo ha-, como no caso do prefixo de subordinação ba- no exemplo 2.45a. Todavia, esta mudança se deve a uma regra fonológica e, portanto, não aparece na forma escrita.

Existem outras mudanças fonológicas que não se representam na forma escrita.

16. Consideram-se as duas LNs apostas como sendo geradas por uma regra  $LN \rightarrow LN LN$ . Uma regra facultativa então pode deslocar uma das LNs para a posição final na oração. A desvantagem desta análise é que a regra de movimento teria que ser bloqueada em certos casos (por exemplo, quando as LNs apostas funcionam como sujeito transitivo) e a regra que gera as duas LNs apostas não se poderia aplicar em certas estruturas encaixadas (como nos exemplos 2.57g a 2.57i). Alternativamente, pode-se considerar que uma das duas LNs apostas é gerada numa oração coordenada, a qual seria de estrutura equativa. Assim, 2.108 seria gerada de algo como 'Meu xerimbabo morreu e ele era cachorro'. Uma regra então moveria a LN gerada na segunda oração para o lado da LN aposta. Esta análise, porém, também teria a desvantagem de que a regra que move a LN teria que ser obrigatória em alguns casos, facultativa em outros casos e obrigatoriamente bloqueado em outros.

17. Parece que hubnxaa 'finalidade, razão' atualmente se comporta como posposição, mas provavelmente se derivou da união dos dois morfemas hxuub 'peito, pensamento, desejo' e nxaa 'finalidade', com uma estrutura semelhante a 2.66e.

18. Considera-se uma pessoa que está dormindo como se fosse em outro lugar, o que é evidente pelo uso de nuuyé com uma oração não-finita que contém o verbo a-ñih 'dormir', como em:

kalapéé a-ñh                      nuuyé /

criança form-dormir+NI locdif /

paniig ãih ba-hi-lxoot

história eu advrel-dat+asp-falar+I

Se/enquanto a criança está dormindo, vou contar uma história.

19. Encontra-se também o péh seguindo uma LP, como na pergunta:

yaah lãas tii a-hã péh

quem barco dem teu-dat nãoesp

De quem você acha que aquele barco é? (lit., Aquilo é o barco de quem para você?)

Isso não se combina com a classificação de péh como nome obrigatoriamente possuída. Contudo, isso ocorre em apenas uma construção, indicando opinião. Outros morfemas também ocorrem em posições que diferem do seu normal em certas construções que indicam dúvida, possibilidade, etc.

20. O exemplo 2.80b também pode ser interpretado como sendo uma oração equativa, com o sentido de 'A banana é a comida de Subih'.

21. Usam-se os pronomes das pessoas segunda e terceira do plural para se referir a certos parentes por afinidade ou parentes potenciais por afinidade, além de seu uso primário de plural.

22. Há também mudanças morfológicas no constituinte modificado pelo pronome da primeira pessoa do singular, mas essas são previsíveis e, portanto, não aparecem no escrito.

23. Veja, por exemplo, o Universal 4 de Greenberg (1963:62), que afirma que em grande parte ('with overwhelmingly greater than chance

frequency') as línguas de ordem normal SOV (os únicos exemplos de línguas verbifinais por ele conhecidos) são posposicionais.

24. De fato, algumas posposições evidentemente são relacionadas com nomes ou com formas nominalizadas de verbos. Compare, por exemplo, a posposição yó 'em cima de' com o nome obrigatoriamente possuído yó 'costas' e a posposição mahĩiy 'por causa de' (geralmente usada com causas cuja força ou influência é grande) com o verbo ma-hĩinh 'ser ardente, forte'.

25. Isso não seria o único exemplo de abreviação de uma substantivação que contém na-do. Encontra-se, também gxaap 'faz tempo', forma abreviada de nagxaap na-do cuja tradução literal seria 'não logo' ou 'não há pouco tempo'.

26. Encontram-se os partitivos sééh e wób seguindo um verbo para indicar repetição da ação, como em:

tuug bú ma-bi-uuk sééh  
 à=tarde abl você-advrel+asp-beber+I outro  
 À tarde é que você vai beber outra vez.

27. Observa-se que, no caso de orações equativas, o sujeito e o complemento predicativo (objeto) sempre são coreferenciais, o que é mais uma diferença entre as orações equativas e as transitivas.

28. Como no caso dos pronomes demonstrativos hahĩih 'este' e tatii 'esse' e o quantificador dadaah 'tantos', há uma variação na duração da vogal da palavra interrogativa nĩih, a qual parece ter algo a ver com os padrões de acentuação e/ou a função na locução ou na oração.

Nos dados registrados, a vogal longa geralmente ocorre apenas quando o nih é modificador de uma posposição simples não-acentuada, como bú 'ablativo', hēnh 'locativo contrastivo', gó 'dentro', etc., ou quando é seguida de partícula ou de sufixo. Todavia, é necessário verificar com falantes nativos esse aspecto e, por isso, a variação de duração da vogal registrada aparece nos exemplos, embora possivelmente isso não seja necessário quando o fenômeno estiver melhor entendido.

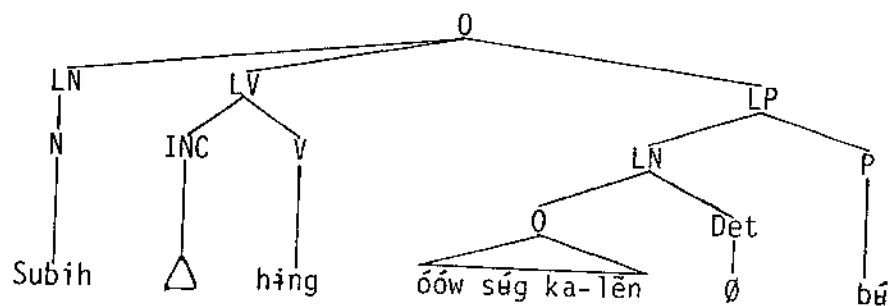
29. Alguns falantes preferem a forma nxoo ao invés de ma-nxoo, mas outros não aceitam essa forma.

30. Tendo em vista a possível derivação da oração resultativa ñih wén hīng sugerida na seção 2.9, deve-se considerar também a possibilidade de que 2.162a foi derivado diacronicamente por um processo semelhante, a partir de uma forma como:

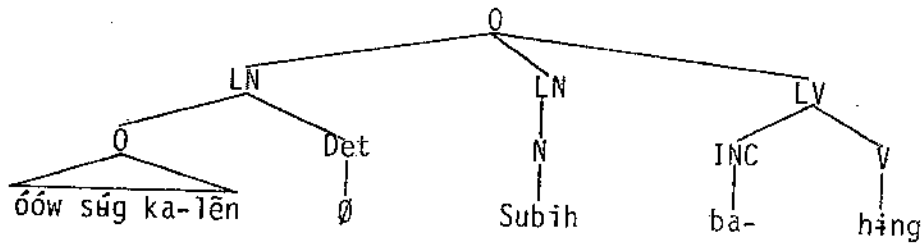
Subih a-hīng      óów súg ka-lēn      bú

Subih form-baixar+I avô velho tema-querer+I abl

Representa-se isso pela árvore:



Com a incorporação na LV e prefixação da posposição bú (veja o apêndice III), avança-se a LN dominada pela LP para a posição e função de objeto direto da nova LV ba-hīng, representado por:



Como no caso de wên em 2.166a, é a oração Subih ba-hing que atualmente se comporta como oração subordinada. Nota-se que, atualmente, Subih a-hing óów súg ka-lên bú significa 'Subih vai baixar, se vovô velho quiser', embora seja muito mais comum encontrar o condicional óów súg ka-lên bú em posição inicial, ou como constituinte adverbial numa oração intransitiva, como em:

óów súg ka-lên bú Subih a-hing

Se vovô velho quiser, Subih vai baixar.

ou como complemento predicativo numa oração clivada, como em:

óów súg ka-lên bú Subih ba-hing

É se vovô velho quiser que Subih vai baixar.



CAPÍTULO 3  
O MORFEMA NEGATIVO DOOH<sup>1</sup>

**3.0. Introdução.**

Encontra-se o morfema dooh como negativo independente, i. é, como o único constituinte de uma oração, ou como um constituinte de uma oração negativa, a qual freqüentemente contém ou o qualificador péh ou a posposição bú. Neste capítulo, descrevem-se os usos de dooh como negativo independente e as construções dooh...péh e dooh...bú. Em seguida, considera-se a interpretação do morfema negativo dooh.

**3.1. Os usos de dooh como negativo independente.**

Usa-se o morfema dooh como negativo independente em diálogos bem como em narrativas.

**3.1.1. Em diálogos.**

Podem se distinguir quatro maneiras principais em que o dooh funciona como negativo independente em diálogos.

i) dooh se usa como resposta negativa a uma pergunta polar (exemplo 3.1).

(3.1) "ôm li-yóóh            nadup            hã?" /  
      você eles+asp-furar+I índio=brabo dat /

"dooh / yihuun"

neg / tamanduá=bandeira

"Os índios brabos te furaram?" "Não. Foi um tamanduá bandeira."

ii) dooh se usa como resposta negativa a uma pergunta não-polar (exemplo 3.2).

(3.2) "yaah sii ma-ba-wát?" /

quem com você-advrel-estar=em=movimento+I /

"dooh / maab ʔʔ-hē ʔʔh ba-wát"

neg / sozinho meu-adv eu advrel-estar=em=movimento+I

"Com quem é que você morava?" "Com ninguém. É sozinho que eu morava."

As vezes esta resposta negativa aparece usada, provavelmente em tom irônico, para fazer pouco caso de uma situação depois que passou o perigo, como no exemplo 3.3.

(3.3) "hxúúd ma-hi-wuh óów?" /

o=quê você-dat+asp-chamar+I avô /

"dooh / ʔʔh awad a-wuh-yuh-paawú"

neg / eu onça form-comer+NI-completamente+NI-frust

"Por que você chamou, avô?" "Nada. Uma onça quase me comeu!"

iii) dooh se usa como resposta negativa a um imperativo (exemplo 3.4).

(3.4) "wul a-hxūum Subih" /

nós form-ir+mult+NI Subih /

"dooh / dooh ãih a-hũm bú"  
neg / neg eu form-ir+unit+NI abl  
 "Vamos, Subih!" "Não. Eu não vou."

iv) dooh se usa como resposta negativa a uma sugestão ou declaração (exemplo 3.5), ou como refutação de uma declaração (exemplo 3.6).

(3.5) "ãih i-léd-hing dah" /  
 eu asp-deixar+NI-descer+I futuro /  
 "dooh / mi-léd-hih manih"  
neg / você+asp-deixar+NI-descer+NI neg  
 "Vou deixá-lo cair." "Não. Não o deixe cair!"

(3.6) "a-ãih a-hibũnxaa" / "dooh / na-ãih"  
 form-dormir+I teu-cunhado / neg / neg-dormir+NI  
 "Teu cunhado está dormindo." "Não. Não está dormindo."

### 3.1.2. Em textos.

Em textos, qualquer um dos usos acima citados do dooh como negativo independente ocorre em discurso direto encaixado e alguns em discurso indireto, como no exemplo 3.7, onde a pergunta que provocou a resposta negativa é subentendida.

(3.7) tamawób lóós ãah mi-aay-wút /  
 três loja nós tema+asp-perguntar+NI-cmpl+I /  
dooh mih sa-nooh  
neg rlt deles-boca  
 Perguntamos em três lojas. Eles disseram que não (tinham)

Além desses usos, usa-se o dooh em textos narrativos a fim de indicar ausência de resposta para um chamado ou uma pergunta (exemplo 3.8), ou ausência de resultados desejados ou esperados (exemplo 3.9).

(3.8) "õm a-ĩh-yung?" /  
 você form-dormir+NI-completamente+I /  
dooh mih / kuuh ga-ni-dag mih  
neg rlt / fala dentro=de-neg+asp-responder+NI rlt  
 "Você está dormindo?" Nada. Ele não respondeu.

(3.9) ta-ib la-hi-sój-wút /  
 ele-pai eles-tema+asp-procurar+NI-cmpl+I /  
 ta-ĩin la-hi-sój-wút /  
 ele-mãe eles-tema+asp-procurar+NI-cmpl+I /  
dooh mih / dooh mih li-wuud bú  
neg rlt / neg rlt eles+asp-encontrar+NI abl  
 O pai e a mãe dele o procuraram. Nada. Não o encontraram.

### 3.2. A construção dooh...péh.

#### 3.2.1. Forma básica da construção dooh...péh.

Encontram-se expressões negativas nas quais aparece o morfema negativo dooh acompanhado, em certos casos facultativamente, pelo qualificador péh. Exemplos são:

(3.10a) dooh bóóg kxuu péh  
neg mandioca maniva nãoesp  
 Não há maniva de mandioca.

(3.11a) dooh ɸih a-wuh péh  
 neg eu form-comer+I nãoesp

Não há nada para eu comer.

Existe um contexto no qual o péh é obrigatoriamente ausente (seção 3.2.5).

Refere-se, por enquanto, à construção dooh...péh como 'oração existencial negativa', já que seu sentido básico é algo como 'Não há ...'. Em seguida, examinam-se o uso de péh no afirmativo e os vários sub-tipos da oração existencial negativa e voltar-se-á a considerar mais a fundo sua estrutura na seção 3.7, quando se discutir a interpretação do negativo dooh.

### 3.2.2. O uso de péh em expressões afirmativas.

Como já se viu nas seções 2.2.2.1 e 2.2.2.2.1.1, o qualificador péh também aparece em expressões afirmativas, como núcleo de uma LN simples, cuja LN modificadora é demonstrativo (exemplo 3.12, = exemplo 2.53a), substantivo (exemplo 3.13), ou oração nominalizada relativa (exemplo 3.14, = exemplo 2.60b).

(3.12) hahɸih péh ɸih ka-lên  
 dem nãoesp eu tema-querer+I  
 Quero (alguns de) este tipo.

(3.13) wahuh péh ga-yééy-dák  
 velhos nãoesp dentro=de-estar=em=rede+NI-cmpl+I  
 póóyé-ub  
 antes-mesmo+NI

Os velhos deitam nela (uma rede nova) primeiro.



necessária a presença de um verbo existencial, como a-níng 'existir' no exemplo 3.16.

- (3.16) tii a-níng bóóg kxuu  
 dem form-existir+I mandioca maniva  
 Há maniva de mandioca.

#### 3.2.4. A oração existencial negativa possessiva.

Quando o nome numa oração existencial negativa é possuído por uma pessoa (exemplo 3.17), o sentido da oração se torna 'Não ter ...'. Neste caso, há uma marcada preferência pela construção com o qualificador péh (exemplo 3.17a), embora aquela sem péh também seja aceitável (exemplo 3.17b). Pode-se explicar esta preferência em termos da referência não-específica do péh, já que um substantivo possuído por uma pessoa geralmente teria referência específica.

- (3.17a) dooh waa ǀǀ péh  
 neg comida meu nãoesp  
 Não tenho comida. (i. é, Não há minha comida.)

- (3.17b) dooh waa ǀǀ

No caso de um substantivo não-possuível, o sentido possessivo da construção existencial negativa é efetuado, bem como no afirmativo, pelo uso de um substantivo genérico obrigatoriamente possuído em combinação com o substantivo mais específico não-possuível, como exemplificado a seguir. A forma preferida é a na qual se marca com o péh a LN que contém o substantivo genérico possuído (exemplo 3.17c).

(3.17c) dooh waa ʔi péh masuuk  
 neg comida meu nãoesp farinha=de=mandioca  
 Não tenho farinha de mandioca. (i. é, Não há minha  
 comida, farinha de mandioca.)

(3.17d) dooh waa ʔi masuuk

No afirmativo correspondente, usa-se um verbo existencial, com ou sem a incorporação do nome na LV. As formas mais comuns são exemplificadas a seguir.

(3.18a) ʔih waa nɨng  
 eu comida existir+I  
 Tenho comida. (lit., Eu comida-existo.)

(3.18b) tii a-nɨng waa ʔi  
 dem form-existir+I comida meu  
 Tenho comida. (lit., Existe minha comida.)

(3.18c) ʔih waa nɨng masuuk  
 Tenho farinha de mandioca. (lit., Eu comida-existo,  
 farinha de mandioca.)

(3.18d) tii a-nɨng waa ʔi masuuk  
 Tenho farinha de mandioca. (lit., Existe minha comida,  
 farinha de mandioca.)

### 3.2.5. A oração existencial negativa locativa ou temporal.

A presença de um locativo numa oração existencial negativa, cujo sujeito tem referência específica, indica o sentido de 'Não estar em tal lugar', como no exemplo 3.19a. Nestas circunstâncias, não se usa o qualificador péh.



- (3.19a) dooh òm tii bú  
 neg você dem abl  
 Você não estava lá.

Como nos outros tipos de oração existencial negativa já considerados, é necessária a presença de um verbo no afirmativo correspondente, neste caso, um verbo posicional (exemplo 3.20).

- (3.20) òm a-wút tii bú  
 você form-estar=em=movimento+I dem abl  
 Você estava (andando) lá.

Com um sujeito cuja referência é não-específica, o sentido da oração existencial negativa locativa continua 'Não há ... (em tal lugar)', como no exemplo 3.21a. Quando o contexto indica claramente o sujeito, este pode omitir-se, como no exemplo 3.21b.

- (3.21a) dooh gúb tii hēnh  
 neg cardinal dem con  
 Não há cardinais lá.

- (3.21b) dooh tii hēnh  
 Não há lá.

De modo semelhante, existem orações existenciais negativas temporais, mas neste caso é mais comum ter uma das modificações aspectuais 'não mais' ou 'ainda não' descritas nas seções 3.4.1.3 e 3.4.2.3.



objeto direto pelo processo de incorporação ou pelo uso de um prefixo relacional e, desta posição, pode ser relativizado. Exemplifica-se esse processo na construção dooh...péh com o instrumento em 3.23a e com o locativo ou motivo em 3.23b.

(3.23a) dooh ʔih mi-lih péh  
 neg eu meio+asp-escrever+I nãoesn  
 Não há nada com que eu possa escrever.

(3.23b) dooh ʔih hi-lih péh  
 neg eu dat+asp-escrever+I nãoesp  
 Não há nada em que eu possa escrever; ou,  
 Não há motivo para eu escrever.

Na oração existencial negativa, encontra-se também uma LN simples em aposição com uma oração relativa, ambas as quais têm a mesma referência e são governadas pelo dooh, como em 3.11b e 3.24. O qualificador péh é facultativo com a LN simples e obrigatório com a oração relativa.

(3.11b) dooh tahxʔib ʔih a-wuh péh  
 neg peixe eu form-comer+I nãoesp  
 Não há peixe para eu comer.

(3.24) dooh ta-patug péh  
 neg ele-marido nãoesp  
 ta-tú hi-tii péh  
 ele-comida sujrel+asp-pescar+I nãoesp  
 Ela não tem marido para pescar comida para ela.

No caso da coordenação de duas orações existenciais negativas, repete-se o negativo dooh em cada oração, como nos exemplos 3.25 e 3.26.

(3.25) dooh masuuk / dooh tahxĩĩb

neg farinha=de=mandioca / neg peixe

Não há farinha de mandioca nem peixe.

(3.26) dooh ỹĩh a-wuh péh / dooh ỹĩh i-wuk péh

neg eu form-comer+I nãoesp / neg eu asp-beber+I nãoesp

Não há nada para eu comer nem beber.

### 3.2.7. A estrutura da construção dooh...péh.

Nas seções 3.2.3 a 3.2.6, viu-se que a construção dooh...péh consiste no morfema negativo dooh seguido de uma das seguintes combinações: i) uma LN simples (seções 3.2.3 e 3.2.4); ii) duas LNs simples coreferenciais (seção 3.2.4); iii) uma LN simples seguida ou precedida por uma LP locativa ou temporal, das quais a LN pode ser apagada quando sua referência é clara no contexto (seção 3.2.5); iv) uma oração relativa (seção 3.2.6); v) uma LN simples seguida por uma oração relativa coreferencial (seção 3.2.6). Certas outras combinações também são permitidas, tais como uma oração relativa e uma LP (exemplo 3.27).

(3.27) dooh ỹĩh a-wuh péh tób ỹĩ it-hã

neg eu form-comer+I nãoesp casa meu debaixo=de-dat

Não há nada para eu comer na minha casa.

Pode-se resumir as construções negativas até agora descritas, incluindo o negativo independente, por:

(3.28) dooh (LN) (LP)

onde LN é i) uma LN simples (com ou sem o qualificador

péh); ou

- ii) uma oração relativa (com o qualificador péh); ou
- iii) duas LNs coreferenciais, cada uma das quais tem uma estrutura como especificada em i ou ii.

Voltar-se-á a considerar mais a fundo a estrutura desta construção na seção 3.7, quando se discutir a interpretação do negativo dooh.

### 3.3. A construção dooh...bú.

#### 3.3.1. Forma básica da construção dooh...bú.

Nas seções 2.1.1 e 2.1.2, descreveram-se as estruturas básicas das orações principais declarativas intransitivas e transitivas no afirmativo e na seção 2.7.1.1 a das perguntas polares diretas. Negam-se tais orações principais pelo uso do morfema negativo dooh, acompanhado facultativamente pela posposição bú 'ablativo', a qual se vincula fonologicamente ao verbo. A forma do verbo sempre é não-indicativa na construção dooh...bú. Geralmente o negativo dooh aparece em posição inicial na oração, contudo outro constituinte pode ser 'antecipado', ou seja, deslocado para a posição inicial (seção 3.6). A posposição bú pode ocorrer na sua forma integral (exemplo 3.29b, = exemplo 2.1d) ou na sua forma abreviada b (exemplo 3.30b). As formas afirmativas correspondentes aparecem em 3.29a (= exemplo 2.1a) e 3.30a, respectivamente. A forma abreviada da posposição ocorre somente em fala rápida, em posição não-final de oração, e apenas com verbos que terminam em vogal ou, em alguns casos, /h/. Em

outras palavras, a abreviação da posposição é previsível e, portanto, apenas a forma integral será usada no resto deste trabalho.

(3.29a) kalapéé a-ĩh

criança form-dormir+I

A criança está dormindo.

(3.29b) dooh kalapéé a-ĩh bú

neg criança form-dormir+NI abl

A criança não está dormindo.

(3.30a) pisān k'alapéé ha-púh

gato criança tema-ver+I

A criança vê o gato.

(3.30b) dooh kalapéé ha-púh b pisān

neg criança tema-ver+NI abl gato

A criança não vê o gato.

O exemplo 3.31b ilustra a construção dooh...bú sem a posposição facultativa bú. A presença do bú é mais comum do que sua ausência, especialmente quando não há sufixos verbais.

(3.31a) da-tés

tema-doer+I

Dói.

(3.31b) dooh ta-da-tééy

neg ele-tema-doer+NI

Não dói.

### 3.3.2. Explicitação obrigatória do sujeito.

Na seção 2.1.1, viu-se que, em orações principais afirmativas, apaga-se obrigatoriamente o sujeito pronominal da terceira pessoa de

um verbo intransitivo. Na construção dooh...bú, porém, o sujeito sempre aparece, se não em forma independente (exemplo 3.29b), então sob forma de um pronome proclítico vinculado ao verbo (exemplo 3.32b). Compare a presença obrigatória do pronome proclítico ta- 'terceira pessoa do singular' na construção dooh...bú (exemplos 3.32b e 3.32c) com sua ausência obrigatória no afirmativo correspondente (exemplos 3.32a, = exemplo 2.1c, e 3.32d).

(3.32a) a-ĩh

form-dormir+I

Está dormindo.

(3.32b) dooh ta-ĩh bú

neg ele-dormir+NI abl

Não está dormindo.

(3.32c) \* dooh a-ĩh bú

(3.32d) \* ta-ĩh

Na seção 2.1.1, viu-se que o sujeito independente da terceira pessoa de um verbo intransitivo pode aparecer em posição pós-verbal. Isso também é possível na construção dooh...bú, mas, neste caso, o sujeito deslocado é obrigatoriamente acompanhado pelo pronome proclítico correspondente vinculado ao verbo (exemplos 3.33b e 3.33c), o que não ocorre no afirmativo (exemplos 3.33a, = exemplo 2.1b, e 3.33d).

(3.33a) a-ĩh kalapée

form-dormir+I criança

Está dormindo, a criança.

(3.33b) dooh ta-ĩh bú kalapée

neg ele-dormir+NI abl criança

Não está dormindo, a criança.

(3.33c) \* dooh a-ĩh bú kalapéé

(3.33d) \* ta-ĩih kalapéé

O comportamento de sujeitos transitivos na construção dooh...bú é idêntico a seu compartamento no afirmativo, ou seja, não se apagam sujeitos transitivos sendo que sempre aparece o pronome proclítico no mínimo (exemplo 3.34) e um sujeito transitivo deslocado é sempre acompanhado pelo pronome proclítico correspondente, o qual se vincula ao verbo, e marcado, obrigatoriamente no caso de deslocamento para a direita e facultativamente no caso de deslocamento para a esquerda, pela posposição hã (exemplo 3.35).

(3.34a) pisân ta-ha-púh  
gato ele-tema-ver+I  
Ele viu o gato.

(3.34b) dooh ta-ha-púh bú pisân  
neg ele-tema-ver+NI abl gato  
Ele não viu o gato.

(3.35a) pisân ta-ha-púh kalapéé hã  
gato ele-tema-ver+I criança dat  
Ele viu o gato, a criança.

(3.35b) dooh ta-ha-púh bú pisân kalapéé hã  
Ele não viu o gato, a criança.

Nos exemplos 3.34a e 3.35a, o objeto direto aparece na sua posição normal no afirmativo (seção 2.1.2). Ver-se-á, na seção 3.3.4, que, na construção dooh...bú, encontra-se mais freqüentemente o objeto direto em posição pós-verbal.



### 3.3.3. Restrições quanto aos afixos verbais e segundas-raízes.

#### 3.3.3.1. Prefixo formativo a-.

Na seção 2.2.1.4.1, viu-se que, de modo geral, na ausência de um pronome proclítico, usa-se o prefixo verbal formativo a- vinculado à raiz verbal quando não existe outro elemento que a preceda na LV. Contudo, na construção dooh...bú, pode-se suprimir o formativo a- com certos verbos, como no exemplo 3.36c, embora seja muito mais comum a forma com o a- (exemplo 3.36b). Não se suprime o a- no afirmativo correspondente (exemplos 3.36a e 3.36d).

(3.36a) ǃǃh a-hǃng

eu form-baixar+I

Vou baixar.

(3.36b) dooh ǃǃh a-hǃǃh bú

neg eu form-baixar+NI abl

Não vou baixar.

(3.36c) dooh ǃǃh hǃǃh bú

(3.36d) \* ǃǃh hǃng

#### 3.3.3.2. Prefixos de subordinação.

Não se usam os prefixos de subordinação na construção dooh...bú. Por exemplo, no afirmativo, frequentemente se usa o prefixo de subordinação ba- com adverbiais, como a palavra temporal ajum 'de noite' no exemplo 3.37a, quando estes precedem a LV, embora a forma sem o ba- também seja possível. O prefixo de subordinação ba- no exemplo 3.37a indica que se trata de uma oração clivada (seção

2.1.4). Contudo, este prefixo não aparece no negativo (exemplos 3.37b e 3.37c).

(3.37a) ajum Subih ba-wát  
 de=noite Subih advrel-estar=em=movimento+I  
 É de noite que Subih anda.

(3.37b) dooh ajum Subih a-wúd bú  
 neg de=noite Subih form-estar=em=movimento+NI abl  
 Subih não anda de noite.

(3.37c) \* dooh ajum Subih ba-wúd bú

### 3.3.3.3. Segundas-raízes.

Também parece haver restrições quanto ao uso de segundas-raízes na construção dooh...bú. Por exemplo, uma segunda-raiz que não se usa em expressões negativas é -yung 'completamente'. Embora esta ocorra freqüentemente no afirmativo (exemplo 3.38a), a forma negativa do exemplo 3.38b não é aceita, mas é corrigida pela forma de 3.38c.

(3.38a) ãih a-wuuh-yung  
 eu form-comer+NI-completamente+I  
 Comi-o todo.

(3.38b) \* dooh ãih a-wuuh-yuuh bú  
 neg eu form-comer+NI-completamente+NI abl

(3.38c) dooh ãih a-wuuh bú  
 Não o comi.

Uma possível explicação das restrições quanto ao uso de segundas-raízes na construção dooh...bú é que freqüentemente estas seriam bloqueadas semanticamente. Na seção 2.2.1.2, viu-se que a origem das segundas-raízes radica-se provavelmente no processo de

união de duas orações coordenadas. No caso de uma LV transitiva, a segunda-raiz geralmente se refere ao objeto. Assim, a expansão de ḥḥ a-wuuh-yung significaria algo como 'Eu o comi e entrou (dentro de mim)', já que um dos significados do verbo a-yung é 'entrar'. Não faz muito sentido, então, usar esta segunda-raiz no negativo, o que daria uma tradução algo como 'Não o comi e entrou (dentro de mim)'. Expressa-se a idéia de 'não comer tudo' por uma forma como no exemplo 3.38d pelo uso de um quantificador, o qual está dentro do âmbito da negação.

- (3.38d) dooh ḥḥ a-wuuh            bú sahõnh-hẽ  
           neg eu form-comer+NI abl tudo-adv  
           Não o comi todo.

### 3.3.4 Ordem de constituintes na construção dooh...bú.

Como já se viu na seção 2.1.2, a ordem básica de constituintes em orações principais declarativas transitivas no Nadëb é OSV (exemplo 3.30a), mas a ordem SVO (exemplo 3.30c) também é permitida. Na construção dooh...bú, porém, o objeto aparece geralmente em posição pós-verbal, como no exemplo 3.30b, especialmente no caso de objetos não-pronominais.

- (3.30a) pisân kalapée ha-páh  
           gato criança tema-ver+I  
           A criança viu o gato.
- (3.30b) dooh kalapée ha-páh        bú pisân  
           neg criança tema-ver+NI abl gato  
           A criança não viu o gato.
- (3.30c) kalapée ha-páh pisân

Na construção dooh...bú bem como no afirmativo, os constituintes adverbiais normalmente ocorrem em posição pós-verbal, como exemplificado em 3.39 com uma LP, no caso, objeto indireto.

(3.39a) ãih a-nxoo-dúk                      Subih hã  
 eu form-dar+NI-estar=pendurado+I Subih dat  
 Dei para Subih.

(3.39b) dooh ãih a-nxoo              bú Subih hã  
 neg eu form-dar+NI abl Subih dat  
 Não dei para Subih.

O deslocamento de constituintes na construção dooh...bú para outras posições será considerado nas seções 3.5 e 3.6.

### 3.3.5. Apagamento de constituintes e ambigüidade entre as construções dooh...péh e dooh...bú.

Observa-se que, em ambas as construções negativas já descritas, dooh...péh e dooh...bú, o segundo morfema é facultativo, pelo menos em alguns contextos. Isso, porém, geralmente não resultaria em ambigüidade, já que o verbo na construção dooh...bú sempre é não-indicativo, enquanto na construção dooh...péh, quando existe um verbo, este sempre é indicativo e obrigatoriamente acompanhado por péh. Exemplifica-se a diferença em forma e em sentido entre as duas construções em 3.11a e 3.38c.

(3.11a) dooh ãih a-wuh              péh  
 neg eu form-comer+I nãoesp  
 Não há nada para eu comer.

- (3.38c) dooh ʔih a-wuuh bú  
 neg eu form-comer+NI abl  
 Não estou comendo.

Contudo, é possível apagar certos constituintes de uma oração, inclusive o verbo, sob identidade no contexto, como no exemplo 3.40a. Neste caso o verbo e o advérbio temporal foram apagados na segunda e na terceira oração, as quais se derivam a partir de formas como 3.40b e 3.40c, respectivamente.

- (3.40a) jananaa naaay adub bú  
 lambe=olho também de=dia abl  
 ta-ba-bong / giiy dooh /  
 ele-advrel-estar=em=movimento+mult+I / carapanã neg /  
 giiy ajum  
 carapanã de=noite  
 Lambe-olhos também, é de dia que eles aparecem. Carapanãs  
 não. Carapanãs de noite.
- (3.40b) giiy dooh adub ta-booh bú  
 carapanã neg de=dia ele-estar=em=movimento+mult+NI abl  
 Carapanãs, eles não aparecem de dia.
- (3.40c) giiy ajum ta-ba-bong  
 carapanã de=noite ele-advrel-estar=em=movimento+mult+I  
 Carapanãs, é de noite que eles aparecem.

Aqui o sujeito giiy 'carapanã' é antecipado a fim de salientar o contraste com algo já mencionado, no caso, com jananaa 'lambe-olho' (seção 3.6).

Pode resultar pelo apagamento do verbo na construção dooh...bú uma forma semelhante na estrutura superficial à duma oração existencial negativa sem o péh, como na segunda oração do exemplo 3.41, na qual o verbo a-hing 'baixar' foi apagado.

(3.41) ãah maab      ãah ba-hík                      / dooh ta-ĩim  
 nós sozinho nós advrel-baixar+mult+I / neg ele-esposa  
José ĩim / ta-yawén      José ĩim      ba-hing  
José esposa / ele-atrás=de José esposa advrel-baixar+unit+I  
 ãah yawén  
 nós atrás=de

Sozinhos é que nós baixamos. A esposa de José não (baixou).

Depois é que a esposa de José baixou, atrás de nós.

Fica claro pelo contexto lingüístico e por evidência circunstancial que a segunda oração deve ser interpretada como 'A esposa de José não baixou' e não como 'José não tem esposa', ou seja, que a segunda oração é derivada de uma construção dooh...bú pelo apagamento do verbo, ao invés de ser uma oração existencial negativa sem o péh facultativo.

### 3.3.6. A construção dooh...bú em orações equativas.

Como já se viu na seção 2.1.3, não há verbo na oração principal equativa afirmativa, seu núcleo consistindo de um complemento predicativo seguido de sujeito. Existem duas maneiras de negar uma oração principal equativa, numa das quais, descrita nesta seção, se usa a construção dooh...bú com a forma verbal não-indicativa a-do. Na seção 2.1.3, apresentaram-se alguns argumentos a favor da hipótese de a estrutura profunda da oração equativa conter o verbo copular adoo/a-do (forma indicativa/forma não-indicativa), o qual se apaga em

orações principais. A presença deste mesmo verbo no negativo fornece mais apoio para tal análise. A outra maneira de negar as orações principais equativas será considerada na seção 4.8.

Conforme se afirmou nas seções 3.2.3 e 3.3.1, o negativo dooh ocorre geralmente em posição inicial na oração e o sujeito é obrigatoriamente especificado, ou por forma independente, ou por pronome proclítico (exemplo 3.42b).

(3.42a) ta-txaah ʔih  
 ele-filho eu  
 Sou filho dele.

(3.42b) dooh ta-txaah ʔih a-do bú  
 neg ele-filho eu form-ser+NI abl  
 Não sou filho dele.

Quando o sujeito é pronominal (independente ou proclítico), o complemento predicativo sempre ocorre imediatamente após o dooh, ou seja, na sua posição preferencial (antes do sujeito) no afirmativo (exemplo 3.42b). Não se encontra o complemento predicativo em posição pós-verbal, provavelmente para evitar uma possível confusão entre o verbo copular a-doo e o verbo transitivo homófono a-doo (com sua raiz múltipla -sok) 'tirar'. Assim, interpreta-se o exemplo 3.42c como 'Não vou tirar o filho dele' e não como 'Não sou filho dele'.

(3.42c) dooh ʔih a-do bú ta-txaah  
 neg eu form-tirar+NI abl ele-filho  
 Não vou tirar o filho dele.

Do exemplo 3.43, observa-se que, quando o sujeito numa oração equativa negativa não é pronominal, este não pode ocorrer na posição normal de sujeito (veja o exemplo 3.43a, no qual se entende que o verbo é a-doo 'tirar' e não o copular), mas se desloca obrigatoriamente para a esquerda (exemplos 3.43b e 3.43c) ou para a direita (exemplo 3.43d) e a posição normal de sujeito é preenchida pelo pronome proclítico correspondente.

- (3.43a) dooh ta-txaah Subih a-do bú  
 neg ele-filho Subih form-tirar+NI abl  
 Subih não vai tirar o filho dele.
- (3.43b) dooh Subih ta-txaah ta-do bú  
 neg Subih ele-filho ele-ser+NI abl  
 Subih não é filho dele.
- (3.43c) Subih dooh ta-txaah ta-do bú
- (3.43d) dooh ta-txaah ta-do bú Subih<sup>2</sup>

Nota-se que não se pode explicar o deslocamento obrigatório do sujeito em termos do foco da negação, pois isso não explicaria a não-ocorrência de 3.43a no sentido de oração equativa negativa. Parece que há uma ligação forte entre o verbo copular e seu complemento predicativo. (Compare com a seqüência rígida SV em orações transitivas.) Já que na construção dooh...bú, o sujeito aparece obrigatoriamente na posição imediatamente anterior ao verbo, pelo menos em forma pronominal, o complemento predicativo não pode ocupar esta posição. O máximo que se pode fazer para juntar o verbo e seu complemento predicativo seria deslocar qualquer sujeito não pronominal para outra posição, deixando apenas um pronome entre o verbo e seu complemento predicativo.



Nota-se esta ligação forte entre o verbo copular e seu complemento predicativo em todas as outras construções, nos dados disponíveis, em que ocorrem um verbo copular e um complemento predicativo. Compare, por exemplo, o comportamento da oração condicional equativa em 3.44. São aceitáveis 3.44a e 3.44b nos quais o complemento predicativo é separado do verbo por apenas um pronome proclítico, enquanto o sujeito não-pronominal é deslocado para outra posição. Por outro lado, 3.44c e 3.44d, nos quais o sujeito não-pronominal ocupa a posição imediatamente pré-verbal, são interpretados como contendo o verbo homófono a-doo 'tirar'.

- (3.44a) ta-txaah ta-do bú Subih  
 ele-filho ele-ser+NI abl Subih  
 se Subih é filho dele
- (3.44b) Subih ta-txaah ta-do bú
- (3.44c) Subih a-do bú ta-txaah  
 Subih form-tirar+NI abl ele-filho  
 se Subih tirar o filho dele
- (3.44d) ta-txaah Subih a-do bú

### 3.3.7. A negação de orações principais coordenadas.

Na seção 2.3, viu-se que a coordenação de duas orações se expressa por sua justaposição e que a relação entre elas pode ser traduzida para o português por uma das conjunções 'e', 'mas', ou 'ou', ou que pode ser uma relação de finalidade, resultado, oração complementar, etc. A semântica indica qual a interpretação mais plausível da relação entre as duas orações, como exemplificado em 3.45a (= exemplo 2.106) e 3.46a.

(3.45a) tóóh Subih na-booh / wa-yxaah-hũm  
 queixada Subih tema-atirar=em+I / tema-correr+NI-ir+I  
 Subih atirou numa queixada e a queixada correu.

(3.46a) Subih a-híng / pah ta-gúúm  
 Subih form-baixar+I / sorveira ele-derrubar=árvore+I  
 Subih baixou para cortar sorva.

Nega-se qualquer uma, ou ambas as orações coordenadas pela construção dooh...bú. O âmbito do dooh se limita à oração em que aparece. Assim, para negar ambas as orações é necessário usar a construção dooh...bú em cada uma delas. Como no afirmativo, a relação entre as duas orações é interpretada pela semântica, como exemplificado em 3.45b a 3.45d e 3.46b a 3.46d. Em 3.45b e 3.46b nega-se apenas a primeira oração, em 3.45c e 3.46c apenas a segunda e em 3.45d e 3.46d ambas as orações.

(3.45b) dooh Subih na-boh bú tóóh /  
 neg Subih tema-atirar=em+NI abl queixada /  
 wa-yxaah-hũm  
 tema-correr+NI-ir+I  
 Subih não atirou numa queixada porque a queixada correu.

(3.45c) tóóh Subih na-booh / dooh ta-wa-yxaah bú  
 Subih atirou numa queixada mas a queixada não correu.

(3.45d) dooh Subih na-boh bú tóóh / dooh ta-wa-yxaah bú  
 Subih não atirou numa queixada porque ele (Subih) não correu.

(3.46b) dooh Subih a-híh bú /  
 neg Subih form-baixar+NI abl /

pah ta-gúúm

sorveira ele-derrubar=árvore+I

Subih não baixou porque ele está cortando sorva (aqui).

(3.46c) Subih a-híng /

Subih form-baixar+I /

dooh ta-gúúw bú pah

neg ele-derrubar=árvore+NI abl sorveira

Subih baixou, por isso ele não está cortando sorva.

(3.46d) dooh Subih a-híh bú / dooh ta-gúúw bú pah

Subih não baixou e não está cortando sorva.

### 3.3.8. A estrutura da construção dooh...bú.

Em expressões afirmativas, a posposição bú seguindo uma LN simples ou uma oração pseudorelativa indica temporal ou locativo não-contrastivo, como nos exemplos 3.47 e 3.48.

(3.47) híh ba-híng bú

eu advrel-baixar+I abl

quando eu baixei/baixar

(3.48) Manaaw bú

Manaus abl

em Manaus

A posposição bú também ocorre no afirmativo com orações nominalizadas não-finitas (seção 2.2.2.2.3.3). As características destas orações não-finitas são: explicitação obrigatória do sujeito com os verbos intransitivos, bem como com os transitivos (seção 2.2.2.2); forma não-indicativa do verbo e exclusão dos prefixos de subordinação (seção 2.2.2.2.3.1); e uso facultativo, com certos

verbos, do prefixo formativo (seção 2.2.2.2.3.2). Mas todas estas características também foram notadas na construção dooh...bú (seções 3.3.2, 3.3.1, 3.3.3.2 e 3.3.3.1, respectivamente). Parece, então, que a interpretação mais razoável da construção dooh...bú é que consiste no morfema negativo dooh seguido por uma LP, cujo núcleo é a posposição bú e cujo modificador é a oração nominalizada não-finita, a qual corresponde à oração principal declarativa que está sendo negada. No caso da não-ocorrência do bú, pode-se dizer que o negativo dooh é seguido por uma LN, a qual consiste numa oração nominalizada não-finita. Voltar-se-á a considerá-la mais a fundo a estrutura desta construção na seção 3.7, quando se discutir a interpretação do negativo dooh.

#### 3.4. Modificações aspectuais e quantificadora com o negativo dooh.

Existem duas modificações aspectuais mutuamente exclusivas que podem ocorrer em combinação com o morfema negativo dooh, as quais se denominam por 'não mais' e 'ainda não'. Ocorrem com dooh quando este funciona como negativo independente, bem como nas construções dooh...péh e dooh...bú.

##### 3.4.1. A modificação aspectual 'não mais'.

Indica-se a modificação aspectual 'não mais' pelo uso do sufixo completivo -wút numa das suas formas.

### 3.4.1.1. O uso do sufixo completivo -wút em expressões afirmativas.

Em expressões afirmativas, encontra-se uma forma dum raiz do verbo a-wút/a-bong 'estar em movimento' como sufixo de um verbo (exemplo 3.49a e 3.50) ou do complemento predicativo em orações equativas (exemplo 3.51a, = exemplo 2.13), a fim de indicar a terminação dum ação ou um estado alcançado.

(3.49a) ɣih a-ód-wút

eu form-chorar+NI-cmpl+unit+I

Chorei (e parei de chorar).

(3.50) mi-huun-wúd

maliy

você+asp-ir=buscar+NI-cmpl+unit+NI terçado

Vá buscar o terçado!

(3.51a) maluus-wúd Clara

moça-cmpl+unit+NI Clara

Clara já é moça.

Com verbos indicativos (exemplo 3.49), usa-se a forma indicativa -wút/-bong, enquanto com verbos não-indicativos (exemplo 3.50) e complementos predicativos (exemplo 3.51) se usa a forma não-indicativa -wúd/-booh.

Há concordância em número entre o sufixo completivo e o sujeito de verbos intransitivos, o objeto de verbos transitivos e o sujeito ou complemento predicativo de orações equativas, ou seja, usam-se as formas -wút e -wúd no singular (exemplos 3.49a, 3.50 e 3.51a) e -bong e -booh no plural (exemplos 3.49b e 3.51b). Parece, porém, que esta concordância não se aplica rigorosamente, porque também se encontram as formas -wút e -wúd no plural, mas não as formas -bong e -booh no singular.

(3.49b) ãah a-ód-bong  
 nós form-chorar+NI-cmpl+mult+I  
 Choramos (e paramos de chorar).

(3.51b) maluus-booh  
 moça-cmpl+mult+NI  
 Já são moças.

#### 3.4.1.2. O uso do sufixo completivo -wút com negativo independente.

Em negativos independentes, usam-se as formas não-indicativas do sufixo completivo, -wúd/-booh, vinculadas ao morfema negativo dooh a fim de indicar a modificação aspectual 'não mais', como no exemplo 3.52.

(3.52) "da-tés?" / "dooh-wúd"  
 tema-doer+I / neg-cmpl+NI  
 "Dói?" "Não mais."

#### 3.4.1.3. O uso do sufixo completivo -wút na construção dooh...péh.

Em orações existenciais negativas fundamentais (exemplo 3.10) e possessivas (exemplo 3.17), usam-se as formas não indicativas do sufixo completivo, -wúd/-booh, vinculadas ou ao negativo dooh ou ao constituinte que precede o qualificador péh da LN que segue o dooh. No segundo caso, o qualificador péh é obrigatório. As formas correspondentes sem esta modificação aspectual aparecem em 3.10b e 3.17a.

(3.10b) dooh bóóg kxuu  
 neg mandioca maniva  
 Não há maniva de mandioca.

- (3.10c) dooh-wúd bóóg kxuu  
 neg-cmpl+NI mandioca maniva  
 Não há mais maniva de mandioca.
- (3.10d) dooh bóóg kxuu-wúd péh  
 neg mandioca maniva-cmpl+NI nãoesp
- (3.17a) dooh waa ʔi péh  
 neg comida meu nãoesp  
 Não tenho comida. (ou, Não há minha comida.)
- (3.17e) dooh-wúd waa ʔi péh  
 neg-cmpl+NI comida meu nãoesp  
 Não tenho mais comida. (ou, Não há mais minha comida.)
- (3.17f) dooh waa ʔi-wúd péh

Em orações existenciais negativas locativas, o único constituinte que admite o sufixo completivo é o negativo dooh, como no exemplo 3.19b.

- (3.19a) dooh òm tii bú  
 neg você dem abl  
 Você não estava lá.
- (3.19b) dooh-wúd òm tii bú  
 neg-cmpl+NI você dem abl  
 Você não estava mais lá.

Também se encontra a modificação aspectual 'não mais' em orações existenciais negativas cuja LN é uma oração relativa. O sufixo completivo se vincula ao dooh (na sua forma não-indicativa -wúd/-booh, exemplo 3.22c) ou ao constituinte final da LV da oração relativa, i. é, imediatamente precedendo o qualificador péh (na sua forma indicativa -wút/-bong, exemplo 3.22d, já que o verbo em orações

relativas sempre é indicativo).

(3.22a) dooh tii hēnh ha-wút péh  
 neg dem con sujrel-estar=em=movimento+I nãoesp  
 Não há ninguém lá.

(3.22c) dooh-wúd tii hēnh ha-wút péh  
 neg-cmpl+NI dem con sujrel-estar=em=movimento+I nãoesp  
 Não há ninguém mais lá.

(3.22d) dooh tii hēnh ha-wúd-wút péh  
 neg dem con sujrel-estar=em=movimento+NI-cmpl+I nãoesp  
 Não há ninguém mais lá.

#### 3.4.1.4. O uso do sufixo completivo -wút na construção dooh...bú.

Na construção dooh...bú, usam-se as formas não-indicativas do sufixo completivo, -wúd/-booh, vinculadas à LV, i. é, imediatamente precedendo o bú, como no exemplo 3.53b. Já que o verbo numa oração não-finita sempre é não-indicativo, a forma do sufixo completivo usada nesta construção o é também.

(3.53a) dooh ɿih a-ód bú  
 neg eu form-chorar+NI abl  
 Não estou chorando.

(3.53b) dooh ɿih a-ód-wúd bú  
 neg eu form-chorar+NI-cmpl+NI abl  
 Não choro mais.

Na construção dooh...bú, o sufixo completivo não se pode vincular ao dooh, (exemplo 3.53c) o que está em confronto com seu comportamento na construção dooh...péh e com o negativo independente.

(3.53c) \* dooh-wúd ɿih a-ód bú



### 3.4.1.5. Diferença entre os usos afirmativo e negativo do sufixo completivo -wút.

Na seção 3.4.1.1, considerou-se o uso do sufixo completivo -wút no afirmativo e na seção anterior seu uso na construção dooh...bú. De uma comparação superficial dos exemplos 3.49a e 3.53b, parece não haver muita diferença em sentido, já que ambos indicam que o falante chorou mas não está mais chorando.

(3.49a) ãih a-ód-wút

eu form-chorar+NI-cmpl+I

Chorei (e parei de chorar).

(3.53b) dooh ãih a-ód-wúd bú

neg eu form-chorar+NI-cmpl+NI abl

Não choro mais.

A diferença em sentido entre os dois parece ser de foco. Na forma afirmativa o foco está numa ação específica terminada, enquanto na negativa está na não-continuação da ação ou do hábito.

### 3.4.1.6. Concordância do sufixo completivo no negativo.

Como no afirmativo, pode haver concordância em número entre o sufixo completivo e a LN absoluta, mas não se aplica rigorosamente esta concordância. No negativo, parece mais comum encontrar as formas sem concordância do que as concordantes.

### 3.4.1.7. O uso do sufixo ingressivo -kún no negativo.

Encontram-se, em alguns contextos, a forma não-indicativa -kú do sufixo ingressivo no lugar de, ou em combinação com, o sufixo completivo -wút no negativo, indicando a modificação aspectual 'não mais'. Exemplifica-se isso com um negativo independente em 3.54, com a construção dooh...péh em 3.55 e com a construção dooh...bú em 3.56. O sufixo -kú se vincula ao dooh (exemplos 3.54 e 3.55), a um demonstrativo (exemplo 3.55), a uma LN, ou à posposição bú na construção dooh...bú (exemplo 3.56).

(3.54) tii m̃h ta-bi-uuh "uuh / uuh" /  
 dem rlt ele-advrel+asp-chamar+I mamãe / mamãe /  
 dooh-kú  
 neg-ingrs+NI  
 Daí ele chamou, "Mamãe. Mamãe." Não (houve resposta) mais.

(3.55) dooh-kú ãih h̃ih-kú  
 neg-ingrs+NI eu dem-ingrs+NI  
 Não vou estar aqui mais.

(3.56) dooh ta-na-wúd bú-kú wawêe-hê  
 neg ele-vir+NI-cmpl+NI abl-ingrs+NI aqui-adv  
 Ele não vem mais aqui.

O sufixo ingressivo -kún parece funcionar às vezes, no negativo, bem como no afirmativo, no nível do discurso, provavelmente indicando algo como a seriação de eventos ('event line'). Frequentemente destaca uma mudança na situação.

### 3.4.2. A modificação aspectual 'ainda não'.

Indica-se a modificação aspectual 'ainda não' pelo uso da partícula nih 'ainda'.

#### 3.4.2.1. O uso de nih 'ainda' em expressões afirmativas.

Em expressões afirmativas, encontra-se a partícula nih 'ainda' seguindo um verbo (exemplo 3.57) ou um complemento predicativo (exemplo 3.58) a fim de indicar a continuação de uma ação ou estado que mais tarde deve terminar ou mudar.

(3.57) ba-da-yung                      nih  
           tema-tema-estar=escuro+I ainda  
           Está escuro ainda.

(3.58) kalapée nih    Subih  
           criança ainda Subih  
           Subih é criança ainda.

Embora fonologicamente o nih se vincule ao constituinte que o precede, não é um sufixo, pelo critério de que os sufixos verbais requerem a forma não-indicativa da raiz ou sufixo que os precede. Compare a forma indicativa da raiz verbal em 3.57.

#### 3.4.2.2. O uso de nih 'ainda' com negativo independente.

Em negativos independentes, usa-se a partícula nih seguindo o negativo dooh a fim de indicar 'ainda não', como no exemplo 3.59.

(3.59) "a-ib    a-yung?"        / "dooh nih"  
           teu-pai form-voltar+I / neg ainda  
           "Teu pai voltou?" "Ainda não."

### 3.4.2.3. O uso de nih 'ainda' na construção dooh...péh.

Em orações existenciais negativas, a partícula nih 'ainda' pode ocupar as mesmas posições que o sufixo completivo -wút (seção 3.4.1.3), como exemplificado com a oração existencial negativa fundamental em 3.10e e com a oração relativa na construção dooh...péh em 3.22e.

(3.10b) dooh bóóg kxuu  
neg mandioca maniva  
Não há maniva de mandioca.

(3.10e) dooh nih bóóg kxuu  
neg ainda mandioca maniva  
Ainda não há maniva de mandioca.

(3.22a) dooh tii hēnh ha-wút péh  
neg dem con sujrel-estar=em=movimento+I nãoesp  
Não há ninguém lá.

(3.22e) dooh tii hēnh ha-wút nih péh  
neg dem con sujrel-estar=em=movimento+I ainda nãoesp  
Ainda não há ninguém lá.

O exemplo 3.19c geralmente é interpretado como sendo uma oração existencial negativa temporal ao invés de locativa, como no caso da modificação aspectual 'não mais' (compare o exemplo 3.19b). Pode-se indicar a interpretação locativa pelo uso de um locativo mais específico, como em 3.19d.

(3.19a) dooh õm tii bú  
neg você dem abl  
Você não estava lá.

(3.19c) dooh nih òm tii bú  
 neg ainda você dem abl  
 Você ainda não existia naquele tempo.

(3.19b) dooh-wúd òm tii bú  
 neg-cmpl+NI você dem abl  
 Você não estava mais lá.

(3.19d) dooh nih òm tii bú a-tób bú  
 neg ainda você dem abl teu-casa abl  
 Você ainda não estava lá na tua casa.

#### 3.4.2.4. O uso de nih 'ainda' na construção dooh...bú.

Em orações principais declarativas negativas, a partícula nih 'ainda' pode seguir o verbo, i. é, imediatamente precedendo o bú (exemplos 3.53d e 3.53f) e/ou pode seguir o negativo dooh (exemplo 3.53e e 3.53f).

(3.53a) dooh ãih a-ód bú  
 neg eu form-chorar+NI abl  
 Não estou chorando.

(3.53d) dooh ãih a-ód nih bú  
 neg eu form-chorar+NI ainda abl  
 Ainda não estou chorando.

(3.53e) dooh nih ãih a-ód bú

(3.53f) dooh nih ãih a-ód nih bú

#### 3.4.2.5. O uso da partícula dó 'ainda' no negativo.

Encontra-se, em alguns contextos, especialmente em orações existenciais negativas fundamentais, a partícula dó 'ainda' no lugar

de nih, indicando a modificação aspectual 'ainda não', como no exemplo 3.60b.

(3.60a) pxóóyub dooh Nadub  
há=muito=tempo neg Nadëb  
Antigamente não existiam Nadëb.

(3.60b) pxóóyub dooh Nadub dó  
há=muito=tempo neg Nadëb ainda  
Antigamente ainda não existiam Nadëb.

Como no caso do sufixo ingressivo -kún, a partícula dó também ocorre no afirmativo e parece funcionar, às vezes, no nível do discurso, embora seu significado neste nível não esteja bem claro ainda.

### 3.4.3. A modificação quantificadora 'não tanto'.

Indica-se a modificação quantificadora 'não tanto' ou 'quase não' pelo uso do morfema dina 'quase', geralmente acompanhado pelo sufixo adverbial -hẽ.

#### 3.4.3.1. O uso de dina 'quase' em expressões afirmativas.

Em expressões afirmativas, encontra-se o morfema dina 'quase' seguindo um advérbio, o qual ele modifica, como no exemplo 3.61.

(3.61) pxééj dina-hẽ awxií ba-yat  
perto quase-adv cobra advrel-estar=deitado=no=chão+I  
A cobra está no chão meio perto. (ou, É quase perto que a cobra está no chão.)

### 3.4.3.2. O uso de dina 'quase' no negativo.

Encontra-se o morfema dina 'quase' seguindo o negativo dooh em negativos independentes (exemplos 3.62a) e nas construções dooh...péh (exemplo 3.63a) e dooh...bú (exemplo 3.64a), ou seguindo o verbo na construção dooh...bú (exemplo 3.64b). O sentido é 'não tanto', 'não muito' ou 'quase não'.

(3.62a) "da-tés?" / "dooh dina-hě"  
 tema-doer+I / neg quase-adv  
 "Dói?" "Não muito".

(3.63a) dooh dina-hě ta-nahuh  
 neg quase-adv ele-doença  
 A doença dele não é tanto.

(3.64a) dooh dina-hě ta-da-tééy bú  
 neg quase-adv ele-tema-doer+NI abl  
 Quase não dói.

(3.64b) dooh ta-da-tééy dina  
 neg ele-tema-doer+NI quase

Encontra-se também dina 'quase' em combinação com a modificação aspectual 'não mais', resultando numa forma que significa 'não tanto mais' ou 'quase não mais'. O sufixo completivo -wúd ocorre vinculado ao dina (exemplo 3.64c) ou ao verbo (exemplo 3.64d) na construção dooh...bú.

(3.64c) dooh ta-da-tééy dina-wúd  
 neg ele-tema-doer+NI quase-cmpl+NI  
 Quase não dói mais.

(3.64d) dooh dina-hě ta-da-tééy-wúd bú  
 neg quase-adv ele-tema-doer+NI-cmpl+NI abl

Com o negativo independente e na construção dooh...péh, substitui-se o completivo -wúd pelo completivo -dúg (exemplos 3.62b, 3.62c, 3.63b e 3.63c).

(3.62b) "da-tés?" / "dooh dina-hẽ-dúg"  
 tema-doer+I / neg quase-adv-cmpl+NI  
 "Dói?" "Quase não mais."

(3.62c) \* dooh dina-hẽ-wúd

(3.63b) dooh dina-hẽ-dúg ta-nahuu  
 neg quase-adv-cmpl+NI ele-doença  
 A doença dele não é tanto mais.

(3.63c) \* dooh dina-hẽ-wúd ta-nahuu

Observa-se que, em outros contextos, o uso do sufixo completivo dúk/-dúg (forma indicativa/forma não-indicativa) geralmente implica que houve um processo que resultou na situação especificada, enquanto o uso do completivo -wút/wúd indica apenas um estado alcançado ou um evento completado. Por exemplo, usa-se a forma 3.65a quando se fala de uma criança que sofreu o processo de aprender a falar (pelo menos, até o ponto de poder ser entendida por outros), enquanto 3.65b indica o simples fato de que alguém disse algo.

(3.65a) i-lxood-dúk  
 asp-falar+NI-cmpl+I  
 Já fala.

(3.65b) i-lxood-wút  
 asp-falar+NI-cmpl+I  
 Falou.

Isso sugere que, pelo menos em certos casos, o uso do dina no negativo implica um processo, enquanto o uso do simples negativo dooh



não implica nenhum processo, pois não se encontra o completivo -dúg no negativo sem a presença de dina 'quase' (exemplo 3.62d).

(3.62d) "da-tés?" / \* "dooh-dég"  
 tema-doer+I / neg-cmpl+NI

Encontra-se também dina 'quase' em combinação com a modificação aspectual 'ainda não', resultando numa forma que significa 'ainda não muito'. A partícula nih 'ainda' segue diretamente o dina (exemplos 3.63d e 3.64e).

(3.63d) dooh ta-nahuh dina nih péh  
 neg ele-doença quase ainda nãoesp  
 A doença dele ainda não é muito.

(3.64e) dooh dina nih ta-da-tééy bú  
 neg quase ainda ele-tema-doer+NI abl  
 Ainda não dói muito.

### 3.5. Deslocamento de constituintes em relação ao foco da negação.

Como já se afirmou na seção 3.3.4 geralmente o objeto direto e os adverbiais ocorrem em posição pós-verbal na construção dooh...bú. Há alguns exemplos, porém, desses constituintes deslocados para a segunda posição na oração, ou seja, seguindo imediatamente o negativo dooh. Exemplifica-se isso em seguida com um objeto direto (3.66a), um advérbio temporal (3.67) e um advérbio locativo (3.68).

(3.66a) dooh huuy yi ha-púéh bú  
 neg mato indef tema-ver+NI abl  
 Não se viu o mato.

- (3.67) ajum ta-ba-bong tii gi+y  
 de=noite ele-advrel-estar=em=movimento+mult+I dem carapanã  
 ajum / dooh adub ta-booh bú  
 de=noite / neg de=dia ele-estar=em=movimento+mult+NI abl  
 É de noite que os carapanãs aparecem. Não aparecem de dia.
- (3.68) dooh bú la-ka-ta bú u:l wokãan  
 neg aqui eles-refl/rec-encontrar+NI abl nós parentes  
 Nossos parentes não vão nos encontrar aqui.

No exemplo 3.66, o falante explica que o rio era tão longo que não se podia ver o mato dos dois lados. No exemplo 3.67, o falante salienta que os carapanãs aparecem de noite e não de dia. O exemplo 3.68 provém de um texto em que um homem estava voltando do mato carregando um jovem que havia sido mordido por cobra. Na viagem, ele parou para descansar e gritou pedindo socorro para os que estavam na aldeia. Não havendo resposta, ele concluiu que naquele lugar não seria possível obterem socorro, mas somente quando eles chegassem mais perto da aldeia. Assim, em cada caso o foco da negação evidentemente está no constituinte deslocado o qual segue imediatamente o dooh. No caso dos adverbiais, pode-se comparar esse processo com o deslocamento para a esquerda de adverbiais no afirmativo a fim de focalizar o constituinte deslocado (seção 2.1.4).

A focalização da negação num dos constituintes não afeta o âmbito da negação. Todos os constituintes à direita do dooh ficam dentro do seu âmbito. Por exemplo, em 3.69a e 3.69b, considera-se o quantificador dentro do âmbito da negação, sendo a implicação que o falante viu alguns, mas não todos.

- (3.69a) dooh ɿɿh ha-púúh bú sahõnh-hě  
 neg eu tema-ver+NI abl todos-adv  
 Não vi todos.
- (3.69b) dooh sahõnh-hě ɿɿh ha-púúh bú  
 Nem todos eu vi.

Essa focalização também ocorre na construção dooh...péh. Compare o exemplo 3.21c, no qual o locativo tii hěnh 'lá', é deslocado para a segunda posição, com o 3.21a, no qual os constituintes se encontram na sua ordem não-marcada.

- (3.21a) dooh gúb tii hěnh  
 neg cardinal dem con  
 Não há cardinais lá.
- (3.21c) dooh tii hěnh gúb  
 Não há cardinais lá.

### 3.6. Deslocamento de constituintes em relação ao âmbito da negação.

Como já se afirmou nas seções 3.2.3 e 3.3.1, geralmente o morfema negativo dooh ocorre em posição inicial da oração nas construções dooh...péh e dooh...bú. Todavia, outro constituinte pode deslocar-se para a posição inicial. Exemplifica-se esta 'antecipação' de um constituinte na construção dooh...péh em 3.60b e na construção dooh...bú em 3.70.

- (3.60b) pxóóyub dooh Nadəb dó  
há=muito=tempo neg Nadəb ainda  
 Antigamente ainda não existiam Nadəb.

- (3.70) hãih-kú dooh ta-na-wéd bú  
dem-ingrs+NI neg ele-vir+NI-cmpl+NI abl  
 Hoje em dia ele não vem mais.

Freqüentemente esta antecipação de um constituinte salienta um contraste entre ele e outro recentemente mencionado ou implícito. O exemplo 3.70 provém de um texto que descreve o que o padre fazia quando visitava a aldeia. Aqui o constituinte antecipado, hãih-kú 'hoje em dia', contrasta com a época em que o padre visitava a aldeia, descrita anteriormente no texto.

Parece que sempre se considera o constituinte antecipado como sendo fora do âmbito da negação, como em 3.69c, o qual está em confronto com 3.69a e 3.69b, nos quais o quantificador fica dentro do âmbito da negação.

- (3.69c) sahõnh-hẽ dooh ãih ha-púúh bú  
todos-adv neg eu tema-ver+NI abl  
 Todos eu não vi. (i. é, Não vi nenhum.)
- (3.69a) dooh ãih ha-púúh bú sahõnh-hẽ  
 Não vi todos (i. é, Vi alguns, mas não todos.)
- (3.69b) dooh sahõnh-hẽ ãih ha-púúh bú  
 Nem todos eu vi. (i. é, Vi alguns, mas não todos.)

Parece que qualquer constituinte da oração, salvo a LV, pode ser antecipado, mas, se o constituinte antecipado é sujeito da oração, a posição original deste sujeito é obrigatoriamente preenchida por um pronome, de forma que se mantém a regra que requer que o sujeito preceda imediatamente o verbo na construção dooh...bú (seção 3.3.2). Assim, no exemplo 3.71, ao sujeito antecipado, wahh 'velhos',

corresponde o pronome proclítico da terceira pessoa do plural, la-, vinculado ao verbo.

- (3.71) kalapé paah i-húnh / wahuh dooh paah  
 crianças passado asp-acabar+I / velhos neg passado  
la-di-yub bú  
eles-tema+asp-morrer+NI ab!

As crianças morreram; os velhos, eles não morreram.

Aqui o sujeito da primeira oração, kalapé 'crianças', se acha na sua posição normal e não deve ser considerado como antecipado.

Podem-se interpretar alguns casos de aparente antecipação como sendo o tópico numa construção do tipo 'tópico e comentário', descrita na seção 2.10. No exemplo 3.72a, a LN 'antecipada', ta-wób 'os outros!', não é marcada por sua relação gramatical ao resto da oração, o que está de acordo com o comportamento do tópico na construção 'tópico e comentário'.

- (3.72a) ta-wób / dooh paah ta-ki-yug bú  
ele-outros / neg passado ele-tema+asp-cair+NI ab!  
 ta-wób hã  
 ele-outros dat

No que diz respeito aos outros, não caiu nos outros.

Este exemplo, embora provenha de um texto, não é aceitável em isolamento do contexto para falantes nativos. Quando apresentados com a forma de 3.72a em isolamento, corrigiram-na à forma de 3.72b, na qual a LN antecipada é marcada por sua relação gramatical ao resto da oração e sua posição original permanece vazia. Parece, então, que em 3.72b não se trata de tópico e comentário, mas do movimento de uma LP, talvez para indicar um contraste com algo já mencionado recentemente no contexto, ou para removê-la do âmbito da negação.

(3.72b) ta-wób hã dooh ta-ki-yug bú

Nos outros não caiu.

Pode-se concluir, então, que a presença de um constituinte precedendo o negativo dooh numa oração indica uma de (pelo menos) duas possibilidades: i) que a construção seja do tipo 'tópico e comentário'; e ii) que um constituinte fosse antecipado por motivos de contraste ou âmbito da negação.

É interessante comparar a presença de um constituinte à esquerda do dooh com a 'paráfrase performativa' que Payne usa como teste diagnóstico de negação oracional (1978:4-7). Ele afirma que qualquer caso de negação oracional pode ser parafraseado na forma 'Digo com respeito a X que não é verdade que Y', onde 'X' contém os elementos que são ligados ao contexto (fora do âmbito da negação), 'Y' os que são livres do contexto (dentro do âmbito da negação) e o negativo relaciona os dois. Como já se afirmou, consideram-se os constituintes à esquerda do dooh como sendo fora do âmbito da negação e, no caso de 'tópico e comentário', a tradução que dou se aproxima à paráfrase performativa do Payne.

### 3.7. A interpretação do morfema negativo dooh.

Dahl (1979:81) classifica as construções negativas nas línguas naturais em duas categorias gerais: as em que o negativo se expressa numa maneira morfológica, ou seja, faz parte da morfologia do verbo, e as em que ele se expressa numa maneira sintática. Evidentemente não se pode considerar o dooh como sendo um negativo morfológico. Na

categoria de negação sintática, o morfema negativo pode se comportar como uma partícula, como um morfema descontínuo, como um advérbio, como um verbo, ou como um nome. Nesta seção, consideram-se estas possibilidades para a interpretação do negativo dooh.

### 3.7.1. A interpretação de dooh como partícula oracional.

Dahl (1979:84) afirma que, na amostra de aproximadamente 240 línguas por ele examinadas, a maneira mais simples e mais comum de expressar a negação sintática é pelo uso de partículas negativas não-flexionadas. As partículas negativas podem ser acompanhadas de outros fatores, tais como mudanças na forma do verbo, a presença de auxiliares proformas ('dummy'), etc. Payne (1978:43,44) cita exemplos de variação de uma partícula negativa com modo, tempo/aspecto, ou categoria gramatical do predicado.

No Nadëb, existem várias partículas oracionais, tais como paah 'passado', dah 'futuro', mih 'relatado', etc. O negativo dooh, porém, não se comporta da mesma maneira que essas partículas. Por exemplo, o dooh pode existir como o único constituinte da oração (seção 3.1), enquanto as partículas oracionais nunca ocorrem isoladamente assim. O dooh determina restrições na estrutura do resto da oração (seções 3.2 e 3.3), enquanto as partículas oracionais não o fazem. O dooh sempre ocorre em posição inicial da oração, salvo no caso de antecipação (seções 3.2.3, 3.3.1 e 3.6), enquanto as partículas oracionais geralmente ocorrem em segunda posição ou imediatamente após o verbo (seção 2.6). Compare este comportamento com a tendência notada por Steele (1975:224,227-232) de atração de

certos elementos, incluindo modais, marcas de tempo passado, negativos, etc., para o verbo e para a posição inicial da oração.

Evidentemente, então, o negativo dooh não cabe na classe de partículas oracionais no Nadëb.

### 3.7.2. A interpretação de dooh como constituinte de morfema negativo descontínuo.

Existem várias línguas em que a negação pode ser indicada por algo que tem sido analisado como morfema descontínuo, dois afixos verbais ou duas partículas separadas por outro(s) constituinte(s), como por exemplo Aweti (Monserrat 1975:3) e Ojampí (Jensen 1979:1), ambas as quais são línguas do troco Tupí. Todavia, a necessidade de falar de morfemas descontínuos, às vezes, indica uma inadequação da análise e estudos mais profundos permitem ao lingüista propor uma análise melhor, na qual o conceito de morfema descontínuo não é mais necessário. Por exemplo, a análise tradicional da negação em Yucatec Maya como morfema descontínuo ma'...i', do qual os constituintes marcam os limites do âmbito da negação, foi questionada por Durbin e Ojeda (1978). Eles propõem que o segundo constituinte, i', ocorre num contexto mais amplo e funciona como especificador de âmbito limitado numa oração e não simplesmente como marca do limite da negação.

Por outro lado, Payne (1978:45) nota uma tendência forte de reforçar uma partícula negativa, ou por acréscimo à mesma, ou, mais frequentemente, pelo acréscimo de uma segunda partícula em outra posição na oração. O desenvolvimento diacrônico de tais partículas



negativas duplas foi estudado por Jespersen, que afirma que o primeiro passo é o enfraquecimento do advérbio negativo original, o qual então é considerado insuficiente e, portanto, reforçado, geralmente pelo acréscimo de outra palavra, a qual, por sua vez, pode ser considerada como negativo próprio e depois pode ser sujeita ao mesmo desenvolvimento do que a palavra original (1917:4, citado em Horn 1978:148). Dahl (1979:88) denomina este processo por 'Jespersen's Cycle' (o Ciclo de Jespersen). Não é possível determinar se todos os casos de partículas negativas duplas nas línguas naturais têm sua origem neste processo.

Um exemplo muito citado deste processo é o desenvolvimento da negação no francês a partir do latim, como exemplificado em 3.73 com a frase 'não digo'.

- |         |               |                             |
|---------|---------------|-----------------------------|
| (3.73a) | non dico      | (latim)                     |
| (3.73b) | jeo ne di     | (francês antigo)            |
| (3.73c) | je ne dis pas | (francês literário moderno) |
| (3.73d) | je dis pas    | (francês coloquial moderno) |

O negativo original no francês era a partícula pré-verbal ne (exemplo 3.73b) do latim non (exemplo 3.73a). Desde o século XII, esta começou a ser reforçada por um constituinte pós-verbal, tal como pas, do latim passum 'um passo', point, do latim punctum 'um ponto', etc. (exemplo 3.73c). Estes constituintes reforçantes provavelmente eram originalmente os objetos diretos dos verbos em questão. No francês coloquial atual (exemplo 3.73d), observa-se a queda da partícula negativa pré-verbal original, ne, deixando a partícula pós-verbal como a única marca da negação. Encontra-se um processo semelhante em várias outras línguas, tais como as línguas germânicas, celtas e mayas (Jespersen 1917:14-22, mencionado em Horn 1978:148; Dahl

1979:88-89; Payne 1978:46; Horn 1978:148-151). Embora haja exemplos de outros tipos de reforçantes, Horn afirma que a classe de reforçantes mais universalmente consistente é a das palavras que se referem a pequenas partes, como no caso já citado do francês.

No caso do Nadëb, nas orações negativas que contêm um verbo, encontra-se em combinação com o morfema dooh o qualificador péh obrigatoriamente na construção dooh...péh e a posposição bú facultativamente na construção dooh...bú. Deve-se, então, considerar a possibilidade de que um ciclo de Jespersen está em processo no Nadëb, ou seja, que o dooh é um constituinte de morfema negativo descontínuo. De fato, num estudo anterior o negativo em Nadëb foi analisado como morfema descontínuo dooh...bú, sem levar em consideração os outros usos do dooh (J. Boot: comunicação pessoal).

Esta análise, porém, não parece muito boa. O negativo dooh tem por si só o sentido completo de negação independentemente da presença ou não de outro elemento e só é usado com sentido negativo. Por outro lado, tanto o péh como o bú ocorrem sem o dooh, mas nunca com sentido negativo. Como já se viu, péh é um qualificador não-específico, enquanto bú é uma posposição. Assim, nenhum dos dois parece ser um candidato provável para a função de partícula reforçante de um negativo. Além disso, esta análise não explicaria a forma não-indicativa do verbo na construção dooh...bú, em confronto com a indicativa na construção dooh...péh. Como já se viu, a análise mais natural da construção dooh...bú é que o que segue o dooh é uma oração nominalizada não-finita seguida ou não pela posposição bú, enquanto na construção dooh...péh é uma LN simples ou uma oração relativa.

Conclui-se, então, que não se trata de morfema negativo descontínuo ou do ciclo de Jespersen, mas que apenas o dooh é a marca da negação na oração.<sup>3</sup>

### 3.7.3. A interpretação de dooh como advérbio.

Dahl (1979:96) afirma que frequentemente nas línguas naturais o morfema negativo se comporta como advérbio oracional. No Nadëb, a posição normal dos advérbios é pós-verbal, embora eles possam ocorrer em posição inicial, especialmente quando funcionam como complemento predicativo numa oração equativa. O negativo dooh, porém, sempre ocorre em posição inicial, salvo no caso de antecipação (seções 3.2.3, 3.3.1 e 3.6). Assim, o dooh não tem a mesma liberdade de posição que os advérbios. Talvez se possa explicar isso em termos do âmbito do dooh, o qual se estende apenas aos constituintes a sua direita, mas há também outros argumentos contra a interpretação do dooh como advérbio.

Exceto no caso de uma oração clivada, a presença de um advérbio numa oração não provoca mudanças na estrutura do resto da oração, enquanto o dooh requer que o resto da oração se expresse em forma de LN simples, oração relativa, ou oração não-finita seguida ou não pela posposição bú. Quando um advérbio funciona como complemento predicativo numa oração clivada, o sujeito desta oração aparece em forma de oração pseudorelativa, marcada pelo prefixo de subordinação ba- 'adverbial relativizado'. Como já se viu na seção 2.2.3.3, isso serve como definição funcional de adverbiais, a qual se pode usar para determinar se um constituinte é ou não adverbial. No caso do dooh, porém, o único prefixo de subordinação que pode ocorrer é o ha-

'sujeito relativizado' e isso apenas em certos casos da construção dooh...péh (seção 3.2.6). Os demais prefixos de subordinação, especificamente o ba- 'adverbial relativizado', são excluídos (seção 3.3.3.2) e, conseqüentemente, por definição, o dooh não pode ser considerado como advérbio.

#### 3.7.4. A interpretação de dooh como verbo negativo.

Payne (1978:19) define um 'verbo negativo' como sendo um morfema negativo, o qual possui pelo menos algumas das características associadas com os verbos regulares na língua. Ele sub-classifica os verbos negativos em dois tipos: os verbos 'mais altos', os quais ocorrem com um complemento oracional e os verbos auxiliares, onde o verbo negativo funciona como auxiliar finito ao verbo lexical, o qual, tipicamente, ocorre numa forma não-finita.

##### 3.7.4.1. A interpretação de dooh como verbo 'mais alto'.

Payne (1978:19) afirma que verbos negativos 'mais altos' ocorrem apenas em línguas cujo verbo aparece em posição inicial ou final da oração na ordem básica de constituintes. No primeiro caso, o morfema negativo, Neg, ocorre em posição inicial, na configuração Neg-0, e no segundo caso em posição final, na configuração 0-Neg. Seria de se esperar, então, que um verbo negativo 'mais alto' no Nadëb ocorresse em posição final, sendo o Nadëb uma língua de ordem básica OSV. Mas o dooh ocorre em posição inicial.

É interessante, porém, fazer uma comparação entre o dooh e o verbo ha-yaa, o qual é verbo muito genérico que pode significar, em

vários contextos, 'efetuar', 'saber (fazer)', 'terminar', 'matar', etc. O objeto deste verbo pode ser uma LN simples, a qual pode preceder o sujeito na ordem básica OSV (exemplo 3.74a) ou seguir o verbo na ordem alternativa SVO (exemplo 3.74b), ou uma oração.

(3.74a) tóóh      ãih ha-yaa  
               queixada eu tema-matar+I  
               Matei uma queixada.

(3.74b) ãih ha-yaa tóóh

Quando o objeto do verbo ha-yaa é oracional, expressa-se em forma de oração relativa (exemplo 3.74c) ou oração nominalizada não-finita seguida pela posposição bú (exemplo 3.74d, = exemplo 2.74a). Em ambos os casos, a oração complementar pode ser alçada para o nível da oração matriz, resultando em duas orações principais coordenadas em justaposição (exemplo 3.74e, = exemplo 2.74b).

(3.74c) ãih ha-yaa                      ãih i-lih                      doo  
               eu tema-terminar+I eu asp-escrever+I nom  
               Terminei de escrever. (lit., Terminei o que eu escrevi.)

(3.74d) ãih ha-yaa                      ãih i-lih                      bú  
               eu tema-saber=fazer+I eu asp-escrever+NI abl  
               Sei escrever.

(3.74e) ãih ha-yaa    / ãih i-lih  
               eu tema-terminar(ou saber=fazer)+I / eu asp-escrever+I  
               Terminei de escrever; ou, Sei escrever.

Pode-se inverter a ordem das orações, mas apenas quando o complemento do ha-yaa é uma oração relativa ou é alçado para o nível da oração matriz (exemplos 3.74f e 3.74g), embora a ordem invertida seja muito mais rara do que a ordem normal de 3.74c e 3.74e.

(3.74f) ʔiɦ i-liɦ doo ʔiɦ ha-yaa

(3.74g) ʔiɦ i-liɦ / ʔiɦ ha-yaa

Observa-se que o negativo dooh também ocorre com uma LN simples (exemplo 3.15b), uma oração relativa (exemplo 3.75a), ou uma oração nominalizada não-finita seguida pela posposição bú (exemplo 3.75b).

(3.15b) dooh masuuk

neg farinha=de=mandioca

Não há farinha de mandioca.

(3.75a) dooh ʔiɦ i-liɦ péh

neg eu asp-escrever+I nãoesp

Não há nada para eu escrever.

(3.75b) dooh ʔiɦ i-liɦ bú

neg eu asp-escrever+NI abí

Não estou escrevendo.

Assim, o comportamento do negativo dooh tem paralelos com o do verbo ha-yaa.

Por outro lado, o dooh sempre ocorre em posição inicial da oração, salvo no caso de antecipação, e não há exemplos correspondentes a 3.74a e 3.74f. Como se viu na seção 3.7.3, talvez se possa explicar isso em termos do âmbito do dooh, o qual se estende aos constituintes a sua direita e não aos a sua esquerda.

Outra diferença entre o comportamento do negativo dooh e o do verbo ha-yaa é que, no caso do dooh, não se pode alicar a oração relativa ou não-finita para o nível da oração matriz (exemplo 3.75c), em confronto com os complementos do verbo ha-yaa (compare 3.74e).

(3.75c) \* dooh ʔiɦ i-liɦ

Outro argumento contra a interpretação do dooh como verbo 'mais alto' é a falta de semelhanças morfológicas entre o dooh e os verbos regulares na língua. Os únicos afixos que aparecem vinculados ao dooh, pelo menos nos dados disponíveis, são os sufixos não-indicativos -wád 'completivo' e -kú 'ingressivo'. Contudo, se o dooh fosse um verbo, seria de se esperar i) que aparecesse junto com ele pelo menos o prefixo formativo a- e ii) que os sufixos aparecessem nas suas formas indicativas.

Assim, apesar das semelhanças entre o comportamento do dooh e o do verbo ha-yaa, parece que não se deve analisar o dooh como verbo negativo 'mais alto'.

#### 3.7.4.2. A interpretação de dooh como verbo auxiliar.

No caso de um verbo negativo auxiliar, não há evidência de uma fronteira de oração entre o verbo negativo e o verbo lexical, e o verbo negativo é marcado por pelo menos algumas das categorias verbais, tais como pessoa, número, tempo/aspecto e modo, enquanto o verbo lexical ocorre tipicamente numa forma não-finita (Payne 1978:19,27).

No caso do dooh, quando existe um 'verbo lexical', este evidentemente pertence a uma oração nominalizada relativa ou não-finita, ou seja, há uma fronteira de oração entre o dooh e o 'verbo lexical' (cf. os exemplos 3.75a e 3.75b). Também, como já se viu na seção anterior, o dooh não demonstra características morfológicas dos verbos regulares.

Outro argumento contra a interpretação do dooh como verbo auxiliar é sua posição inicial na oração. Segundo o Universal 16 de Greenberg (1963:67), em línguas de ordem dominante SOV (os únicos exemplos por ele conhecidos de línguas verbifinais), um auxiliar flexionado sempre segue o verbo principal. Dahl (1979:92) nota a tendência para os auxiliares negativos se comportarem da mesma maneira que os demais auxiliares, ocupando uma posição pós-verbal nas línguas verbifinais e pré-verbal nas demais línguas. Por outro lado, Payne (1978:41) cita casos de verbos negativos auxiliares em outras posições em línguas de ordem SOV, mas nenhum caso de tal verbo em posição inicial.

Outro motivo para não interpretar o dooh como verbo auxiliar é que não há evidência incontestável para a existência de uma classe de verbos auxiliares em Nadëb, embora se veja na seção 5.1.3 que uma possível interpretação do negativo manih usado em imperativos seria como verbo auxiliar. A posição que o manih ocupa, porém, difere da do dooh.

Evidentemente, então, não se pode analisar o dooh como verbo negativo auxiliar.

### 3.7.5. A interpretação de dooh como nome negativo.

Uma possibilidade rara nas línguas examinadas por Payne (1978:51,52) é que a negação 'standard' se realize por um morfema negativo que apresenta características nominais. Ele cita, como o único exemplo disso por ele conhecido, a forma āciŋ na língua Evenki (membro do subgrupo do norte da família Tungus) e formas semelhantes



em línguas aparentadas. A função do ācin é negar a existência ou a presença de algo e ele apresenta as características nominais de concordância em número com seu sujeito e marcas de caso.

### 3.7.5.1. Evidência para a interpretação de dooh como complemento predicativo numa oração equativa.

No caso do Nadëb, há certos fatores que indicam que se deve considerar o negativo dooh como complemento predicativo numa oração equativa. Um fator é sua posição na oração. O complemento predicativo numa oração equativa ocorre em posição inicial da oração, exceto no caso de antecipação (seção 2.1.3), e o mesmo se dá com o dooh (seções 3.2.3, 3.3.1 e 3.6). Compare o exemplo 3.76a (= exemplo 2.6b, também citado na nota 6 do capítulo 2) com os exemplos 3.10b e 3.29b.

(3.76a) kalapée Subih  
criança Subih  
Subih é criança.

(3.10b) dooh bóóg kxuu  
neg mandioca maniva  
Não há maniva de mandioca.

(3.29b) dooh kalapée a-ñh bú  
neg criança form-dormir+NI abl  
A criança não está dormindo.

Outro fator que apoia a interpretação do dooh como complemento predicativo é que com este se pode associar certos sufixos e partículas aspectuais, tais como -wúd 'completivo', nñh 'ainda', etc., os quais geralmente se associam com o verbo em orações verbais. A forma de qualquer sufixo que se vincula ao complemento predicativo

sempre é não-indicativa (seção 2.1.3). Isso também se dá com o dooh (seção 3.4). Compare o exemplo 3.51a com o exemplo 3.10c.

(3.51a) maluus-wúd Clara

moça-cmpl+NI Clara

Clara já é moça.

(3.10c) dooh-wúd bóóg kxuu

neg-cmpl+NI mandioca maniva

Não há mais maniva de mandioca.

Outro fator a favor da interpretação de dooh como complemento predicativo é que pode ocorrer na construção 'negativo substantivado' a ser descrita nas seções 4.7 e 4.8. Ver-se-á que uma maneira de negar orações equativas, tais como 3.76a, é pelo uso duma construção 'negativo substantivado', no caso, kalapéé na-do, a qual se deriva pela substantivação da oração pseudorelativa kalapéé na-doo 'que não é criança'. Kalapéé na-do se comporta como substantivo, o qual funciona apenas como complemento predicativo numa oração equativa, como em 3.76b (também citado na nota 6 do capítulo 2).

(3.76a) kalapéé Subih

criança Subih

Subih é criança.

(3.76b) kalapéé na-do Subih

criança neg-ser+NI Subih

Subih não é criança. (lit., Subih é uma 'não-criança'.)

O morfema negativo dooh também ocorre nesta construção substantivada, resultando na forma dooh na-do. Exemplos dos contextos nos quais dooh na-do pode ocorrer são:



Pode-se questionar por que o dooh, se de fato é nome, aparece apenas como complemento predicativo numa oração equativa e não nas outras posições normais de nomes. Todavia, existem outros nomes na língua com esta mesma restrição. Compare, por exemplo, com o comportamento do quantificador sédó 'muitos', o qual é um nome que ocorre apenas como complemento predicativo (seção 2.4). Compare a oração equativa com sédó (exemplo 3.79a) com a 'oração existencial negativa' do exemplo 3.21a e a oração equativa correspondente na qual o sujeito e o locativo foram apagados (exemplo 3.79b, = exemplo 2.114b) com o negativo independente (exemplo 3.21d).

(3.79a) sédó gúb tii hēnh

muitos cardinal dem con

Há muitos cardinais lá. (ou, Os cardinais lá são muitos.)

(3.21a) dooh gúb tii hēnh

neg cardinal dem con

Não há cardinais lá. (ou, Os cardinais lá são algo inexistente.)

(3.79b) sédó

muitos

Há muitos. (ou, São muitos.)

(3.21d) dooh

neg

Não há. (ou, São algo inexistente.)

Pode-se, também, comparar o comportamento do morfema negativo dooh com o das palavras interrogativas yaah 'quem' e nīih 'qual', os quais sempre ocorrem como núcleo ou modificador do complemento predicativo numa oração equativa (seções 2.7.1.2.1 e 2.7.1.2.2). Compare os usos de yaah e dooh nos seguintes exemplos. Com o dooh

geralmente aparece o qualificador não-específico péh, o que se combina com o elemento negativo do dooh. (Os exemplos 3.80 e 3.82 já foram considerados no capítulo 2 como exemplos 2.123 e 2.124a, respectivamente.)

(3.80) yaah ta-ib

quem ele-pai

Quem é o pai dele? (ou, O pai dele é quem?)

(3.81) dooh ta-ib péh

neg ele-pai nãoesp

Ele não tem pai. (ou, O pai dele é algo inexistente.)

(3.82) yaah ha-hing

quem sujrel-baixar+I

Quem baixou? (ou, Quem baixou é quem?)

(3.83) dooh ha-hing péh

neg sujrel-baixar+I nãoesp

Ninguém baixou. (ou, Quem baixou é algo inexistente.)

Como no caso das palavras interrogativas yaah e nih, o negativo dooh também ocorre como a LN modificadora numa LP, o que confirma sua análise como nome. A LP que resulta sempre funciona como complemento predicativo numa oração equativa. Compare os usos de yaah e dooh nos seguintes exemplos. Nem todas as posições são aceitáveis com o dooh, mas muitas são. O qualificador não-específico péh aparece obrigatoriamente nos negativos. (O exemplo 3.84 já foi considerado no capítulo 2 como exemplo 2.125a.)

(3.84) yaah sii ma-ba-hing

quem com você-advrel-baixar+I

Com quem você vai baixar? (lit., As circunstâncias de você baixar são com quem?)

(3.85) dooh sii ma-ba-hing                      péh  
           neg com você-advrel-baixar+I nãoesp  
 Não há ninguém com quem você vai baixar. (lit., As circunstâncias de você baixar são com algo inexistente.)

(3.86) yaah hã ma-ba-noo  
           quem dat você-advrel-dar+I  
 Para quem você vai dá-lo? (lit., As circunstâncias de você dá-lo são para quem?)

(3.87) dooh hã ma-ba-noo                      péh  
           neg dat você-advrel-dar+I nãoesp  
 Não há ninguém para quem você vá dá-lo. (lit., As circunstâncias de você dá-lo são para algo inexistente.)

### 3.7.5.3. Problemas levantados pela interpretação de dooh como nome.

Os fatores considerados na seção anterior indicam claramente que o negativo dooh deve ser interpretado como nome, o qual sempre ocorre como núcleo ou modificador no complemento predicativo numa oração equativa. Esta análise, porém, levanta o problema da interpretação da construção dooh...bú.

Como já se viu na seção 3.3.1, a posposição bú nesta construção é facultativa, resultando nas duas possibilidades de 3.31b e 3.31c.

(3.31b) dooh ta-da-tééy  
           neg ele-tema-doer+NI  
 Não dói.

(3.31c) dooh ta-da-tééy                      bú  
           neg ele-tema-doer+NI ab1  
 Não dói.

Segundo a presente análise, ta-da-tééy é uma LN que consiste numa oração nominalizada não-finita, enquanto o dooh é o complemento predicativo numa oração equativa. O exemplo 3.31b não apresenta grande problema para esta análise, considerando ta-da-tééy como o sujeito da oração equativa (exceto que isso é a única construção até agora registrada que permite uma oração não-finita como sujeito da oração). Uma tradução literal do exemplo 3.31b então seria algo como 'Seu doer é algo inexistente'.

No exemplo 3.31c, porém, surge a questão da identidade ou definição do sujeito da oração. Não tenho outro exemplo de sujeito na forma de LP, embora certos advérbios possam funcionar nesta posição, como no exemplo 3.88.

- (3.88) saab naga-hẽ  
           sábado hoje-adv  
           Hoje é sábado.

Uma possibilidade é que o sujeito de 3.31c seja vazio (compare com o sujeito proforma ('dummy') it do inglês). Neste caso, seria difícil dar uma tradução literal, a qual seria algo como 'É algo inexistente nas circunstâncias de ele doer'. Há um paralelo interessante entre a construção dooh...bú e o exemplo 3.89.

- (3.89) ta-ma txaah na-do ta-ta-hõoh bú  
           ele-som pequeno neg-ser+NI ele-tema-rosnar+NI abl  
           É um grande barulho quando ela (a onça) rosna.

Interpreta-se uma forma como ta-ma txaah na-do como negativo substantivado, o qual funciona como complemento predicativo numa oração equativa (seção 4.8). Neste caso, evidentemente o sujeito da

oração equativa é vazio e o uso da LP ta-ta-hõoh bú é no sentido do quantificador universal 'sempre que'.

Esta interpretação da construção dooh...bú permite uma observação interessante em relação ao deslocamento de um constituinte para a segunda posição a fim de indicar que o foco da negação está sobre o constituinte deslocado (seção 3.5). Talvez se possa considerar este, especialmente quando é nominal, como ocupando a posição de sujeito da oração equativa. Assim, em 3.66a húúy 'mato' seria o sujeito da oração equativa (no lugar do sujeito vazio proposto acima), enquanto em 3.66b seria o objeto da oração não-finita, como representado abaixo.

- (3.66a) dooh húúy yi ha-púúh bú  
 neg mato indef tema-ver+NI abl  
 Não se viu o mato. (com o foco no 'mato')

[dooh] [húúy] [yi ha-púúh bú]  
 LN LN LP

- (3.66b) dooh yi ha-púúh bú húúy

Não se viu o mato.

[dooh] [∅] [yi ha-púúh bú húúy]  
 LN LN LP

A tradução literal de 3.66a então seria algo como 'O mato era algo inexistente nas circunstâncias de a gente ver', enquanto a de 3.66b seria algo como 'Era algo inexistente nas circunstâncias de a gente ver o mato'.



### 3.8. A origem do morfema negativo dooh.

Existe um verbo ba-doh, o qual se usa em vários sentidos, incluindo o de 'inexistir'. Este verbo parece ocorrer apenas em nominalizações, ou seja, em orações nominalizadas, como na oração pseudorelativa m̄is ba-doh encaixada na LP do exemplo 3.90, e em substantivos derivados de verbos, como ma ba-dooh que funciona como complemento predicativo na oração equativa no exemplo 3.91.

(3.90) m̄is ba-doh bú  
civilizado tema-inexistir+I abl  
 onde não existem civilizados

(3.91) ma ba-dooh Subih  
som tema-inexistir+NI Subih  
 Subih está quieto.

Parece lógico, então, afirmar que o morfema negativo dooh é uma forma nominalizada da raiz do verbo ba-doh 'ser inexistente', ou seja, que dooh é um nome cujo significado é 'algo inexistente'.

## NOTAS:

1. Algumas idéias preliminares sobre o morfema negativo dooh, principalmente em relação à construção dooh...bú, foram apresentadas pela autora numa comunicação ao Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (Weir 1981a). A análise aqui apresentada se baseia em dados adicionais colhidos posteriormente e sobrepuja àquela.
2. Observa-se que o sujeito posposto em 3.43d não é marcado com a posposição hã 'dativo', a qual sempre acompanha os sujeitos transitivos pospostos (seção 2.1.2). Assim, não se pode interpretar o verbo como significando 'tirar' neste exemplo.
3. Quando este trabalho estava em fase final de preparação para a impressão, chegou às minhas mãos um artigo de Kroskity (1984) sobre a negação em Arizona Tewa e outras línguas Tanoan. O autor afirma que, em Arizona Tewa, usa-se um morfema negativo descontínuo, do qual o segundo constituinte (o sufixo) é idêntico à posposição que indica subordinação. Ele argumenta que este sufixo negativo representa uma reinterpretação do subordinador. Em Nadëb também, encontra-se, nas construções dooh...bú e dooh...péh, evidência de subordinação, ou seja, orações nominalizadas, no negativo, mas minha análise disso para o Nadëb difere da do Kroskity para o Arizona Tewa.

## CAPÍTULO 4

### O PREFIXO NEGATIVO na-

#### 4.0. Introdução.

A negação morfológica, ou seja, por afixos verbais, é muito comum nas línguas naturais, ocorrendo em 108 das aproximadamente 240 línguas examinadas por Dahl (1979:84). Dos exemplos que seguem nesta seção, fica evidente que no Nadëb o morfema negativo na- faz parte da morfologia do verbo. Classifica-se o na- como prefixo verbal derivacional.

O prefixo negativo na-, como todos os prefixos derivacionais, pode ocorrer como o único prefixo do verbo em questão (exemplo 4.1b, = exemplo 2.1e), bloqueando a realização do formativo a- que aparece no afirmativo (exemplo 4.1a, = exemplos 2.1c e 3.32a), ou junto com outros prefixos (salvo os de subordinação).

(4.1a) a-ĩih

form-dormir+I

Está dormindo.

(4.1b) na-ĩh

neg-dormir+NI

Não está dormindo.

Como já se viu na seção 2.2.1.4.2, a ordenação dos prefixos verbais é determinada por suas formas fonológicas e não por seus tipos ou significados. O prefixo na- precede os temáticos, derivacionais e relacionais da-, ha-, la-, ta- e ya-, como exemplificado em 4.2b com o prefixo temático da-; segue ba-, ga-, ja-, ka-, ma-, pa-, sa- e

wa-, como exemplificado em 4.3b com o prefixo derivacional ka- 'reflexivo, recíproco'; e se combina com o prefixo de aspecto i-, resultando em ni-, quando não há outro prefixo entre ele e o aspecto (exemplo 4.4b). Os afirmativos correspondentes aparecem em 4.2a (= exemplo 2.38), 4.3a e 4.4a, respectivamente.

(4.2a) da-yup

tema-morrer+I

Morreu.

(4.2b) na-da-yub

neg-tema-morrer+NI

Não morreu.

(4.3a) ka-buu

refl/rec-embalar+I

Está se embalando.

(4.3b) ka-na-bxuu

refl/rec-neg-embalar+NI

Não está se embalando.

(4.4a) i-tii

asp-pescar+I

Está pescando.

(4.4b) ni-tí

neg+asp-pescar+NI

Não está pescando.

O prefixo negativo na- também ocorre com o prefixo temático ou derivacional na-, como no exemplo 4.5b (= exemplo 2.42b). O afirmativo correspondente aparece em 4.5a (= exemplo 2.42a). Não é possível especificar qual dos na- precede o outro, já que são idênticos em forma e nunca se separam por outro prefixo.

- (4.5a) ga-ni-wún  
 tema-tema+asp-vazar+I  
 Vaza.
- (4.5b) ga-na-ni-wún  
 tema-neg-tema+asp-vazar+NI, ou  
 tema-tema-neg+asp-vazar+NI  
 Não vaza.

Como todos os prefixos derivacionais (e também os temáticos e relacionais), o prefixo negativo na- exclui o uso de prefixos de subordinação, como exemplificado em 4.6. No afirmativo, quando um advérbio precede o verbo, freqüentemente se usa o prefixo de subordinação ba- 'adverbial relativizado' com o sujeito obrigatoriamente especificado imediatamente antes do verbo, ou seja, a construção tipo oração clivada (exemplo 4.6a). No negativo, porém, não aparece este prefixo de subordinação (exemplos 4.6b a 4.6d).<sup>1</sup>

(4.6a) ajum ta-ba-hîng  
 de=noite ele-advrel-baixar+I  
 De noite é que ele baixou

(4.6b) ajum na-hîih  
 de=noite neg-baixar+NI  
 Não baixou de noite.

(4.6c) \* ajum ta-ba-na-hîih

(4.6d) \* ajum ba-na-hîih

Observa-se que, em cada um desses exemplos do negativo, a forma do verbo é não-indicativa, o que está em confronto com o afirmativo correspondente, no qual se usa a indicativa. Considerar-se-á este

aspecto em mais detalhe na seção 4.7, junto com uma tradução mais rigorosa desta construção.

Como se afirmou na seção 2.11, o prefixo negativo na- parece ser usado na negação tanto de orações principais como de orações nominalizadas. Neste capítulo, descreve-se primeiro seu uso em orações nominalizadas e em seguida seu uso em orações principais.

Negam-se as orações nominalizadas pelo uso do prefixo negativo na-, o verbo permanecendo indicativo ou não-indicativo conforme sua forma no afirmativo correspondente, como se descreverá em detalhe nas seções 4.1 a 4.6.

#### 4.1. A negação das orações relativas.

Na seção 2.2.2.2.1., viu-se que as orações relativas são marcadas por um nominalizador (doo, no caso de referência específica, ou péh, no caso de referência não-específica) seguindo imediatamente a LV e que o verbo sempre é indicativo. Os únicos constituintes numa oração que se podem relativizar diretamente são o sujeito e o objeto direto, embora outro constituinte nominal possa ser alçado para uma dessas posições a fim de relativizá-lo. Exemplifica-se a relativização dum sujeito em 4.7a, indicado pelo prefixo de subordinação ha-, e a dum objeto em 4.8a, indicado pela ausência de prefixo de subordinação. O constituinte relativizado é apagado da oração relativa.

(4.7a) ha-wuh doo  
 sujrel-comer+I nom  
 que está comendo

(4.8a) awad a-wuh doo  
 onça form-comer+I nom  
 que a onça está comendo

Nega-se uma oração relativa pelo uso do prefixo negativo na-, a forma do verbo permanecendo indicativa. Nos exemplos 4.7b e 4.8b aparecem as orações relativas negadas correspondentes a 4.7a e 4.8a, respectivamente.

(4.7b) na-wuh doo  
neg-comer+I nom  
 que não está comendo

(4.7c) \* na-ha-wuh doo

(4.8b) awad na-wuh doo  
 onça neg-comer+I nom  
 que a onça não está comendo

O fato de o prefixo negativo na- excluir os prefixos de subordinação, no caso, ha- (exemplo 4.7c), tem por consequência que, no negativo, a única maneira sintática de distinguir entre sujeito relativizado e objeto relativizado é pela ausência ou presença do sujeito dentro da oração relativa. Compare os exemplos 4.7b e 4.8b. Em 4.7b, já que nenhum sujeito aparece na oração relativa, sabe-se que o constituinte relativizado é o sujeito. Por outro lado, em 4.8b aparece o sujeito awad 'onça' e, portanto, conclui-se que o constituinte relativizado é o objeto.

De fato, 4.8b é ambíguo, embora essa leitura seja a preferida na ausência de evidência ao contrário. Todavia, 4.8b também é a negação de 4.8c, na qual awad é o objeto e não o sujeito, ou seja, 4.8b também pode significar 'que não está comendo a onça'.

(4.8c) awad ha-wah doo  
 onça sujrel-comer+I nom  
 que está comendo a onça

Este tipo de ambigüidade já foi notado no afirmativo (seção 2.2.2.2.1.2) no caso de verbos com prefixos temáticos, derivacionais ou relacionais. No negativo, porém, devido à presença do prefixo na-, potencialmente há esta ambigüidade com todo verbo transitivo, embora se resolva freqüentemente pela semântica ou pelo contexto. Como no afirmativo, pode-se evitar tal ambigüidade sintaticamente pelo deslocamento à direita do nominal em questão.

#### 4.2. A negação das orações pseudorelativas.

Na seção 2.2.2.2.2, descreveu-se a estrutura das orações pseudorelativas e as posições na quais elas podem funcionar. Em 4.9a exemplifica-se uma oração pseudorelativa, a qual funciona como modificador da posposição bú.

(4.9a) Subih ba-hing bú  
 Subih advrel-baixar+I abl  
 quando Subih baixar/baixou

Negam-se as orações pseudorelativas na mesma maneira que as relativas, a saber, pelo uso do prefixo negativo na-, o verbo permanecendo indicativo. A forma negativa que corresponde a 4.9a



aparece em 4.9b. Mais uma vez, vê-se que o prefixo na- exclui os prefixos de subordinação, no caso, ba- (exemplo 4.9c).

(4.9b) Subih na-hing bú  
 Subih neg-baixar+I abl  
 enquanto Subih não baixar

(4.9c) \* Subih ba-na-hing bú

#### 4.3. A negação das orações complementares finitas.

Na seção 2.8.6, descreveu-se a estrutura das orações complementares finitas, das quais 4.10a (= exemplo 2.162a) é um exemplo.

(4.10a) óów súg ka-lên Subih ba-hing  
 avô velho tema-querer+I Subih Ocomp-baixar+I  
 Vovô velho quer que Subih baixe.

Como no caso das orações relativas e pseudorelativas, negam-se as orações complementares finitas pelo uso do prefixo negativo na-, o verbo permanecendo indicativo, como em 4.10b. Como sempre, o na- exclui o prefixo de subordinação, no caso, ba-, que ocorre no afirmativo.

(4.10b) óów súg ka-lên Subih na-hing  
 avô velho tema-querer+I Subih neg-baixar+I  
 Vovô velho quer que Subih não baixe.

Conforme se afirmou na seção 2.8.6, pode-se alçar uma oração complementar finita para o nível de oração matriz, resultando em duas orações principais coordenadas, como em 4.10c (= exemplo 2.162c).

Neste caso, nega-se o complemento alçado na mesma maneira que qualquer oração principal, usando a construção dooh...bú, como em 4.10d.

(4.10c) óów súg ka-lên / Subih a-híng  
 avô velho tema-querer+I / Subih form-baixar+I  
 Vovô velho quer que Subih baixe.

(4.10d) óów súg ka-lên / dooh Subih a-híih bú  
 avô velho tema-querer+I / neg Subih form-baixar+NI abl  
 Vovô velho quer que Subih não baixe.

Também se encontra em textos formas com 4.10e, embora um falante demonstrasse incerteza sobre sua aceitabilidade fora de contexto, talvez porque esta forma pode ser interpretada no sentido 'Vovô velho não quer algo não-specificado, se Subih baixar'.

(4.10e) dooh óów súg ka-lên bú Subih a-híih bú  
 neg avô velho tema-querer+I abl Subih form-baixar+NI abl  
 Vovô velho não quer que Subih baixe.

Não está bem claro ainda se aqui se trata ou não do transporte ou alçamento do negativo de uma oração encaixada para uma mais alta.<sup>2</sup> O falante nativo não podia afirmar se 4.10e (no sentido de imperativo indireto) era ou não exatamente equivalente a 4.10b. Tendo em vista a análise proposta no capítulo 3, provavelmente se deve considerar o dooh em 4.10e como complemento predicativo numa oração equativa, cujo sujeito é vazio (ou apagado), e o resto da oração como uma LP. Uma tradução mais literal, então, seria 'É algo inexistente nas circunstâncias de vovô velho querer que Subih baixe'.

No caso de verbos de ordenar, como mi-yõo 'mandar', os quais não poderiam admitir transporte ou alçamento do negativo, a situação está

mais clara. Encontram-se as duas formas negadas 4.11b e 4.11c, dos quais 4.11b representa a negação da oração encaixada, enquanto 4.11c representa a negação do verbo na oração matriz.

(4.11a) óów súg mi-yõ Subih ba-híng  
 avô velho tema+asp-mandar+I Subih Ocomp-baixar+I  
 Vovô velho mandou Subih baixar.

(4.11b) óów súg mi-yõ Subih na-híng  
 avô velho tema+asp-mandar+I Subih neg-baixar+I  
 Vovô velho mandou Subih não baixar.

(4.11c) dooh óów súg mi-yõ bú  
 neg avô velho tema+asp-mandar+NI ab1  
 Subih a-híih bú  
 Subih form-baixar+NI ab1  
 Vovô velho não mandou Subih baixar. (lit., É algo  
 inexistente nas circunstâncias de vovô velho mandar Subih  
 baixar.)

O mesmo falante nativo afirma que 4.11b e 4.11c não são iguais em sentido.

#### 4.4. A negação das orações resultativas.

Na seção 2.9, descreveu-se a estrutura das orações resultativas, das quais 4.12a (= exemplo 2.166a) é um exemplo.

(4.12a) Subih řih hi-gxãas / řih wén híng  
 Subih eu dat+asp-olhar+I / eu por=isso baixar+I  
 Para ver Subih eu baixei.

Como no caso das orações nominalizadas finitas, nega-se uma oração resultativa pelo uso do prefixo negativo na-, o verbo permanecendo indicativo (exemplo 4.12b). Em confronto com o prefixo de subordinação ba- nas orações complementares finitas, o wén, sendo um elemento incorporado na LV e não um prefixo, não é excluído pela presença do na-.

- (4.12b) Subih ãih hi-gxãas / ãih wén na-hing  
 Subih eu dat+asp-olhar+I / eu por=isso neg-baixar+I  
 Para ver Subih eu não baixei.

#### 4.5. A negação das orações nominalizadas não-finitas.

Na seção 2.2.2.2.3, descreveu-se a estrutura das orações nominalizadas não-finitas. O verbo sempre é não-indicativo e a oração não-finita geralmente ocorre como modificador numa LP cujo núcleo é a posposição bú ou nuuyé, como exemplificado em 4.13a e 4.14a.

- (4.13a) Subih i-ug bú ta-biin  
 Subih asp-beber+NI abl ele-remédio  
 se Subih tomar o remédio

- (4.14a) kalapée a-ãh nuuyé  
 criança form-dormir+NI locdif  
 se a criança está dormindo

Negam-se as orações não-finitas pelo uso do prefixo negativo na-, o verbo permanecendo não-indicativo (exemplos 4.13b e 4.14b).

- (4.13b) Subih ni-ug bú ta-biin  
 Subih neg+asp-beber+NI abl ele-remédio  
 se Subih não beber o remédio
- (4.14b) kalapéé na-ĩh nuuyé  
 criança neg-dormir+NI locdif  
 se a criança não está dormindo

Esta maneira de negar as orações não-finitas também se aplica no caso de orações equativas não-finitas, como exemplificado em 4.15b.

- (4.15a) Subih txaah ta-do bú  
 Subih filho ele-ser+NI abl  
 se ele é filho de Subih
- (4.15b) Subih txaah ta-na-do bú  
 Subih filho ele-neg-ser+NI abl  
 se ele não é filho de Subih

Conforme já se afirmou na seção 2.2.2.2.3.3, usam-se as orações não-finitas como modificadores em LPs para expressar: i) oração condicional, ii) quantificador universal 'sempre que', iii) ação simultânea, iv) causativo perifrástico, v) fonte de informação indireta, vi) perguntas polares indiretas e vii) complemento oracional de certos verbos. Todos os exemplos que tenho da negação de orações não-finitas são dos tipos i a iii, ou seja, condicionais, quantificadores universais 'sempre que' e ações simultâneas. Seria difícil imaginar negativos de causativos perifrásticos e fontes de informação indireta, tipos iv e v, e de fato nestes contextos os falantes nativos não aceitam a negação. Também parece que não podem ser negativizadas as orações complementares não-finitas, mas seria de

se esperar que se pudesse negar a oração não-finita numa pergunta polar indireta.

**4.6. O uso aparente do prefixo negativo na- com um verbo indicativo nas orações principais.**

Encontram-se formas negadas como 4.16b, as quais aparentemente são exemplos da negação de orações principais pelo uso do prefixo negativo na- e a forma indicativa do verbo. Compare com o afirmativo 4.16a (= exemplo 2.10c).

(4.16a) jém-hě    řih a-hing  
ontem-adv eu form-baixar+I  
Ontem eu baixei.

(4.16b) jém-hě    řih na-hing  
ontem-adv eu neg-baixar+I

A forma de 4.16b, porém, é relativamente rara e parece ser usada apenas em situações muito específicas, como, por exemplo, quando se sabe que o falante tem o hábito de baixar todos os dias, mas que um dia ele não baixou. Assim, 4.16b não tem o mesmo sentido que 4.16d, o qual é a negação oracional de 4.16c (= exemplo 2.10b).

(4.16c) řih a-hing            jém-hě  
eu form-baixar+I ontem-adv  
Baixei ontem.

(4.16d) dooh řih a-hih            bú jém-hě  
neg eu form-baixar+NI abl ontem-adv  
Não baixei ontem.

Interpreta-se 4.16b como sendo uma oração clivada, a qual corresponde a 4.16e (= exemplo 2.10a) no afirmativo e não a 4.16a, e a negação em

4.16b é a negação da oração pseudorelativa e não da oração clivada inteira. A tradução de 4.16b, então, é 'Foi ontem que eu não baixei'.

- (4.16e) jém-hě    ʔih ba-hing  
 ontem-adv eu advrel-baixar+I  
 Foi ontem que eu baixei.

Semelhantemente, em raras ocasiões e em contextos muito específicos, encontram-se formas negadas como 4.17b, a qual também é interpretada como sendo oração clivada correspondente a 4.17a e não como sendo a negação oracional de 4.17c (= exemplo 3.36a). Mais uma vez, a negação é da oração pseudorelativa e não da oração clivada inteira.

- (4.17a) ʔih ha-hing  
 eu sujrel-baixar+I  
 Fui eu quem baixou.
- (4.17b) ʔih na-hing  
 eu neg-baixar+I  
 Fui eu quem não baixou.
- (4.17c) ʔih a-hing  
 eu form-baixar+I  
 Baixei.

Encontra-se também o prefixo negativo na- com um verbo indicativo em certos casos de âmbito limitado da negação, como na segunda oração do exemplo 4.18b, onde evidentemente o âmbito da negação não inclui a LP causal tii hūbnxaa 'por isso'. Interpreta-se esta oração como mais um caso de oração clivada, na qual se nega apenas a oração pseudorelativa que funciona como sujeito, e a qual corresponde no afirmativo a 4.18a.

- (4.18a) ɣih hxóóh nĩng / tii hubnxaa ɣih ba-hĩng  
 eu canoa existir+I / dem razão eu advrel-baixar+I  
 Tenho uma canoa, por isso é que baixei.
- (4.18b) dooh hxóóh ɣi péh / tii hubnxaa ɣih na-hĩng  
 neg canoa meu nãoesp / dem razão eu neg-baixar+I  
 Não tenho canoa, por isso é que não baixei.

Outro contexto em que a negação oracional é aparentemente efetuada pelo prefixo na- e a forma indicativo do verbo é o formado pelas perguntas não-polares, como exemplificado em 4.19a com uma pergunta do tipo 'quem' e em 4.20a com uma do tipo 'quando'.

- (4.19a) yaah ni-uuk ta-biin  
 quem neg+asp-beber+I ele-remédio  
 Quem não tomou remédio?
- (4.20a) nih noogó a-txaah ni-uuk ta-biin  
 qual época teu-filho neg+asp-beber+I ele-remédio  
 Quando teu filho não tomou remédio?

As respostas a tais perguntas apresentam as mesmas características, (exemplos 4.21a e 4.22a).

- (4.21a) txaah ɣi ni-uuk  
 filho meu neg+asp-beber+I  
 Meu filho é que não tomou.
- (4.22a) jém-hē ta-ni-uuk  
 ontem-adv ele-neg+asp-beber+I  
 Foi ontem que ele não tomou.

Nas seções 2.7.1.2.1 e 2.7.1.2.2, viu-se que as palavras interrogativas yaah 'quem' e nih 'qual' ocorrem apenas como o único constituinte de, ou como o modificador em, complemento predicativo



numa oração equativa. Assim, as formas não-negativas correspondentes a 4.19a, 4.20a, 4.21a e 4.22a são as orações clivadas 4.19b, 4.20b, 4.21b e 4.22b, respectivamente.

(4.19b) yaah hi- $\text{uuk}$  ta-biin  
 quem sujrel+asp-beber+I ele-remédio  
 Quem é que tomou remédio?

(4.20b) n $\dot{h}$  noogó a-txaah bi- $\text{uuk}$  ta-biin  
 qual época teu-filho advrel+asp-beber+I ele-remédio  
 Quando foi que teu filho tomou remédio?

(4.21b) txaah  $\ddot{h}$  hi- $\text{uuk}$   
 filho meu sujrel+asp-beber+I  
 Foi meu filho quem tomou.

(4.22b) jém-hē ta-bi- $\text{uuk}$   
 ontem-adv ele-advrel+asp-beber+I  
 Foi ontem que ele tomou.

Conseqüentemente, interpretam-se as perguntas e respostas negativas (4.19a, 4.20a, 4.21a e 4.22a) também como sendo orações clivadas, nas quais a negação é da oração pseudorelativa que funciona como sujeito.

Conclui-se, então, que todos os casos aparentes da negação de orações principais pelo prefixo negativo na- e a forma indicativa do verbo são de fato orações clivadas, nas quais a negação se aplica apenas à oração pseudorelativa que funciona como seu sujeito. Assim, pode-se afirmar que não se trata de negação oracional.

**4.7. O uso do prefixo negativo na- com um verbo não-indicativo nas orações principais.**

Na seção 4.0, notaram-se alguns exemplos do prefixo negativo na- com a forma não-indicativa do verbo em orações principais (exemplos 4.1 a 4.5), enquanto o verbo no afirmativo correspondente é indicativo. Isso está em confronto com os exemplos apresentados nas seções 4.1 a 4.6, onde se viu que a presença do prefixo negativo na- não afeta a forma do verbo (indicativa ou não-indicativa). Observa-se que, nos exemplos 4.1 a 4.5 considerados na seção 4.0, o verbo é intransitivo e o sujeito é um pronome da terceira pessoa, o qual é apagado. Este apagamento da terceira pessoa pronominal no negativo está de acordo com o comportamento do sujeito pronominal de verbos intransitivos no afirmativo (seção 2.1.1).

Considera-se agora o comportamento de sujeitos não-pronominais com verbos intransitivos. Encontram-se no negativo, bem como no afirmativo, as duas ordens SV e VS (exemplo 4.23). (O exemplo 4.23a já foi considerado nos capítulos 2 e 3 como exemplos 2.1a e 3.29a e o exemplo 4.23b nos mesmos capítulos como exemplos 2.1b e 3.33a.)

(4.23a) kalapéé a-ĩih

criança form-dormir+I

A criança está dormindo.

(4.23b) a-ĩih kalapéé

(4.23c) na-ĩh kalapéé

neg-dormir+NI criança

A criança não está dormindo.

(4.23d) kalapéé na-ĩh

Há, porém, uma diferença entre o afirmativo e o negativo na ordem

preferida. No afirmativo, prefere-se a ordem SV (exemplo 4.23a) com os verbos não-descritivos, enquanto a ordem VS é mais usada com os descritivos. Por outro lado, encontra-se mais freqüentemente a ordem VS (exemplo 4.23c) no negativo com todo tipo de verbo.

As ordens de constituintes no negativo com verbos transitivos apresentam características interessantes. No afirmativo, existem basicamente duas ordens possíveis, a saber, OSV e SVO, como exemplificados em 4.24a e 4.24b, respectivamente (seção 2.1.2). As ordens SOV e OVS (exemplos 4.24c e 4.24d) não são permitidas. O sentido em ambos estes casos seria 'O suco de patauá está me bebendo', o que é impossível semanticamente.

(4.24a) wúng buuh ãih i-uk  
 patauá suco eu asp-beber+I  
 Estou bebendo suco de patauá.

(4.24b) ãih i-uk wúng buuh

(4.24c) \* ãih wúng buuh i-uk

(4.24d) \* wúng buuh i-uk ãih

No negativo, porém, o inverso se dá, ou seja, as ordens OVS e SOV são permitidas (exemplos 4.24e e 4.24f), enquanto as ordens OSV e SVO são excluídas (exemplos 4.24g e 4.24h). Das permitidas, a ordem mais usada é OVS (exemplo 4.24e).

(4.24e) wúng buuh ni-ug ãih  
 patauá suco neg+asp-beber+NI eu  
 Não bebo suco de patauá.

(4.24f) ãih wúng buuh ni-ug

(4.24g) \* wúng buuh ãih ni-ug

(4.24h) ?\* ãih ni-ug wúng buuh

Um falante aceita 4.24h, mas afirma que a forma não é muito boa e que a forma mais correta seria 4.24i, a qual é aceitável para todos os falantes. Neste caso, marca-se o objeto pela posposição hã 'dativo'.

- (4.24i) ĩĩh ni-ug                      wúng    buuh hã  
 eu neg+asp-beber+NI patauá suco dat  
 Não bebo suco de patauá.

As ordens nas quais o verbo aparece em posição inicial, ou seja, VSO e VOS, não são aceitáveis, nem no afirmativo, nem no negativo.

Nota-se que não se pode explicar a inversão das ordens aceitáveis no negativo por incorporação do objeto direto na LV, uma vez que não se permite a incorporação de uma LN inteira (seção 2.2.1.5). A interpretação mais simples de 4.24e a 4.24h é que se trata de orações equativas e não transitivas. O fato de a ordem em 4.24e ser a mais comum combina com a interpretação de ĩĩh como o sujeito e wúng buuh ni-ug como o complemento predicativo numa oração equativa. Esta análise explicaria também a ordem preferida do exemplo 4.23c com os verbos intransitivos.

Podem-se comparar 4.24e e 4.24f com a oração equativa 4.24j, na qual o sujeito é a oração pseudorelativa negada wúng buuh ni-uk 'que não está bebendo suco de patauá' e o complemento predicativo ĩĩh 'eu' (seção 4.6).

- (4.24j) ĩĩh wúng    buuh ni-uk  
 eu patauá suco neg+asp-beber+I  
 Quem não está bebendo suco de patauá sou eu.

Interpreta-se o constituinte wúng buuh ni-ug como substantivação da oração pseudorelativa wúng buuh ni-ugk. Pode-se comparar isso com a substantivação de uma oração principal que consiste num advérbio e uma LV, mencionada na seção 2.2.3.4 e considerada mais detalhadamente no apêndice IV. Os argumentos a favor desta interpretação são os mesmos que se apresentarão no apêndice IV, a saber, ordem fixa e não-interruptibilidade das constituintes, forma não-indicativa da raiz verbal e não-aceitabilidade da negação de tal construção (exemplo 4.24k).<sup>3</sup>

(4.24k) \* dooh ãh wúng buuh ni-ug bú  
 neg eu patauá suco neg+asp-beber+NI abl

Com esta interpretação, uma tradução mais rigorosa de 4.24e e 4.24f é 'Sou um não-bebedor-de-suco-de-patauá' e o âmbito da negação é limitado à substantivação que funciona como complemento predicativo da oração.

O fato de formas como na-ãh e wúng buuh ni-ug poderem ocorrer em certas outras posições nominais (além de como complemento predicativo numa oração equativa) fornece mais apoio para a análise aqui proposta. Compare, por exemplo, o uso de na-ãh e wúng buuh ni-ug nas posições de sujeito intransitivo, sujeito transitivo e objeto direto nos seguintes exemplos com o uso do nome simples Subih nas mesmas posições.

(4.25a) na-ãh i-yám  
 neg-dormir+NI asp-cantar+I

Aquele que não está dormindo está cantando.

(4.26a) Subih i-yám

Subih asp-cantar+I

Subih está cantando.

(4.27a) ĩih wúng buuh ni-ug ha-púh  
 eu patauá suco neg+asp-beber+NI tema-ver+I  
 Aquele que está bebendo suco de patauá me vê.

(4.28a) ĩih Subih ha-púh  
 Subih me vê.

(4.27b) wúng buuh ni-ug ĩih ha-púh  
 Vejo aquele que está bebendo suco de patauá.

(4.28b) Subih ĩih ha-púh  
 Vejo Subih.

Há, porém, certas restrições quanto ao uso de tais substantivações que não se aplica no caso de nomes simples como Subih. Por exemplo, as substantivações não são aceitáveis em posição pós-verbal nem com posposições, como exemplificado em seguida.

(4.25b) \* i-yúm na-ĩh

(4.26b) i-yúm Subih

(4.27c) \* ĩih ta-ha-púh wúng buuh ni-ug hã  
 eu ele-tema-ver+I pataúia suco neg+asp-beber+NI dat

(4.28c) ĩih ta-ha-púh Subih hã  
 Subih me vê.

(4.27d) \* ĩih ha-púh wúng buuh ni-ug

(4.28d) ĩih ha-púh Subih  
 Vejo Subih.

(4.29) \* wúng buuh ni-ug sii ĩih ba-hing  
patauá suco neg+asp-beber+NI com eu advrel-baixar+I

(4.30) Subih sii ĩih ba-hing

Com Subih é que vou baixar.

Observar-se-ão no apêndice IV restrições semelhantes quanto ao uso de substantivações que incluem advérbios.



respectivamente, com a forma inaceitável de 4.32c, na qual se incluem ambos esses complementos.

(4.32a) bxaah na-gúúw                      ʔih

árvore neg-derrubar=árvore+NI eu

Não estou derrubando árvores. (lit., Sou um não-derrubador-de-árvores.)

(4.32b) míim me na-gúúw                      ʔih

machado meio neg-derrubar=árvore+NI eu

Não estou derrubando com machado. (lit., Sou um não-derrubador-com-machado.)

(4.32c) \* míim me bxaah na-gúúw ʔih

Dos exemplos 4.32d e 4.32e, fica evidente que se permite a presença de um segundo complemento em outra posição na oração.

(4.32d) bxaah na-gúúw ʔih míim me

Não estou derrubando árvores com machado. (lit., Sou um não-derrubador-de-árvores com machado.)

(4.32e) míim me na-gúúw                      ʔih bxaah hã

machado meio neg-derrubar=árvore+NI eu árvore dat

Não estou derrubando árvores com machado. (lit., Sou um não-derrubador-com-machado em relação a árvores.)

Parece que o foco da negação sempre está no complemento incluído na substantivação, i. é, no bxaah em 4.32a e 4.32d e no míim me em 4.32b e 4.32e.

Já se observou que, quando o objeto direto de um verbo numa substantivação aparece separado dele por outros constituintes na oração, é considerado mais aceitável por todos os falantes e obrigatório pela grande maioria dos falantes marcar este objeto direto pela posposição hã 'dativo', como em 4.24j.<sup>4</sup>



- (4.24i)  $\text{ĩĩh ni-ug wúng buuh hã}$   
 eu neg+asp-beber+NI patauá suco dat  
 Não bebo suco de patauá.

- (4.24h) ?\*  $\text{ĩĩh ni-ug wúng buuh}$

Evidentemente, se se interpreta ni-ug como substantivação, no caso, funcionando como complemento predicativo numa oração equativa cuja sujeito é ĩĩh 'eu', não se pode permitir a presença de uma terceira LN, como wúng buuh 'suco de patauá', na oração. A presença da posposição hã em 4.24i indica que se trata de esclarecimento de um constituinte que não é o sujeito intransitivo nem o objeto direto da oração. Compare com um uso semelhante de hã em:

- (4.33)  $\text{ta-txaah Subih hã}$   
 ele-filho Subih dat  
 o filho dele, de Subih.

Uma tradução mais literal de 4.24i, então, seria algo como 'Eu sou um não-bebedor com relação a suco de patauá'.

#### 4.8. A construção 'negativo substantivado' em orações equativas.

Como se viu na seção anterior, a uma oração principal transitiva afirmativa (como no exemplo 4.24a) corresponde uma oração equativa, cujo sujeito é o mesmo e cujo complemento predicativo é a substantivação de uma oração pseudorelativa negada, a qual contém o verbo e objeto direto da oração principal afirmativa (exemplo 4.24e). Em efeito, 4.24e é a negação de 4.24a.

- (4.24a)  $\text{wúng buuh ĩĩh i-uk}$   
 patauá suco eu asp-beber+I  
 Estou bebendo suco de patauá.

- (4.24e) wǎng bũh ni-ug ĩih  
 patauá suco neg+asp-beber+NI eu  
 Sou um não-bebedor-de-suco-de-patauá. (i. é, Não estou  
 bebendo suco de patauá.)

Considera-se agora o uso desta construção em orações equativas. Como se viu na seção 2.1.3, não há LV na forma afirmativa duma oração principal equativa (exemplo 4.34a, = exemplos 2.6b e 3.76a; também considerado na nota 6 do capítulo 2), mas se propõe que na sua estrutura profunda exista um verbo copular a-doo 'ser' (exemplo 4.34b, = exemplo 2.6d).

- (4.34a) kalapéé Subih  
 criança Subih  
 Subih é uma criança.

- (4.34b) \* kalapéé Subih a-doo  
 criança Subih form-ser+I

Baseado nesta hipótese e na análise na seção anterior, seria de esperar que houvesse uma forma negativa correspondente como 4.34c (= exemplo 3.76b; também considerado na nota 6 do capítulo 2).

- (4.34c) kalapéé na-do Subih  
 criança neg-ser+NI Subih  
 Subih é uma não-criança. (i. é, Subih não é uma criança.)

De fato, esta forma não existe apenas, como também é a maneira mais comum nos textos disponíveis de negar uma oração equativa. Conforme a análise na seção anterior, interpreta-se 4.34c como oração equativa, cujo sujeito é Subih e cujo complemento predicativo é a substantivação kalapéé na-do 'uma não-criança', a qual se deriva da oração pseudorelativa negada kalapéé na-doo 'que não é criança'.

Como no caso dos verbos não-copulares, pode também ocorrer nesta construção um adverbial no lugar do complemento predicativo, como exemplificado a seguir. Em 4.16e aparece uma oração equativa, cujo sujeito é a oração pseudorelativa ĩĩh ba-hĩng 'as circunstâncias de eu baixar' e cujo complemento predicativo é o adverbial jém-hẽ 'ontem'. Conforme a hipótese de que cada oração equativa contenha, na sua estrutura profunda, um verbo copular, a forma subjacente a 4.16e seria 4.16f.

(4.16e) jém-hẽ    ĩĩh ba-hĩng  
ontem-adv eu advrel-baixar+I

Foi ontem que eu baixei.

(4.16f) \* jém-hẽ    ĩĩh ba-hĩng            a-doo  
ontem-adv eu advrel-baixar+I form-ser+I

A negação de 4.16e pela construção 'negativo substantivado' aparece em 4.16g.

(4.16g) jém-hẽ    na-do            ĩĩh ba-hĩng  
ontem-adv neg-ser+NI eu advrel-baixar+I

Não foi ontem que eu baixei. (lit., As circunstâncias de eu baixar foram não-ontem.)

O fato de o prefixo de subordinação ba- 'adverbial relativizado' ser obrigatório nesta construção (cf. exemplo 4.16h) indica que a substantivação jém-hẽ na-do pode funcionar apenas como complemento predicativo e não como adverbial oracional, como no afirmativo (exemplo 4.16a).

(4.16h) \* jém-hẽ na-do ĩĩh a-hĩng

(4.16a) jém-hẽ    ĩĩh a-hĩng  
ontem-adv eu form-baixar+I

Ontem eu baixei.

Isso também se dá quando a substantivação consiste num nome seguido pela forma na-do, o que fica evidente pela presença obrigatória do prefixo de subordinação ha- 'sujeito relativizado' no negativo (exemplos 4.35b e 4.35c). Compare com as orações afirmativas intransitiva e equativa correspondentes em 4.35a (= exemplo 2.41a) e 4.35d (= exemplo 2.8), respectivamente.

(4.35a) Subih a-hĩng

Subih form-baixar+I

Subih baixou.

(4.35b) Subih na-do ha-hĩng

Subih neg-ser+NI sujrel-baixar+I

Não foi Subih que baixou. (lit., Quem baixou foi não-Subih.)

(4.35c) \* Subih na-do a-hĩng

(4.35d) Subih ha-hĩng

Subih sujrel-baixar+I

Foi Subih que baixou.

#### 4.9. Modificações aspectuais e quantificadora com o prefixo negativo

##### na-

Como no caso do negativo dooh (seção 3.4), podem ser introduzidas certas modificações aspectuais em construções negativas que contêm o prefixo negativo na- pelo uso de sufixos e partículas. Expressa-se a modificação aspectual 'não mais' pelo uso do sufixo completivo -wát (exemplos 4.36a e 4.36d) e a modificação aspectual 'ainda não' pelo uso da partícula nĩh 'ainda' (exemplo 4.36b). O sufixo se vincula a, e a partícula segue, o verbo ou a substantivação

do mesmo. O quantificador dina 'quase' também ocorre com um negativo substantivado (exemplo 4.36c).

(4.36a) ni-sóów-wúd Subih  
 neg+asp-flechar=com=sarabatana+NI-cmpl+NI Subih  
 Subih não flecha mais com sarabatana. (lit., Subih já é um não-flechador-com-sarabatana.)

(4.36b) ni-sóów nih Subih  
 neg+asp-flechar=com=sarabatana+NI ainda Subih  
 Subih ainda não flecha com sarabatana. (lit., Subih ainda é um não-flechador-com-sarabatana.)

(4.36c) ni-sóów dina Subih  
 neg+asp-flechar=com=sarabatana+NI quase Subih  
 Subih quase não flecha com sarabatana. (lit., Subih é quase um não-flechador-com-sarabatana.)

No caso do sufixo completivo -wút, a forma usada (indicativa ou não-indicativa) se determina pela construção em que aparece. Usa-se a indicativa nas orações nominalizadas finitas (exemplo 4.36d) e a não-indicativa nos demais casos, o que está de acordo com a forma do verbo usada na construção.

(4.36d) ni-sóów-wút doo  
 neg+asp-flechar=com=sarabatana+NI-cmpl+I nom  
 aquele que não flecha mais com sarabatana

#### 4.10. Outras construções nas quais se usa o prefixo negativo na-.

Existem mais duas construções nas quais aparece o prefixo negativo na-, uma das quais parece expressar impossibilidade e a outra ausência de vontade. Em ambos os casos, são necessários mais dados e estudos para determinar exatamente de que se trata. Contudo, podem-se notar aqui algumas características destas construções.

##### 4.10.1. O prefixo negativo na- numa construção que parece expressar impossibilidade.

Exemplifica-se a construção com o prefixo negativo na-, que parece expressar impossibilidade em 4.37a.

- (4.37a) wáng buh ni-mug hã ĩĩ  
 patauá suco neg+asp-beber+estendida+NI dat meu  
 Não bebo suco de patauá. (ou, Não posso beber suco de patauá.)

As características desta construção já notadas são:

i) Nos dados disponíveis, o agente sempre é humano e marcado pela posposição hã 'dativo' (exemplo 4.37a).<sup>5</sup> Pode-se comparar isso como o fenômeno de 'sujeitos no dativo' ('dative subjects'), descrito por vários lingüistas (veja, por exemplo, Klaiman 1980). McCawley (1976:194) notou uma tendência de não usar o caso nominativo/ergativo com o humano que está envolvido numa situação independentemente de sua vontade ou possibilidade de controle. Isso combinaria com o comentário de um falante em relação ao exemplo 4.38: 'Meu avô velho



- (4.39) hĩih ni-wa dah ta-hã  
 dem neg+asp-comer+estendida+NI futuro ele-dat  
 Ele não come (ou, não pode comer) isso.

v) Não se usa esta construção em orações não-finitas, como exemplificado com o condicional em 4.37e. Compare com 4.37f, o qual é a negação normal do condicional afirmativo em 4.37g.

- (4.37e) \* wúng buuh ni-ug bú hã ĩĩ  
 patauá suco neg+asp-beber+estendida+NI abl dat meu

- (4.37f) wúng buuh ĩĩh ni-ug bú  
 patauá suco eu neg+asp-beber+NI abl  
 se eu não beber suco de patauá

- (4.37g) wúng buuh ĩĩh i-ug bú  
 patauá suco eu asp-beber+NI abl  
 se eu beber suco de patauá

vi) A forma do verbo usada parece ser a não-indicativa de uma raiz estendida, a qual se usa numa variedade de contextos, como causativo, continuação de uma ação, fingimento, etc.

#### 4.10.2. O prefixo negativo na- numa construção que parece expressar ausência de vontade.

Em certas circunstâncias, usa-se numa construção negativa, a qual contém o prefixo negativo na-, o sufixo -hẽ vinculado ao verbo. As duas ordens OSV e SVO são permitidas (exemplos 4.40a e 4.40b).

- (4.40a) wúng buuh ĩĩh ni-ug-hẽ  
 patauá suco eu neg+asp-beber+NI-adv  
 Não quero mesmo beber suco de patauá.



(4.40b) ɛ̃ih ni-ug-hẽ wúng buh

Usa-se esta construção, por exemplo, como resposta a um imperativo, como em 4.41.

(4.41) "mi-ug wúng buh" / "ɛ̃ih ni-ug-hẽ"  
 você+asp-beber+NI patauá suco / eu neg+asp-beber+NI-adv  
 "Beba suco de patauá!" "Não quero mesmo beber."

Como no caso da construção descrita na seção anterior, parece que se usa uma forma como 4.40a ou 4.40b para se referir a uma ocasião específica presente ou passada (exemplo 4.40c), mas não a uma ocasião não-específica futura (exemplo 4.40d).

(4.40c) jém-hẽ ɛ̃ih ni-ug-hẽ wúng buh  
 ontem-adv eu neg+asp-beber+NI-adv patauá suco  
 Ontem eu não quis mesmo beber suco de patauá.

(4.40d) \* yiti ɛ̃ih ni-ug-hẽ wúng buh  
 amanhã eu neg+asp-beber+NI-adv patauá suco

O significado e a função do sufixo -hẽ não estão bem claros ainda. Geralmente ele ocorre vinculado a um advérbio, como em jém-hẽ 'ontem' no exemplo 4.40c, mas não coocorre com todos os advérbios. Por exemplo, não coocorre com yiti 'amanhã'.

Observa-se que o sufixo -hẽ também aparece vinculado a um verbo no afirmativo em certos contextos, como na resposta à pergunta em 4.42.

(4.42) "hɔdnxaa mi-uk wúng buh?" /  
 por=que você+asp-beber+I patauá suco /

"ĩih i-ug-hẽ"

eu asp-beber+NI-adv

"Por que você bebe suco de patauí?" "Eu bebo mesmo."

Com certos verbos, pode não realizar-se o prefixo formativo nesta construção, como em 4.43, o que sugere que o verbo aqui apresenta certas características nominais. Compare com as características nominais apresentadas pelo verbo na oração não-finita (seção 2.2.2.2.3.2).

(4.43) "hxúúd ma-ha-gú?" /

o=que você-dat-estar=em=rede+I /

"ĩih gúú-hẽ"

eu estar=em=rede+NI-adv

"Por que você está deitado na rede?" "Estou deitado mesmo."

Não está claro ainda exatamente como se deve analisar esta construção. Talvez o sufixo -hẽ indique que se trata de uma forma adverbial derivada de um verbo. Compare com o advérbio naĩiw ou naiiw-hẽ 'logo', o qual provavelmente se derivou diacronicamente a partir do verbo a-ĩm 'ficar', cuja raiz não-indicativa é -ĩiw.

#### 4.11. Resumo.

Neste capítulo, viu-se que o prefixo negativo na-, embora pareça superficialmente ser usado na negação tanto de orações principais como de orações encaixadas, de fato aparece apenas em orações encaixadas e em negativos substantivados. Isso está em confronto com o negativo dooh, o qual aparece apenas na negação de orações

principais. Viu-se, também, que o uso do prefixo negativo na-, em si, não afeta a forma do verbo (indicativa ou não-indicativa).

## NOTAS:

1. Já que o exemplo 4.6a é uma oração clivada, 4.6b não é o negativo que corresponde exatamente a ele. As duas formas negadas correspondentes são:

ajum na-do ta-ba-hing  
de=noite neg-ser+NI ele-advrel-baixar+I

Não foi de noite que ele baixou.

ajum ta-na-hing  
de=noite ele-neg-baixar+I

De noite é que ele não baixou.

Nota-se que, no segundo exemplo aqui, a presença do prefixo negativo na- exclui o uso do prefixo de subordinação ba-.

\* ajum ta-ba-na-hing

Considerar-se-ão formas como estas mais adiante (seções 4.8 e 4.6, respectivamente).

2. As idéias de transporte ou alçamento da negação são discutidas por vários lingüistas, como, por exemplo, Brandon (1977), Carden (1971), Cattell (1973), Horn (1975), Pollock (1976) e Prince (1976).

3. Talvez se possa explicar a não-aceitabilidade da negação de formas como wúng bauh ni-ug, dizendo que a dupla negação seria excluída pela semântica. Observa-se que, com pelo menos alguns verbos descritivos, esta dupla negação é permitida, como em:

i-hãm maliiy  
asp-estar=amolado+I terçado

O terçado está amolado.



6. Há outros traços do fenômeno de 'sujeitos no dativo' em Nadëb. No caso de alguns verbos, certos tipos de sujeitos são acompanhados obrigatoriamente por um prefixo verbal. Compare, por exemplo, o uso obrigatório com o verbo a-yu 'estar quente' do prefixo ha- (o qual provavelmente se derivou diacronicamente da posposição hã 'dativo', veja o apêndice III) com o sujeito humano ĩĩh 'eu' com sua ausência com o sujeito inanimado salééy 'panela' nos seguintes exemplos:

ĩĩh ha-yu

eu dat-estar=quente+I

Estou com calor.

\* ĩĩh a-yu

salééy a-yu

panela form-estar=quente+I

A panela está quente.

\* salééy ha-yu

CAPÍTULO 5  
A NEGAÇÃO DE IMPERATIVOS

5.0. Introdução.

Na seção 2.8, classificaram-se os imperativos em dois tipos básicos: os simples e os encaixados. Dividiram-se ainda os imperativos encaixados em quatro sub-tipos: os exortativos, os factitivos, os permissivos e os materializadores. Existem também imperativos indiretos.

5.1. A negação de imperativos simples.

5.1.1. Forma básica do imperativo simples negativo.

Negam-se os imperativos simples pelo uso do morfema negativo manih seguindo a raiz verbal, como exemplificado com a segunda pessoa do plural e um verbo transitivo em 5.1b e com a terceira pessoa do singular e um verbo intransitivo em 5.2b. As formas não-negativas correspondentes aparecem em 5.1a (= exemplo 2.150e) e 5.2a (= exemplo 2.92f), respectivamente.

(5.1a) buuh i-póoh masééí  
você<sup>s</sup> asp-comer+NI banana  
Comam bananas!

(5.1b) buuh i-póoh manih masééí  
você<sup>s</sup> asp-comer+NI neg banana  
Não comam bananas!

(5.2a) a-txaah a-hi:ih  
 teu-filho form-baixar+NI  
 Que teu filho baixe! (ou, Teu filho deve baixar.)

(5.2b) a-txaah a-hi:ih manih  
 teu-filho form-baixar+NI neg  
 Que teu filho não baixe! (ou, Teu filho não deve baixar.)

Em 5.3b exemplifica-se o fato de que, quando existe uma segunda-raiz (no caso, hi:ih 'baixar') no verbo, o manih a segue.

(5.3a) mi-léd-hi:ih  
 você+asp-deixar+NI-descer+NI  
 Deixe-o cair!

(5.3b) mi-léd-hi:ih manih  
 você+asp-deixar+NI-descer+NI neg  
 Não o deixe cair!

Como no caso de imperativos não-negativos, encontram-se imperativos negativos em coordenação (justaposição) com outros imperativos. A negação de cada oração imperativa independe da da(s) outra(s), como se vê no exemplo 5.4.

(5.4a) ma-ma-hũum manih / ãih hi-gãa  
 você-causcom-ir+caus+NI neg / eu dat+asp-olhar+NI  
 Não o leve embora, (para) que eu veja!

(5.4b) ma-ma-hũum / ãih hi-gãa manih  
 Leve-o embora, (para) que eu não veja!



### 5.1.2. O uso de sufixos verbais e partículas em imperativos negativos.

Podem-se introduzir em imperativos negativos certas modificações aspectuais pelo uso de sufixos verbais ou partículas.

Como no caso de orações declarativas, introduz-se o aspecto de 'não mais' em imperativos negativos pelo uso do sufixo completivo -wúd e/ou o sufixo ingressivo -kú, como exemplificado em 5.5. Já que no imperativo o verbo sempre é não-indicativo, a forma de um sufixo qualquer nesta construção também o é. O sufixo -wúd precede o manih, enquanto o -kú o segue.

(5.5a) a-ód                    manih  
           form-chorar+NI neg  
           Não chore!

(5.5b) a-ód-wúd                    manih  
           form-chorar+NI-cmpl+NI neg  
           Não chore mais!

(5.5c) a-ód                    manih-kú  
           form-chorar+NI neg-ingrs+NI

(5.5d) a-ód-wúd manih-kú

Observa-se que se usa a forma de 5.5a, bem como as de 5.5b a 5.5d, quando o interlocutor está chorando. Parece que a modificação aspectual 'não mais', especialmente com o sufixo -kú, implica uma mudança na situação que provocou o choro do interlocutor.

Como no caso de orações declarativas, introduz-se a idéia de 'ainda não' em imperativos negativos pelo uso da partícula nih 'ainda', como exemplificado em 5.5e. O uso desta forma implica que

ainda não há, mas depois provavelmente haverá, motivo suficiente para chorar. A partícula nih precede o manih.<sup>1</sup>

(5.5e) a-ód                    nih    manih

form-chorar+NI ainda neg

Não chore ainda!

Pode-se indicar uma diferença aspectual entre imperativos para não começar a fazer algo e imperativos para parar de fazê-lo. No primeiro caso, usa-se a partícula dah 'futuro' seguindo o manih, como exemplificado em 5.5f. Usa-se esta forma quando o interlocutor não está chorando mas o falante acha que pode começar, ao passo que se usa a forma de 5.5a quando o interlocutor já está chorando.

(5.5f) a-ód                    manih dah

form-chorar+NI neg futuro

Não vá chorar! (i. é, Não comece a chorar!)

Além dos sufixos completivo -wád e ingressivo -kú, o único sufixo verbal que aparece nos meus dados com imperativos negativos é o diminutivo na sua forma não-indicativa -ij, como exemplificado em 5.5g. O sufixo -ij segue o manih e, conforme as regras morfofonêmicas, a combinação dos dois se reduz a manxij. Frequentemente o uso do sufixo diminutivo em imperativos negativos parece indicar algo como uma atitude de desprezo ou desaprovação por parte do falante em relação ao interlocutor.

(5.5g) a-ód                    manxij

form-chorar+NI neg+dim+NI

Não chore (diminutivo)!

A partícula mih 'relatado' numa oração imperativa qualquer indica que a ordem é dada em nome de outra pessoa, como exemplificado em 5.6. No negativo, o mih segue o manih e os sufixos -ij e -kú, quando estes existem, e precede a partícula dah, quando este existe. O exemplo 5.6 provém de um texto em que uma mãe está repreendendo seu filho por ter roubado algo de alguém. A ordem para não roubar no futuro é dada em nome da pessoa roubada.

- (5.6) i-jîig            manxîj        mih dah  
 asp-roubar+NI neg+dim+NI rlt futuro  
 Não vá roubar!

### 5.1.3. A interpretação de manih.

Nas seções anteriores, viu-se que se nega um imperativo simples pelo uso do negativo manih seguindo a raiz verbal, em combinação com o qual conjunto se pode usar um ou mais dos seguintes constituintes: uma segunda-raiz; um ou mais dos sufixos -wúd 'completivo', -ij 'diminutivo' e kú 'ingressivo'; e uma ou mais das partículas nih 'ainda', mih 'relatado' e dah 'futuro'. A ordem destes constituintes aparece em 5.7.

- (5.7) segunda-raiz  $\left\{ \begin{array}{l} -wúd \\ nih \end{array} \right\}$  manih -ij -kú mih dah

Esta ordem apresenta um problema para a interpretação do negativo manih, pois ele é precedido pelo sufixo -wúd e pela partícula nih e seguido pelos sufixos -ij e -kú e pelas partículas mih e dah. Consideram-se aqui quatro possibilidades para a interpretação do negativo manih, a saber, que é i) uma partícula, ii) um sufixo verbal, iii) uma 'segunda-raiz' verbal e iv) um verbo auxiliar.

i) A interpretação do manih como partícula é inadequada porque o manih precede os sufixos -ij e -kú, os quais se vinculam ao verbo na forma não-negativa.

ii) A interpretação do manih como sufixo verbal não daria conta do fato de a partícula nih aparecer entre o verbo e o manih. Também, os outros sufixos são monossilábicos e não acentuados, enquanto o manih sempre é acentuado na segunda sílaba.<sup>2</sup> O fato de os outros sufixos terem duas formas, indicativa e não-indicativa, enquanto o manih tem apenas uma, não é problema, já que o manih só aparece em circunstâncias que requereriam a forma não-indicativa.

iii) A interpretação do manih como segunda-raiz apresenta a objeção de que o manih pode ocorrer junto com uma segunda-raiz verdadeira e que ele segue o sufixo -wúd ou a partícula nih, quando um destes existe. Pode-se, porém, considerar uma mudança na análise básica para permitir mais de duas raízes num verbo, tratando o sufixo completivo -wúd como uma 'terceira-raiz' e o negativo manih como uma 'quarta-raiz'. O fato de todas as outras raízes verbais serem monossilábicas não seria problema, já que se pode considerar a primeira sílaba do manih como prefixo (seção 5.1.4). Nota-se que certas segundas-raízes são acompanhadas por um prefixo, como no exemplo 5.8.

(5.8) bóóg kxuu yi

mandioca maniva indef

a-sing-ga-buuh

form-plantar+NI-dentro=de-estar=sentado+mult+I

A gente planta maniva de mandioca.

Dentro desta análise, seria provavelmente necessário formular uma

hipótese da origem das 'terceiras-' e 'quartas-raízes' diferente da hipótese de união de orações que se propôs como a origem das segundas-raízes (seção 2.2.1.2). A presença da partícula nih precedendo o manih ainda apresentaria um problema para esta análise. É interessante notar que um falante demonstrou muita indecisão em relação à posição do nih, primeiro colocando-o após o manih e depois invertendo a ordem.

iv) A interpretação do manih como verbo auxiliar permitiria a presença da partícula nih entre ele e o verbo principal e o vincularem-se alguns sufixos ao manih. Também estaria de acordo com o fato de que, em línguas verbifinais, o verbo auxiliar segue o principal. Compare o Universal 16 de Greenberg (1963:67), que afirma que em línguas de ordem dominante SOV (os únicos exemplos por ele conhecidos de línguas verbifinais) um auxiliar flexionado sempre segue o verbo principal. Compare também a afirmação de Dahl (1979:92) de que a tendência é para os auxiliares negativos se comportarem da mesma maneira que outros auxiliares, ocupando uma posição pós-verbal nas línguas verbifinais e pré-verbal nas demais línguas. Uma objeção à interpretação do manih como verbo auxiliar é que não tenho outra evidência para postular uma classe de verbos auxiliares no Nadëb, e, portanto, tal interpretação de manih, a qual parece a mais razoável, não seria muito desejável. Evidentemente, precisa-se aprofundar o estudo de manih.

#### 5.1.4. A origem do negativo manih.

Observa-se a semelhança entre o negativo manih e o verbo direcional a-nih 'sair, ir do porto para a terra', ou, em certas

circunstâncias, 'ir embora'. O prefixo ma- 'causativo comitativo' em combinação com a raiz causativa resulta em ma-nîih 'levar para fora, etc.' A forma não-indicativa deste verbo é ma-nîh, como exemplificado no imperativo em 5.9.

(5.9) ma-ma-nîh

você-causcom-sair+caus+NI

Leve-o para fora!

Observa-se que o verbo a-nîih pertence à classe de verbos os quais podem funcionar como segundas-raízes. Contudo, não há outros casos do uso de uma forma transitiva derivada nesta posição.<sup>3</sup>

Em conclusão, não parece impossível que o negativo manîh usado em imperativos tenha sua origem no verbo direcional a-nîih. Isso favorece uma das últimas duas interpretações do manîh examinadas na seção anterior. Talvez o manîh esteja em processo de se transformar de verbo auxiliar em raiz adicional no verbo ou em sufixo, o que explicaria a indecisão notada em relação à posição da partícula nîh 'ainda' em imperativos negativos. Também não seria impossível imaginar que os 'sufixos' de aspecto, tais como -wât 'completivo', fossem, numa fase mais antiga da língua, verbos auxiliares.

## 5.2. A negação de imperativos exortativos.

Na seção 2.8.2, descreveu-se a construção 'imperativo exortativo', da qual 5.10a (= exemplo 2.154a) é um exemplo. A forma alternativa de 5.10b (= exemplo 2.154c) é mais rara.

(5.10a) ham+h / uul hi-gãa balisxãinh  
 embora! / nós+inc dat+asp-olhar+NI jurupari  
 Embora, vamos (para) ver o jurupari!

(5.10b) ham+h / uul hi-gxãas balisxãinh  
 embora! / nós+inc dat+asp-olhar+I jurupari

A única maneira de negar um imperativo exortativo, quando isso é permitido semanticamente, é pelo uso do negativo dooh, como em:

(5.10c) ham+h / dooh uul hi-gãa bú balisxãinh  
 embora! / neg nós+inc dat+asp-olhar+NI abl jurupari  
 Embora, vamos (para) não ver o jurupari!

Isso corresponde à negação oracional da oração principal em 5.10b. Não se pode negar a palavra exortativa.

### 5.3. A negação de imperativos factitivos.

Na seção 2.8.3, descreveu-se a construção 'imperativo factitivo', da qual 5.11a (= exemplo 2.155) é um exemplo.

(5.11a) ma-nxoo / a-txaah i-ug ta-biin  
 você-dar+NI / teu-filho asp-beber+NI ele-remédio  
 Faça teu filho tomar o remédio!

Como no caso de imperativos simples, a negação em imperativos factitivos é efetuada pelo uso do negativo man+h. Existem três formas negativas correspondentes a 5.11a (exemplos 5.11b a 5.11d), nem todas as quais são aceitáveis para todos os falantes.

(5.11b) ma-nxoo / a-txaah i-ug man+h ta-biin  
 você-dar+NI / teu-filho asp-beber+NI neg ele-remédio  
 Faça teu filho não tomar o remédio!

(5.11c) ? ma-nxoo manih / a-txaah i-ug ta-biin

Não faça teu filho tomar o remédio!

(5.11d) ? ma-nxoo manih / a-txaah i-ug manih ta-biin

Não faça teu filho tomar o remédio!

A forma de 5.11b é aceitável para todos os falantes e expressa a negação do imperativo encaixado, i. é, o causativo está fora do âmbito da negação. Quanto às formas de 5.11c e 5.11d, alguns falantes aceitam as duas como sendo equivalentes ou quase equivalentes em sentido, mas diferentes em sentido da forma 5.11b. Outros falantes aceitam 5.11d mas não 5.11c, enquanto um falante aceita 5.11c e rejeita 5.11d. Provavelmente, então, a negação na oração matriz, i. é, com o causativo dentro do âmbito da negação, de um imperativo factitivo não é muito usada.

#### 5.4. A negação de imperativos permissivos.

Na seção 2.8.4, descreveram-se os dois subtipos de imperativo permissivo, um usado com os verbos intransitivos e o outro com os transitivos. Exemplifica-se o primeiro em 5.12a.

(5.12a) na / ma-naa

deixe! / causcom-vir+caus+NI

Deixe ele vir!

A negação do imperativo encaixado nesta construção é efetuada pelo uso do prefixo negativo na-, descrito no capítulo 4, como exemplificado em 5.12b.<sup>4</sup> Em imperativos permissivos negativos, geralmente se usa o sufixo diminutivo -ij, provavelmente indicando uma atitude de desaprovação por parte do falante em relação à situação. No caso do exemplo 5.12, conforme as regras



morfofonêmicas, o -ij se combina com a raiz verbal, resultando em -nxaj. No exemplo 5.12b, esperava-se que alguém chegasse na aldeia, mas não apareceu quando esperado. O sentido de 5.12b é o de deixar continuar o fato de ele não vir.

- (5.12b) na / ma-na-nxaj  
 deixe! / causcom-neg-vir+caus+dim+NI  
 Deixe ele não vir!

Exemplifica-se o imperativo permissivo usado com os verbos transitivos em 5.13a (= exemplo 2.158a). Também é aceitável, embora menos freqüente, a forma indicativa do verbo encaixado, como em 5.13b (= exemplo 2.158b), o que representa o alçamento do imperativo encaixado para o nível da oração matriz.

- (5.13a) na / a-txaah i-ug ta-biin  
 deixe! / teu-filho asp-beber+NI ele-remédio  
 Deixe teu filho tomar o remédio!
- (5.13b) na / a-txaah i-uuk ta-biin  
 deixe! / teu-filho asp-beber+I ele-remédio  
 Deixe teu filho tomar o remédio!

Existem duas formas negativas que expressam a negação do imperativo encaixado: 5.13c, na qual se usa o negativo manih, como em imperativos simples; e 5.13d, na qual se usa o prefixo negativo na-, descrito no capítulo 4. Parece que 5.13c corresponde a 5.13a, enquanto 5.13d corresponde a 5.13b. A forma de 5.13c é a mais freqüente.

- (5.13c) na / a-txaah i-ug manih ta-biin  
 deixe! / teu-filho asp-beber+NI neg ele-remédio  
 Deixe teu filho não tomar o remédio!

- (5.13d) na / a-txaah ni-ug ta-biin hã  
 deixe! / teu-filho neg+asp-beber+NI ele-remédio dat  
 Deixe teu filho não tomar o remédio!<sup>5</sup>

Como no caso de imperativos factitivos, a negação da oração matriz em imperativos permissivos não é aceitável para todos os falantes, embora alguns aceitem a forma de 5.13e.

- (5.13e) ? na manxíj / a-txaah i-ug ta-biin  
 deixe! neg+dim+NI / teu-filho asp-beber+NI ele-remédio  
 Não deixe teu filho tomar o remédio!

### 5.5. Relação entre imperativos factitivos e permissivos negativos.

Observa-se que semanticamente 'Não deixe teu filho tomar o remédio!' (exemplo 5.13e) é equivalente a 'Faça teu filho não tomar o remédio!' (exemplo 5.11b) e 'Não faça teu filho tomar o remédio!' (exemplos 5.11c e 5.11d) é equivalente a 'Deixe teu filho não tomar o remédio!' (exemplos 5.13c e 5.13d). Assim, os falantes que não aceitam a negação da oração matriz dum imperativo permissivo/factitivo podem substituí-la pela negação da oração encaixada do imperativo factitivo/permissivo correspondente.

### 5.6. A negação de imperativos materializadores.

Na seção 2.8.5, descreveu-se a construção 'imperativo materializador', da qual 5.14a (= exemplo 2.160) é um exemplo.

- (5.14a) hapaleeh / ta-da-yʉb  
 que=se=materialize / ele-tema-morrer+NI  
 Morra!

Nega-se um imperativo materializador pelo uso do prefixo negativo na-, como exemplificado em 5.14b. Apenas o imperativo encaixado pode ser negado e não a palavra materializadora.

- (5.14b) hapaleeh / ta-na-da-yʉb  
 que=se=materialize / ele-neg-tema-morrer+NI  
 Não morra!

### 5.7. A negação de imperativos indiretos.

Já se considerou a negação de imperativos indiretos na seção 4.3.

## NOTAS:

1. Alguns falantes preferem a presença da partícula dah 'futuro' na forma de 5.5e, como em:

a-ód                    nih    manih dah  
 form-chorar+NI ainda neg futuro  
 Não vá chorar ainda!

2. Uma possível exceção à afirmação de que os sufixos são monossilábicos e não acentuados é o paawú 'frustrativo', o qual se comporta como sufixo no sentido de requerer que a raiz ou sufixo que o precede seja não-indicativo. Por outro lado, em orações não-finitas seguidas pela posposição bú, o paawú segue o bú e não faz parte da LV (isso também se dá com o ingressivo -kú). Possivelmente o paawú é composto de dois morfemas, um dos quais é a partícula paah 'passado'.

3. Provavelmente se deve considerar que o ga-buuh do exemplo 5.8, e sua forma unitária ga-húng, eram, numa fase mais antiga de sua derivação, um verbo transitivo, derivado pela incorporação na LV e prefixação da posposição gó, já que este processo transforma um verbo intransitivo em transitivo (veja a seção 2.2.1.4.1 e o apêndice III). Atualmente, porém, o verbo ga-húng/ga-buuh se comporta como intransitivo.

4. Não está claro ainda por que se usa o negativo na- ao invés de manih neste contexto. Compare com a forma alternativa, embora menos freqüente, da negação do imperativo permissivo com um verbo

transitivo (exemplo 5.13d) e com a negação de imperativos materializadores (seção 5.6).

5. Alguns, mas nem todos os, falantes aceitam a forma de 5.13d sem a posposição hã seguindo o 'objeto direto'. Para um discussão do uso desta posposição seguindo o 'objeto direto' com o prefixo negativo verbal na-, veja a seção 4.7.

## CAPÍTULO 6

### CONCLUSÃO

Neste trabalho, nos capítulos 3 a 5, examinaram-se os três morfemas negativos no Nadëb, dooh, na- e manih, e seus usos em vários tipos de construção.

Usa-se o morfema negativo dooh para negar apenas as orações principais (não-imperativas), interpretando-se o mesmo como sendo nome, o qual sempre funciona como complemento predicativo numa oração equativa. Notou-se ser muito raro nas línguas do mundo até agora estudadas o fenômeno de a negação 'standard' ser efetuada por um morfema nominal, mas creio que a evidência aqui apresentada é tão forte que não resta dúvida de que esta seja a análise correta do morfema dooh em Nadëb.

Usa-se o morfema negativo na- para negar as orações encaixadas e em negativos substantivados. A evidência aqui apresentada deixa claro que se deve interpretar o mesmo como sendo prefixo verbal.

Usa-se o morfema negativo manih para negar apenas imperativos. A interpretação do manih está em dúvida ainda, mas pode ser que esteja em fase de mudança da categoria de verbo auxiliar para a de raiz adicional do verbo ou sufixo verbal.

Evidentemente o dooh é um negativo sintático, enquanto o na- é um negativo morfológico. Não está claro nesta altura se se deve considerar o manih como negativo sintático ou morfológico.

Para negar as orações principais em Nadéb, existem duas possibilidades, a saber, a negação oracional, pelo uso do negativo nominal dooh, e o uso de um negativo substantivado, o qual funciona como complemento predicativo numa oração equativa.<sup>1</sup> Exemplificam-se estas opções a seguir. (O exemplo 6.1a já foi considerado nos capítulos 2, 3 e 4 como exemplos 2.1a, 3.29a e 4.23a; 6.1b nos capítulos 2 e 3 como exemplos 2.1d e 3.29b; e 6.1c no capítulo 4 como exemplo 4.23c.)

(6.1a) kalapée a-ĩh  
criança form-dormir+I  
A criança está dormindo.

(6.1b) dooh kalapée a-ĩh bú  
neg criança form-dormir+NI abl  
A criança não está dormindo. (lit., As circunstâncias de a criança dormir são algo inexistente.)

(6.1c) na-ĩh kalapée  
neg-dormir+NI criança  
A criança não está dormindo. (lit., A criança é um não-dormidor.)

Nota-se que, em ambos os casos, se trata de uma oração equativa, na qual o elemento negativo aparece no complemento predicativo.<sup>2</sup>

A escolha entre as duas opções (6.1b e 6.1c) é provavelmente uma questão de estilo, mas parece haver uma tendência de preferir uma ou outra, o que depende do verbo e de fatores contextuais. A fim de descrever a opção preferencial, classificam-se os verbos em duas categorias: categoria A, a qual consiste nos verbos descritivos e os que contêm um elemento incorporado, e categoria B, a qual consiste nos demais verbos na língua. Com os verbos da categoria A, usa-se

preferencialmente o negativo substantivado, enquanto com os da categoria B a preferência é pelo negativo nominal dooh.<sup>3</sup> Numa amostra de mais de 80 textos de natureza variada, em 80% dos exemplos de negação simples (não-repetida e sem modificações aspectuais descritas nas seções 3.4 e 4.9) usou-se a opção preferencial.

Há uma tendência maior, porém, de usar o negativo substantivado na presença de uma modificação aspectual. Por exemplo, com o aspecto 'não mais', usou-se o negativo substantivado em cerca de 50% dos exemplos de verbos de categoria B, em confronto com o uso na ausência de modificações aspectuais, onde esta construção ocorre em menos de 20% dos exemplos.

No caso da repetição da negação, a tendência é de usar a opção preferencial na primeira oração, seguida pela opção não-preferencial, o que está de acordo com o padrão geral de repetição em Nadëb, onde a segunda oração freqüentemente é uma paráfrase da primeira, ao invés de uma repetição exata.

Não há evidência para interpretar uma das opções como forma mais forte de negação do que a outra, visto que o que é possível afirmar sobre as opções, como sua freqüência de uso e a preferência para uma forma ou outra por cada verbo, parecem fatos independentes do significado em si, no caso, considerações quanto à força da negação.

Em resumo, a escolha de uma opção ou outra parece ser uma questão de estilo, mas existem tendências para preferir uma forma ou outra, o que depende do verbo e de fatores contextuais.



O presente estudo sobre a língua Nadëb revelou várias características interessantes, tais como a ordem básica dos constituintes oracionais, OSV, a ausência de antecedente na estrutura básica das orações relativas e o uso de um morfema negativo nominal para efetuar a negação oracional, todas as quais são muito invulgares nas línguas do mundo até agora estudadas. Visto que o Nadëb é uma língua falada por um grupo étnico muito pequeno e quase desconhecida no mundo lingüístico, parece muito útil e importante aprofundar mais os estudos da mesma, antes que o grupo desapareça completamente ou deixe de falar sua língua, pois sua investigação mais detalhada poderia contribuir significativamente para a lingüística em geral.

**NOTAS:**

1. Conforme já se viu na seção 4.7, o negativo substantivado pode funcionar em outras posições além da de complemento predicativo, mas este fato não é relevante para a discussão aqui.
2. É interessante notar que em Hixkaryana também, a negação oracional resulta numa oração equativa. Derbyshire (1979:48) afirma que se expressa a negação oracional nesta língua por um processo derivacional, o qual transforma o verbo num adverbial (negativo), o qual, então, funciona como complemento da cópula.
3. Já se notou (veja a nota 3 do capítulo 4) que há indicações de que os negativos substantivados dos verbos descritivos, como, por exemplo, ni-hāw 'estar embotado', do verbo descritivo i-hām 'estar amolado', estão sendo relexificados como verbos na sua caracterização própria, o que poderia explicar a preferência pelo uso do negativo substantivado com os verbos descritivos.

## APÊNDICE I

### A ORDEM BÁSICA DE CONSTITUINTES NO NADEB: OSV<sup>1</sup>

#### I.0. Introdução.

Até recentemente grande parte dos lingüistas considerava que não seria possível em línguas naturais uma ordem básica de constituintes na qual o objeto se encontrasse em posição inicial na oração. Baseado em grande parte numa comparação de trinta línguas, Greenberg (1963:61) afirma que, das seis ordens logicamente possíveis - SVO, SOV, VSO, VOS, OSV e OVS - apenas as três primeiras normalmente ocorrem como ordens básicas. Observa que nas três ordens que, segundo ele, não ocorrem ou são excessivamente raras - VOS, OSV e OVS - o traço comum é que o objeto direto precede o sujeito. Resume-se isso no seu Universal 1: em orações declarativas que contenham sujeito nominal e objeto nominal, a ordem dominante quase sempre é uma na qual o sujeito precede o objeto. Numa nota de rodapé, Greenberg cita três línguas que ele admite ser exceções a essa declaração: Sinslaw, Coos e Coeur d'Alene.

Vennemann (1973:27), citando, embora não com exatidão total, a generalização de Greenberg, faz uma afirmação mais forte, na qual nega a existência de línguas naturais nas quais o objeto precede o sujeito na ordem básica.

Depois de examinar vários artigos sobre línguas que aparentemente têm outras ordens básicas, Pullum (1977:269) admite quatro, ao invés de três, ordens básicas - SVO, SOV, VSO e VOS - mas

nega a existência de línguas nas quais o objeto ocorre em posição inicial, oferecendo uma explicação teórica para a não-ocorrência das duas ordens básicas OSV e OVS.

Desde então, têm sido apresentada evidência forte para a existência de línguas de ordem básica OVS (Derbyshire 1977, Derbyshire e Pullum 1981) e evidência menos convincente para a de línguas de ordem básica OSV (Derbyshire e Pullum 1981). Neste último artigo, os autores apresentam quatro línguas que eles admitem parecerem genuinamente ser OSV - Apurinã, Urubú, Nadëb e Xavante - todas elas línguas indígenas do Brasil.

Este apêndice apresenta alguns argumentos a favor da análise tipológica do Nadëb como uma língua de ordem básica OSV. Esses argumentos se baseiam na intuição, no padrão da incorporação de nominais ao verbo, na variedade de ordens encontradas e na estatística.

### **I.1. Intuição.**

Embora qualquer argumento que eu dê baseado na minha intuição seja necessariamente muito fraco, já que ela não é nativa e resulta de apenas dezoito meses (total) de convivência com os Nadëb, incluo minha impressão aqui como apoio dos outros argumentos mais fortes. De todo meu contato com falantes nativos, em diversas situações, desde conversações informais do dia-a-dia até sessões mais formais de aprendizagem e análise da língua, adquiri a forte impressão de que a ordem mais natural nas orações transitivas é OSV.

Isso também se combina com a reação de um falante nativo que, quando apresentado com várias orações transitivas em isolamento com as duas ordens alternativas OSV e SVO, escolheu sempre e sem hesitação a ordem OSV como a 'mais usada'. Ficar-se-á clara na seção I.3 a razão de apresentar ao falante nativo apenas essas duas alternativas.

### I.2. Incorporação nominal na locução verbal.

Pullum (1977:269) sugere que, no caso de incorporação de nominais no verbo, os sujeitos e os objetos geralmente aparecem no mesmo lado do radical verbal em que ocorreriam na ordem básica de constituintes.<sup>2</sup> No Nadëb, conforme se afirmou na seção 2.2.1.5, podem-se incorporar na LV o núcleo de certos sujeitos intransitivos e de certos objetos transitivos, tornando-se o resto da LN em questão o novo sujeito ou objeto, respectivamente, da oração. Consideram-se mais detalhadamente as condições e restrições quanto à incorporação no apêndice II. Nos exemplos I.1 e I.2, vê-se que tanto o sujeito intransitivo como o objeto transitivo, quando incorporados no verbo, aparecem à esquerda do radical verbal. Nos exemplos I.1a e I.2a, aparecem as formas sem incorporação, sendo sublinhado o núcleo do sujeito e o do objeto, respectivamente. Nos exemplos I.1b e I.2b, aparecem as formas correspondentes com incorporação, sendo sublinhado em cada caso o elemento incorporado.

- (I.1a) a-mooh da-tés  
 teu-braço tema-doer+I  
 Teu braço está doendo.

(I.1b) òm mooh da-tés  
 você braço tema-doer+I  
 Teu braço está doendo. (lit., Você braço-dói.)

(I.2a) a-wokxāab ʔih a-sog-hūm  
 teu-pertences eu form-pegar+NI-ir+I  
 Roubei teus pertences.

(I.2b) òm ʔih wokxāab sog-hūm  
 você eu pertences pegar+NI-ir+I  
 Roubei teus pertences. (lit., Eu pertences-roubei você.)

Assim, se estiver certa a hipótese de Pullum de que a posição dos elementos incorporados relativo ao radical verbal dá uma indicação da ordem básica de constituintes, é de se esperar que tanto o sujeito (intransitivo) como o objeto (transitivo) precedam o verbo na ordem básica, i. é, que a ordem básica seja ou OSV ou SOV. Ver-se-á nas seções I.3 e I.4 que a ordem SOV não ocorre no Nadëb.

### I.3. Ordens alternativas.

Conforme se afirmou na seção 2.1.1, nas orações intransitivas, encontram-se duas possibilidades de ordem dos constituintes nucleares: SV e VS (exemplos I.3a, = exemplos 2.1a, 3.29a, 4.23a e 6.1a, e I.3b, = exemplos 2.1b, 3.33a e 4.23b, respectivamente), das quais a primeira é a mais comum, exceto com os verbos descritivos. O sujeito não tem marca morfológica de caso. Apaga-se obrigatoriamente o pronome sujeito da terceira pessoa em orações principais intransitivas, o que resulta numa oração intransitiva sem sujeito especificado, como em I.3c (= exemplos 2.1c, 3.32a e 4.1a).

(I.3a) kalapée a-ĩih  
 criança form-dormir+I  
 A criança está dormindo.

(I.3b) a-ĩih kalapée  
 Está dormindo, a criança.

(I.3c) a-ĩih  
 Está dormindo.

Conforme se afirmou na seção 2.1.2, nas orações transitivas também se encontram duas possibilidades de ordem dos constituintes nucleares sem marcação morfológica de caso: OSV e SVO (exemplos I.4a, = exemplo 2.3a, e I.4b, = exemplo 2.3b, respectivamente). Apaga-se obrigatoriamente o pronome objeto da terceira pessoa em todo tipo de oração, o que resulta numa oração transitiva sem objeto especificado, como em I.4c (= exemplo 2.3c).

(I.4a) bung mayoyol i-wuh  
 mutuca mayoyol asp-comer+I  
 O 'mayoyol' (espécie de inseto) come mutuca.

(I.4b) mayoyol i-wuh bung  
 O mayoyol come mutuca.

(I.4c) mayoyol i-wuh  
 O mayoyol os come.

Encontram-se também ordens que parecem superficialmente ser SOV, OVS, VSO e VOS. Por exemplo, a ordem dos constituintes em I.4d (= exemplo 2.3d) parece ser SOV.

(I.4d) mayoyol bung ti-wuh  
 mayoyol mutuca ele+asp-comer+I  
 O mayoyol come mutuca.

Observa-se, porém, a presença obrigatória (compare I.4d com a não-ocorrência de I.4e) do pronome proclítico da terceira pessoa do singular, ta-, o qual, no caso, se combina com o prefixo de aspecto i-, resultando em ti-. O uso deste pronome vinculado ao verbo acompanha o deslocamento ou apagamento do sujeito nominal numa oração principal transitiva, assim preservando a estrutura SV. Pode-se dizer, então, que a ordem em I.4d é SOsV, onde 's' representa o pronome proclítico, ao invés de SOV. Mais rigorosamente, a ordem SOV seria como no exemplo I.4e, o que é inaceitável.

(I.4e) \* mayoyol bung i-wuh

Embora a identificação do sujeito e do objeto em I.4e seja perfeitamente clara em termos semânticos (já que todos os Nadëb sabem que os mayoyol comem mutuca, mas não vice-versa), um falante nativo não aceita a ordem superficial de I.4e, corrigindo-a sempre para a de I.4a, ou seja, OSV.

Nos casos das ordens aparentes OVS, VSO e VOS também o pronome proclítico aparece obrigatoriamente vinculado ao verbo, de tal forma que essas ordens devem ser chamadas mais rigorosamente OsVS, sVSO e sVOS, respectivamente.

Dessas quatro ordens - SOsV, OsVS, sVSO e sVOS - a mais comum é OsVS. As ordens sVSO e sVOS são muito raras, sendo usadas em contextos muito especiais, tais como na oração inicial do discurso. Em todos os casos, trata-se de um 'deslocamento' do sujeito nominal da sua posição normal, a qual é preenchida pelo pronome proclítico correspondente. Marca-se um sujeito transitivo 'deslocado' pela posposição hã 'dativo', obrigatoriamente no caso de 'deslocamento'



para a direita, como no exemplo I.4f (= exemplo 2.3f), e opcionalmente no caso de 'deslocamento' para a esquerda.

(I.4f) bung ti-wuh mayoyol hã  
 mutuca ele+asp-comer+I mayoyol dat  
 O mayoyol come mutuca.

Assim, pode-se considerar as ordens SOsV, OsVS, sVSO e sVOS como modificações das duas ordens principais OSV e SVO. Evidentemente nenhuma daquelas pode ser a ordem básica.

#### I.4. Exemplos aparentes da ordem SOV.

Devem-se mencionar três construções, além do exemplo I.4d, que aparentemente podem ser analisadas como tendo a ordem de constituintes SOV. Exemplifica-se a primeira com uma pergunta não-polar; a segunda é a possibilidade de uma análise alternativa do fenômeno da incorporação nominal no verbo; e a terceira ocorre apenas num tipo de construção negativa.

##### I.4.1. Perguntas não-polares.

O exemplo I.5a é uma pergunta não-polar, a qual aparentemente apresenta a ordem de constituintes SOV.

(I.5a) yaah bxaah ha-gúúm  
 quem árvore sujrel-derrubar=árvore+I  
 Quem está derrubando árvores?

Conforme se viu na seção 2.7.1.2.1, a presença do prefixo verbal ha-, porém, indica que de fato não se trata de uma oração transitiva, mas de uma oração equativa, a qual consiste de um complemento

predicativo, yaah 'quem', seguido de sujeito na forma de oração pseudorelativa, bxaah ha-gúúm 'que está derrubando árvores'. O prefixo ha- indica que o constituinte relativizado na oração pseudorelativa é o sujeito. Uma tradução mais literal seria algo como 'Que está derrubando árvores é quem?'

A resposta a tal tipo de pergunta geralmente teria a mesma estrutura, ou seja, um complemento predicativo seguido de sujeito na forma de oração pseudorelativa, como em I.5b.

(I.5b) ãþh bxaah ha-gúúm  
 eu árvore sujrel-derrubar=árvore+I  
 Quem está derrubando árvores sou eu.

Assim, esta construção não é um contra-exemplo à afirmação de que a ordem SOV não ocorre no Nadëb.

#### I.4.2. Análise alternativa da incorporação.

Outra objeção possível à asserção de que a ordem SOV nunca ocorre no Nadëb seria a possibilidade de analisar de outra maneira o fenômeno da incorporação do objeto direto ao verbo. Pode-se questionar por que os objetos que aparecem entre o sujeito e o verbo são interpretados como elementos incorporados na LV, e não como objetos independentes, o que levaria a admitir a ordem SOV. Há vários argumentos em favor da hipótese de incorporação, como, por exemplo: a semelhança entre o comportamento do elemento incorporado e os prefixos verbais não-formativos no que diz respeito ao prefixo formativo a-; a posição do elemento incorporado relativo ao pronome proclítico sujeito; a inaceitabilidade de colocar o objeto inteiro

entre o sujeito e o verbo; e a mudança nas relações gramaticais na oração com incorporação. Considerar-se-ão esses argumentos em mais detalhe no apêndice II.

#### I.4.3. Ordem SOV aparente no negativo.

Uma construção negativa também apresenta aparentemente a ordem SOV. Nos exemplos I.6a e I.6b aparecem as duas ordens possíveis de constituintes nucleares numa oração transitiva afirmativa: OSV e SVO, respectivamente, deixando ao lado as modificações destas ordens, tais como SOsV, OsVS, etc., consideradas na seção I.3. As ordens SOV e OVS (exemplos I.6c e I.6d, respectivamente) são inaceitáveis.

(I.6a) bxaah ʔih a-gúúm (OSV)

árvore eu form-derrubar=árvore+I

Estou derrubando árvores.

(I.6b) ʔih a-gúúm bxaah (SVO)

(I.6c) \* ʔih bxaah a-gúúm (SOV)

(I.6d) \* bxaah a-gúúm ʔih (OVS)

A construção negativa em questão apresenta duas possíveis ordens, as quais aparentemente são SOV (exemplo I.6e) e OVS (exemplo I.6f = exemplo 4.32a), ou seja, duas das ordens inaceitáveis no afirmativo (compare com I.6c e I.6d). Por outro lado, as ordens aceitáveis no afirmativo, OSV e SVO (exemplos I.6a e I.6b, respectivamente), não são permitidas no negativo (exemplos I.6g e I.6h, respectivamente).

(I.6e) ʔih bxaah na-gúúw

eu árvore neg-derrubar=árvore+NI

Não derrubo árvores.

- (I.6f) bxaah na-gúúw ãih  
 (I.6g) \* bxaah ãih na-gúúw  
 (I.6h) \* ãih na-gúúw bxaah

Conforme já se viu na seção 4.7, a interpretação mais plausível é que I.6e e I.6f sejam orações equativas e não transitivas. De fato, dessas duas ordens, a muito mais comum é I.6f, o que combinaria com a interpretação de ãih como o sujeito e bxaah na-gúúw como o complemento predicativo numa oração equativa. Interpreta-se o constituinte bxaah na-gúúw como sendo uma substantivação da oração pseudorelativa negada bxaah na-gúúm 'que não está derrubando árvores'. A tradução literal de I.6e ou I.6f, então, seria algo como 'Sou um não-derrubador-de-árvores'.

Pode-se concluir que esta construção negativa não é, então, um contra-exemplo à afirmação de que não ocorre a ordem SOV no Nadëb.

### I.5. Predominância estatística.

O cômputo estatístico das ocorrências das diversas ordens de constituintes em orações principais declarativas transitivas, nas quais tanto o objeto como o sujeito são explícitos, numa variedade de textos não revela predomínio claro de uma ordem em particular. As ordens mais freqüentemente encontradas são OSV, SVO e OsVS, sendo as ordens SOsV, sVSO e sVOS mais raras.<sup>3</sup> A variedade de ordens e a não-ocorrência de uma ordem estatisticamente predominante sugerem que a ordem dos constituintes numa oração qualquer depende muito de seu contexto no discurso. Derbyshire e Pullum (1981:192) afirmam que a

ordem básica de constituintes oracionais será a ordem mais tipicamente encontrada em orações transitivas declarativas simples onde não há evidência de permutação estilística ou condicionada pelo discurso. Na tentativa de produzir estatísticas significativas, então, é necessário estabelecer um método para selecionar as orações que seriam as mais independentes do contexto.

Pullum (1977:266) afirma que condicionamento do discurso não pode ser presente nas orações iniciais no discurso. No Nadëb, porém, as orações iniciais no discurso são, possivelmente, as mais dependentes do contexto, já que elas introduzem o discurso e geralmente apresentam o participante principal ou o tópico. De fato, nestas orações iniciais é que freqüentemente se encontram as estruturas mais raras. Derbyshire (1977:592) mostra que essa hipótese também não se dá no Hixkaryana.<sup>4</sup>

Sugiro que, pelo menos quanto ao Nadëb, as orações mais independentes do contexto se encontrem nos fragmentos de discurso direto encaixado que ocorrem inseridos em diversos pontos no discurso. O estudo do discurso direto encaixado numa amostra de 10 lendas e 60 outros textos de diversos tipos revelou um total de 60 orações principais declarativas transitivas, nas quais tanto o sujeito como o objeto são explícitos (pelo uso de substantivos, pronomes independentes, ou, no caso de sujeitos apenas, pronomes proclíticos). Encontraram-se apenas duas ordens de constituintes nucleares nessas orações: OSV e SVO.<sup>5</sup> A distribuição dessas ordens aparece no quadro abaixo.

ordem	lendas		outros textos		totais	
	número de ocorrências	porcen- tagem	número de ocorrências	porcen- tagem	número de ocorrências	porcen- tagem
OSV	32	94,1%	22	84,6%	54	90%
SVO	2	5,9%	4	15,4%	6	10%
totais	34	100%	26	100%	60	100%

Quadro I.1: Ocorrência das ordens OSV e SVO numa amostra de discurso direto encaixado

Nessa amostra, evidentemente a ordem estatisticamente predominante é OSV, sendo a freqüência de sua ocorrência nove vezes a da ordem SVO. Em três das seis orações de ordem SVO o objeto é um pronome demonstrativo, o que talvez indique que estas orações não sejam tão independentes do contexto como as outras. Por outro lado, há também um exemplo de objeto demonstrativo que precede o sujeito e o verbo. Restam apenas três exemplos da ordem SVO na amostra, para os quais não tenho explicação nesta altura.

Assim, da consideração destas estatísticas, parece evidente que a ordem básica de constituintes no Nadëb é OSV. É necessário um estudo cuidadoso das ordens de constituintes em outras orações, i. é, não em discurso direto encaixado, e seus ambientes no discurso, a fim de determinar as condições que governam o uso de ordens alternativas.

## I.6. Conclusão.

Neste apêndice consideraram-se quatro fatores, os quais ajudam o lingüista a determinar a ordem básica de constituintes oracionais na língua Nadëb. A intuição, tanto da lingüista em questão como do falante nativo, indica que a ordem básica mais provável é OSV; o padrão da incorporação de nominais no verbo sugere que a ordem básica seja uma na qual tanto o sujeito como o objeto precedam o verbo, ou seja, ou OSV ou SOV; a variedade de ordens encontradas demonstra que a ordem básica tem que ser ou OSV ou SVO; e a estatística indica que a ordem básica é OSV. Conclui-se, então, que a ordem básica de constituintes oracionais no Nadëb é OSV. É interessante notar que o Hupda, uma língua aparentada, também apresenta essa mesma ordem (Barbara J. Moore e Gail L. Franklin: comunicação pessoal).

Uma investigação da estrutura sintática e morfológica do Nadëb revela algumas características que geralmente se associam com as línguas do tipo OV e outras que geralmente se associam com as do tipo VO, mas a discussão desses fatores não cabe neste trabalho. Há alguma evidência a favor da hipótese de que a ordem básica tenha mudado de SVO para OSV, mas é preciso investigar esse aspecto em mais detalhe. Não existem descrições gramaticais de uma fase mais antiga da língua Nadëb, mas uma investigação mais profunda de sua estrutura interna, bem como uma comparação com línguas aparentadas, pode esclarecer a diacronia do Nadëb.





mi-aanh

tema+asp-perguntar+I

Quero perguntar sobre um barco.

Não se incluem tais construções nas estatísticas.

## APÊNDICE II

### A INCORPORAÇÃO DE SUBSTANTIVOS E POSPOSIÇÕES NA LOCUÇÃO VERBAL

#### II.0. Introdução.

O fenômeno da incorporação de nomes no verbo tem sido notado desde 1819, como descreve Woodbury (1975:10). Geralmente se entende por 'incorporação' a inclusão de um substantivo no verbo, o que resulta numa palavra verbal composta. No Nadëb, o uso deste termo difere disso em dois aspectos. Primeiro, não se restringe à incorporação de apenas substantivos, mas se estende também à de posposições. Em segundo lugar, trata-se o resultado da incorporação como locução verbal ao invés de palavra verbal composta, visto que o 'verbo' que resulta de tal incorporação pode, às vezes, ser uma construção bastante complicada. Tratando-o de locução simplifica as 'palavras' no escrito e evita certas ambigüidades no mesmo causadas por confusão entre substantivos incorporados e prefixos verbais ou pronomes proclíticos, assim tornando mais fácil o processo de leitura. De fato, faz sentido para o Nadëb a sugestão de Thomas (1980:38) de que o conceito de 'palavra' é mais uma 'unidade ortográfica psicologicamente útil na prática' do que uma unidade gramatical.

Como já se afirmou, pode-se incorporar na LV substantivos e posposições. O elemento incorporado aparece na posição INC da LV (veja a seção 2.2.1) e precede todos os prefixos verbais. Na seção 2.2.1.4, viu-se que, na presença de um elemento incorporado, não

aparece o prefixo formativo a- (exemplos II.1a e II.1b, = exemplos 2.46a e 2.46b, respectivamente), nem os prefixos de subordinação (exemplo II.2). Os outros prefixos não são excluídos pela presença de um elemento incorporado, como exemplificado em II.3 e II.4. Observa-se que, em II.3b, o prefixo de subordinação ma- é excluído pela presença do substantivo incorporado tú 'comida', enquanto o prefixo de aspecto i- não o é. Em cada um desses exemplos, a forma 'a' ilustra o uso do prefixo em questão sem a presença de um elemento incorporado, enquanto a forma 'b' ilustra a situação quando há um elemento incorporado na LV.

(II.1a) kalaak tīb ʔih a-wuh  
galinha ovo eu form-comer+I  
Como ovo de galinha.

(II.1b) kalaak ʔih tīb wuh  
Como ovo de galinha. (lit., Eu ovo-come a galinha.)

(II.1c) \* kalaak ʔih tīb a-wuh

(II.2a) ʔih ka-lēn            ʔih ba-hāng            Subih sii  
eu tema-querer+I eu 0comp-baixar+I Subih com  
Quero baixar com Subih.

(II.2b) ʔih ka-lēn Subih ʔih sii hāng  
Quero baixar com Subih. (lit., Quero com-baixar Subih.)

(II.2c) \* ʔih ka-lēn Subih ʔih sii ba-hāng

(II.3a) kolāay me    ʔih mi-tāi            Subih tú  
anzol meio eu meiorel+asp-pescar+I Subih comida  
É com anzol que eu pesco a comida de Subih.

(II.3b) kolāay me    ʔih tú    i-tāi            Subih  
anzol meio eu comida asp-pescar+I Subih  
É com anzol que eu pesco a comida de Subih (lit., É com anzol que eu comida-pesco Subih.)

(II.3c) \* kolāay me ʔih tú mi-tʔi Subih

(II.4a) kalaak tʔb ʔih ka-lēn

galinha ovo eu tema-querer+I

Quero ovo de galinha.

(II.4b) kalaak ʔih tʔb ka-lēn

Quero ovo de galinha. (lit., Eu ovo-quero a galinha.)

## II.1. A incorporação de substantivos na locução verbal.

Pode-se incorporar na LV o núcleo da LN absoluta, ou seja, do sujeito intransitivo ou do objeto transitivo, quando esta tem a forma LN → LN N, ao mesmo tempo avançando a LN que resta para a posição e função da LN que a dominou antes da incorporação. Não há mudança na valência da LV, i. é, um verbo intransitivo permanece intransitivo e um verbo transitivo permanece transitivo. Há, porém, uma mudança nas relações gramaticais na oração, pois a LN modificadora na LN absoluta original se torna a nova LN absoluta.

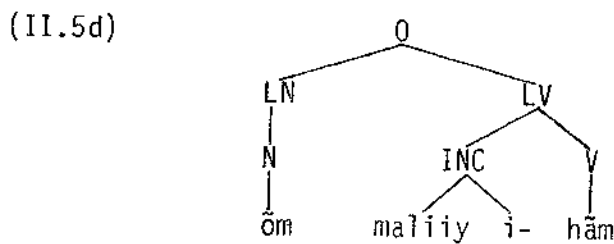
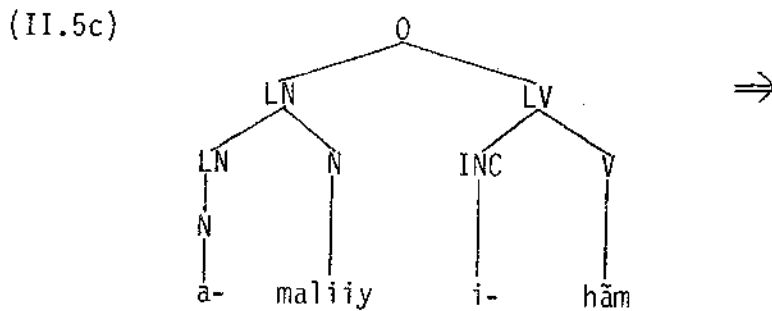
Em II.5, exemplifica-se este processo com o verbo intransitivo i-hām 'estar amolado'. O núcleo, maliy 'terçado', da LN sujeito de II.5a se incorpora na LV em II.5b, tornando o modificador, a- 'segunda pessoa do singular', na LN sujeito de II.5a o novo sujeito de II.5b. Observa-se que a forma do pronome muda da do possessor em II.5a para a do sujeito/objeto em II.5b. As árvores que representam II.5a e II.5b aparecem em II.5c e II.5d, respectivamente.

(II.5a) a-maliy i-hām

teu-terçado asp-estar=amolado+I

Teu terçado está amolado.

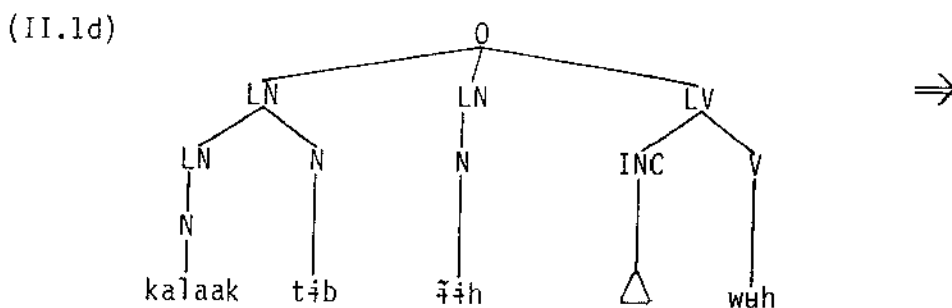
- (II.5b) òm maliy i-hām  
 você terçado asp-estar=amolado+I  
 Teu terçado está amolado. (lit., Você está terçado-  
 amolado.)



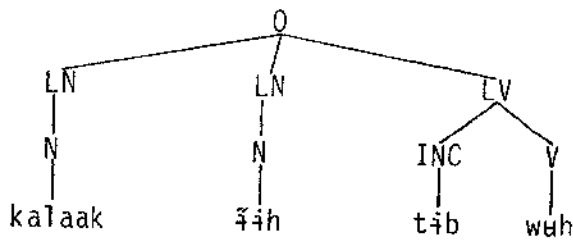
Exemplifica-se o mesmo processo com o verbo transitivo a-wuh 'comer' em II.1. Incorpora-se na LV em II.1b o núcleo, tìb 'ovo', da LN objeto em II.1a, com o avanço do modificador, kalaak 'galinha', na LN objeto para a nova LN objeto. As árvores que representam II.1a e II.1b aparecem em II.1d e II.1e, respectivamente.

- (II.1a) kalaak tìb ãìh a-wuh  
 galinha ovo eu form-comer+I  
 Como ovo de galinha.

- (II.1b) kalaak ãìh tìb wuh  
 Como ovo de galinha. (lit., Eu ovo-come a galinha.)



(II.1e)



Geralmente não se podem incorporar na LV nomes não-possuíveis ou nominalizações, como substantivos não-possuíveis, pronomes, nomes próprios, orações relativas, etc., ou seja, elementos nominais os quais não podem funcionar como núcleo de uma LN do tipo LN → LN N.<sup>1</sup>

Pode-se continuar o processo de incorporação de substantivos enquanto a LN em questão ainda conservar a estrutura LN → LN N. Exemplifica-se em II.6 a continuação do processo da incorporação na LV do núcleo da LN objeto. Cada substantivo novo incorporado aparece em posição mais à esquerda da nova LV.

(II.6a) a-ɨb bóóg kxuu ɨd

teu-pai mandioca maniva parte=por=baixo

ŋih a-sok

eu form-tirar+mult+I

Capino debaixo da maniva da mandioca de teu pai.

(II.6b) a-ɨb bóóg kxuu ŋih ɨd sok

Capino debaixo da maniva da mandioca de teu pai. (lit., Eu debaixo-capino a maniva da mandioca de teu pai.)

(II.6c) a-ɨb bóóg ŋih kxuu ɨd sok

Capino debaixo da maniva da mandioca de teu pai. (lit., Eu maniva-debaixo-capino a mandioca de teu pai.)

(II.6d) a-ɨb ŋih bóóg kxuu ɨd sok

Capino debaixo da maniva da mandioca de teu pai. (lit., Eu mandioca-maniva-debaixo-capino teu pai.)

- (II.6e) òm ʔiʔh ʔb bóóg kxuu ʔd sok  
 você eu pai mandioca maniva parte=por=baixo tirar+mult+I  
 Capino debaixo da maniva da mandioca de teu pai. (lit., Eu  
 pai-mandioca-maniva-debaixo-capino você.)

Parece não haver limite teórico ao número de substantivos que se podem incorporar. Na prática, o limite é quando a LN em questão não apresenta mais a estrutura  $LN \rightarrow LN N$ , como no caso de II.6e. Observa-se que a forma do pronome da segunda pessoa do singular muda da de possessor em II.6a a II.6d para a de sujeito/objeto em II.6e. A forma de II.6f como incorporação total da LN objeto não é permitida, i. é, com a interpretação de II.6g. Com a interpretação de II.6h, i. é, de ʔiʔh como objeto direto e a-ʔb como sujeito, porém, a forma de II.6f é boa.

(II.6f) ʔiʔh a-ʔb bóóg kxuu ʔd sok

(II.6g) \* [ʔiʔh] [ [a-ʔb bóóg kxuu ʔd] [sok] ]  
 LN LV INC V

(II.6h) [ʔiʔh] [a-ʔb] [ [bóóg kxuu ʔd] [sok] ]  
 LN LN LV INC V

Teu pai capina debaixo da maniva de minha mandioca. (lit.,  
 Teu pai me mandioca-maniva-debaixo-capina.)

Não se permite que o processo da incorporação do núcleo da LN objeto produza uma forma que possa violar a regra geral que diz que o objeto direto de uma oração transitiva não pode ser coreferencial com o sujeito. Antes, usa-se a construção reflexiva. Exemplifica-se esta regra geral em II.7 (veja a seção 2.5; exemplos II.7b e II.7c, = exemplos 2.120a e 2.120b, respectivamente).

- (II.7a) kalapéé ʔiʔh a-buu  
 criança eu form-embalar+I  
 Estou embalando a criança.

(II.7b) \* ɣih ɣih a-buu  
 eu eu form-embalar+I

(II.7c) ɣih ka-buu  
 eu refl/rec-embalar+I  
 Estou me embalando.

Como consequência desta regra geral, não se pode derivar a forma II.8b de II.8a pela incorporação na LV do núcleo, bóóg 'mandioca', da LN objeto, o que deixaria o sujeito e o novo objeto direto coreferenciais. Antes, substitui-se a forma inaceitável de II.8b pela construção reflexiva em II.8c.

(II.8a) bóóg ɣi ɣih kxuɯ id sok  
 mandioca meu eu maniva parte=por=baixo tirar+mult+I  
 Capino debaixo da maniva de minha mandioca. (lit., Eu maniva-debaixo-capino minha mandioca.)

(II.8b) \* ɣih ɣih bóóg kxuɯ id sok  
 eu eu mandioca maniva parte=por=baixo tirar+mult+I

(II.8c) ɣih bóóg kxuɯ id ka-sok  
 eu mandioca maniva parte=por=baixo refl/rec-tirar+mult+I  
 Capino debaixo da maniva de minha mandioca. (lit., Eu me mandioca-maniva-debaixo-capino.)

## II.2. A incorporação de posposições na locução verbal.

A segunda possibilidade de incorporação é a de posposições. Pode-se incorporar na LV o núcleo de uma LP, ou seja, a posposição, ao mesmo tempo avançando a LN modificadora para a posição a função de objeto direto da nova LV. O objeto direto, se este existe, da LV original se torna a LN modificadora numa LP marcada por me 'meio' ou



hã 'dativo'. A nova LV sempre é transitiva, i. é., no caso de uma LV original intransitiva, há uma mudança na valência da LV. Como no caso da incorporação de substantivos, sempre há uma mudança nas relações gramaticais na oração.

Exemplifica-se a incorporação de posposições com o verbo intransitivo a-hing 'baixar' em II.9. O núcleo da LP de II.9a (= exemplo 2.47a), ou seja, a posposição sii 'com', se incorpora na LV em II.9b (= exemplo 2.47b), tornando o modificador kalapéé 'criança' na LP em II.9a o objeto direto em II.9b. Em II.9b, a LN kalapéé 'criança' aparece na posição normal de objeto direto, ou seja, precede o sujeito e o verbo. As árvores que representam II.9a e II.9b aparecem em II.9c e II.9d, respectivamente.

(II.9a)  $\text{ɕih a-hing kalapéé sii}$

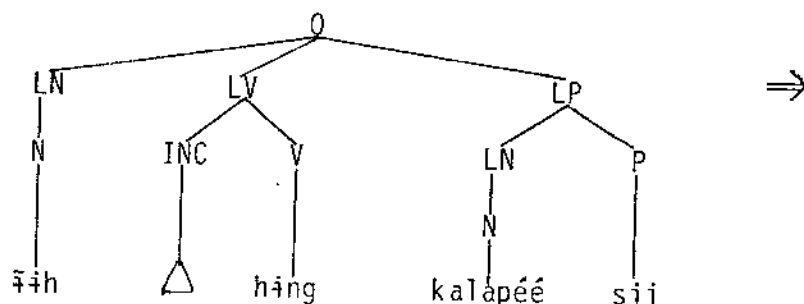
eu form-baixar+I criança com

Baixo com a criança.

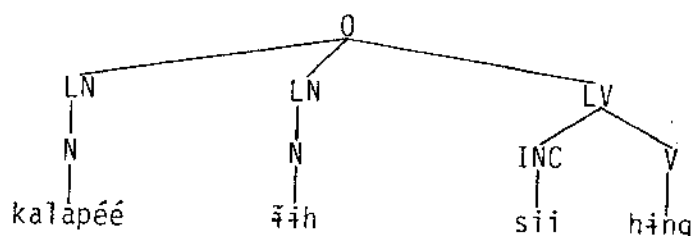
(II.9b)  $\text{kalapéé ɕih sii hing}$

Baixo com a criança. (lit., Eu com-baixo a criança.)

(II.9c)



(II.9d)



Exemplifica-se o mesmo processo com o verbo transitivo a-wuh 'comer' em II.10, onde se incorpora na LV em II.10b o núcleo (a posposição), sii 'com', da LP em II.10a, avançando o modificador, kalapéé 'criança', na LP a LN objeto em II.10b; o objeto direto, txúúng 'anta', de II.10a aparece como modificador numa LP marcada por hã 'dativo' em II.10b. As árvores que representam II.10a e II.10b aparecem em II.10c e II.10d, respectivamente.

(II.10a) txúúng ãih a-wuh kalapéé sii

anta eu form-comer+I criança com

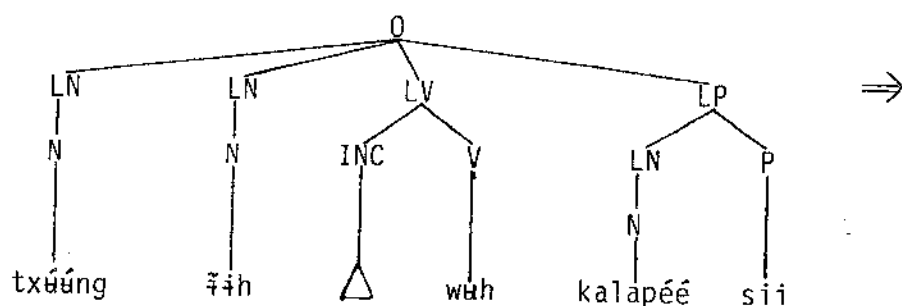
Estou comendo anta com a criança.

(II.10b) kalapéé ãih sii wuh txúúng hã

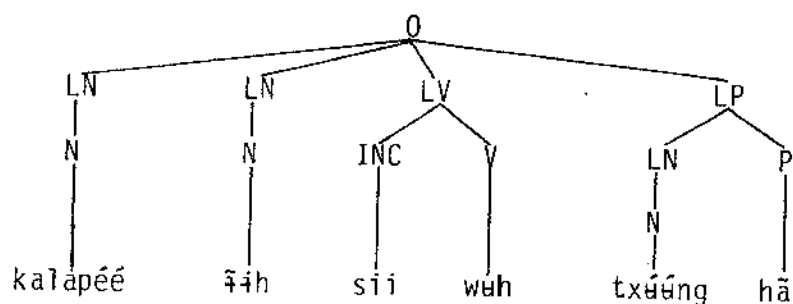
criança eu com comer+I anta dat

Estou comendo anta com a criança. (lit., Eu com-come a criança com respeito a anta.)

(II.10c)



(II.10d)



Uma vez que se incorpora um substantivo ou uma posposição na LV, não se pode incorporar outra posposição na mesma LV. Por exemplo, da forma II.11a, pode-se incorporar na LV ou a posposição mahang 'no meio de', resultando em II.11b, ou a posposição sii 'com', resultando



(II.12b) a-tĩng ʔĩh yó sooh  
 Estou sentado na tua cadeira. (lit., Estou em-cima-de-sentado tua cadeira.)

(II.12c) òm ʔĩh tĩng yó sooh  
 você eu cadeira em=cima=de estar=sentado+I  
 Estou sentado na tua cadeira. (lit., Estou cadeira-em-cima-de-sentado você.)

Há certas restrições quanto à incorporação na LV de posposições, como enumeradas abaixo.

i) Não se pode incorporar na LV a posposição bahĩnh 'na frente de', quando esta funciona numa construção comparativa, ou seja, quando seu modificador é um objeto de comparação (exemplos II.13a e II.13b, = exemplos 2.63a e 2.63b, respectivamente).

(II.13a) txaah ʔĩ a-eh a-txaah bahĩnh  
 filho meu form-ser=grande+I teu-filho na=frente=de  
 Meu filho é maior que teu filho.

(II.13b) \* a-txaah txaah ʔĩ bahĩnh eh

ii) Ao invés da incorporação de certas posposições, como gó 'dentro de' (exemplos II.14a, = exemplo 2.40a, II.14b e II.14c, = exemplo 2.40b), usam-se prefixos verbais relacionais (veja o apêndice III para os detalhes).

(II.14a) ʔĩh a-hĩng hxóóh gó  
 eu form-baixar+I canoa dentro=de  
 Baixo de canoa.

(II.14b) \* hxóóh ʔĩh gó hĩng

(II.14c) hxóóh ʔĩh ga-hĩng  
 canoa eu dentro=de-baixar+I  
 Baixo de canoa. (lit., Em-baixo a canoa.)

iii) Não se podem incorporar certas posposições de estrutura complexa, como, por exemplo, həbnxaa 'finalidade, razão' (veja a nota 17 do capítulo 2).

### II.3. Relexificação de locuções verbais como verbos compostos.

Existem certas LVs com elementos incorporados, as quais parecem ter sido relexificadas como verbos compostos pelo fato de que apresentam uma ou mais das seguintes características.

i) O significado da LV não é imediatamente óbvio dos significados dos componentes.

ii) Não há forma não-incorporada equivalente.

iii) Pode-se incorporar na LV outro elemento, o que resulta numa LV cujos elementos incorporados não têm uma relação de modificação (relação genitiva).

iv) As vezes, há uma mudança inesperada na valência da LV.

Um exemplo do processo de relexificação dum LV como verbo composto é mooh wút 'trabalhar, fazer (com as mãos)'. Nota-se que o significado da forma composta mooh wút não é imediatamente óbvio dos dois componentes, mooh 'mão, braço' e wút 'estar em movimento', embora evidentemente haja uma associação.

Parece que a forma II.15a deve ser derivada dum forma não-incorporada como II.15b, mas, de fato, esta forma não-incorporada é inaceitável para todos os falantes, o que sugere que mooh wút tenha sido relexificada como verbo composto.



- (II.16b) ta-waa ta-mooh wút  
 ele-comida ele-mão estar=em=movimento+I  
 Ele está fazendo a comida dele.

#### II.4. Morfemas que têm formas incorporadas e não-incorporadas que diferem entre si.

Existem alguns substantivos que têm uma forma (pelo menos, preferida) quando incorporados numa LV e outra forma quando não-incorporados. Um exemplo disso é o substantivo matim 'olho' (forma independente), cuja forma quando incorporado numa LV geralmente é tí (exemplo II.17).

- (II.17a) a-matim i-wúéh  
 teu-olho asp-ser=grande+mult+I  
 Teus olhos são grandes.

- (II.17b) òm tí i-wúéh  
 você olho asp-ser=grande+mult+I  
 Você tem olhos grandes. (lit., Você é olhos-grandes.)

#### II.5. Morfemas que ocorrem apenas incorporados numa locução verbal.

Existem alguns elementos incorporados em LVs, os quais parecem não ter formas não-incorporadas correspondentes. Exemplos disso são o partitivo hãd 'meio' (exemplo II.18) e wén 'por isso' (exemplo II.19, = exemplos 2.166a e 4.12a). Para uma sugestão sobre o possível desenvolvimento de wén a partir da posposição yawén 'atrás de, depois de', veja a seção 2.9.

- (II.18) ta-txaah hād eeh-dák  
 ele-filho meio ser=grande+NI-cmpl+I  
 O filho dele já é meio grande.
- (II.19) Subih řih hi-gxãas / řih wén hīng  
 Subih eu dat+asp-olhar+I / eu por=isso baixar+I  
 Baixei para ver Subih.

## II.6. A significação do fenômeno de incorporação.

Frantz (1979:54) afirma que é relativamente comum, especialmente em línguas ameríndias, a incorporação no verbo do núcleo de uma LN, mais frequentemente o objeto direto. Em alguns casos, acompanha-se a incorporação do nome por uma mudança no status referencial, como no Onondaga (Woodbury, 1975:11). O Blackfoot apresenta um processo, semelhante ao que existe no Nadëb, de incorporação do núcleo de uma LN, o que é analisado por Frantz (1979:29-31) como 'possessor ascension', dentro do modelo da Gramática Relacional.

Parece que o motivo do processo de incorporação no Nadëb de fato é o avanço de um constituinte da oração para a posição e função de sujeito ou de objeto direto, o que se combina com o fato de que não se pode incorporar na LV uma LN completa. A incorporação na LV de um ou mais elementos é o meio pelo qual se efetua este avanço. Este recurso é muito importante na formação de orações relativas, uma vez que se pode relativizar diretamente apenas o sujeito ou o objeto direto de uma oração (veja a seção 2.2.2.2.1.2). Keenan (1978:27) afirma que em muitas línguas Bantu, como no Nadëb, pode-se relativizar apenas o sujeito ou o objeto direto e que essas línguas



são ricas em meios de apresentar oblíquos como objetos diretos, usando formas especiais do verbo.

## NOTAS:

1. Um contra-exemplo à regra de que não se podem incorporar na LV substantivos não-possuíveis é com o verbo a-níng 'existir'. Este verbo admite, por exemplo, a incorporação do substantivo não-possuível maséél 'banana', como em:

ĩih maséél níng

eu banana existir+I

Tenho uma banana.

Uma forma negativa correspondente, na qual pode aparecer um substantivo não-possuível é LN ta-maah 'não ter LN', como em:

ĩih maséél ta-maah

eu banana tema-não=ter+NI

Não tenho banana.

De fato, interpreta-se maséél ta-maah como sendo substantivação com a tradução 'um que-não-tem-banana' (veja o apêndice IV, seção IV.3.4), mas a forma verbal subjacente (o qual não ocorre em orações principais), \*maséél ta-mah, também não obedece a regra de que não se pode incorporar na LV um substantivo não-possuível. De fato, alguns falantes consideram a forma maséél níng não muito correta, preferindo usar um nome genérico obrigatoriamente possuído, no caso, waa 'comida', em combinação com o nome não-possuível, resultando numa forma como waa níng maséél.

2. De fato, não é comum encontrar uma oração contendo mais de uma LP, salvo quando estas são coreferenciais. Um falante considerou a forma de II.11a não muito boa e preferiu uma das seguintes formas.



## APÊNDICE III

### O DESENVOLVIMENTO DIACRÔNICO DE CERTOS PREFIXOS VERBAIS<sup>1</sup>

#### III.0. Introdução.

Este apêndice apresenta a hipótese de que certos prefixos verbais na língua Nadëb têm se desenvolvido da incorporação de posposições na locução verbal. Já que não existem descrições gramaticais de fases mais antigas do Nadëb, nem descrições adequadas de línguas aparentadas, ainda não há possibilidade de utilizar evidência externa para estender o entendimento do Nadëb. Portanto, os argumentos aqui apresentados se baseiam em evidência interna, considerando o comportamento atual de várias posposições e prefixos e suas inter-relações, o que se interpreta como ilustração de fases de um processo de prefixação que se propõe como sendo a origem de certos prefixos verbais.

Como se viu na seção 2.2.1.4.1, classificam-se os prefixos verbais em seis tipos: i) o prefixo formativo a-, o qual geralmente aparece vinculado a uma raiz verbal que não tem outro prefixo ou elemento incorporado na ausência de um pronome proclítico; ii) o prefixo de aspecto i-, o qual aparece obrigatoriamente com alguns verbos e opcionalmente com outros; iii) os prefixos derivacionais, como, por exemplo, da- 'causativo', ka- 'reflexivo, recíproco';<sup>2</sup> iv) os prefixos temáticos, os quais aparecem obrigatoriamente com certas raízes verbais e cujo significado é difícil ou impossível de isolar do significado da raiz; v) os prefixos relacionais, como, por exemplo, ya- 'em cima de', ga- 'dentro de'; e vi) os prefixos de

subordinação, como, por exemplo, ba- 'adverbial relativizado', ma- 'meio relativizado', ha- 'sujeito relativizado'. Este apêndice se interessa principalmente pelos últimos dois tipos, a saber, os prefixos relacionais e os prefixos de subordinação.

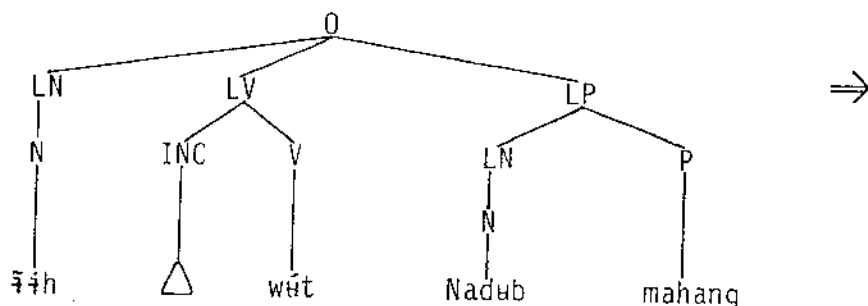
### III.1. A incorporação de posposições na locução verbal.

Como já se viu na seção 2.2.1.5, podem se incorporar posposições (e nomes) na LV, o que resulta numa mudança nas relações gramaticais na oração, como exemplificado em III.1, com a posposição mahang 'no meio de'. Em III.1a, aparece uma oração intransitiva que contém uma LP, Nadub mahang 'no meio dos Nadëb'. A árvore que representa esta oração aparece em III.1c. A forma em III.1b resulta do avanço da LN, Nadub, dominada pela LP para a posição e função de objeto direto da LV e da incorporação da posposição mahang na LV. A árvore que representa III.1b aparece em III.1d. Observa-se que a nova LV mahang wút é transitiva.

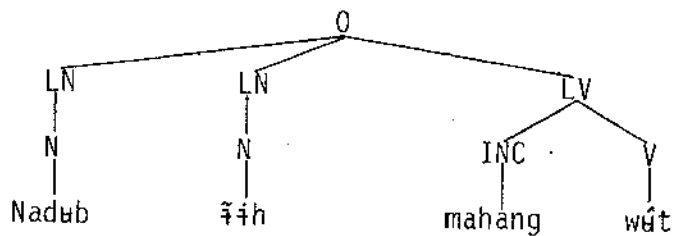
(III.1a)  $\text{ããh a-wút}$  Nadub mahang  
 eu form-estar=em=movimento+I Nadëb no=meio=de  
 Moro no meio dos Nadëb.

(III.1b) Nadub  $\text{ããh mahang wút}$

(III.1c)



(III.1d)



Da não-ocorrência de III.1e e III.1f, nota-se que a posposição incorporada na LV não pode, ao mesmo tempo, ocorrer na LP de onde foi extraída, i. é, não se trata de um tipo de concordância.

(III.1e) \* ĩĩh mahang wút Nadub mahang

(III.1f) \* Nadub mahang ĩĩh mahang wút

### III.2. A posposição yó e o prefixo verbal ya- 'em cima de'.

Considera-se agora a incorporação da posposição yó 'em cima de', exemplificada em III.2 e III.3. Em III.2a a III.2c, a situação é idêntica à da posposição mahang 'no meio de' que já se viu. A posposição yó do exemplo III.2a pode se incorporar na LV, como em III.2b, tornando a LN dominada pela LP o objeto direto da nova LV yó sooh.

(III.2a) ĩĩh a-sooh                      bxaah yó  
 eu form-estar=sentado+I árvore em=cima=de  
 Estou sentado na árvore.

(III.2b) bxaah ĩĩh yó sooh

(III.2c) \* bxaah yó ĩĩh yó sooh

No exemplo III.2d, porém, vê-se outra fase da incorporação. A posposição incorporada, yó, se tornou prefixo verbal ya-, o que está de acordo com a forma geral de prefixos verbais Ca-.

(III.2d) bxaah ʔih ya-sooh

árvore eu em=cima=de-estar=sentado+I

Estou sentado na árvore. (lit., Estou em-cima-de-sentado a árvore.)

A diferença mais marcante entre a posposição incorporada e o prefixo verbal, além da qualidade das vogais, é que a posposição incorporada sempre tem seu próprio acento, enquanto o prefixo não tem acento. Outra diferença, que não aparece neste exemplo, é que o prefixo que resulta deste processo, como todos os prefixos, se combina com o aspecto i-, quando este existe e quando não há outro prefixo entre ele e o i-, mudando sua forma de ya- para yi-. A posposição incorporada não se combina com o i-. Assim, se o aspecto i- estivesse presente em III.2b e III.2d, as formas das LVs seriam yó i-sooh e yi-sooh, respectivamente. Como no caso da posposição incorporada, não se deve considerar o prefixo ya- como marca de concordância (exemplos III.2c e III.2e).

(III.2e) \* bxaah yó ʔih ya-sooh

Embora as duas formas III.2b e III.2d pareçam ser igualmente aceitáveis com o verbo a-sooh 'estar sentado', isto não é o caso com o verbo ka-mi-hxãak 'parar para descansar' do exemplo III.3. Com este verbo, que já tem dois prefixos, apenas a forma com a posposição incorporada (exemplo III.3b) é aceitável, e não a forma com o prefixo (exemplo III.3c). Observa-se que em III.3c o prefixo ya- segue o ma-, segundo a regra de ordenação de prefixos verbais (seção 2.2.1.4.2). Os falantes nativos consideram as duas outras ordens, ka-ya-mi-hxãak e ya-ka-mi-hxãak piores ainda do que a forma III.3c.

(III.3a) ʔih ka-mi-hxãak

eu refl/rec-tema+asp-parar=para=descansar+I

bxaa*h* yó

árvore em=cima=de

Paro para descansar na árvore.

(III.3b) bxaa*h* ãĩ*h* yó ka-mi-hxãak

(III.3c) \* bxaa*h* ãĩ*h* ka-ma-yi-hxãak

Assim, parece que, com a incorporação da posposição yó na LV, começou um processo de prefixação da posposição incorporada, mas ainda há uma preferência, pelo menos com alguns verbos, pela forma não-prefixada.

### III.3. A posposição hã e o prefixo verbal ha- 'dativo'.

Nos exemplos III.4 e III.5, vê-se uma fase um pouco mais avançada do processo de prefixação, com a posposição hã 'dativo'. A forma de III.4b, com a posposição incorporada, é inaceitável para alguns falantes e é considerada por outros menos aceitável do que a forma prefixada de III.4c. Mais uma vez, vê-se, do exemplo III.4d, que não se trata de concordância.

(III.4a) salãap a-dúng kalapée*é* hã

sarampo form-cair+unit+I criança dat

A criança pegou sarampo. (lit., Sarampo caiu na criança.)

(III.4b) ? kalapée*é* salãap hã dúng

(III.4c) kalapée*é* salãap ha-dúng

criança sarampo dat-cair+unit+I

A criança pegou sarampo. (lit., Sarampo em-caiu a criança.)

(III.4d) \* kalapée*é* hã salãap ha-dúng





de concordância, o que está claro do exemplo III.6e. (O exemplo III.6a já foi considerado no capítulo 2 e no apêndice II como exemplos 2.40a e II.14a.)

(III.6a) ɸɸh a-hɸng            hxóóh gó  
eu form-baixar+I canoa dentro=de

Baixo de canoa.

(III.6b) \* hxóóh ɸɸh gó hɸng

(III.6c) hxóóh ɸɸh go-hɸng

(III.6d) hxóóh ɸɸh ga-hɸng

(III.6e) \* hxóóh gó ɸɸh ga-hɸng

Todavia, há um outro fator que aparece com a incorporação de gó com certos verbos, a saber, uma mudança no sentido da nova LV. Exemplifica-se isso em III.7, com o verbo i-yóóm 'plantar'. Usa-se a forma não-incorporada de III.7a para se referir a qualquer ato de plantar na roça, em qualquer época, enquanto a forma prefixada de III.7b se refere apenas à primeira plantação, i. é, as formas de III.7a e III.7b não são sinônimas, tendo a forma prefixada um sentido mais limitado. Parece que, nesta altura, a diferença de sentido se aplica apenas em relação a alguns verbos. Com o verbo a-hɸng 'baixar' do exemplo III.6, as formas incorporada e prefixada parecem ser sinônimas.

(III.7a) ɸɸh i-yóóm            gúúw gó  
eu asp-plantar+I roça dentro=de

Planto na roça.

(III.7b) gúúw ɸɸh gi-yóóm

roça eu dentro=de+asp-plantar+I

Planto a roça (pela primeira vez).

### III.5. A posposição me e o prefixo verbal ma- 'meio'.

Com a posposição me 'meio' (i. é, instrumento ou caminho) entra-se numa outra fase do desenvolvimento dos prefixos (exemplo III.8). Como no caso de gó, é inaceitável a forma com a posposição incorporada (exemplo III.8b).

(III.8a)  $\text{ĩĩh i-sóóm}$   $\text{sxóów}$  me  
 eu asp-flechar=com=sarabatana+I sarabatana meio  
 Flecho com sarabatana.

(III.8b) \*  $\text{sxóów ĩĩh me i-sóóm}$

Agora, porém, parece que o processo de mudança de sentido na forma prefixada tem se estabelecido mais firmemente. O exemplo III.8c não é sinônimo de III.8a, mas tem o sentido limitado de ação inicial, o que corresponde ao exemplo III.7b. Não conheço nenhum verbo que admita uma forma do tipo III.8c como sinônimo da forma correspondente do tipo III.8a em orações principais.

(III.8c)  $\text{sxóów}$   $\text{ĩĩh}$  mi-sóóm  
 sarabatana eu meio+asp-flechar=com=sarabatana+I  
 Estou experimentando a sarabatana (uma fase na fabricação de sarabatanas).

Contudo, o sentido que corresponde a III.8a continua com o prefixo em orações relativas (exemplo III.8d). Compare com III.6f, o qual é a oração relativa correspondente ao exemplo III.6.

(III.8d)  $\text{ĩĩh}$  mi-sóóm  $\text{doo}$   
 eu meio+asp-flechar=com=sarabatana+I nom  
 (aquilo) com que flecho

- (III.6f) ʔih ga-hĩng doo  
 eu dentro=de-baixar+I nom  
 (aquilo) em que baixo

Classificam-se os prefixos até aqui considerados, a saber, ya- 'em cima de', ha- 'dativo', ga- 'dentro de' e ma- 'meio', como sendo prefixos relacionais.

Em III.8e aparece, porém, uma nova característica com o prefixo ma- 'meio', a saber, a ocorrência da posposição me na LP sxóów me 'com sarabatana' em combinação com seu prefixo correspondente ma- no verbo, o que está em confronto com o comportamento de todas as outras posposições até agora examinadas. (Compare III.8e com as formas inaceitáveis de III.1e, III.1f, III.2c, III.2e, III.4d e III.6e.)

- (III.8e) sxóów me ʔih mi-sóóm  
 sarabatana meio eu meiorel+asp-flechar=com=sarabatana+I  
 É com sarabatana que flecho.

Agora a operação parece mais um tipo de concordância do que simplesmente uma incorporação. O prefixo ma- ocorre no verbo apenas quando a LP instrumental precede o verbo, e mesmo assim, esse prefixo nem sempre aparece. A forma de III.8f, i. é, sem o prefixo ma-, também é aceitável, embora muito mais rara do que III.8a ou III.8e.

- (III.8f) sxóów me ʔih i-sóóm  
 sarabatana meio eu asp-flechar=com=sarabatana+I  
 Com sarabatana eu flecho.

Em III.8f, trata-se do deslocamento para a esquerda de uma LP sem mudança das relações gramaticais. Conforme já se viu na seção 2.1.4, interpreta-se isso como deslocamento da LP para uma posição de foco e o exemplo III.8e como uma oração clivada, na qual o complemento



tób bú 'na casa' e o sujeito é a oração pseudorelativa ĩih ba-gú 'onde estou'. O prefixo ba- indica que o constituinte relativizado (e apagado) é um adverbial e, neste sentido, é uma marca de concordância e de subordinação. A forma III.9e é muito mais rara do que III.9a ou III.9d.

(III.9d) tób bú ĩih ba-gú  
 casa abl eu advrel-estar=em=rede+I  
 É na casa que estou.

(III.9e) tób bú ĩih a-gú  
 casa abl eu form-estar=em=rede+I  
 Na casa estou.

Usa-se o prefixo ba- nesta construção, não apenas com locativos, mas com qualquer adverbial em posição pré-verbal, salvo os de meio, com os quais se usa o prefixo ma- já discutido, e as LPs que contêm um objeto de comparação, as quais não aparecem nesta construção. Exemplifica-se isso com um advérbio temporal, yiti 'amanhã', em III.10, um advérbio de modo, kayah 'devagar', em III.11, um objeto indireto, kalapéé hã 'para a criança', em III.12 e outra LP, hxóóh gó 'de canoa', em III.6g (= exemplo 2.11). Interpretam-se todas estas formas como orações clivadas e o prefixo ba- indica que se trata de oração pseudorelativa cujo constituinte relativizado é um adverbial qualquer (salvo de meio e de objeto de comparação).

(III.10) yiti ĩih ba-hing  
amanhã eu advrel-baixar+I  
 É amanhã que vou baixar.

(III.11) kayah-hē ĩih ba-wút  
devagar-adv eu advrel-estar=em=movimento+I  
 É devagar que eu ando.

(III.12) kalapée hã ʔih ba-nxoo-dák  
 criança dat eu advrel-dar+NI-estar=pendurado+I  
 Foi para a criança que eu dei.

(III.6g) hxóóh gó ʔih ba-hing  
 canoa dentro=de eu advrel-baixar+I  
 É de canoa que baixo.

### III.7 Comparação do comportamento dos prefixos verbais ga-, ma- e ba-.

Agora se pode fazer uma comparação interessante dos prefixos ga- 'dentro de', ma- 'meio' e ba- 'ablativo', a partir das orações intransitivas III.6a, III.8a e III.9a.

(III.6a) ʔih a-hing hxóóh gó  
 eu form-baixar+I canoa dentro=de  
 Baixo de canoa.

(III.8a) ʔih i-sóóm sxóów me  
 eu asp-flechar=com=sarabatana+I sarabatana meio  
 Flecho com sarabatana.

(III.9a) ʔih a-gú tób bú  
 eu form-estar=em=rede+I casa abl  
 Estou na casa.

Pelo processo da incorporação na LV e prefixação da posposição em III.6a, a LN modificadora na LP é alçada para a posição e função de objeto direto em III.6d, o que é sinônimo de III.6a (embora, com poucos verbos, se introduza com este processo um novo aspecto de significado, a saber, o de ação inicial; veja o exemplo III.7). O

processo da incorporação e prefixação da posposição me, porém, sempre introduz o aspecto de ação inicial; quer dizer que III.8c, embora forma aceitável, não é sinônimo de III.8a. Por outro lado, no caso da posposição bú, a forma que resulta do processo de sua incorporação e prefixação é inaceitável em orações principais (exemplo III.9b).

(III.6d) hxóóh ãih ga-hing

canoa eu dentro=de-baixar+I

Baixo de canoa. (lit., Eu em-baixo a canoa.)

(III.8c) sxóów ãih mi-sóóm

sarabatana eu meio+asp-flechar=com=sarabatana+I

Estou experimentando a sarabatana.

(III.9b) \* tób ãih ba-gú

casa eu abl-estar=em-rede+I

Em todos os três casos, porém, a relativização (e apagamento) do objeto direto (inclusive na forma inaceitável de III.9b) resulta numa oração relativa aceitável, cujo sentido corresponde a III.6a, III.8a e III.9a, respectivamente (exemplos III.6f, III.8d e III.9c).

(III.6f) ãih ga-hing doo

eu dentro=de-baixar+I nom

(aquilo) em que baixo

(III.8d) ãih mi-sóóm doo

(aquilo) com que flecho

(III.9c) ãih ba-gú doo

(a casa) em que estou

Em cada caso, a função do prefixo é alçar a LN modificadora numa LP para a posição e função de objeto direto, ou seja, efetuar uma mudança nas relações gramaticais dentro da oração, a fim de permitir



a relativização do constituinte alçado. Assim, em cada caso, se trata de prefixo relacional.

Nas orações relativas negativas correspondentes, a presença do prefixo negativo na- não exclui nenhum desses três prefixos, o que está de acordo com sua interpretação como prefixos relacionais (exemplos III.6h, III.8g e III.9f).

(III.6h) ãih ga-na-hing doo

eu dentro=de-neg-baixar+I nom

(aquilo) em que não baixo

(III.8g) ãih ma-ni-sóóm doo

(aquilo) com que não flecho

(III.9f) ãih ba-na-gú doo

(a casa) em que não estou

No caso das orações clivadas, porém, aparece uma diferença importante entre o comportamento dos três prefixos (exemplos III.8e, III.9d, III.6e e III.6g).

(III.8e) sxóów me ãih mi-sóóm

É com sarabatana que flecho.

(III.9d) tób bú ãih ba-gú

É na casa que estou.

Em III.8e e III.9d, trata-se de orações equativas cujo sujeito é uma oração pseudorelativa e cujo complemento predicativo é uma LP. A função dos prefixos verbais ma- e ba- aqui não é de efetuar uma mudança nas relações gramaticais, mas de indicar que se trata de orações pseudorelativas cujo constituinte relativizado é o meio e outro adverbial, respectivamente. Assim, aqui se trata de prefixos de subordinação e não relacionais.

Por outro lado, a situação com o prefixo ga- é diferente. Quando o complemento predicativo numa oração equativa é uma LP que contém a posposição gó, a oração pseudorelativa (sujeito) é marcada pelo prefixo ba- (o qual, como já se afirmou, aparece com qualquer adverbial na posição de complemento predicativo, salvo de meio e de objeto de comparação) e não por ga- (exemplos III.6e e III.6g).

(III.6e) \* hxóóh gó ǿih ga-hing

(III.6g) hxóóh gó ǿih ba-hing

É de canoa que baixo.

Assim, não se usa ga- para indicar relativização de um constituinte numa oração pseudorelativa, ou seja, ga- não é um prefixo de subordinação, como no caso de ma- e ba- nos exemplos III.8e e III.9d.

Afirmou-se na seção 4.0, que a presença do prefixo negativo na- exclui o uso de prefixos de subordinação. Exemplifica-se isso com o prefixo ba- em III.13a (= exemplos 2.10a e 4.16e), III.13b (= exemplo 4.16b) e III.13c. (Os negativos correspondentes a III.8e, III.9d e III.6g não seriam aceitáveis semanticamente.)

(III.13a) jém-hě ǿih ba-hing

ontem-adv eu advrel-baixar+I

Foi ontem que baixei.

(III.13b) jém-hě ǿih na-hing

ontem-adv eu neg-baixar+I

Foi ontem que não baixei.

(III.13c) \* jém-hě ǿih ba-na-hing

Esta não-coocorrência do prefixo ba- com o negativo na- está em confronto com sua coocorrência em III.9f, o que confirma que aqui ba- funciona como prefixo de subordinação, enquanto em III.9f funciona como prefixo relacional.

Examina-se agora o caso de uma oração relativa ou pseudorelativa funcionar como modificador numa LP. Observa-se que, com a posposição mahang 'no meio de' não se pode usar uma oração pseudorelativa neste contexto, mas apenas uma relativa (exemplo III.14).

(III.14a) hi-yxóónh doo mahang  
 tema+asp-ser=valente+I nom no=meio=de  
 no meio dos valentes

(III.14b) \* hi-yxóónh mahang

Por outro lado, o inverso se dá no caso da posposição bú, i. é, usa-se uma oração pseudorelativa, mas nunca uma relativa (exemplos III.9g e III.9h).

(III.9g) ãih ba-gú bú  
 eu advrel-estar=em=rede+I abl  
 onde estou

(III.9h) \* ãih ba-gú doo bú

Mais uma vez, o negativo na- exclui ba-, o que confirma que ba- aqui funciona como prefixo de subordinação (exemplos III.9i e III.9j).

(III.9i) ãih na-gú bú  
 eu neg-estar=em=rede+I abl  
 onde não estou

(III.9j) \* ãih ba-na-gú bú

Com a posposição me 'meio', a situação está um pouco mais complicada, pois se encontram ambos os tipos de oração neste contexto (exemplos III.8h e III.8i).

(III.8h) ãih mi-sóóm doo me  
 com aquilo com que eu flecho

(III.8i) ʔih mi-sóóm me

com aquilo com que eu flecho

Os falantes demonstram alguma incerteza sobre as formas negativas correspondentes corretas, mas as mais geralmente aceitas são:

(III.8j) ʔih ma-ni-sóóm doo me

com aquilo com que eu não flecho

(III.8k) ʔih ni-sóóm me

com aquilo com que eu não flecho

Isso está de acordo com a presente análise, de que ma- funciona como prefixo relacional em III.8h e III.8j e como prefixo de subordinação em III.8i e III.8k. O fato de haver duas formas muito semelhantes provavelmente explica a incerteza sobre o uso ou não do prefixo ma- no negativo. Alguns falantes preferem as formas com doo, ou seja, nas quais se usa uma oração relativa.

No caso da posposição gó 'dentro de', há pelo menos uma marcada preferência pelo uso de uma oração relativa como LN modificadora. Alguns falantes demonstram incerteza sobre a aceitabilidade ou não de uma oração pseudorelativa (exemplo III.15).

(III.15a) salééy ma-ma-naa doo gó

panela você-causcom-vir+caus+I nom dentro=de

na panela que você trouxe

(III.15b) ? salééy ma-ma-naa gó

Em conclusão, fica evidente que existem dois prefixos ba-, um que é relacional (traduzido nas glosas por 'ablativo') e outro que é prefixo de subordinação (traduzido nas glosas por 'adverbial relativizado').<sup>3</sup> De fato, a ocorrência do relacional ba- é relativamente infreqüente, enquanto a do prefixo de subordinação

homófono parece bem estabelecido e consistente, i. é, não há nenhuma incerteza sobre o uso ou não de ba- no negativo e permitem-se apenas orações pseudorelativas, e não relativas. como modificadores da posposição bú.

Por outro lado, encontram-se freqüentemente ambos os dois prefixos ma- correspondentes, o relacional e o de subordinação. A incerteza que há, às vezes, com respeito à forma correta no negativo, bem como as formas alternativas da oração nominalizada (relativa ou pseudorelativa) que aparece com a posposição me, indicam que provavelmente o uso de ma- como prefixo de subordinação está numa fase menos desenvolvida.

O prefixo ga-, porém, evidentemente é sempre relacional, mas possivelmente se desenvolverá um prefixo de subordinação homófono. Por exemplo, já se pode notar com ga- o início de certos traços, mais firmemente estabelecidos com ma-, tais como a introdução, com poucos verbos, do aspecto de ação inicial e a aceitação por parte de alguns falantes, embora com alguma hesitação, de uma oração pseudorelativa como modificador da posposição gó.

### III.8. Conclusão.

Assim, da comparação do comportamento atual de vários prefixos verbais chega-se a uma hipótese sobre o desenvolvimento diacrônico dos prefixos relacionais e de subordinação a partir da incorporação de posposições na LV. Se esta hipótese está certa, é de se esperar que o processo de prefixação continue. As próximas posposições a

serem sujeitas ao processo provavelmente seriam as que têm formas mais semelhantes à de prefixos, a saber, pa 'ao lado de' (exemplo III.16) e wu 'ao lado de' (exemplo III.17). Nesta altura, apenas as formas incorporadas (III.16b e III.17b) são aceitáveis e não as formas prefixadas (III.16c e III.17c).

- (III.16a) ʔih a-sooh                      uun pa  
 eu form-estar=sentado+I mamãe ao=lado=de  
 Estou sentado ao lado de mamãe.
- (III.16b) uun ʔih pa sooh  
 Estou sentado ao lado de mamãe. (lit., Estou  
 ao-lado-de-sentado mamãe.)
- (III.16c) \* uun ʔih pa-sooh
- (III.17a) ʔih a-na                      kalapée wu  
 eu form-uir+I criança ao=lado=de  
 Venho ao lado da criança.
- (III.17b) kalapée ʔih wu na  
 Venho ao lado da criança. (lit., Ao-lado-de-venho a  
 criança.)
- (III.17c) \* kalapée ʔih wa-na

Seria de se esperar que, depois do aparecimento de formas prefixadas, como no caso de yó (exemplos III.2 e III.3), as formas incorporadas comesçassem a desaparecer, como no caso de hã (exemplos III.4 e III.5), seguido por uma mudança de sentido, como nos casos de gó (exemplos III.6 e III.7) e me (exemplo III.8), e possivelmente a extensão do sistema de prefixos de subordinação, como nos casos de me (exemplo III.8) e bú (exemplo III.9).

Provavelmente alguns prefixos derivacionais e temáticos têm se derivado pelo mesmo processo, tendo desaparecido, em alguns casos, as posposições correspondentes. Por exemplo, a introdução de uma mudança em sentido (ação inicial) em orações principais com o prefixo ma- e, em alguns contextos, com ga-, indica que nestes casos se trata de prefixos derivacionais. Existem, porém, certos prefixos temáticos que evidentemente têm outra origem, como em onomatopéias (por exemplo, no verbo pa-la-laah 'despedaçar-se') ou em empréstimos (por exemplo, no verbo ma-xeeh 'rezar missa', o qual é um empréstimo da Língua Geral).

**NOTAS:**

1. Uma versão anterior da hipótese neste apêndice foi apresentada pela autora numa comunicação ao Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (Weir 1981b).
2. Acompanham-se certos prefixos derivacionais, como, por exemplo, na- 'causativo', ma- 'causativo comitativo', ha- 'habitual', ga- 'fictivo', etc., por mudanças na raiz verbal e/ou pela presença do prefixo de aspecto i-.
3. Existe também um prefixo de subordinação ba-, o qual marca orações complementares finitas (seção 2.8.6), traduzido nas glosas por 'oração complementar' (Ocomp). Veja a nota 30 do capítulo 2 para uma sugestão sobre a origem diacrônica deste prefixo.



APÊNDICE IV  
CONSTRUÇÕES SUBSTANTIVADAS

**IV.1. Descrição da construção adverbial substantivada.**

Afirmou-se na seção 2.2.3.4 existir uma construção na qual aparece um adverbial seguido por uma forma verbal, como exemplificada em IV.1a (= exemplo 2.104a), a qual construção se interpreta como substantivação duma forma subjacente como IV.1b (= exemplo 2.104b). De fato, há certos advérbios, tais como pxóóyub 'há muito tempo' (exemplo IV.1) e nagxaap 'há pouco tempo' (exemplo IV.2), os quais, quando aparecem em posição inicial duma oração principal requerem que esta seja uma oração clivada, como em IV.1c (= exemplo 2.104c).

(IV.1a) pxóóyub            i-níih  
há=muito=tempo asp-existir+NI  
um há-muito-tempo-nascido (geralmente se refere a um dos  
antepassados)

(IV.1b) \* pxóóyub            i-níng  
há=muito=tempo asp-existir+I

(IV.1c) pxóóyub            ta-bi-níng  
há=muito=tempo ele-advrel+asp-existir+I  
Há muito tempo é que ele nasceu.

As vezes, a forma do advérbio nesta construção difere daquela que funciona independentemente numa oração principal correspondente, como no caso de papuuy 'novo', cuja forma independente correspondente é nagxaap (exemplo IV.2).<sup>1</sup> Compare a existência de formas alternativas de certos advérbios neste contexto com a de formas

alternativas de certos substantivos no contexto de incorporação na LV, descrita na seção II.4.

(IV.2a) papuuy i-nîih  
 novo asp-existir+NI  
 um recém-nascido

(IV.2b) \* nagxaap i-nîih

(IV.2c) nagxaap-hê ta-bi-nîng  
 há=pouco-adv ele-advrel+asp-existir+I  
 Há pouco é que ele nasceu.

(IV.2d) \* papuuy ta-bi-nîng

No caso do advérbio daa 'intensificador', o qual corresponde à forma independente tagxup, sempre se usa em combinação com ele o sufixo verbal -ub (exemplo IV.3a), o qual, em outros contextos, significa algo como 'mesmo'.<sup>2</sup>

(IV.3a) daa ka-wa-yxãan-ub  
intens tema-tema-estar=com=raiva+NI-mesmo+NI  
 um com-muita-raiva

(IV.3b) tagxup ka-wa-yãan  
intens tema-tema-estar=com=raiva+I  
 Está com muita raiva.

Provavelmente se deve entender tagxup como resultado de fusão de dois morfemas, um dos quais é o sufixo -up/-ub (forma indicativa/forma não-indicativa). Parece que todos os casos de vogal laringalizada breve são resultados de uma tal fusão. Compare, também, as formas alternativas de IV.4a e IV.4b.

Na construção substantivada acompanha-se o adverbial daa 'intensificador' pelo prefixo verbal ba- 'adverbial relativizado',

quando não existe outro fator que o exclua. Exemplifica-se isso com o verbo i-puh 'ser gordo' em IV.4a. A forma alternativa de IV.4b, na qual o sufixo -ub se funde com a raiz verbal -puuh, é muito mais usada.

(IV.4a) daa bi-puuh-ub  
 intens advrel+asp-ser=gordo+NI-mesmo+NI  
 um 'muito-gordo'

(IV.4b) daa bi-puup  
 um 'muito-gordo'

Pode-se explicar a presença do ba- dizendo que, neste caso, a substantivação é da oração clivada correspondente (exemplo IV.4c) ao invés da da transitiva (exemplo IV.4d).

(IV.4c) tagxup ta-bi-puh  
 intens ele-advrel+asp-ser=gordo+I  
 É muito gordo. (lit., É muito que ele é gordo.)

(IV.4d) tagxup i-puh  
 intens asp-ser=gordo+I  
 É muito gordo.

Há certas restrições quanto às orações principais que se podem substantivar nessa maneira, bem como aos adverbiais que podem ocorrer nelas. Por exemplo, a substantivação da oração principal que contém o adverbial temporal jém-hě 'ontem' (exemplo IV.5a) não é aceitável (exemplo IV.5b), o que está em confronto com o exemplo IV.1.

(IV.5a) jém-hě ta-bi-ning  
 ontem-adv ele-advrel+asp-existir+I  
 Foi ontem que ele nasceu.

(IV.5b) \* jém i-nih

(IV.1c) pxóóyub            ta-bi-níng  
 há=muito=tempo ele-advrel+asp-existir+I  
 Há muito tempo é que ele nasceu.

(IV.1a) pxóóyub            i-níih  
 há=muito=tempo asp-existir+NI  
 um há-muito-tempo-nascido

É preciso investigar mais a fundo a forma da raiz verbal usada nesta construção. Nos exemplos já considerados, usa-se a raiz simples não-indicativa, mas em outros casos se usa uma raiz estendida não-indicativa, como em IV.6 e IV.7.

(IV.6a) Manxuuuj me    ta-ba-wút  
 Uneiuxi meio ele-advrel-estar=em=movimento+I  
 É no Uneiuxi (nome de rio) que ele mora.

(IV.6b) Manxuuuj me    wáúd  
 Uneiuxi meio estar=em=movimento+estendido+NI  
 um que-mora-no-Uneiuxi

(IV.7a) pxééj-hě    ta-ba-yat  
 perto-adv ele-advrel-estar=deitado=no=chao+I  
 É perto que ele está.

(IV.7b) pxééj yaad  
 perto estar=deitado=no=chão+estendido+NI  
 um que-está-perto

#### IV.2. Justificativa da análise desta construção como substantivação.

Como já se afirmou, interpreta-se a construção descrita na seção anterior como substantivação de uma oração principal. As interpretações alternativas seriam: que é uma oração principal, uma oração nominalizada finita ou não-finita, uma locução verbal, ou um tipo de LN simples cujo núcleo é um substantivo derivado dum verbo e cujo modificador é um adverbial. Tendo em vista estas opções, consideram-se a seguir algumas características da construção.

Primeiro, observa-se a ordem restrita de constituintes na construção em questão em confronto com a ordem mais livre nas orações principais e nominalizadas correspondentes. Compare, por exemplo, a única ordem permitida aos constituintes na construção em questão (exemplo IV.3a; a ordem inversa, IV.3d, não é permitida) com as duas ordens permitidas na oração principal correspondente (exemplos IV.3b e IV.3c). As orações nominalizadas também admitem estas duas ordens, embora a ordem de IV.3b seja mais comum em orações nominalizadas.

(IV.3a) daa ka-wa-yxãan-ub  
 intens tema-tema-estar=com=raiva+NI-mesmo+NI  
 um com-muita-raiva

(IV.3b) tagxup ka-wa-yãan  
 intens tema-tema-estar=com=raiva+I  
 Ele está com muita raiva.

(IV.3c) ka-wa-yãan tagxup

(IV.3d) \* ka-wa-yxãan-ub daa

Esta ordem restrita na construção em questão estaria de acordo com sua interpretação como locução ou como substantivação.

Outro fator relevante à análise da construção é o fato de a sequência dos constituintes ser não-interruptível. Compare, por exemplo, a ocorrência de IV.3e e IV.3f com a não-ocorrência de IV.3g, o que está em confronto com a interruptibilidade dos constituintes na oração principal equivalente, como em IV.3h.

(IV.3e) daa ka-wa-yxāan-ub Subih  
 intens tema-tema-estar=com=raiva+NI-mesmo+NI Subih  
 Subih é um com-muita-raiva.

(IV.3f) Subih daa ka-wa-yxāan-ub

(IV.3g) \* daa Subih ka-wa-yxāan-ub

(IV.3h) tagxup Subih ka-wa-yāan  
 intens Subih tema-tema-estar=com=raiva+I  
 Subih está com muita raiva.

A não-interruptibilidade dos constituintes estaria de acordo com a interpretação da construção em questão como locução ou como substantivação.

Outra característica desta construção que indica que não se trata de uma oração principal declarativa ou nominalizada finita (nas quais sempre se usa a forma indicativa do verbo) é o uso de uma forma não-indicativa do verbo. Esta aparece em imperativos, em orações nominalizadas não-finitas e em substantivos derivados de verbos. Aqui evidentemente não se trata de imperativo.

Outro fator que indica que não se trata de uma oração principal ou nominalizada (incluindo, neste caso, as não-finitas) é que não se pode negar a construção em questão, nem pelo uso do negativo nominal dooh (exemplo IV.3i), o qual, como se viu no capítulo 3, se usa para negar as orações principais declarativas, nem pelo uso do prefixo

negativo na- (exemplo IV.3j), o qual, como se viu no capítulo 4, se usa para negar as orações nominalizadas.<sup>3</sup> Isso está em confronto com a aceitabilidade da negação na oração principal correspondente (exemplo IV.3k), o que indica que a negação, no caso, não é bloqueada semanticamente.

(IV.3i) \* dooh daa ta-ka-wa-yxãan-ub bú  
neg intens ele-tema-tema-estar=com=raiva+NI-mesmo+NI abl

(IV.3j) \* daa ka-wa-na-yxãan-ub  
intens tema-tema-neg-estar=com=raiva+NI-mesmo+NI

(IV.3k) dooh tagxup ta-ka-wa-yxãan bú  
neg intens ele-tema-tema-estar=com=raiva+NI abl  
Ele não está com muita raiva.

As características até agora consideradas indicam que evidentemente não se trata de uma oração principal ou nominalizada. As outras opções são: que é uma locução verbal, uma locução nominal simples ou uma substantivação. Considera-se agora a possibilidade de interpretar a construção como locução verbal.

Como já se viu, quando a construção em questão ocorre com um sujeito, duas ordens são permitidas, como em IV.3e e IV.3f.

(IV.3e) daa ka-wa-yxãan-ub Subih  
intens tema-tema-estar=com=raiva+NI-mesmo+NI Subih  
Subih é um com-muita-raiva.

(IV.3f) Subih daa ka-wa-yxãan-ub

Estas ordens permitidas parecem ser as mesmas que ocorrem com um verbo intransitivo e seu sujeito, a saber, VS e SV. Parece, então, que se pode interpretar daa ka-wa-yxãan-ub como uma LV intransitiva, formada pela incorporação do advérbio, o que daria conta da ordem

fixa e da não-interruptibilidade dos constituintes. Não há outro caso, porém, que permita a incorporação de um constituinte oracional inteiro na LV (salvo no caso do verbo a-nīng 'existir'; veja a nota 1 do apêndice II), mas sempre resta uma parte da locução em questão, a qual é avançada para a posição e função da LN que a dominou antes da incorporação ou, no caso da incorporação de posposições, de objeto direto (seção 2.2.1.5). Além disso, a interpretação da construção como LV não daria conta da forma não-indicativa do verbo.

Das duas ordens permitidas, IV.3e e IV.3f, a primeira é muito mais comum. Isso está de acordo com a análise destas frases como orações equativas, nas quais daa ka-wa-yxãan-ub é o complemento predicativo e Subih o sujeito, ou seja, com a análise da forma daa ka-wa-yxãan-ub como locução nominal. Se se interpretasse o mesmo como LN simples, seria necessário introduzir uma outra expansão da LN simples, que consiste num substantivo derivado de um verbo, precedido por um adverbial como modificador. Embora possível, isso não é muito desejável, visto que requereria uma nova expansão da LN simples para permitir um modificador adverbial, quando não há outra evidência que isto seja necessário na análise do Nadëb.

A outra opção, ou seja, a interpretação da construção em questão como substantivação de uma oração principal, tem a vantagem de dar conta também de outros exemplos, como se verá na seção IV.3.



### IV.3. Outras substantivações.

Existem, pelo menos, outros quatro casos de substantivação em Nadéb: substantivos simples derivados de verbos, outros afirmativos substantivados, negativos substantivados e substantivações com sentido negativo mas sem marca explícita de negação. Além disso, existe pelo menos um advérbio derivado de verbo negado.

#### IV.3.1. Substantivos simples derivados de verbos.

Os substantivos simples derivados de verbos funcionam como qualquer outro substantivo simples na língua, tendo substantivos derivados obrigatoriamente possuídos, não-possuíveis e possuíveis. Nestes substantivos, usa-se uma forma não-indicativa do verbo. Exemplos são: liih 'desenho', substantivo obrigatoriamente possuído derivado do verbo i-lih 'desenhar, escrever', pahúúw 'moço', substantivo não-possuível derivado do verbo pa-húm 'tornar-se moço', e gúúw, substantivo possuível derivado do verbo a-gúúm 'derrubar árvore'.

Como já se viu na seção 2.2.1.1.1, no caso de alguns verbos há mais de um substantivo derivado correspondente. Por exemplo, do verbo pa-húm 'tornar-se moço' se derivam o substantivo não-possuível pahúúw 'moço' e o substantivo obrigatoriamente possuído pahéw 'filho moço'. Possivelmente se deve entender este como contendo a raiz causativa não-indicativa e aquele a raiz simples não-indicativa.



- (IV.10b) alam a-xóóm  
 gripe form-ter=febre+caus+I  
 A gripe faz ter febre.

Há certas restrições quanto às orações principais que se podem substantivar nesta maneira. Por exemplo, da oração principal ma mi-tuək 'ele ensina' se pode derivar a substantivação ma mi-tuğ 'professor'. enquanto não há substantivação correspondente da oração recíproca ma ka-mi-tuək 'ele aprende' (\* ma ka-mi-tuğ).

#### IV.3.3. Negativos substantivados.

Na seção 4.7, considerou-se uma construção negada, a qual apresenta características semelhantes às da substantivação adverbial, discutida nas seções IV.1 e IV.2, e a qual também se interpreta como substantivação. Exemplos, junto com suas orações principais afirmativas correspondentes são (exemplo IV.11b = exemplo 2.94a):

- (IV.11a) na-hi+h  
 neg-baixar+NI  
 um não-baixador
- (IV.11b) a-hing  
 form-baixar+I  
 Baixa.
- (IV.12a) wáng buəh ni-ug  
 patauá suco neg+asp-beber+NI  
 um não-bebedor-de-suco-de-patauá
- (IV.12b) wáng buəh ti-tuək  
 patauá suco ele+asp-beber+I  
 Bebe suco de patauá.

#### IV.3.4. Substantivações com sentido negativo mas sem marca explícita de negação.

Existem duas substantivações que são negativas em sentido, mas que não têm marca explícita de negação. Elas apresentam características semelhantes às das outras substantivações já consideradas. Em seu sentido, são muito semelhantes, mas não idênticos, pois nem sempre são intercambiáveis. Em ambos os casos o verbo do qual se deriva a substantivação não aparece em orações principais.

A primeira substantivação é LN ta-maah 'um que-não-tem-LN', onde LN é uma LN simples, como em:

(IV.13a) tú ta-maah Subih  
comida tema-inexistir+NI Subih

Subih não tem comida. (lit., Subih é um que-não-tem-comida.)

O verbo correspondente aparece na oração relativa de IV.13b, mas a oração principal correspondente (exemplo IV.13c) é inaceitável.

(IV.13b) tú ta-mah doo  
comida tema-inexistir+I nom  
 (aquele) que não tem comida

(IV.13c) \* Subih tú ta-mah

Parece não existir uma forma equivalente a IV.13b sem a incorporação de um nome na LV.

A outra substantivação é LN ba-dooH 'um que-não-tem-LN', como em IV.14a, com sua oração relativa correspondente, IV.14b.

(IV.14a) tiiw nxaa ba-doo Subih  
caminho finalidade tema-inexistir+NI Subih  
 Subih está demorando. (lit., Subih é um que-não-tem-  
 aquilo-que-funciona-na-qualidade-de-caminho-para-ele.)

(IV.14b) tiiw nxaa ba-doh doo  
caminho finalidade tema-inexistir+I nom  
 (aquele) que está demorando

Como se viu na seção 3.8, o morfeme negativo doo, o qual se usa para negar as orações principais, provavelmente é a forma substantivada da raiz deste verbo.

#### IV.3.5. Advérbio derivado de verbo.

Deriva-se o advérbio naiiw 'logo' diretamente da forma negada do verbo a-im 'parar, permanecer'. Possivelmente certos outros advérbios, como nagxaap 'logo, há pouco tempo', nagah 'hoje (passado)', têm se derivado pelo mesmo processo.

#### IV.4. A ocorrência das substantivações.

Nos exemplos de substantivações até agora vistos neste apêndice, as mesmas ocorrem apenas como complemento predicativo numa oração equativa. Como já se notou na seção IV.3.1., os substantivos simples derivados de verbos funcionam como qualquer outro substantivo na língua.

Há restrições, porém, quanto à ocorrência das outras substantivações, em alguns casos mais fortes, em outros menos.

Parece que as restrições mais fortes se aplicam no caso de substantivações que contêm o intensificador daa...-ub e de negativos substantivados, como kalapéé na-do 'uma não-criança' (talvez por ter-se derivado de uma oração equativa e não de uma intransitiva ou transitiva). Estas substantivações parecem funcionar apenas como complemento predicativo numa oração equativa. Por outro lado, outras substantivações, tais como papuuy yuuh 'um recém-voltado', lãas póóh wōoy nxaa 'o práctico do barco' e LN ta-maah 'um que-não-tem-LN', podem funcionar em qualquer posição de LN exceto quando encaixada em orações relativas ou pseudorelativas equativas ou em substantivações das mesmas (exemplos IV.15a e IV.15b).

- (IV.15a) \* papuuy yuuh        ha-doo  
                   novo    voltar+NI sujrel-ser+I
- (IV.15b) \* papuuy yuuh        na-do  
                   novo    voltar+NI neg-ser+NI

## NOTAS:

1. Encontra-se também a forma independente papuuy em outros contextos, com o sentido 'novo', como em:

papuuy a-salool

novo teu-roupa

Tua roupa é nova.

2. Parece haver, com certos verbos, uma diferença em sentido entre a oração principal que contém tagxup e a substantivação que contém daa...-ub. Por exemplo, um falante nativo traduziu a forma tagxup ta-bi-lxoot por 'ele fala com força' e a forma daa bi-lxood-ub por 'aquele que fala muito'.

3. De fato, também não se permite a negação de formas como daa ka-wa-yxãan-ub pelas duas maneiras de negar uma LN simples, a saber, pelo uso de uma oração relativa negada e pelo uso de um negativo substantivado (descrito na seção 4.8), como em:

kalapéé na-doo doo

criança neg-ser+I nom

que não é criança

kalapéé na-do

criança neg-ser+NI

uma 'não-criança'

Compare com as formas inaceitáveis:

\* daa ka-wa-yxãan-ub na-doo doo

intens tema-tema-estar=com=raiva+NI-mesmo+NI neg-ser+I nom

\* daa ka-wa-yxãan-ub na-do

intens tema-tema-estar=com=raiva+NI-mesmo+NI neg-ser+NI

Provavelmente a negação é excluída aqui pelo fato de que requereria o encaixamento de uma construção complexa numa oração nominalizada ou numa substantivação (veja também a seção IV.4).



## BIBLIOGRAFIA

- Andrews, Avery. 1971. "A Typological Survey of Relative Clauses".  
Ms.
- Brandon, Frank R. 1977. "O transporte da negação em português". Ms.
- Carden, Guy. 1971. "A Dialect Argument for Not-Transportation".  
Linguistic Inquiry, vol.2.3:423-426.
- Cattell, Ray. 1973. "Negative Transportation and Tag Questions".  
Language, vol. 49.3:612-639.
- Chafe, Wallace L. 1976. "Givenness, Contrastiveness, Definiteness,  
Subjects, Topics, and Point of View", em C.N. Li, ed., 1976,  
pp.25-55.
- Cole, Peter, Wayne Harbert e Gabriella Hermon. 1982. "Headless  
Relative Clauses in Quechua". IJAL, vol. 48.2:113-124.
- Comrie, Bernard e Edward L. Keenan. 1979. "Noun Phrase Accessibility  
Revisited". Language, vol. 55.3:649-664.
- Crofts, Marjorie. 1973. Gramática Mundurukú. Série Lingüística No.2.  
Brasília. SIL.
- Dahl, Osten. 1979. "Typology of Sentence Negation". Linguistics, vol.  
17:79-106.

- Derbyshire, Desmond C. 1977. "Word Order Universals and the Evidence of OVS Languages". Linguistic Inquiry, vol. 8.3:590-599.
- Derbyshire, Desmond C. 1979. Hixkaryana. *Lingua Descriptive Series*, vol.1. Amsterdam. North-Holland Publishing Company.
- Derbyshire, Desmond C. e Geoffrey K. Pullum. 1981. "Object-Initial Languages". IJAL, vol. 47.3:192-214.
- Durbin, Marshall e Fernando Ojeda. 1978. "Negation in Yucatec Maya". Ms.
- Frantz, Donald G. 1979. Grammatical Relations in Universal Grammar. Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, Vol.23, Supplement. University of North Dakota.
- Galvão, Eduardo. 1959. "Aculturação indígena no Rio Negro". Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, n.s., Antropologia, no. 7.
- Gillin, John. 1948. "Tribes of the Guianas". Em J. H. Steward, ed. 1948, pp.799-858.
- Greenberg, Joseph H. 1963. "Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements", em J. H. Greenberg, ed., Universals of Language. Cambridge, Massachusetts. MIT Press.
- Grubb, Kenneth G. 1927. The Lowland Indians of Amazonia. London. World Dominion Press.

- Horn, Laurence R. 1975. "Neg Raising Predicates: Towards an Explanation". Papers from the 11th Regional Meeting, pp.279-294. Chicago Linguistics Society.
- Horn, Laurence R. 1978. "Some Aspects of Negation", em J.H. Greenberg, ed., Universals of Human Language, Vol.4, Syntax, pp.127-210. Stanford. Stanford University Press.
- Jensen, Allen A. 1979. "Negation in Ojampí". Ms.
- Jespersen, Otto. 1917. "Negation in English and Other Languages". Selected Writings. London.
- Keenan, Edward L. 1978. "Relative Clauses in the Languages of the World". Typology Project. Ms.
- Keenan, Edward L. e Bernard Comrie. 1977. "Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar". Linguistic Inquiry, vol. 8.1:63-99.
- Klaiman, M.H. 1980. "Bengali Dative Subjects". Lingua, vol. 51.4:275-295.
- Koch-Grünberg, Theodor. 1906. "Die Makú". Anthropos, vol. 1:877-906.
- Kroskrity, Paul V. 1984. "Negation and Subordination in Arizona Tewa: Discourse Pragmatics Influencing Syntax". IJAL, vol. 50.1:94-104.

- Lehmann, Winfred P. 1978. "The Great Underlying Ground-Plans", em W.P. Lehmann, ed., Syntactic Typology: Studies in the Phenomenology of Language, pp.3-55. Austin. University of Texas Press.
- Li, Charles N., ed. 1976. Subject and Topic. New York. Academic Press.
- Li, Charles N. e Sandra A. Thompson. 1976. "Subject and Topic: A New Typology of Language", em C.N. Li. ed., 1976, pp.457-489.
- Loukotka, Cestmír. 1968. (ed., J. Wilbert). Classification of South American Indian Languages. University of California Los Angeles.
- Lyon, Patricia J., ed. 1974. Native South Americans: Ethnology of the Least Known Continent. Boston. Little, Brown and Company.
- McCawley, N.A. 1976. "From OE/ME 'impersonal' to 'personal' constructions: What is a 'subject-less' S?", em Papers from the parasession on diachronic syntax, pp.192-204. Chicago. CLS.
- Mason, J. Alden. 1950. "The Languages of South American Indians", em J.H. Steward, ed., Handbook of South American Indians, vol. 6, Physical Anthropology, Linguistics and Cultural Geography of South American Indians, pp.157-317. Washington. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology.
- Métraux, Alfred. 1948. "The Hunting and Gathering Tribes of the Rio Negro Basin", em J.H. Steward, ed., 1948, pp.861-867.

- Monserrat, Ruth M. F. 1975. "A negação em Aweti". Ms.
- Münzel, Mark. 1969-72. "Notas preliminares sobre os Kaborí (Makú entre o Rio Negro e o Japurá)". Revista de Antropologia, vols. 17-20 (1ª parte):137-181.
- Payne, John. 1978. "Negation". Ms. A ser publicado em S. Anderson et al., eds., Papers from the Language Typology and Syntactic Fieldwork Project.
- Perini, Mário A. 1976. A Gramática Gerativa: Introdução ao Estudo da Sintaxe Portuguesa. Belo Horizonte. Editora Vigília Ltda.
- Pollock, Jay. 1976. "A Reanalysis of Neg-Raising in English". Ohio State University Working Papers.
- Prince, Ellen F. 1976. "The Syntax and Semantics of Neg-Raising with Evidence from French". Language, vol. 52.2:404-426.
- Pulium, Geoffrey K. 1977. "Word Order Universals and Grammatical Relations", em P.Cole e J.M. Sadock, eds., Syntax and Semantics, vol. 8, pp.249-277. New York. Academic Press.
- Ramos, Alcida R., Peter Silverwood-Cope e Ana Gita de Oliveira. 1980. "Patrões e clientes: Relações intertribais no alto Rio Negro", em A.R. Ramos Hierarquia e Simbiose: Relações intertribais no Brasil. São Paulo. Editora Hucitec.

- Ramos, Arthur. 1971. "As culturas indígenas". Introdução à antropologia brasileira, vol. 2. Rio de Janeiro.
- Rivet, P., P. Kok e C. Tastevin. 1925. "Nouvelle contribution a l'étude de la langue Makú". IJAL, vol. 3.2-4:133-192.
- Rivet, P. e C. Tastevin. 1920. "Affinites du Makú et du Puináve". Journal de la Société des Américanistes de Paris, n.s., vol. 12:69-82.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1967. "Linguistic Groups of Amazonia", traduzido por P.J. Lyon, em P.J. Lyon, ed., 1974.
- Rowe, John H. 1954. "Linguistic Classification Problems in South America", em P.J. Lyon, ed. 1974.
- Schachter, Paul. 1973. "Focus and Relativization". Language, vol. 49.1:19-46.
- Schultz, Harald. 1959. "Ligeiras notas sobre os Makú do paraná Boá-Boá". Revista do Museu Paulista, n.s., vol. 11:109-132.
- Steele, Susan. 1975. "On Some Factors that Affect and Effect Word Order", em C.N. Li, ed., Word Order and Word Order Change, pp.199-268. Austin. University of Texas Press.
- Steward, Julian H., ed. 1948. Handbook of South American Indians, vol. 3, The Tropical Forest Tribes. Washington. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology.

- Thomas, David. 1980. "How Intuitive is the Word?", em Notes on Linguistics No.13, pp. 37-40. Dallas. SIL.
- Tovar, Antonio. 1961. Catálogo de las lenguas de América del Sur. Buenos Aires. Editorial Sudamericana.
- Vennemann, Theo. 1973. "Explanation in Syntax", em J.P. Kimball, ed., Syntax and Semantics, vol. 2, pp.1-50. New York. Seminar Press.
- Weir, E.M. Helen. 1980. "Um caso de OSV: a língua Nadëb". XII Reunião Brasileira de Antropologia. Rio de Janeiro.
- Weir, E.M. Helen. 1981a. "Análise de uma construção negativa no Nadëb". Estudos Lingüísticos 4:273-281. Araraquara.
- Weir, E.M. Helen. 1981b. "Desenvolvimento diacrônico de certos prefixos verbais na língua Nadëb". Estudos Lingüísticos 5:128-141. São Paulo.
- Woodbury, Hanni. 1975. "Onondaga Noun Incorporation: Some Notes on the Interdependence of Syntax and Semantics". IJAL, vol.41.1:10-20.